

DEPOIMENTOS E FATOS REUNIDOS  
POR  
GABRIEL MARCEL

REVOLUÇÃO  
DA  
ESPERANÇA

REARMAMENTO MORAL EM AÇÃO

*prólogo*  
*pelo*

MARECHAL JUAREZ TÁVORA

LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA

Rio de Janeiro - 1961

Titulo do original francês:

*UN CHANGEMENT D'ESPERANCE*  
*A LA RENCONTRE DU REARMEMENT MORAL*  
Copyright 1958 by Librairie Plon, Paris

## ÍNDICE

PRÓLOGO pelo Marechal Juarez Távora .....	VII
CARTA-DEPOIMENTO A TRÊS AMIGOS INQUIETOS por Gabriel Marcel .....	3

### PRIMEIRA PARTE

ENCONTROS DECISIVOS .....	23
Uma socialista acolhe o mundo .....	25
Reviravolta no Pôrto do Rio .....	43
Balanço de um industrial francês .....	59
Para ela, nada impossível .....	65
Um jovem hindu perante a Independência .....	77
Em Sesto-San-Giovanni, novidades na imprensa ...	91
Do Komintern a Caux com um marxista norueguês ..	99
"Nunca havia cuidado de meu povo" .....	117
Construtores da África de amanhã .....	123
"Falaram-me dêle em Stalin" .....	139
Homem de negócios mas revolucionário .....	145
Nma nova fé a serviço dos trabalhadores .....	159
O torpedo humano .....	171
Três irmãos, um objetivo .....	185
Um encontro entre o Oriente e o Ocidente .....	203

### SEGUNDA PARTE

FRANK BUCHMAN, ESSE HOMEM SEM FRONTEIRAS	211
--	-----

### TERCEIRA PARTE

DO ÍNTIMO AO MUNDIAL .....	245
I. O filho pródigo .....	251
II. Nem para a esquerda, nem para a direita, mas para a frente .....	261
III. "A política do coração humilde" .....	269
IV. O caminho para o amanhã .....	281
V. E agora? .....	293





## PRÓLOGO

O mundo angustiado e perplexo em que vivemos está sendo solicitado, com urgência, a fazer uma escolha decisiva — ou libertar-se das deformações do ódio, do egoísmo, da impureza e da desonestidade — ou deixar-se escravizar, a curto prazo, pela ditadura comunista. Em outros termos, parafraseando William Penn: — ou aceitar a graça de ser guiado por Deus, ou condenar-se à desgraça de ser governado por tiranos!

De fato: desde o desencadeamento da última guerra mundial, o comunismo não tem cessado de ampliar o seu domínio sobre o mundo, quer pela ocupação militar de países vencidos, para incorporá-los ao seu "império", ou satetizá-los política e economicamente; quer pela preparação, provocação e sustentação militar de revoltas internas, em países vizinhos, para subverter os seus regimes de govêrno; quer, finalmente, pela infiltração ideológica, realizada em tôdas as nações, e, sobretudo, naquelas ainda subdesenvolvidas da Ásia, da Africa e da América. A eficiência desta infiltração ideológica pode ser bem avaliada pela mais recente de suas conquistas — a socialização marxista de Cuba, à sombra mesma dos Estados Unidos da América!

Resta, na verdade, como último recurso para elidir aquela escolha, a trágica decisão de ir ao suicídio universal, através do desencadeamento de uma guerra atômica — o que não constituiria, pròpriamente, uma solução. Com efeito: a menos que algo novo consiga frear o avanço constante da infiltração comunista, novos contingentes humanos continua-

rão a engrossar, nos cinco Continentes, as fileiras do materialismo marxista, de tal forma que, se sobrevier essa guerra, serão, mais provavelmente, os comunistas os herdeiros do rebotalho humano que sobrar com vida dessa hecatombe apocalíptica.

Que fazer, então? A resposta parece óbvia: — unirem-se tôdas as criaturas que crêem em Deus, ou sentem algum anseio de acreditar n'Ele — cristãs ou não cristãs — a fim de tentarem, reanimando o sua fé, não só frear a infiltração comunista em todo o mundo, como fazê-la regredir, atraindo os seus agentes mais eficientes para uma nova e superior ideologia espiritual e moral, que se proponha a realizar nobre, pacífica, democrática e humanamente, aquilo que sòmente lhes promete dar, pela violência, pela tirania e pela desumanização da criatura humana, a ideologia marxista.

Essa ideologia superior é-nos oferecida pelo Rearmamento Moral, cuja capacidade de proselitismo, inspirada e apoiada no teísmo religioso, é comprovadamente eficiente contra a intoxicação quer no comunismo materialista, quer no capitalismo materializado. Sua estratégia para transformar o mundo, libertando-o da miséria, da injustiça, do medo e do ódio, não se basea numa simples mudança de suas estruturas políticas, econômicas e sociais, mas na transformação prévia do elemento nuclear que as concebe, integra e comanda — a criatura humana.

Essa transformação do homem que preconiza o Rearmamento Moral, como condição indispensável para a reabilitação do mundo, há de realizar-se pela prática, em grau absoluto, de quatro grandes virtudes que lastram o código moral de tôdas as religiões teístas, a começar pelo cristianismo; mas

que têm sido esquecidas pela maioria dos seus fiéis: — a honestidade, a pureza, o altruísmo e o amor.

Assim, a transformação do mundo, que todos desejamos, é possível e depende, antes de tudo, de um simples ato de vontade de cada um de nós, visando a erradicar de nossa alma, mediante a graça de Deus, a desonestidade, que a suja moralmente, degradando-nos, perante nós mesmos; a impureza, que nos apodrece interiormente, amolecendo-nos, como a intempérie amolece o aço, transformando-o em ferrugem; o egoísmo, que nos embota os sentimentos de caridade e de justiça, isolando-nos dos nossos semelhantes; e o ódio, que cega e divide, que tudo corrói e destrói, que transforma o homem em lobo do homem.

Se, inspirados pela graça de Deus, conseguimos libertar-nos dessas deformações, que d'Ele nos afastam, não só ficaremos em paz com a nossa consciência, como seremos impedidos a viver em paz com o nosso próximo — a começar pelos que vivem em nossa companhia sob o mesmo teto, isto é, a nossa família. Igualmente seremos arrastados a viver em paz com todos aquêles que dependem de nós, ou de quem dependemos, em função de nossas atividades políticas, econômicas e sociais; e, de um modo geral, com tôdas as criaturas humanas — nossos irmãos por ascendência comum na origem dos tempos — quaisquer que sejam as suas nacionalidades, raças, classes, ou crenças religiosas.

E, se dessa forma, as famílias se unem e as classes se harmonizam, cada nação se pacifica e engrandece, capacitando-se, igualmente, para viver em paz com as demais nações. E o mundo de incompreensões, de desentendimentos, de prepotências e de ódios se converterá num outro mundo de paz e de entendimento.

É esse o objetivo final do Rearmamento Moral, que constitui uma ideologia espiritual e moral superior à materialista da luta de classes, em que se apóia o socialismo marxista — porque é capaz de realizar os seus objetivos, sem diminuição da dignidade da pessoa humana, sem o trucidamento de uma classe social por outra, sem a imposição unilateral e sangüinária de nenhum totalitarismo, mas democraticamente, humanamente, cristãmente.

Isso pôsto, cabem, agora, duas indagações essenciais:

— É possível essa transformação da pessoa humana, nos termos morais absolutos em que é preconizada?

— E, admitida a sua viabilidade, poderá ela determinar a união nas famílias, nas classes sociais, em cada nação e no mundo inteiro?

A leitura dêste livro e de outros já editados pelo Rearmamento Moral, contendo depoimentos de pessoas de várias nacionalidades e de todos os continentes, de tôdas as raças, de todos os credos e de tôdas as classes, dá respostas positivas a ambas essas indagações.

Leia-o, pois, o leitor atentamente: e medite, após a leitura de cada depoimento aí estampado, sôbre as transformações sofridas por seus autores, ao se encontrarem com a ideologia superior do Rearmamento Moral, e sôbre a atuação social de cada um dêles, depois dessa transformação. Estou certo de que chegará, por si mesmo, àquelas conclusões afirmativas.

Mas isso não basta. É mister que Você, leitor amigo, enfrente, corajosamente, o grande e nobre desafio que lhe apresenta o Rearmamento Moral: — Decida Você a ajudar a transformar num mundo de paz e de justiça, êste mundo deformado pela injustiça e pelo ódio, transformando-se a si

*próprio; ou prefere esperar, passivamente, que êsse mundo se escravize ao comunismo, ou se condene à destruição monstruosa, pela guerra atômica?*

*Se Você prefere, cristãmente, a graça de ser guiado por Deus, à desgraça de ser governado por tiranos, ou de ser destruído ou degradado pela bomba atômica — ponha, imediatamente, mãos à obra: confronte a sua maneira de viver atual com os quatro padrões absolutos que lhe propõe o Rearmamento Moral — honestidade, pureza, altruísmo e amor — e, invocando a graça de Deus e o conselho da hierarquia religiosa de que depende, limpe-se, corajosamente, das deformações interiores que o insensibilizam e que são as mesmas que insensibilizam e embrutecem o mundo de hoje.*

*Faça-o; e, desde já lhe garanto, que novas perspectivas se abrirão para o seu espírito e uma nova Revolução da Esperança animará seu coração.*

*Marechal Juarez Távora*



**REVOLUÇÃO  
DA  
ESPERANÇA**





Il ne se passe jamais rien de plus grand  
en histoire qu'un changement d'espérance.  
Henri Gouhier.

## *CARTA-DEPOIMENTO A TRÊS AMIGOS INQUIETOS*

Meu caro Roger, meu caro Paul, meu caro Thierry,

Vocês me escreveram, cada um dos três separadamente, para comunicar-me a sua tristeza e o seu espanto ante a notícia de minha adesão ao Rearmamento Moral, depois do estágio que fiz em Caux, setembro último. Certamente seus pontos de vista diferem. Você, Roger, você é essencialmente um filósofo, sente repugnância em se dizer um crente, não obstante o respeito que sempre tem demonstrado pela religião. Você, Paul, é um protestante fiel a Barth. Você, meu caro Thierry, está a celebrar sua primeira missa na igreja provinciana, onde fêz, não há muito tempo, sua primeira comunhão. Mas mesmo que nada tenham dito por receio de me magoar, eu sinto bem que estão, todos os três, escandalizados e mesmo um pouco consternados. "Êle envelhece, êle declina", tal é o pensamento, não expresso, que adivinho por trás de tudo aquilo que me dizem. Sinto-me, portanto, obrigado a responder-lhes, aos três, de uma só vez.

De início desejaría fazer um histórico do meu encontro com êste movimento.

Foi em 1933, se não me engano, que minha mulher e eu tomamos contato pela primeira vez, em casa do meu amigo, o pintor André Davids, com o que então se chamava o "Grupo de Oxford". Lá estavam Robert e Diane de Watteville, o pastor Grosjean e Lucie Desoille, que viria a ser a melhor amiga de

minha mulher. Ambas morreram após a guerra dentro de curto intervalo.

Vocês bem podem imaginar que não é a ideologia proclamada pelo Grupo, isto é, a doutrina dos quatro padrões que, por si só, poderia prender minha atenção: honestidade absoluta, pureza absoluta, altruísmo absoluto, amor absoluto. Considerada em si mesma, esta doutrina não deixaria de me parecer um pouco simplista.

Em compensação, como poderia deixar de me impressionar por uma coincidência verdadeiramente singular? Eu havia escrito, um ano antes, o ensaio intitulado *Position et Approches concrètes du Mystère Ontologique*, que inicialmente apareceu anexo ao *Monde Cassé*. Neste ensaio, que o Rdo. Pe. de Lubac e Etienne Gilson consideraram, com razão, como um dos meus escritos mais significativos, eu havia acentuado o valor capital do recolhimento, considerado como um ato de recuperação interior. "É essencialmente, dizia eu, o ato pelo qual me recupero como unidade: a palavra mesmo o indica, mas esta recuperação, esta retomada de consciência assume o aspecto de uma distensão, de um abandono. *Abandono a ...*, *distensão em presença de ...*, sem que me seja de modo algum possível fazer seguir estas preposições de um substantivo que elas possam reger. O caminho detém-se no umbral.

"No seio do recolhimento, tomo posição face à minha vida. Retiro-me de certo modo ... e neste retiro levo comigo o que sou e o que talvez minha vida não seja ... O recolhimento é, talvez, o que há de menos espetacular na alma; êle não consiste em observar alguma coisa, é uma retomada de consciência, uma renovação interior.

"Aqui chegamos à presença dêste paradoxo, que é o próprio mistério, em virtude do qual o eu, em que m'embrenho, cessa por isso mesmo de se pertencer" (Ed. Nauwelaerts-Vrin. Págs. 63-64).

Perdoem-me estas citações, meus caros amigos. Elas esclarecem qual foi, desde o início, o ponto de encontro entre mim e o Grupo. De fato, eu estava pronto a admitir aquilo que, para êle, continuou a ser o essencial; isto é, que no recolhimento havemos de escutar uma voz que não é a do eu.

Mas isto não é tudo: noutra ponta ainda eu me achava em presença de uma experiência que vinha ao encontro de minha busca, de minha própria convicção. Refiro-me ao encontro, e mais precisamente ao ato pelo qual uma consciência — a palavra não me satisfaz de maneira absoluta — é capaz de *se abrir* em presença de uma outra consciência, e isto nas condições sôbre as quais trazem a maior clareza os inúmeros depoimentos recolhidos nesta obra por meus amigos.

Mas vocês que estão familiarizados com os meus escritos, não podem deixar de reconhecer que o ato de abrir-se a outrem já constitui esta "intersubjetividade" (creio não me ter servido, ainda, dêste termo naquela época) que deveria ocupar um lugar central nos meus escritos ulteriores.

Nestas condições não deveria surpreendê-los que minha mulher e eu tivéssemos decidido organizar, no decorrer do inverno de 1933-1934, pequenas reuniões do Grupo no apartamento da rua Tournon, onde acabávamos de nos instalar. Reuniões cada vez mais numerosas e que me deixaram, é preciso dizê-lo, uma recordação ambígua. A princípio muitas pessoas vieram por curiosidade, o que não podia senão falsear o caráter das reuniões. De um modo geral, o elemento pessoal desempenhou, nestes encontros, um papel demasiado importante. Digo mais, considerava-se então — erradamente por certo — que tudo o que fôsse dito deveria ter o que se chamava um caráter positivo, de sorte que a reflexão como tal era julgada negativa e, portanto, suspeita.

No decorrer do verão seguinte, certas experiências, sôbre as quais me parece inteiramente inútil insistir, nos levaram, à mi-

nha mulher e a mim, a interromper essa atividade, e foi somente de modo ocasional que fomos informados da evolução do Grupo de Oxford e da transformação que resultou na criação do Rearmamento Moral.

Foi assim que pude, com o correr do tempo, manter-me a par dos progressos, por vêzes tão amplos e tão imprevistos, que deviam modificar, profundamente, o caráter do Movimento.

No curso dêstes últimos anos, recebi freqüentemente a visita de uma certa pessoa, diretamente empenhada na atividade do Rearmamento Moral, que me vinha informar do que se passava em diferentes países.

Creio, porém, poder dizer que o encontro decisivo para mim, foi o que tive em Tóquio, novembro último, com personalidades americanas e japonesas, que desempenharam papéis de primeiro plano nos acontecimentos que figuram na terceira parte dêste volume. Os relatos que me foram feitos em Tóquio trouxeram-me a prova irrefutável de um fato capital: — que o Movimento exercia, agora, uma influência direta sôbre a vida política de um certo número de países do Extremo Oriente e de homens de Estado, como o Presidente das Filipinas, o Primeiro Ministro do Japão, etc. . . .

Por várias vêzes fui convidado a ir a Caux, mas sempre havia declinado o convite. Temia, com efeito, conhecendo minhas reações, ficar impaciente, irritado, talvez exasperado em face de certos aspectos superficiais da vida que ali se desenrola, e por isso mesmo encontrar-me, depois, menos à vontade para proclamar minha simpatia profunda pela ação do Rearmamento Moral.

Mas devo confessar que esta atitude tinha qualquer coisa de desonesta e injustificável. Não deve, pois, espantá-los que, em Londres, agôsto último, ao receber um novo convite de meu amigo Lawson Wood, eu decidisse que era preciso terminar com esta espécie de equívoco e que meu dever estrito seria o de aceitar. Com essa generosidade que é um dos seus traços mag-

níficos a equipe de Caux, sabendo da dificuldade com que me desloco, prontificou-se a mandar buscar-me em Corrèze. E eu jamais evocarei, sem emoção, a viagem admirável que fizemos durante um dia, através Auvergne e Velay, das proximidades de Quercy à orla do Leman. Mas isto é descritivo e nada importa ao nosso propósito.



Agora preciso responder às suas perguntas e, sobretudo, à objeção central que, sob formas um pouco diferentes, figura nas suas três cartas. Que poderia eu procurar em semelhante movimento? Ou, mais exatamente, como pude eu, filósofo sério e difícil, passar tão facilmente por cima da puerilidade de que tudo aquilo estaria impregnado?

Antes de tudo responderei que é preciso distinguir, com muito cuidado, mesmo que este discernimento seja difícil de se fazer, entre puerilidade e simplicidade. A simplicidade é, a meu ver, um valor positivo, um valor quase universalmente desconhecido num mundo como o nosso que tende a se perder na sua própria complicação. Em realidade ter-se-ia que pesquisar, com cuidado, quais os domínios em que a complicação é inevitável, onde é resultado de um progresso sério, e aqueles onde é literalmente ruínoza — poder-se-ia até mesmo dizer, onde ela se destrói a si mesma. Onde a técnica é soberana — e refiro-me, antes de tudo àquela que tende a assegurar a ação do homem sobre a natureza — não se vê como a complicação possa ser evitada; é justo que ela seja a condição de um aperfeiçoamento que se deve tornar cada vez mais preciso. Esta complicação apoia-se, ao mesmo tempo, sobre cálculos e aparelhagens, cálculos estes que são o fundamento das possibilidades e da eficiência. Mas o que é notável e do que bem poucas pessoas se apercebem, é que, a partir do momento em que estamos em presença do humano, tudo muda; é verdade que esta palavra “o humano” é perigosamente ambígua: se eu considero

um homem como u'a máquina ou como um conjunto mecânico, sou certamente levado a reconhecer a extrema complicação de suas engrenagens. Mas, — prestemos bem atenção — por isso mesmo, deixo de considerar o homem como tal. Não posso adotar esta maneira de o considerar sem esquecer, justamente, o essencial, isto é, que um ser humano é capaz de conceber — não digo criar — valores e objetivos, e agir, seja em conformidade, seja em contradição com os mesmos.

Ora, dizer isto é justamente deixar de pensar no homem como uma máquina. Isto lhes parecerá de suma importância se pensarem que a experiência fundamental para meus amigos é a da transformação, não apenas interior, mas radical da pessoa. Aqui, eu poderia citar-lhes cem exemplos, e não teriam, de resto, senão que se reportarem aos depoimentos que constituem a primeira parte dêste volume. Tomemos o de R. D. Mathur, um jovem indiano que havia consagrado todos os seus esforços à causa da independência. Mas, uma vez seu país libertado, êle haveria de constatar, como vocês verão, que os libertadores mereciam as mesmas censuras que, anteriormente, haviam feito aos ingleses, isto é, que não praticavam melhor a honestidade e a justiça, em nome das quais o próprio Mathur e seus amigos os haviam combatido. Sobretudo, porém, percebera que êle mesmo se tornara um simples ambicioso e que passava a perseguir *no seu próprio interesse*, e não mais por êles mesmos ou para o bem público, os objetivos que estabelecera como sendo os melhores. A partir dêste momento, Mathur tornava-se realmente um homem novo.

Aqui prevejo duas objeções: uma do filósofo, outra dos crentes. Eu as abordarei mais tarde. Mas, antes, peço-lhes que prestem atenção às condições nas quais esta descoberta teve lugar. Ela não foi obra de um homem só refletindo, como podemos fazê-lo, no silêncio de nosso gabinete de trabalho. Ela se produziu *em contato com* outros homens, e tudo permite crer que foi em virtude dêste contato que ela não foi apenas

um pensamento fugidio, mas, ao contrário, marcou a vida daquele que a fêz e se tornou o que eu chamaria, de bom grado, um acontecimento-princípio, um acontecimento-fonte, origem de toda uma série de atos impensáveis sem ela.

Se, pois, meu caro Roger, você me diz: "Não há nada de novo em tudo isso, nada de que a vida da reflexão não nos traga inúmeros exemplos", eu lhe pediria que concentrasse sua atenção sobre minha última observação. Para nós que somos homens de reflexão, muitas idéias nos atravessam o espírito; acontece-nos, por certo, freqüentemente, vermo-nos, julgarmo-nos em tal ou qual circunstância, mas a maioria das vêzes sem que esta visão (*insight*), ou êste julgamento, tenham qualquer conseqüência. Muitíssimas vêzes êste julgamento não muda nada em coisa alguma, mas sobretudo — e isto é essencial — *não contribui absolutamente nada para esclarecer os outros*, ou melhor, não torna radioativo aquêle que se vê e se julga, assim, a si próprio, simplesmente porque êle tem o hábito de refletir. Mas, justamente, êstes homens e estas mulheres que encontrei em Caux, não estão apenas transformados; um poder misterioso lhes foi conferido, sem que, entretanto, sua vontade interferisse. Uso contra a vontade o termo "poder", que quase sempre corre o risco de dar lugar a equívocos. Melhor seria certamente falar duma presença ativa, e vocês sabem que lugar tem êste termo — presença — nos meus escritos. Uma presença que é um dom, uma luz, e que se exerce como que à revelia daquele que dela é dotado.

Resta a outra objeção, a sua Paul. As palavras "homem novo", das quais me servi, não deveriam, de fato, chocá-lo. Pois para um crente, o homem novo, não é o homem renovado interiormente pela Graça? A objeção mais grave entre aquelas que você faz contra o Rearmamento Moral não consistirá em acusá-lo de naturalismo? Não julgará você que as criaturas pretendem estar aqui investidas de um poder que não pertence senão a Deus?

Parece-me, que, para isso, deverá ser esta a resposta:

Antes de tudo, nós aqui nada temos a ver com uma teologia, mesmo rudimentar, menos ainda com uma filosofia, mas apenas com uma experiência; e é preciso acrescentar que em toda a parte, e entre os mussulmanos tanto como entre os cristãos, uma humildade radical é conservada, o que quer dizer que esta experiência é sempre atribuída a Deus — e a Deus somente. Você pode estar certo que se R. D. Mathur constatou um dia ter recebido uma inspiração, por exemplo, referente a um membro de sua família, êle caiu de joelhos e rendeu graças a Deus por tê-lo escolhido como seu indigno instrumento. Posso mesmo assegurar que se uma complacência consigo mesmo, uma vaidade ou uma presunção qualquer transparece através de um depoimento, ela é imediatamente percebida e recusada por todos. Nós ouvimos uma manhã um político africano que, evidentemente, não havia compreendido o movimento e que tentava utilizar-se dêle em proveito de sua futura reeleição. Toda a gente percebeu, imediatamente, que êle tinha ainda que aprender o A.B.C. Acrescento que a alegria extraordinária que, especialmente, irradia toda a juventude reunida em Caux se explica, a meu ver, antes de tudo, pelo fato, não direi de terem êsses jovens renunciado a si mesmos — porque a palavra renúncia tem outros sentidos — mas por terem procedido, de uma vez por todas, a uma completa desapropriação de si mesmos. Não conheço nenhum outro lugar onde se possa sentir, com mais plenitude, a única liberdade que realmente tem valor, a dos filhos de Deus.

Mas é você sem dúvida, Thierry, que, ao ponto em que chegamos, tomará a ofensiva. Deus, mas que Deus? Não se tratará, perguntará você, duma espécie de protestantismo, bastante frouxo? Responderei com absoluta certeza, *seguramente não*. Um jovem do Camerum do Norte, cujo rosto puro e belo me impressionou, nos disse um dia: "Hesitei muito em vir a Caux. Sou mussulmano e meus irmãos me disseram: "Tome



cuidado; lá vão procurar converter-lo ao cristianismo". Assim mesmo vim e bastaram-me algumas horas em Caux para compreender que ninguém se entregava a um proselitismo qualquer; estou inteiramente tranqüilo".

Efetivamente, não existe aqui nenhum desejo de conversão pelo simples motivo de que não se trata de uma religião nem de uma seita. Mas — objetarão vocês sem dúvida — há, entretanto, qualquer coisa que ultrapassa o plano estritamente moral, pôsto que todos, no recolhimento, pretendem ouvir, não ousou dizer a palavra de Deus, mas, pelo menos, uma recomendação ou mesmo uma injunção de essência divina.

Aqui várias observações me parecem necessárias. Logo de início, é um fato que quase todos, depois de terem conhecido Buchman ou um de seus adeptos, sentiram a necessidade de mudar de plano; e se eles começaram por interpretar esta experiência em termos de consciência moral, foram levados a reconhecer, com o tempo, que não podiam ficar por aí e que lhes seria preciso proclamar sua dependência em relação a uma instância superior que eles chamaram Deus. Aquêles que, na infância, receberam uma educação religiosa, retornaram quase sempre à sua Igreja; os outros escolheram, suponho, a que, no seu espírito, correspondia melhor à sua nova orientação. Mas, de qualquer maneira, esta filiação religiosa lhes apareceu como um corolário, ou talvez fôsse necessário dizer: como a coroação de sua transformação interior. Parece-me indispensável insistir sobre êste ponto para desfazer, de uma vez por tôdas, a idéia errônea, segundo a qual estaríamos em presença de uma nova religião ou de uma seita.

Vejo bem o dilema no qual Roger procurará envolver-me. "Ou bem, dir-me-á êle, estamos verdadeiramente aquém duma afirmação prôpriamente religiosa, e, então, não é permitido falar duma direção emanando de Deus; ou bem nos obstinamos a pretender que o homem transformado age sob um impulso sobre-humano e, então, estamos, apesar do que você diz no

domínio da religião: mas de qual religião?" Parece-me, quanto a mim, que este dilema repousa sobre um postulado que deve ser recusado. Tudo se passa como se a experiência de que se trata, e da qual encontrarão adiante, comoventísimos depoimentos, não nos tornasse, a bem dizer, inteligíveis a não ser na base de uma religião natural, podendo servir de denominador comum aos cristãos, aos mussulmanos, sem dúvida também aos budistas, etc. — e não esqueço, também, os sintoístas japoneses — mas que se situa aquém das religiões, não digo somente reveladas, mas constituídas. Se agora vocês me obrigam a dizer qual é a minha posição pessoal sobre esta questão tão grave, responderei que, a meu ver — é minha opinião individual — não é absolutamente necessário tomar ao pé da letra a idéia segundo a qual é Deus mesmo que nos fala no recolhimento. Citarei aqui a palavra de Arnaud, um dos meus personagens preferidos, em *Coeurs Avides*. Ele fala a Évelyne, a segunda mulher de seu pai, da espécie de pacto que concluiu com alguém maior do que ele e pelo qual se comprometeu a não tentar penetrar o mistério que paira sobre a morte de sua mãe. "Com quem este pacto? Pergunta Evelyne. — "Não sinto, respondeu ele, o desejo de dar um nome ao meu parceiro. Sei apenas que é uma presença — não uma presença humana — alguém de quem não posso falar, mas para quem eu sou íntimo. Ele está lá. Ele vela" (pág. 149). Penso, pessoalmente, que esta discreção, esta *docta ignorantia* se impõe aqui. Quando, em meu recolhimento, me foi indicado, talvez da maneira a mais discreta, que deveria agir de tal maneira e não de outra, foi *alguém maior do que eu* que me esclareceu. Mas a pergunta: quem é? oferece aqui algum sentido? No que me toca, direi que a palavra Deus apresenta aqui, antes de tudo este valor negativo que constitui, no fundo, uma recusa a formular essa pergunta. Ou melhor, esta mesma recusa não é senão a face oculta, eu direi de *nescience*, de uma afirmação que não pode tornar-se explícita sem se desnaturar. Não creio que seja necessário fazer

apêlo à idéia jaspersiana dos números para compreender que o que aqui é evocado se situa além das categorias do discurso ou ainda do mundo dos quem, do mundo dos tais ou quais; e se a palavra transcendência, da qual se tem abusado deploravelmente há um certo número de anos, está aqui no seu lugar, é que justamente ela designa esta ultrapassagem.

É, todavia, da mais elementar honestidade acrescentar que, muito provavelmente, nem Frank Buchman nem seus adeptos levarão em conta as reservas que acabo de formular. Se acreditei dever exprimi-las, é para marcar bem minha posição pessoal; mas penso que não seja preciso exagerar a importância duma divergência de pontos de vista que se explicam pelo fato de que eu sou filósofo e que o zelo do rigor intelectual, que é o meu, em princípio nada significa, parece-me, para as testemunhas, mesmo as mais notáveis, às quais não cesso de me referir nestas páginas.

Não deixem de observar, por outro lado, que o caráter absoluto dos quatro padrões é precisamente função do valor da sobrelevação ou de transcendência que é aqui essencial, e considerem, também, que reencontramos depois de tudo, sob uma outra forma, esta simplicidade da qual falei no início: sem dúvida não é acessível senão àqueles que reencontraram esse espírito de infância do qual na nossa época Peguy, por exemplo, soube tão maravilhosamente extrair a essência.

Não estão vocês impressionados, por ver que no momento preciso da história a que chegamos, os problemas mundiais, se num certo sentido se complicam quase ao infinito, por outro muito mais profundo se simplificam ao extremo? Cada vez mais, manifestamente, estamos colocados em face de uma opção radical, não para o indivíduo, mas para a humanidade inteira: viver ou morrer. Porque pela primeira vez na história da humanidade, o suicídio, em escala planetária, tornou-se possível. Mas recusar este suicídio é, *ipso-facto*, comprometer-se a respeitar um pacto fundamental cujas condições encontram raízes

na própria estrutura do homem; ora esta estrutura — pres-temos bem atenção — não se mostra a não ser aos moralistas, e de maneira alguma aos sábios, quaisquer que êles sejam. Mas o progresso das técnicas desumanizantes, que estão agindo no mundo atual, não pode senão nos tornar cegos a esta própria estrutura. O grande mérito de Frank Buchman terá sido, ao contrário, tudo fazer para torná-la manifesta. Vocês me perguntam o que penso dêle. Não o encontrei mais que duas ou três vêzes e nunca tive com êle conversações seguidas. Mas tudo que dêle pude aprender, tudo o que constatei naqueles — e são inúmeros — que foram por êle marcados, mais ou menos diretamente, deu-me o maior respeito por sua pessoa. A ação, ao mesmo tempo discreta e indelével, que terá exercido sôbre inúmeros destinos é o próprio sinal de sua vocação. Ele tem sido, antes de tudo, e no mais amplo sentido, um homem de boa vontade e um líder para todos aquêles que compreenderam e meditaram o seu exemplo.

Peço-lhes ainda refletir bem no seguinte. Graças ao clima da simplicidade reencontrada, aqui instaurado, é que vemos claramente reconstituir-se, para um certo número de chefes de novos Estados da Ásia e da África, uma unidade do moral e do político, que, em nosso mundo envelhecido e a caminho da esclerose, parece quase sempre uma quimera, a menos que ela reapareça, mas desnaturada por uma ideologia marxista ou nacional-socialista, segundo a qual o fim justifica e transfigura os meios.

Bem entendido, é nos permitido imaginar que êstes homens de Estado de países novos tornar-se-ão bem depressa políticos. Certamente, isto é possível e mesmo verossímil sem dúvida. Mas eu afirmo, quanto a mim, que temos primeiro que *saudar* êste momento tão belo, êste momento único, em que a simplicidade não foi ainda maculada pelos cálculos, as decepções ou os rancores. Aqui, mais que nunca, se nos impõe êste dever: de não antecipação, que várias vêzes acentuei, muito mais nas

minhas peças que nos meus escritos filosóficos, e talvez porque eu mesmo sempre senti em mim, como um ácido, a propensão a prever, a antecipar o pior. Demais, a ambição de um livro como este não é senão a de prevenir, por pouco que seja, uma deterioração que não temos o direito de julgar fatal.

Se lerem a terceira parte deste trabalho, não poderão deixar de ficar impressionados ao ver quantos chefes de governo, a começar pelo chanceler Adenauer, estão hoje dispostos a levar em conta as afirmações centrais de Buchman e seus adeptos.

Mas há, ainda, outros pontos que, pelo menos dois dentre vocês abordam em suas cartas e aos quais eu gostaria de tentar responder. Paul e Thierry erguem-se, todos dois, contra o que eles chamam um "clima de palácio". Mas eu lhes peço compreender que este grandioso hotel de Caux, construído numa das piores épocas da arquitetura, não corresponde de forma alguma, ao gosto e ao espírito daqueles de quem falamos. Foi vantajoso adquiri-lo num momento em que, não ganhando para as despesas, ia ser demolido. Pensou-se, sem dúvida com razão, que o que importava, antes de tudo, era a situação, que é de fato magnífica, e a proximidade de grandes centros internacionais, além das vastas dimensões dos cômodos e o número de quartos. Mas, segundo o que pude saber, a construção muito mais simples que foi edificada para o Rearmamento Moral numa ilha de Michigan, em Mackinac, corresponde melhor a seu espírito.

O pior erro — e eu o digo mais enérgicamente por ter estado a ponto de cometê-lo — consistiria em julgar este movimento financiado por um punhado de milionários residentes nos Estados Unidos, na Escandinavia ou outro lugar qualquer. Parece bem que as quantias, certamente muito consideráveis que são necessárias à vida do Rearmamento Moral, são provenientes quase inteiramente de gente modesta que, quando o encontraram, sentiram a necessidade de dar, não somente o seu supérfluo, mas muitas vêzes o seu necessário. Isto significa dizer que

estamos aqui (exatamente como em Turim, onde se sabe que grandes instituições de caridade vivem nas mesmas condições) em presença de um organismo, cuja existência repousa inteiramente na Fé. Meus amigos asseguraram-me que há certos dias que lhes acontece não saberem o que comerão no dia seguinte, e eles confessam conhecer a angústia ligada a esta incerteza. Mas súbito lhes chega a doação que os liberta da ansiedade.

Aqui, ainda, eu prevejo suas objeções. Você, Roger, você me dirá que tudo isto não é sério e desafia as regras elementares que devem presidir um empreendimento qualquer; acrescentará, mesmo, sem dúvida, que lhe parece profundamente chocante que um grupo humano como este tenha que depender, dia a dia, para sua própria subsistência, de liberalidades, de somas imprevisíveis.

Detenhamo-nos aqui um instante, se você quiser: esta questão da dependência e da não dependência parece-me fundamental. Certamente eu, que sempre senti tanto ou mais que qualquer outro a necessidade de segurança, reagi, espontaneamente, como você. Sou apegado, também por natureza, à idéia de que cada um deve, tanto quanto possível, bastar-se e obter pelo seu próprio trabalho, tudo quanto necessita para viver. Mas não é preciso reconhecer, entretanto, que esta idéia de auto-suficiência é burguesa no sentido mais estrito da palavra? Você se sobressalta e lembra-me que, mesmo dentro de uma ética comunista, cada um é retribuído de uma maneira equitativa pelos serviços que presta à sociedade. Mas me é necessário responder que, numa sociedade capitalista, bem como numa sociedade comunista, nós temos que operar num mundo sem Deus, apresentando-se a religião verdadeiramente como adicional, como superestrutura, e dando lugar, por isso mesmo, às suspeitas e às acusações articuladas pelos marxistas. Para nossos amigos, tudo se passa de outra maneira. No princípio de sua ação, nós encontramos a afirmação ou a exigência radical: primeiro servir a Deus. Em

tal perspectiva, a idéia de uma autonomia do indivíduo, ou sobretudo duma auto suficiência, perde muito de sua significação, ela é mesmo posta em dúvida. Meus amigos estão convencidos de que, para cada um de nós, Deus tem um plano que nos compete descobrir no recolhimento. A partir do momento em que tenhamos compreendido, não temos senão que nos pôr a caminho, certos de que os meios não nos serão regateados, o que, se acontecesse, seria contraditório. O que se substitui aqui pela noção laica de autonomia, é a evangélica da liberdade dos filhos de Deus. Como não ver, todavia, que outras experiências se juntam a esta, como por exemplo às dos *Petits Frères* e as *Petites Soeurs du Père de Foucauld*. Aqui também, sob uma moção providencial, cada um tem que discernir seu caminho, isto é, sua vocação, mas esta palavra reencontra, então, seu sentido etimológico mais forte.

Sua reação, Thierry, é, sinto-o, bem diferente da de Roger. Você fará observar, não sem acrimônia, que com a idéia de uma vida comunitária, cujo eixo é a Fé, como podem ser, por exemplo, a das ordens mendigas, todos os equívocos reaparecem. Mais um golpe, de que fé se trata? — perguntará. Será preciso responder que os homens e mulheres do Rearmamento Moral, pôsto que façam abstração da religião confessional à qual aderem por outro lado, não se julgarão, sem dúvida, obrigados a responder a esta pergunta, porque estão envolvidos numa experiência tôda nova, numa aventura que dispensa completamente, a necessidade de doutrinação. Acrescentarei, por outro lado, quanto a mim, que esta experiência se increve na linha dum ecumenismo vivido, e que isto é o suficiente para que nós devessemos saudá-la com gratidão. Volto a pensar no meu jovem mussulmano do Camerum; foi-lhe dado, durante alguns dias que passou em Caux *confraternizar* com cristãos. Insisto sôbre esta palavra *confraternizar*, que, como tantas outras, se descoloriu pelo uso e perdeu seu valor original. Trata-se de participar, autenticamente, da experiência de uma fraternidade vi-

vida. Estamos aqui, infinitamente além do que chamamos, de hábito, a tolerância. Tive há pouco ocasião de mostrar tudo o que esta palavra comporta de equívoco e mesmo de suspeito. Trata-se de amor. Meu jovem musulmano não se sentiu somente "tolerado" mas *reconhecido* na sua própria qualidade de crente.

Ousarei, além disso, fazer a seguinte observação: a humanidade passsa, atualmente, pela crise mais trágica que já atravessou no curso da história tal como nós a conhecemos. Os peritos mais qualificados se revelam absolutamente incapazes, não somente de resolver o problema fundamental, isto é, restabelecer uma paz digna dêste nome, mas até mesmo, talvez, de medir a inimaginável gravidade da situação. Um diplomata inglês, vindo a Caux, de Genebra, me dizia que a conferência sôbre as aplicações pacíficas da energia nuclear estava como que envenenada por ocultas idéias beligerantes. Mas, do mesmo modo que quando a ciência médica falha, temos perfeitamente o direito, e talvez mesmo o dever, de apelar para os curandeiros, eu acho que estamos aqui em presença do que eu chamarei, de bom grado, um socorro de urgência, do qual não me parece absolutamente permitido subestimar o valor. Assim como os curandeiros, os mais respeitáveis, declararam que as forças de que são misteriosamente dotados lhes foram conferidas por um poder superior, todos os nossos amigos, sem exceção, dão testemunho de uma humildade, cujo segrêdo foi perdido pelo universo em vias de tecnocratização. Mas saibamos bem compreender que isto não é um acaso. Num mundo entregue aos técnicos, aos habilidosos, a palavra humildade, em si, perde tôda a significação. O fato é que existem, por exemplo, cirurgões que, antes de proceder a uma operação particularmente delicada e perigosa, fazem uma prece. Mas por isso mesmo, deixam de se comportar como simples técnicos; proclamam, ao contrário, a insuficiência da técnica, reduzida a si mesma.



Mas, você dirá, o Rearmamento Moral, êle mesmo, não tem recorrido às técnicas? Estes filmes, estas peças, por exemplo, que êle exhibe de continente em continente, são outra coisa senão técnicas, e para nós, franceses, de uma eficácia bem duvidosa?

Eis aí um ponto ainda que eu gostaria de tentar explicar. Vi quatro peças durante minha estada em Caux. Elas me pareceram de um valor variável, mas nenhuma me satisfez plenamente. O que importa, porém, não é o julgamento que eu, ou algum outro crítico dramático especializado, possa fazer sobre êstes trabalhos. Êles devem ser apreciados segundo uma perspectiva inteiramente nova. Penso que Buchman e seus discípulos fizeram uma verdadeira descoberta quando compreenderam que, no mundo atual, uma ação representada podia ter nas consciências uma repercussão que jamais poderia esperar-se de uma pregação. Os acontecimentos lhes trouxeram a mais ampla confirmação possível; pensemos, por exemplo, na peça japonesa representada nas Filipinas, diante de milhares de espectadores que tinham as mais trágicas razões de odiar seus poderosos vizinhos, pelas crueldades que êstes praticaram contra seus filhos durante a guerra. É um fato que não é contestado, creio, por pessoa alguma, que as representações destas peças contribuíram para derreter êste ressentimento demasiadamente justificado e para franquear o caminho a uma reconciliação. Muitos outros exemplos poderiam ser citados dessa extraordinária eficácia moral das peças e do filme *Liberdade*. Se, agora, nós franceses, vimos dizer que tudo isso nos parece absurdo e que não somos nós que seremos convertidos, de qualquer maneira, por tais infantilidades, não podemos afirmar que não carreguemos sobre nós mesmos, *ipso facto*, uma verdadeira condenação, porque o que está em jôgo, no nosso caso, é, na realidade, um respeito humano que — nós o sabemos demasiado — contribui para inibir muitos impulsos. Pessoalmente ainda digo

mais: a maior parte das peças que vi se endereçava, efetivamente, a uma mentalidade que não é a nossa. Isto não quer dizer, de maneira alguma, que se não possa conceber peças escritas por franceses, italianos, talvez portugueses, que nos pareçam menos simplistas, menos didáticas, mas que seriam suscetíveis de acordar os latinos para uma vida superior de consciência. Porque, não será demais repetir, é esta vida superior de consciência que importa. Muitos episódios a mim relatados, e cujos protagonistas foram todos inicialmente transformados devido ao seu encontro com o movimento, poderiam originar, se fôsem tratados por um homem de talento, obras de uma alta qualidade dramática. Mas a desgraça quer que, entre nós, os mais dotados entre os dramaturgos — e penso tanto em Anouilh como em Sartre das primeiras peças, as melhores — se tenham pôsto de um modo ou outro a serviço das fôrças que tendem para a desagregação do Homem. O caso de Montherlant é diferente; mas o espírito da infância fugiu-lhe, há muitíssimo tempo, para que possamos imaginá-lo escrevendo uma obra de fé. Precisaríamos de um autor dramático *jovem*, que aliasse à pureza de olhar de Péguy o universalismo de Claudel, o que é, infelizmente, uma associação altamente improvável.

Para concluir, direi, como aliás declarei públicamente em Caux, que o que me sensibiliza, antes de tudo, é que aí se encontre realizada *uma surpreendente conjunção do mundial e do íntimo*. Em princípio, o adjetivo mundial é sempre suspeito, quando se fala, por exemplo, da opinião mundial ou de um sucesso mundial. É um epíteto que parece destinado a figurar nas manchetes de jornais de grande tiragem. Temos sempre um pouco a impressão de que é usado para produzir efeito. Mas aqui tudo é de maneira diferente, e uma circunstância que julguei singular — mas, parece, estava bem longe de ser excepcional — veio ilustrar para mim, de maneira empolgante o que já me tinha parecido, nos dias precedentes, como sendo

a própria marca de Caux. Na grande sala de reuniões um casamento devia ser celebrado: os dois futuros esposos, um norueguês e uma americana, se tinham conhecido fazendo campanha, lado a lado, no curso de uma imensa viagem através da Ásia. A jovem, dotada, parece, de uma voz maravilhosa, puzera-a ao serviço, não direi da equipe ou do movimento, mas das populações miseráveis da Índia, do Cachemire, da Birmânia, às quais tratava-se de levar uma esperança, uma luz. Não descreverei em detalhes o que foi êste casamento, e sobretudo a festa que se lhe seguiu. Foi-nos dado ver gente vinda de tôda a parte, gente de tôdas as raças e de tôdas as côres, trazer, por canções e danças, a homenagem de sua gratidão a êste casal predestinado. E, por certo, tudo isso que poderia fornecer material para o "Paris Match" ou "Jours de France", em realidade, não passou de uma festa íntima, iluminada, por dentro, pelo fervor dos jovens esposos que se sentiam como que intimidados pelo próprio excesso de afeição que, de tôdas as partes, lhes foi testemunhada. Posso atestar que todos nós tivemos consciência de ascender a uma dimensão superior, a dô coração, ou, mais exatamente, àquela onde o coração e o espírito se encontram: *sob nossos olhos, o mundo, o vasto mundo tornou-se uma família.*

Ê sôbre esta imagem que quero rematar esta carta demasiadamente longa. Não espero tê-los convencido, mas desejaria ter dito o bastante para conseguir que lessem, pelo menos atentamente, os depoimentos que se seguem. Já será muito se o desdém apenas dissimulado que vislumbrei em suas cartas fôr matizado, presentemente, de alguma incerteza, ou se consentirem em reconhecer que tudo isto é estranho e merece pelo menos ser observado mais de perto.

GABRIEL MARCEL,  
*do Instituto*

Independentemente daqueles cujos testemunhos se seguem, numerosas pessoas dedicadas à ação do Rearmamento Moral estabeleceram o texto do presente volume. Não podemos pensar em nomeá-las tôdas, aqui. Pertencem a países muito diversos: França, Suíça, Índia, Alemanha, Inglaterra, Canadá, Estados Unidos. O livro não deixa por isso de formar um todo que atesta a coesão espiritual da equipe.

G.M.

## PRIMEIRA PARTE

### *ENCONTROS DECISIVOS*

Este livro nada pretende acrescentar ao arco-iris das idéias políticas. Não é uma exposição de princípios, nem um enunciado de doutrinas. Ele é todo experiências.

Trata de fatos. Poderíamos ter tentado destacar a filosofia desses fatos, mas deixamos este cuidado ao leitor. O que nos interessa não é propriamente seu alcance individual mas, principalmente, a extraordinária convergência de que são a prova.

Uma nova consciência mundial se elabora. Sem tumulto e sem tiros, uma revolução se opera nos povos, transforma o pensamento dos indivíduos e varre os escombros de um mundo em ruínas. Uma nova esperança se esboça. Um renascimento se prepara.

Esse renascimento começa nos corações. Seguiremos, pois, nos detalhes de suas vidas, os itinerários tão diferentes de indivíduos de todos os meios, de todas as nacionalidades, de todas as raças, de todas as religiões, de todas as concepções políticas. No domínio da física, a repetição de uma mesma experiência em condições diferentes permite estabelecer uma lei. Eis porque, no início deste trabalho, mergulharemos em tantos exemplos particulares.

Todos estes itinerários estão marcados por um encontro que, súbitamente, reorienta tudo. Apesar de serem os mais divergentes, algo acontece que os torna como um feixe que converge para o futuro.

Pedimos a numerosas pessoas para darem aqui seu testemunho. Deixaremos que elas próprias falem e nos digam o que viveram.



## *Uma socialista acolhe o mundo.*

A palavra "socialismo" representou para o mundo uma imensa esperança — a esperança de que, um dia, a igualdade e a paz reinariam sobre toda a terra. Como mãe, como mãe de família, foi para ele que me voltei. Creio que quase nasci socialista. Por instinto, sempre senti e quizei compartilhar dos sofrimentos alheios. As condições de vida das mulheres, sua impotência em se protegerem a si e a seus filhos, fizeram com que eu as defendesse apaixonadamente. Aos catorze anos, minhas economias pessoais e meus momentos de lazer eram dedicados a uma obra de assistência às mães-solteiras que, sozinhas, tinham que criar seus filhos. Indignavam-me a desigualdade de salários e as condições de trabalho de muitas mulheres. Adquiri a convicção de que o socialismo sanaria os flagelos contra os quais eu lutava encarniçadamente: o alcoolismo, a prostituição e a guerra. Se vivido, ele deveria libertar os homens de tudo isso, e por essa razão acreditei no socialismo.

As mães de famílias operárias de minha geração estavam dispostas a sofrer todas as privações, a submeterem-se ao desemprego, a trabalhar para que seus filhos não tivessem fome, sim, estávamos prontas a tudo para que o socialismo venesse.

Em 1936, a vitória da Frente Popular representou uma esperança sem precedentes no coração de inúmeras mulheres. As férias pagas, a limitação das horas de trabalho e tantas outras realizações haviam sido obtidas.

Morávamos então, meu marido, cinco filhos e eu própria, numa pequena casa em pleno campo, no sul da França, em Camoins. A casa era de quatro cômodos, muito velha, mas bem ensolarada. A eletricidade ainda não havia sido instalada e nós usávamos querosene para a iluminação. Uma enorme figueira cresceu perto da casa e suas raízes levantaram o piso da cozinha. Certo dia, foi preciso chamar um pedreiro que as cortou e cimentou o chão.

Nas diferentes chácaras dos arredores havia mil cerejeiras e, nos períodos em que não havia trabalho, ocupávamo-nos na colheita de cerejas. Por isso, recebíamos o bastante para dar sobrezeza aos nossos filhos e para fazer cem quilos de geléia que serviam para o ano todo. Fazíamos a mesma coisa na colheita da ervilha e do feijão.

Meu marido trabalhava na marinha mercante, mas o marasmo econômico era tal naquela época que muitas vezes ficava sem trabalhar meses seguidos. No liceu, fôra aluno de Marcel Cachin, que formou no marxismo gerações após gerações. Fôra depois um dos fundadores do sindicato dos marítimos, numa época em que o sindicalismo prometia mais perigos do que vantagens.

Eu própria trabalhava como enfermeira noturna. Os plantões duravam doze horas; com uma hora de trajeto na ida e outra na volta eram catorze horas e ganhava então doze francos por noite. Ao voltar para casa ocupá-me das crianças e durante muito tempo dormi apenas quatro horas por dia. Mas, assim o exigia a vida, era a luta e isso me parecia natural. Por nada no mundo trocaria essa existência pela de outras mulheres que têm tôdas as facilidades. Como nem meu marido nem eu podíamos ver uma criança abandonada e sem lar, abrigámos e criámos nove além dos nossos, isto em diferentes épocas.

Após as vitórias sociais de 1936, e apesar de tôdas as esperanças, a segunda guerra explodiu, guerra em que os civis



estavam tão expostos quantos os militares. Todos os franceses sabem, como eu, o que se seguiu: a ocupação, a fome, a resistência, a luta.

O sul foi duramente atingido pela falta de mantimentos. Um dia, por medida de represália, o Governador suprimiu as rações de pão em nossa província. A opressão sofrida pela população era tamanha, que o restabelecimento de talões se tornou imprescindível. Recorri às mulheres. Quatro mil mulheres participaram da manifestação e marcharam para o palácio do Governador. Haviam sido instruídas a não pronunciarem uma única palavra e o desfile foi realizado num silêncio total. Chegámos diante das grades do palácio e obtive permissão para chegar até ao Governador. Exigi pão. "Não tem medo?" disse êle. "Sabe que tenho autoridade suficiente para manda-la prender?" Minha segurança não era completa, mas respondi: "Teria medo se estivesse em seu lugar, Senhor Governador! Se não ceder, não respondo pela sua pele." O Governador cedeu.

O dia do desembarque chegou, e foram os últimos combates. Naquela ocasião morávamos em Aubagne e durante quatro dias as tropas francesas passaram na estrada principal, enquanto que os alemães, entrincheirados nas alturas, as atacavam ininterruptamente. Havíamos instalado um posto de socorro numa cocheira e, dia e noite, iluminados com lâmpadas de acetileno, nos ocupávamos dos feridos: militares, civis, franceses e alemães. Fazíamos os curativos com as reservas da Resistência. Todos ajudavam, inclusive as crianças. Não esqueci nunca um taludo alemão que nos foi trazido, atrozmente ferido no ventre. Nada mais podia ser feito por êle. Minha filha de quinze anos o olhava. Repentinamente, ela ergueu os olhos para mim e disse: "Penso na mãe dêle". E êle morreu.

Com quantos sofrimentos pagámos a nossa libertação! Estávamos livres dos alemães, mas onde estava a libertação dos

francêses? Os ódios, os rancores, as vinganças pessoais envenavam a vitória, e a paz tão desejada era uma mentira, pois não havia paz nos corações.

Foi nessa ocasião que os partidos políticos se reagruparam. Eu pertencia ao partido socialista e, naturalmente, nele fiquei. Pela primeira vez as mulheres figuravam nas listas constituídas para as eleições. Pediram-me para utilizarem meu nome, como mãe de família e como resistente. Dei-o para ajudar, tanto quanto possível, à vitória do socialismo e êle figurou em terceiro lugar na lista da primeira circunscrição de "Bouches-du-Rhône".

Na noite da eleição, cansados pela campanha eleitoral, nos recolhemos cedo. Às seis horas da manhã, o antigo prefeito socialista de Aubagne, grande amigo, nos acordou tocando a campainha de nossa porta. Vou abrir. "Quero ser o primeiro a felicitá-los", disse êle. Eu estava tão longe de pensar em tamanha maré de votos a nosso favor, que no momento, não compreendia a razão de suas felicitações, e foi preciso que meu marido interviesse sugerindo: "Você bem que deveria mandar entrar o senhor prefeito!"

Durante a constituinte houve um momento em que esperamos — principalmente as mulheres — poder realizar um esforço unido. Contudo, os partidos já fixavam as suas posições e a decepção crescia cada vez mais. Sempre trabalhando com todo o meu empenho, eu reconhecia que, apesar de nossas vitórias, a guerra, o alcoolismo e a prostituição continuavam a sua devastação.

•

Um certo dia, na Assembléia, dois senhores entraram em meu escritório. Procuravam-me, soube-o a seguir, por insistência de um colega do Parlamento que pertencia a um partido diferente do meu; estavam indecisos quanto ao acolhimento

que os esperava. Atacaram imediatamente o motivo: tratava-se do Rearmamento Moral e me convidavam a ir para Caux, um dos grandes centros mundiais de formação ideológica. Dêle ouvira falar através de rumores mais ou menos benevolentes que circulavam no sul da França e disse-lhes, terminantemente, que já tinha suficientes idéias na cabeça para não me preocupar com mais uma. Como insistissem e não pudessem compreender, levantei-me e abrindo-lhes a porta, disse: "Senhores, não tenho tempo a perder, queiram sair!" Eles não tiveram outra coisa a fazer.

Descobri depois que uma das grandes características desses homens era a perseverança que provinha da convicção profunda de que tal ou qual pessoa, era, talvez, a que poderia fazer alguma coisa pelo país.

Então, com enorme paciência, continuaram a telefonar-me, a pedir entrevistas e a se apresentarem em meu escritório. Cansada de sua insistência, pedi à minha secretária para responder que eu não estava. Apelidámo-los de "os carrapatos". Quando chamavam ao telefone, minha secretária fazia um sinal com a cabeça... e eu estava ausente.

Certa vez, fui procurada por uma moça que veio ao meu escritório. Estávamos preparando a partida para a colônia de férias socialista na Floresta Negra. Tratava-se de uma centena de crianças, isto representava um enorme trabalho de organização, e vinham para me falar de um Rearmamento Moral! Pensei: "Essas pessoas vivem nas nuvens. Não têm nenhuma idéia das realidades de um país que acaba de sair dos sofrimentos de uma guerra. Nós, pelo menos, sabemos onde pisamos."

Algum tempo mais tarde, recebi o convite telefônico de uma senhora desconhecida, para ir almoçar com trabalhistas ingleses que estavam de passagem por Paris. Voluntariamente, aceitei o convite; era o meu primeiro contato desde a guerra com socialistas ingleses. Entre eles estavam o sobrinho de

Chamberlain, membros do Parlamento, etc... Estavam a caminho de Caux e renovaram o convite. Opus novos pretextos: tinha muito trabalho, devia cuidar de meus filhos, depauperados por longos anos de privações sofridas em sua adolescência. "Traga seus filhos consigo", me foi respondido. Depois de uma longa discussão, acabei por aceitar.

Foi no mês de setembro de 1947. Minha primeira impressão de Caux foi desfavorável. De início, o panorama imponente deu-me a idéia de que se tratava de uma empresa dos capitalistas que procuravam manter tranqüilos os operários. Como socialista, eu não queria, de forma alguma, participar de qualquer coisa que pudesse prejudicar o operariado mundial. Em segundo lugar, havia muitos alemães em Caux. A presença desses homens me era intolerável e se algum deles tomava a palavra, eu saía imediatamente da sala. Enfim, falava-se constantemente de Deus, e, na minha opinião, Deus era uma convicção pessoal e nada tinha a ver com os problemas mundiais.

Tôda sorte de indagações atribulavam o meu espírito: De onde provinha o dinheiro? Seriam reais os objetivos confessados? Devia eu ficar? As dúvidas pareciam arrebatá-lo e eu decidi fazer as malas.

Dizem que a noite é boa conselheira. Naquela noite não pude dormir. Decidi ficar para me certificar e descobrir o que se escondia atrás de tudo o que via, a fim de poder combater eficazmente essa gente onde quer que os encontrasse no futuro. Três semanas durou isso, e não teriam encontrado pessoa mais desconfiada do que eu. Procurava a agulha no palheiro, mas em parte alguma descobri força capitalista; os fundos provinham muito simplesmente daqueles que tinham a convicção de que as idéias expostas em Caux iam trazer alguma coisa de diferente para o mundo. Lembro-me de um jovem que havia economizado tostão por tostão, isto durante meses, o suficiente para comprar uma bicicleta. Pudera fi-

nalmente, realizar o seu sonho mas decidiu revendê-la para poder dar a importância a Caux. Duas môças que haviam herdado de um tio morto no exílio, deram a totalidade de sua herança para que o espírito de Caux pudesse penetrar na Alemanha. Um outro dia, chegaram cadeiras da Finlândia para tôda a sala de jantar... e eram muitas cadeiras! A Finlândia, que saíra arruinada da guerra, quizera prestar a sua participação.

Fui testemunha de milhares de fatos semelhantes e, depois de três semanas de buscas, nada encontrei que pudesse confirmar os meus temores. Ao contrário, se aplicássemos todos esta qualidade de vida e de sacrifício, a humanidade veria realizar-se a esperança que o início do socialismo havia dado ao mundo. Eu própria, como socialista, sempre havia pensado em transformar as estruturas. Pela primeira vez via que a transformação dos homens traria inevitavelmente a transformação das estruturas pela supressão do egoísmo e do orgulho.

Um dos primeiros encontros que tive em Caux foi com um representante patronal do norte da França. No fim da refeição, fomos até o terraço para conversar. Disse-me êle tudo o que pensava acêrca dos socialistas, e, de minha parte, disse-lhe tudo o que pensávamos sôbre os seus colegas, opinião não muito delicada talvez, mas que podia ser resumida assim: os donos das fábricas têxteis do norte são todos tubarões! Em nenhum outro panorama do mundo poderíamos ter dito tais coisas sem que a discussão se envenenasse. Lá, pelo contrário, tínhamos uma preocupação comum pela situação social da França. Tínhamos também, diante de nós, um caminho aberto por esta fórmula — uma das melhores que me foi dado ouvir em tôda a minha vida — não procurar quem tem a razão mas sim o que é justo. Decidimos, ambos meter mãos à obra para que êsse espírito se tornasse uma realidade na nação e mantivemos a nossa palavra.

Foi durante a minha permanência em Caux que tive oportunidade de encontrar pela primeira vez Frank Buchman, o homem que iniciou o Rearmamento moral. O que se nota imediatamente em sua personalidade é a tranqüillidade de seu olhar. Nunca está apressado. Sente-se que sua vida corresponde exatamente à sua crença; êle nos comunica a certeza de que, se aceitarmos a transformação, teremos uma parcela na transformação do mundo. Falávamos sôbre a unificação da Europa. Fêz-me esta simples pergunta: "Que espécie de unificação pretende a senhora para a Europa"?

O meu ódio pela Alemanha era tão grande que eu havia desejado a sua completa destruição. No decorrer da guerra, rejubilava-me ao ouvir as ondas de bombardeiros que se dirigiam para as cidades alemães. Nunca podia esquecer o dia em que vi, ao abrirem uma fossa comum, os corpos de antigos camaradas da Resistência atrôzmente mutilados pelas torturas. Depois de ver tantos horrores, já não sabia o que era chorar.

"Que espécie de unificação quer a senhora para a Europa?"

Pela primeira vez compreendi que o ódio destrói, mas jamais constrói alguma coisa, e que o meu próprio ódio era uma fôrça negativa.



*Neste ponto da narração de Irène Laure, torna-se interessante a palavra de Peter Petersen, jovem alemão que se encontrava em Caux ao mesmo tempo que ela. Aos sete anos membro da Juventude Hitlerista, treinado durante quatro anos numa escola especial de nacional-socialismo, ferido quando pertencia à divisão de elite do exército alemão, foi aprisionado após a guerra pelas autoridades britânicas, dada a tenacidade de suas convicções:*

Em 1947, a Alemanha morria de fome nas suas cidades destruídas e milhões de alemães tentavam provar por todos os meios que nunca haviam ouvido falar em nacional-socialismo.

O mundo inteiro era de opinião de que a Alemanha devia dar provas de uma atitude diferente antes de ser admitida novamente entre as nações civilizadas. Nessa época, porém, Frank Buchman obtêve dos poderes aliados uma autorização especial de convidar para Caux cento e cinqüenta alemães. Eu estava entre êles.

Usara sempre o uniforme e ao chegar a Caux vestia um terno de meu avô muito curto e largo. Fomos acolhidos por um côro francês que cantava em alemão uma canção que exprimia o verdadeiro destino da Alemanha. Éramos considerados como mestres na arte de contra-atacar, pelo que nos acusavam. Mas ali, as portas estavam inteiramente abertas... e estávamos completamente deslocados. Três dias depois de minha chegada, soube da presença em Caux da Secretária das Mulheres Socialistas da França, a senhora Irène Laure. Soube ao mesmo tempo que ela havia manifestado o desejo de partir imediatamente ao ver os alemães, pois os SS haviam torturado seu próprio filho para constrangê-lo a dar os nomes e os enderços de membros da Resistência. Violenta discussão explodiu entre nós, os alemães: não podíamos mais escapar à pergunta que tanto havia dividido nosso país: de quem a culpa? Reconhecíamos todos que essa francesa tinha o direito de nos odiar, mas já estávamos decididos a que se ela manifestasse o seu ódio responderíamos com narrações sôbre a ocupação francesa na Floresta Negra.

Uma semana mais tarde, numa das reuniões gerais, a senhora Laure pediu a palavra. Estávamos sentados bem ao fundo. Não nos sentíamos à vontade e perguntamo-nos se não seria melhor sair. A senhora Laure pronunciou três frases que marcaram uma reviravolta em nossas vidas, tanto como in-

divíduos quanto como alemães: "Odiei tanto a Alemanha que queria vê-la riscada do mapa da Europa, mas vi aqui que o meu ódio era um erro e gostaria que todos os alemães presentes me perdoassem." Sentou-se novamente. Eu estava trans-tornado. Durante algumas noites seguidas foi-me impossível dormir. Todo o meu passado se revoltava contra a coragem daquela mulher. Mas sabíamos, meus amigos e eu, que ela nos apontava o único caminho aberto para a Alemanha, se esta quizesse desempenhar um papel na reconstrução da Europa. A base dessa Europa devia ser, como mostrara a senhora Laure, o verdadeiro perdão. Um dia, expressamos nosso profundo arrependimento e nossa vergonha pelo que ela e seu povo haviam sofrido por nossa culpa. Prometemos-lhe consagrar nossa vida a trabalhar para que essas coisas nunca se repetissem em nenhuma parte do mundo.



Era a primeira vez, — *continua Irène Laure*, — que podíamos reconstruir, não sobre um perdão baseado no sentimentalismo, mas sobre o rochedo de uma ideologia comum. Se todos os tratados de paz se haviam tornado meros farrapos é porque os homens haviam continuado os mesmos. Agora, tínhamos a oportunidade de construir sólidamente.

Um ano mais tarde, meu marido, meu filho e eu, fomos para a Alemanha. Durante mais de dois meses percorremos toda a sua zona ocidental. Encontrámo-nos com representantes de diferentes partidos políticos em onze de doze governos provinciais; na época ainda não havia governo federal. Isto sem contar as entrevistas oficiais ou particulares, as conferências da imprensa, do rádio; ao todo, duzentas reuniões em onze semanas.

Um dia, ao atravessarmos de automóvel uma cidade, vi um letreiro à margem da estrada: Campo de Ravensbruck.



Uma flecha indicava a direção. Senti um choque: Ravensbruck, o campo de mulheres onde tantas companheiras da Resistência morreram e de onde várias voltaram irreconhecíveis. Uma angústia tomou conta de mim. Eu me perguntava: estará você traíndo os seus amigos da Resistência? Já estávamos fóra da cidade e o carro corria rapidamente. Uma grande paz interior se fêz dentro de mim. Tenho a impressão de ouvi-las dizer: "Não, não morremos para que o ódio continue, nossos corpos não clamam por vingança. Morremos como mártires para que o mundo encontre sua unificação." Cheguei ao nosso destino em paz, pois sabia que, digam o que quiserem, o mundo deve encontrar sua unificação.

Um espetáculo tornou essa convicção ainda mais indelével em mim. Foi uma noite, em Berlim. Mulheres acabavam seu dia de trabalho. Desde a aurora, sem nenhum utensílio, haviam limpado os entulhos das ruínas. Tinham pés e mãos em sangue e no rosto já não tinham expressão. Haviam-se tornado como um gado humano. Soube, naquele dia, a que gráu de bestialidade o ódio pode deixar cair a humanidade.



Durante a minha estada em Caux compreendi que a chave do que eu via e da tarefa que perante mim estava sendo cumprida residia no silêncio praticado por cada um: êsse silêncio em que se faz uma tomada de consciência interior, quando nos vemos tal qual somos, com todos os nossos motivos, e também como poderíamos ser se aceitássemos a transformação. Cremos ser alguém e descobrimos que nada somos. Medimo-nos por valores absolutos, preto sôbre o branco. Daí nasce a força. De outra forma, saímos de uma meditação mais ou menos vaga com um sentimento de elevação pessoal, mas sem ir até ao fundo de nós mesmos e sem ter enfrentado a realidade das coisas. Foi por meio dêsses momentos de si-

lêncio, obedecendo ao que havia de mais profundo em mim, que fui levada a praticar coisas que, humanamente, me teriam sido absolutamente impossíveis.

Havia feito a experiência quando, depois de minha primeira estada em Caux, voltara para casa. Repleta de esperança e de entusiasmo por essas idéias, delas havia começado naturalmente a falar às pessoas que me rodeavam. Com grande surpresa vi que ninguém me escutava. Victor, meu marido, saía da sala. Os filhos desapareciam com um ar zombeteiro. Impossível dizer coisa alguma. Eu falava às paredes.

Mas compreendi, durante um desses momentos de silêncio, pela manhã, que o que contava não era o que os outros iam decidir para suas vidas mas sim que eu devia continuar fiel aos meus princípios. Foi essa fidelidade que acabou por intrigá-los.

Manifestava-se freqüentemente nas coisas mais simples. Minha filha mais velha se penteava conforme a moda da época, com uma pilha de cachos sobre a testa. Não era de meu gosto e tôdas as manhãs eu lhe dirigia uma censura desagradável a respeito do penteado; isto criou, todos os dias, um momento penoso para a família. Num momento de recolhimento tive êste pensamento: "Deixe-a sossegada com os seus cabelos! Ela bem pode se pentear como quiser". Passou-se um dia, depois outro: eu não disse mais nada. No terceiro dia, ei-la que sai do quarto com o penteado que eu gostava. "Sabe, mamãe — disse ela — não é que eu gostasse tanto dos meus cachos, mas eu queria irritá-la um pouco!"

Muitas vêzes, nós, os pais, queremos impôr a nossos filhos nossos gostos, nosso modo de ver e de viver, os estudos que para êles escolhemos, e, por reação, os filhos acabam fazendo muitas vêzes o contrário do que êles mesmos gostariam de fazer.

Se pelo menos aceitássemos descer do nosso pedestal, pedindo desculpas quando erramos, dizendo a nossos filhos o que éramos aos dezessets ou dezoito anos, quantos dramas fa-

miliares seriam evitados! Sei, por tê-lo vivido. E, se conheço muitos filhos que fazem chorar seus pais, também sei de quantos pais fazem sangrar o coração de seus filhos.

No escritório, também, foi pelo mais simples que foi preciso começar. Exemplificando: quantas vezes ensinamos a mentir nossas secretárias — mentir ao telefone, escrever nas cartas coisas que não são perfeitamente exatas. Para conservar seu lugar, são obrigadas a obedecer. Tive que me desculpar por ter exigido semelhantes coisas.

Foi assim que os meus próximos, a princípio céticos, depois intrigados, acabaram por se tornar curiosos. Meu marido concordou em me acompanhar, primeiro à Caux e depois à uma reunião no Touquet, para onde o representante patronal do norte, que eu conhecêra na Suíça, viera, acompanhado de centenas de operários, contra-mestres e patrões de sua região. As reuniões se realizavam no salão de festas do casino, danificado pela guerra de tal forma que fôra preciso estender um toldo para substituir um muro que faltava. Era outono, no fim da estação; o vento soprava furiosamente sôbre a cidade.

Passeávamos ao longo da praia, *interrompe Victor*. Tudo estava em ruínas, palacetes desmoronados, hotéis destruídos. Fui prêsã do espetáculo da loucura dos homens que se despedaçam mutuamente. Para manter seu prestígio ou seu domínio sôbre outros homens, recusam-se a ceder um nada; depois, rebenta a guerra e têm de aceitar tôdas as conseqüências. Cada qual segue seus projetos, seus desejos, agarra-se à estrutura de suas idéias preconcebidas e recusa-se a escutar os outros. Os homens não se vêm mais como homens, mas sim deformados pelas idéias rígidas que professam.

Sim, essas ruínas eram o resultado das lutas e da incompreensão mútua. Compreendia também que, para uma re-

nascença surgir dos escombros, era preciso a intervenção de uma força superior.

Decidi olhar de frente os absolutos que me propunham: a honestidade, a pureza, o desinterêsse e o amor absolutos. Diante desse mundo, que eu via renascer, graças ao Rearmamento Moral, queria praticá-los. Mas, sentia-me demasiadamente fraco. Não tendo fé, não tinha apóio. Então, como sem sentir, ajoelhei-me para pedir a Deus que me ajudasse a adotar esse gênero de vida e a ser perseverante. Primeiramente, surpreendeu-me haver dirigido essa préce ao céu, mas me senti mais forte em relação a êsses quatro critérios que eram completamente novos para mim. Para transformar o mundo, o melhor meio é transformarmo-nos a nós mesmos. Fui para a batalha sem planos, sem idéias do que me esperava, mas pronto a praticar o que essa nova fé me mandasse fazer. Eis porque me arrojéi.

Era a primeira etapa que devia me conduzir, depois de quarenta e cinco anos de marxismo, a retornar à fé de meus pais, a religião católica. Ao fazê-lo, vi a necessidade de me conformar com a lei orgânica da Igreja. Fléis à doutrina marxista, minha mulher e eu, casáramo-nos apenas civilmente. Depois de trinta anos de casados, tive o desejo e a vontade de fazer abençoar o nosso matrimônio pela Igreja. Um padre da região parisiense, que fôra capelão da Legião Estrangeira, deu-nos essa benção. "Não é todos os dias", disse nosso filho, "que um rapaz de vinte e cinco anos assiste ao verdadeiro casamento de seus pais!"

Estou no bom caminho, é por isso que aí permaneço.

•

Nosso filho Louis, — *recomeça Irène*, — por sua vez, decidiu acompanhar-nos à Alemanha. Depois de todos os sofrimentos suportados durante guerra, havia decidido gozar a vida e de

nada se privar. Ninguém podia comandá-lo. Havia estabelecido em Paris, um negócio de importação e exportação bem sucedido e ganhava o dinheiro que queria. Sucessos, prazeres, automóvel, nada lhe faltava.

Quando fomos ao Ruhr, houve uma reunião em Moers, onde, sobre o estrado, fiquei lado a lado com um grupo de alemães. Perto de mim encontravam-se dois franceses, sendo que um havia perdido vinte e dois membros de sua família e o outro quinze, nas câmaras de gaz. Louis ouvia-me quando pedi que me desculpassem o rancor passado e me comprometia a lutar por um futuro diferente. Vi o seu olhar. Nunca o esquecerei. Era um misto de estupor, de emoção, e, creio, de horror. Retirou-se da sala e, na mesma noite, voltou para a França.

Retornou um pouco depois e nos acompanhou até Berlim pela ponte aérea. Havia notado que uma força trabalhava e que essa força ia modificar o curso da história; que as forças do prazer e do divertimento nunca poderiam criar alguma coisa de novo e que se toda a juventude francesa vivesse como ele, sem lei nem fé, o país se perderia.

Depois de várias noites de insônia, veio nos acordar batendo em nossa porta às cinco horas da manhã. Havia decidido tentar uma prova — uma prova que, a seguir, o devia vencer completamente — para ver se realmente valia a pena transformar-se.

Primeiramente, desculpou-se por todas as tolices que fizera, os temores que me havia causado. É verdade que muitas vezes, nas noites em que não podia dormir, perguntava a mim mesma, com certa inquietude, como tudo isso acabaria. Contudo, perdoá-lo não era difícil, pois o coração das mães é feito assim e freqüentemente são os piores filhos os que elas preferem! Em seguida, participou-me que ia pagar todos os seus impostos atrasados, pois havia ludibriado o fisco. Isto representava uma quantia bastante elevada, sem falar no

risco das sanções, e eu sabia o quanto êsse passo representava para êle. Finalmente, resolvêra pôr em ordem tôda a sua vida particular.

Levou a têrmo suas decisões e tornou-se outro homem. Nem seus pais, nem ninguém podiam reconhecê-lo.

Um dia, Frank Buchman chamou-o à sua casa com mais três outros jovens, um francês, um suíço e um americano. A êles confiou a tarefa de levar êsse espírito para todo o Brasil.. quase um continente inteiro! E eis os nossos quatro mosqueteiros — que não falavam uma palavra de português — a caminho da América do Sul. Depois de dois meses e meio voltavam num avião especial, que trazia à assemblêia do Rearmamento Moral a primeira delegação brasileira; quarenta e cinco pessoas, representantes de todos os domínios da vida nacional, militares, sindicalistas, industriais e políticos. De um homem ao outro, de uma indústria à outra, do pôrto de Santos ao do Rio, o contágio venceu, como poderá ser lido na história de Damásio Cardoso.

Foi assim que me encontrei envolvida com uma força mundial, numa revolução cujas dimensões são mais vastas do que tudo o que eu havia concebido. Isso me levou a trinta países. Por tôda parte encontrei dirigentes socialistas e sindicalistas: em Calcutá, em casas onde nenhum europeu havia pisado; na América; na Finlândia, com trinta e quarenta graus abaixo de zero. Continuo convencida do ideal socialista, mas sei também que o futuro depende do espírito, do modo de vida que os socialistas da França e do mundo terão a inteligência de adotar para trazer a unificação que o mundo dêles espera. Falando francamente, vi na Ásia e no Oriente Médio líderes operários combatendo condições de miséria que pareciam superar as forças humanas. Indago a mim mesma qual o so-

cialista da Europa ou da América que encarou com realismo a aplicação do socialismo em sua forma mundial: não se contentando nunca em atuar dentro dos limites de seu setor ou das fronteiras do seu país.

Pergunto-me também: quem vai remediar os flagelos que pesam sobre a humanidade? A quem nos agarrarmos? A quem, senão a essa coisa radicalmente diferente que conhecemos todos, mas que nunca aplicámos?

Há dez anos, acreditei que seria tão lento que sempre chegaríamos demasiado tarde. Mas vi, de ano para ano, que como uma verdadeira avalanche, desenvolve velocidade em todos os países.

E sei que a força que pôde transformar meu marido e meu filho, que transformou uma mulher política como eu, ataca o mal justamente onde êle mergulha suas raízes: na natureza humana. Esta força tem o poder de sanar o mundo.

IRÈNE LAURE

*ex-deputado de "Bouches-du-Rhône".*





## *Reviravolta no pôrto do Rio.*

Naquela manhã eu estava decidido a tudo e nada poderia me deter. Já era tempo que, ao medir as forças entre o sindicato e a direção do pôrto, esta se desse conta da espécie de homem com quem tinha que se haver. Seria preciso para isso empregar os mesmos meios de um ano atrás? Durante cinqüenta e quatro dias, o pôrto estivera parado por uma greve; uma rixa estúpida aliás, pois tudo poderia ter-se arranjado facilmente. Mas, no princípio da greve, eu fôra suspenso por trinta dias. Os camaradas do sindicato, do qual eu era o vice-presidente, haviam decidido que não voltariam ao trabalho a menos que eu fôsse reintegrado. Tinha que se lhes dar uma satisfação. Encorajados por esta vitória e hàbilmente manobrados, haviam decidido então dar mais um passo: o diretor do pôrto nos ultrajara por suspender-me sem justificação; os homens não voltariam ao trabalho a não ser que êle fôsse demitido e substituído por qualquer outro.

O impasse era total. A autoridade do govêrno, da qual depende o pôrto, estava em jôgo; a dignidade de milhares de portuários também. E aí está porque, durante mais de cinqüenta dias, o pôrto estivera paralisado. Os vapores formavam filas cada vez mais longas na imensa baía de Guanabara, que passa por ser suficientemente grande para conter as maiores frotas comerciais do mundo, e que acabava finalmente por dar a impressão de abrigá-las tôdas. Durante êsse tempo, as frutas e os legumes destinados ao abastecimento da capital apodre-

ciam nos vapores e sôbre o cais, e tinham que ser lançados ao mar. Depois de sete semanas de luta, o govêrno cedera enfim e o diretor do pôrto tivera que ir embora.

Por aí calcule-se a atmosfera.

Tôda a gente no pôrto me chama Damásio. Nasci no Amazonas, êsse território fabuloso situado ao norte do Brasil. O sangue índio corre em minhas veias. Há mais de vinte anos trabalho no pôrto do Rio de Janeiro. Sem ter sido jamais nem comunista, nem fascista, nem o que quer que seja, eu estava sempre revoltado pelas injustiças. É por essa razão que nunca hesitei em lutar por meus camaradas, sobretudo quando seus direitos ou sua dignidade de homem não fôssem respeitados por alguém, quer fôsse o Diretor do pôrto, o Ministro ou o Presidente da República.

De maneira que, nessa manhã, eu estava de mau humor, tinha vontade de brigar. Uma vez mais nós demos ordem de greve. Minha cólera visava não apenas o Diretor do pôrto, mas também o Chefe do armazém de bagagens, Nelson Marcelino de Carvalho. Os argumentos que eu tinha contra êle eram esmagadores: Primeiro êle era um "chefe" e isto era o bastante para fazê-lo meu inimigo. Depois era um dos principais dirigentes da *União dos Portuários do Brasil*. Este sindicato, que tinha a pretensão de representar todos os trabalhadores do pôrto, havia, na verdade, perdido tôda a influência. Ninguém confiava em sua diretoria que a nosso ver era constituída apenas de burocratas e altos funcionários. A maioria dos trabalhadores o considerava como uma instituição patronal. Então, fora da lei é verdade, eu e meus camaradas havíamos fundado um novo sindicato, que conseguira impor sua autoridade nas docas, de ponta a ponta. Ora, acontece que, em vez de morrer calmamente, a *União dos Portuários do Brasil* resistia e Nelson acabava de anunciar que, desafiando as instruções de greve, pretendia abrir o armazém de bagagens para que todos os homens necessários ao seu funcionamento pudessem entrar.

Dois navios chegavam do exterior nesse dia, tendo a bordo diplomatas estrangeiros e, parece, era essencial à boa reputação do Brasil, que êles pudessem desembarcar com tôdas as suas bagagens. Para mim nada disso tinha importância. "Se os diplomatas querem sair do navio, disse eu, que o façam com os meios de que dispõem a bordo. Meus homens nada farão para ajudá-los!"

Eu tinha avisado Nelson que se êle tentasse trabalhar arriscaria a pele. Ajustar as contas dessa forma era moeda corrente no pôrto. Eu havia me preparado para a briga; juntando um segundo revólver àquele que sempre me acompanhava, bem assim como uma faca, apresentei-me no armazém à testa de um grupo de camaradas bem armados. Mal cheguei dirigi-me a Nelson: ao menor gesto de sua parte, eu atiraria.

Esperava reações violentas: para minha grande surpresa êle falou com calma. Disse o quanto lamentava que fôssemos inimigos, quando afinal ambos lutávamos pelos nossos companheiros de trabalho. Mas o fazíamos de maneira errada. Falou-me de uma nova tarefa que aguardava todos os trabalhadores do pôrto e que exigia sua união; ante meu espanto chegou a admitir que êle mesmo também tinha cometido êrros e que a *União dos Portuários do Brasil* não estava isenta de culpas. Tinha êle compreendido que para criar uma situação nova, não era preciso esperar sempre que o outro mudasse, mas começar por si mesmo, e agora estava cuidando de examinar tôda a sua vida nessa perspectiva.

Alguma coisa passou-se em mim nesse momento. Estou certo que foi um milagre em minha vida; a prova é que continuei meu ataque e que pude ouvir até ao fim o que Nelson tinha a me dizer. Eu não podia crer nos meus ouvidos, perguntando a mim mesmo o que haveria por trás daquilo tudo: covardia? manobra? A meus olhos Nelson não era senão um ambicioso e sua pretensa atividade sindical no seio da

*União dos Portuários do Brasil* não me parecia visar senão a defesa de seus interesses pessoais e os dos funcionários de sua categoria. Entretanto ele havia falado uma linguagem inteiramente nova. Se era sincero, valia a pena estudar mais de perto suas propostas, que poderiam talvez evitar um derramamento de sangue. Prometi-lhe, pois, voltar a vê-lo no dia seguinte. Quando penso no assunto, não tenho nenhuma dúvida que, sem o novo elemento trazido por Nelson, a mulher de um de nós seria hoje viúva e a do outro estaria cheia de amargura por ter o marido na prisão.

No dia seguinte, contava-me as razões de sua surpreendente atitude. Uma semana antes, ele havia assistido a uma reunião na qual industriais e operários haviam contado como conseguiram resolver seus conflitos, renunciando aos seus próprios interesses e às suas ambições pessoais. Na manhã de nosso encontro, Nelson tinha chegado ao porto pronto a defender sua vida por bom preço. Mas, vendo-me, lembrou-se do que tinha ouvido nessa reunião. "Senti uma grande tranquilidade e mesmo paz no meu coração, disse-me ele. Não havia em mim nem medo, nem ódio, nem arrogância, nem antipatia; não tive senão um só desejo: ganhar sua amizade e sua confiança a fim de que juntos pudéssemos unir os homens do porto." Propôs-me que alguns militantes dos dois sindicatos que representávamos se encontrassem para travar conhecimento. Os operários de uma fábrica de tecidos em São Paulo organizavam justamente uma grande manifestação para apresentar os resultados da aplicação entre eles destas novas idéias: era uma excelente ocasião.

No sábado seguinte, quarenta dos nossos rumaram para São Paulo. Era já uma vitória termos concordado em viajar juntos; alguns nem queriam ouvir falar em viajar com seus piores adversários no mesmo ônibus. Durante os 450 quilômetros do trajeto observamo-nos com desconfiança. Alguns haviam levado consigo suas espôsas; outros, seus revólveres.

Fomos acolhidos por homens de diferentes classes, raças e países, na casa de um industrial cujo exemplo deveria representar um papel determinante na minha transformação. Ele tinha, obedecendo ao seu compromisso de viver acima de seus interesses pessoais, cessado de dar propinas a certos funcionários de quem dependiam seus contratos. Parecia-me que era impossível um industrial fazer o que quer que fosse pelo interesse dos operários. Mas este homem demonstrava-me o contrário. Tomavam parte igualmente nesta reunião trabalhadores dirigentes do grande pôrto de Santos, cujas lutas heróicas nós conhecíamos e um jovem francês, cheio de entusiasmo, de humor, cuja mãe, Irène Laure, havia sido secretária das mulheres socialistas da França e o pai, um pioneiro do sindicalismo. Havia já alguns meses ele estava de licença, sem vencimentos, em Santos, para viver com os portuários as idéias de que nos falavam. Dos trinta e sete presidentes dos sindicatos de Santos vinte e nove acabavam de assinar um manifesto, endereçado ao governador do Estado, assegurando-lhe seu apoio integral para criar uma atmosfera que poria fim às divisões entre as classes e as nações sem recorrer a meios violentos.

Todos nos propuseram um objetivo pelo qual valia a pena nos unirmos. Depois de dois dias passados nesta atmosfera de fraternidade, as barreiras entre nossos dois grupos começaram a cair. Ao regressar éramos amigos com um objetivo comum.

Era o primeiro passo. Alguns meses mais tarde, Nelson e eu partíamos para uma assembléia mundial do Rearmamento Moral em Caux, com mais quarenta brasileiros; aí iríamos ver esta ideologia em ação em todos os continentes.

No pôrto, discutiam-se firmemente as novas idéias. "Assim como sou, assim é o meu país". Esta verdade sugeria muitas transformações necessárias. Não se iria ela chocar não só com sólidos hábitos mas também com tudo o que anos de amargura, ódio, desonestidade, deboche e também desespero havia depositado em mil consciências? Não seria fácil a pessoas mal inten-

cionadas mobilizar tôdas estas fôrças para barrar o caminho a idéias tão desconfortáveis? Fui um dos primeiros a perceber isto e à minha própria custa. O pôrto todo sabia que eu havia ido a Caux com Nelson. A imprensa havia publicado as palavras que pronunciamos perante numerosas personalidades da Europa e do Mundo inteiro; havíamos nos comprometido a lutar lado a lado para fazer destas idéias uma fôrça no pôrto e no país. Frank Buchman nos havia dito: "O destino do Brasil é exportar não apenas bom café, mas também boas idéias".

Ao voltar de Caux, encontrei no pôrto do Rio uma situação explosiva. O sindicato não oficial, do qual era ainda vicepresidente, fomentava uma greve. Era um movimento com fins políticos que nada tinha que ver com o interêsse da classe operária e criava a divisão no pôrto.

Convencido que esta agitação era injustificada, decidi dar uma volta pelo pôrto com uma locomotiva, sôbre a qual tínhamos colocado uma bandeira brasileira e uma faixa com esta inscrição agressiva: "Boicota! a greve". De armazém em armazém, expúnhamos a nossos companheiros a situação. Chegando ao armazém 7 a locomotiva foi cercada por um grupo de portuários exaltados que me esperavam e houve uma escaramuça. Agarraram-me e imobilizaram-me enquanto um dêles partiu-me a cabeça com uma garrafa. Acordei no hospital com onze pontos no couro cabeludo. Podia considerar-me feliz por ter salvo a vida. Vendo-me cair, um de meus amigo, saltou sacando do revólver e berrou: "O primeiro que tocar em Damásio eu mato."

Infelizmente alguém havia corrido ao meu apartamento e anunciado a Nair, minha companheira, que eu tinha sido assassinado. Nair, que estava grávida, desmaiou e, sob o choque desta violenta emoção, deu a luz nossa sexta filha com dois meses de antecedência: por causa dêste nascimento prematuro a criança nasceu com as pernas deformadas. Os dias seguintes

foram dos mais duros de minha vida. Pensar em minha filha tornava-me louco de raiva. Não havia senão uma coisa a fazer, pensava eu: dar livre curso à onda de amargura e ódio que subia em mim, mandar passear todo Rearmamento Moral e saciar minha vingança. Mas Deus, que não quiz que eu morresse, também não quiz que eu matasse. Ele tinha um plano para mim. Um dia em que procurava no silêncio a resposta ao meu desespero, um pensamento me veio muito claro: Durante a vida os homens têm dois caminhos a escolher — o da revolta ou o da obediência a Deus. Pela obediência eles podem reconstruir o mundo. Pela revolta eles o destruirão na certa. É agora que você deve escolher; amanhã será demasiado tarde." Foi então que decidi que, em lugar de procurar vingar-me de meu agressor, procuraria fazê-lo meu amigo. Foram precisos vários meses até consegui-lo. Desde que me restabeleci, todo o pôrto sabia que eu procurava o meu homem. Mas cada vez que me avistava, ele se esquivava, duvidando seriamente da pureza de minhas intenções. Acabei afinal por encontrá-lo e pudêmos nos reconciliar.

Depois disto fui expulso do sindicato do qual era vice-presidente e ao qual me tinha dado integralmente. A decisão era tão arbitrária que chocou um grande número de militantes, não obstante o seu devotamento ao nosso presidente. Este não tolerava nenhum desvio da linha que havia traçado; nisso era encorajado por aqueles que se serviam do sindicato para satisfazer suas ambições políticas ou promover seus planos a longo prazo para o continente.

A situação era extremamente séria. Meu antigo presidente controlava praticamente o pôrto. Grupos de homens armados mantinham a lei nas docas e certas companhias de navegação, para não ter aborrecimentos, davam-lhes, às escondidas, aquilo que exigiam. A corrupção e o roubo adquiriam tal proporção que as companhias de seguros aplicavam às mercadorias destinadas ao Pôrto do Rio tarifas cada vez mais elevadas e amea-

cavam suspender os contratos. Numerosos importadores preferiam enviar suas mercadorias a Santos, 400 quilômetros mais ao sul, e daí transportá-la ao Rio por caminhão.

Entretanto, no justo momento em que as forças da destruição pareciam vitoriosas, uma força maior ainda ia se manifestar — aquela mesma que, sobre meu leito do hospital, havia feito de mim um homem livre.

Comentava-se o que me acontecera e muitos começavam a abrir os olhos. Se era tão perigoso experimentar a viver de uma maneira honesta nas docas, não era prova que alguém tinha interesse em manter o mesmo estado de coisas? Minha luta e a de Nelson para refazer a unidade que faria do porto uma força no País e não mais uma fonte perpétua de dificuldades, correspondia aos desejos da imensa maioria dos portuários.

Meus companheiros e os de Nelson reuniam-se, cada vez mais freqüentemente, a fim de saber mais sobre esta ideologia e descobrir principalmente como pô-la em prática.

Havia um longo caminho a percorrer. Nós estávamos habituados por exemplo, a jamais sair de casa sem armas: era preciso estar pronto para tudo. Lembro-me que um dia tínhamos organizado um almôço no respeitável Club Suiço do Rio de Janeiro para aí falarmos de nossas experiências a alguns novos amigos. O primeiro a chegar, calculando evidentemente que, uma vez que se tratava do Rearmamento Moral não haveria necessidade de revólver, deixou-o no vestuário. Alguns minutos mais tarde, umas quinze armas estavam alinhadas e o porteiro precipitou-se para um dos organizadores e perguntou-lhe: "Que tipo de rearmamento preconizam vocês exatamente?".

A medida que descobríamos a possibilidade de transformar nossos adversários em lugar de os liquidar, a necessidade de andar armado desaparecia pouco a pouco. Mesmo assim, era preciso uma certa coragem para renunciar a usar arma, o que significava impossibilidade de defesa em caso de ataque. Foi-me



preciso um certo tempo para me decidir. Disse a mim mesmo: "Venda seus dois revólveres, uma faca lhe bastará". Um incidente, que poderia ter terminado trágicamente, levou-me a renunciar igualmente a esta. Um dia alguns camaradas me abordaram fazendo tôda a sorte de observações ferinas a meu respeito. A princípio pude me conter, mas em dado momento um dêles me insultou de tal forma que esqueci tôdas as minhas boas resoluções e sacando da faca, golpeei-lhe o ombro. Nesse dia havia uma reunião do Rearmamento Moral e a ela compareci com a morte na alma. Quando me perguntaram o que se passava respondi que estava "um pouco em falta com o altruísmo"! Mas na verdade, eu tinha vontade de desaparecer, de me enfiar pelo chão a dentro. Felizmente, depois de alguns dias no hospital, minha vítima se restabeleceu, mas fiquei tão infeliz com êste incidente, que decidi nunca mais usar nenhuma arma.

Nós estamos todos de acôrdo em condenar os políticos desonestos que se servem de sua posição para enriquecer. Mas observando mais de perto, devemos admitir que não somos tão diferentes dêles. Era um hábito largamente espalhado no pôrto "aliviar" certas quantidades de mercadorias — principalmente produtos alimentícios. Desculpávamo-nos com as necessidades de nossas famílias, mas alguns chegavam ao ponto de utilizar caminhões para fazer seu "bagulho". Evidentemente, não poderíamos jamais exigir a honestidade do govêrno se não dávamos o exemplo com a nossa própria maneira de viver. Um de meus bons amigos — magnífico militante que se distinguiu durante a guerra da liberação na Itália, onde lutou com o corpo expedicionário brasileiro — notou isto claramente. Seu primeiro pensamento foi o de "normalizar" as quantidades de "bagulho" para trazê-las a um nível "razoável". Logo em seguida, admitiu que um critério de nada vale se não é absoluto e cessou completamente suas práticas duvidosas. O efeito foi imediato: no seu armazém, seus companheiros de trabalho seguiram o exemplo.

Alguns de nós tínhamos deixado de beber; isso nos tornava o espírito mais claro para compreender o que se passava realmente no pôrto e no país.

Nelson, êle também, passava por uma transformação radical. Seu pai, eu sabia, tinha sido um dos pioneiros do movimento sindical no Brasil. Mas a ambição de Nelson o tinha levado ao ponto de viver num apartamento em Copacabana — o bairro chique do Rio — possuir um carro, e dar uma boa educação à filha. Agora, sua preocupação essencial era fazer penetrar em todo o país o espírito que começava a se implantar no pôrto. Antes, uma de suas grandes paixões era as corridas de cavalos. Uma parte apreciável de seu salário era gasta em apostas. No dia em que decidiu cortar definitivamente êste vício nós soubemos que Nelson decididamente não era o mesmo homem.

No seu armazém de bagagens, as tentações não faltam. Um dia um estrangeiro se aproximou e ofereceu-lhe um milhão de cruzeiros se êle fechasse os olhos um instante enquanto passava o contrabando de uma caixa. Nelson justamente perguntava-se como arranjaria os fundos necessários para reembolsar o empréstimo que tinha feito num banco. Êste milhão representava uma verdadeira fortuna para êle. Mas êle pensou imediatamente em todos os homens pelos quais se sentia responsável: seus companheiros do pôrto, os parlamentares brasileiros, os homens de Estado da América Latina, e do mundo inteiro. Que teria êle para lhes dizer se agora fraquejasse? Mandou para o diabo seu perigoso interlocutor!

Nossas famílias nos apóiam nesta luta. Pela primeira vez nossas espôsas não eram apenas toleradas, mas bem-vindas. Em tôdas as nossas atividades, até então, não havia lugar para elas. Esperávamos delas boas refeições, prontas na hora, camisas bem passadas e tôda a atenção para aquilo que julgávamos ter direito. Para falar francamente, eu vivia há mais de vinte anos com minha companheira Nair, que me tinha dado sete filhos, mas meu senso de responsabilidade a seu respeito não

tinha ido a ponto de fazê-la minha espôsa. Um dia, num recolhimento me veio o pensamento: "Ponha em ordem sua situação perante Deus e perante os homens." Para mim, era uma decisão revolucionária. Nós moramos a dois passos do pôrto numa vila operária chamada "Vila Portuária". Centenas de famílias de portuários ali habitam e há multidões de crianças. Eu sabia que minha decisão não passaria despercebida. Minha mulher e eu quizemos utilizar êste acontecimento para dar uma nova orientação a estas famílias, das quais muitas vivem como nós vivíamos até então.

O casamento teve lugar um sábado de manhã. Para a cerimônia civil nossas testemunhas eram um dos grandes industriais de São Paulo e sua espôsa. Eu havia feito a viagem a Caux em 1953 com êles e sua nova atitude me tinha conquistado. Todos os nossos filhos assistiram à cerimônia religiosa, vestidos de branco. O padre era um velho de mais de oitenta anos que nos deu a entender que jamais em sua vida tinha celebrado um casamento semelhante.

Nair e eu confessamo-nos pela primeira vez depois de muitos anos. Na verdade era, no que me tocava, a primeira vez em minha vida que me confessava e eu nem sabia como fazê-lo. O padre não tinha previsto senão um tempo limitado, na manhã do casamento. Mas como, com um passado como o meu, teria o tempo para tudo dizer? De repente, eu tive uma idéia: eu lhe diria os pontos principais e lhe pediria absolvição, prometendo-lhe que voltaria mais tarde para contar o resto!

Alguns meses antes, em Buenos Aires, eu havia tido o privilégio de encontrar um ilustre bispo, Monsenhor de Andrea. Contei-lhe a decisão que havia tomado de casar-me. Eu sabia profundamente que não podia participar de uma luta que tem por base a transformação pessoal se não me transformasse primeiro. O bispo me deu sua bênção antecipadamente. Sua atitude comoveu-me muito e isto foi o que mais me ajudou a prosseguir na obediência de minhas convicções.

Estes acontecimentos me conduziram a encontrar a fé e foi assim que minha mulher e eu retornamos à Igreja.

Tínhamos convidado para almoçar em nossa casa as testemunhas e amigos; nosso apartamento não tem mais que três peças e somos nove a habitá-lo! Mas tudo tinha sido preparado para a circunstância: havia cortinas novas nas janelas, as paredes tinham sido pintadas de novo e os amigos nos tinham emprestado a louça que nos faltava; uma velha amiga da família tinha mesmo se apoderado da cozinha e preparado deliciosos frangos à moda da Bahia como não se pode comer senão no Brasil. O único aborrecimento, foi que não havia lugar para todos à mesa e assim tivemos que comer por turnos. Felizmente, porém, temos uma grande varanda e como moramos no sétimo andar, a vista se estende sobre o espetáculo feérico da baía de Guanabara. Assim ninguém se lamentou.

À noite, uma grande festa reuniu na Vila Portuária centenas de portuários e suas famílias. Tive ocasião de dizer em algumas palavras a significação deste acontecimento. Depois, alguns de meus amigos de hoje, tomaram a palavra: Nelson, o inimigo mortal de ontem; Carlos Pinto, Secretário-Geral da *União dos Portuários do Brasil*, que contou como antigamente, pelo simples fato de pertencer a um sindicato rival do meu, detestava-me sem me conhecer; um jovem industrial cujo espírito revolucionário me desafia constantemente. As senhoras tinham preparado um soberbo bôlo e refrigerantes. Foi uma festa inolvidável.

Alguns dias depois de nosso casamento, a assistente social do pôrto chamou-me à parte e disse-me: "Você me dá um trabalho! Agora que vocês casaram, os outros ficam com inveja."

Assim de um homem a outro, de família em família, um novo espírito ganhava o pôrto. Os efeitos no plano sindical não tardariam a se fazer sentir.

Um após outro os principais lugar-tenentes de meu antigo presidente o deixaram e, a meu exemplo, reintegraram-se na

*União dos Portuários do Brasil*, o sindicato legal. Estavam convencidos que os antigos métodos não tinham conduzido senão a dividir e a corromper os trabalhadores do pôrto. Haviam encontrado o alvo que dava um sentido à sua luta. A *União dos Portuários do Brasil*, de seu lado, retomava vida por êste afluxo de sangue novo e de forças vivas. Seus próprios dirigentes passavam, por uma transformação profunda, ajudados nisso por Nelson e outros, e a honestidade de sua política atraía a confiança de um número crescente de portuários. Em 1953 — o ano em que fui a Caux — a *União dos Portuários do Brasil* estava moribunda. Quatro anos mais tarde, a autoridade desta organização era reconhecida em todo o pôrto e o sindicato rival tinha desaparecido. A união dos trabalhadores tinha se tornado um fato.

Era a vitória — mas ela arrastava atrás de si uma grande responsabilidade. Era preciso reorganizar o sindicato para que êle pudesse se adaptar às novas circunstâncias. No princípio de 1957, e de acôrdo com os novos estatutos, as primeiras eleições sindicais realmente democráticas foram organizadas no pôrto. Até então, elas não tinham passado de uma comédia. No meu antigo sindicato, o voto era dado levantando a mão, e todos aquêles que não seguiam a ordem do chefe passavam um mau quarto de hora. Quanto à antiga *União dos Portuários do Brasil*, sua diretoria se recrutava por entre cinqüenta conselheiros que procediam êles próprios a eleição, de sorte que não havia nenhuma participação dos membros do sindicato.

Desta vez, a eleição da nova diretoria seria plenamente democrática: o Tribunal Regional Eleitoral foi solicitado a supervisioná-la; a votação teria lugar nas docas a fim de que todos pudessem tomar parte e, bem entendido, em escrutínio secreto. A campanha eleitoral foi animada. A diretoria da *União dos Portuários do Brasil* fêz-se representar e pediu aos portuários que ratificasse sua política de "honestidade e trabalho". Anunciou em seu programa a intenção de não fazer

promessas irrealizáveis. "A forma das eleições é tão importante como o próprio resultado, dizia nosso Presidente. Queremos provar ao Governo que é possível ser honesto em política."

A eleição foi um triunfo. Não houve o menor incidente. A noite contaram-se os votos; a diretoria foi reeleita. Um de meus amigos, Henrique, via-se assim de novo à presidência da *União dos Portuários do Brasil*.

A lista de Joel, um socialista que tinha estado em Caux em 1954, vinha em segundo lugar. Ao ser anunciado o resultado, Henrique foi aclamado por toda a assistência; êle exprimiu simplesmente sua emoção, acrescentando que estava decidido a servir todo o pórtio e o conjunto dos trabalhadores. Joel precipitou-se para dar-lhe um grande abraço e declarou: "A vitória de Henrique é minha vitória e a de meus amigos. A maioria decidiu. Estou feliz em trazer meus votos a Henrique. Estamos unidos por um programa comum de honestidade, de pureza, de altruísmo e amor absolutos." A sala inteira o aclamou. No dia seguinte os jornais do Rio anunciavam a novidade, maravilhando-se do espírito democrático revelado por ocasião destas eleições. O grande quotidiano *Correio da Manhã* consagrava três colunas ao acontecimento e dizia: "Pela primeira vez no Brasil, um grupo de empregados nos serviços públicos fêz eleições, respeitando a legalidade." No congresso, um deputado exclamava: "Êstes portuários dão-nos uma lição de democracia!"

Alguns dias mais tarde, a nova diretoria tomou posse oficialmente. Foi um grande dia e não pude deixar de pensar em todo o caminho percorrido de alguns anos para cá. O dia começou com uma missa; às sete horas da manhã, a igreja estava repleta e muitos de nossos companheiros tiveram que se levantar às três horas da madrugada para chegarem a tempo. Na mesma noite houve uma grande festa à qual assistiram vencedores e vencidos. Houve flores, discursos e refrescos... Mas não álcool, conforme a decisão da diretoria. Isto deu à nossa

feita um ambiente alegre e natural, ao mesmo tempo uma linha e uma dignidade que encantaram a assistência. Um representante do Governo nos disse no fim: "Devido às minhas funções, tenho assistido a inúmeras festas sindicais, mas jamais tinha visto tanta dignidade e harmonia."

Assim, uma idéia empolgou alguns homens e influenciou a vida de toda uma coletividade. Por ela reencontramos nossa união e conhecemos-lhe o preço. A corrupção começou a recuar e a diretoria da *União dos Portuários do Brasil* decidiu que não mais protegeria automaticamente os portuários acusados de desonestidade.

Desde 1954 não houve uma só greve no pôrto. É verdade que o trabalho cessou durante cinco minutos em 1955 por ocasião do que nós chamamos a "Greve de Deus". Estávamos às vésperas do Congresso Eucarístico Internacional que foi celebrado naquele ano no Rio de Janeiro. O bispo auxiliar tinha tido a idéia de sugerir a suspensão do trabalho no país inteiro, afim de que cada um pudesse pensar na significação desse Congresso. Quando nos pediu a colaboração, obteve-a imediatamente e designou Nelson como Presidente da comissão executiva encarregada de organizar a manifestação. No dia e hora prefixados, o bispo estava entre nós no pôrto; era a primeira vez que isto acontecia! Durante a interrupção do trabalho, êle disse algumas palavras e leu uma belíssima oração que havia escrito especialmente para aquela ocasião. Eu estava a seu lado e não pude deixar de sorrir ao constatar que o bispo, para se fazer ouvir pelos alto-falantes de uma ponta a outra no pôrto, empregava exatamente o mesmo microfone que, alguns anos antes, eu utilizara para dar instruções de greve a meus homens.

Em 1956, seis de nós, entre os quais o atual Presidente da *União dos Portuários do Brasil*, partiam para a Argentina com o apoio do Ministro da Viação e da Administração do Pôrto; esta tomou a seu cargo uma parte das despesas de viagem. Na *Casa*

*Rosada* em Buenos Aires, o General Aramburu, Presidente do Govêrno provisório da República Argentina, recebeu-nos e ficou vivamente interessado pelo que tínhamos a lhe dizer: " O que nos falta aqui, antes de tudo, é uma convicção disse-nos êle, e a convicção não é possível senão graças à fé. Vocês fazem exatamente o que deve ser feito."

Muito recentemente Nelson, Carlos Pinto e eu partíamos para Washington onde tivemos entrevistas com dirigentes americanos. Senadores e altos funcionários do Departamento do Estado. Jamais poderíamos pensar, outrora, que, um dia, nós, simples portuários pudéssemos nos fazer ouvir por homens cujas decisões interessam tantos países.

Tal é a nossa história. Tudo começou no dia em que me encontrei diante de Nelson, com ódio no coração. Este encontro, que poderia ter sido fatal, cimentou, ao contrário, um entendimento que nos permite agora unir os homens. Hoje Nelson e eu lutamos lado a lado. Temos uma resposta ao ódio, à ambição e ao egoísmo. Sabemos que Deus pode nos inspirar e nos dirigir. Certamente não é fácil viver de acôrdo com padrões morais absolutos. Mas eu sei que é a única maneira de inspirar os outros a fazerem o mesmo e que sômente assim poderei ver meu país transformar-se e o mundo também. Eis aí o que me encheu de entusiasmo nesta revolução.

DAMÁSIO CARDOSO



## *Balanço de um industrial francês.*

Se, um belo dia, em agosto de 1952, fui, em companhia de minha mulher para Caux, foi unicamente para por termo às insistentes solicitações de um amigo que me instava para conhecer o Rearmamento Moral. Na verdade, ignorava quase tudo a respeito deste último e não tinha desejo algum de o conhecer melhor.

Quem era eu?

Presidente de uma organização metalúrgica com um efetivo de mais ou menos 7.000 pessoas, casado e à testa de uma família de oito filhos.

Quais eram os meus problemas?

Do ponto de vista particular, os de um homem que, viúvo com três filhos, havia contraído novas núpcias com uma viúva que, por sua vez, tinha cinco filhos. Dêsse lado estava o difícil problema da fusão de duas famílias e de todos os atritos que daí podiam surgir.

No quadro profissional, quais eram os pontos vulneráveis das minhas preocupações?

Primeiro, o drama comum à maioria dos diretores de empresa, o da incompreensão profunda existente entre eles e os operários. Mas uma preocupação não menos grave começava a me atormentar: ter de enfrentar o primeiro mercado comum de carvão e aço que surgia e que, mais cedo ou mais tarde, levantaria o problema do futuro da indústria no departamento

do Loire, onde se encontrava o principal elemento de minha atividade — um problema de vida ou de morte.

Ao subir para Caux, não podia imaginar sequer que havia relação entre o que eu ia encontrar e as preocupações que me atormentavam. Entretanto, sem o saber, lá é que iria descobrir, senão a resposta para todos os meus pontos de interrogação, pelo menos uma chave que me permitiria resolver a maioria dos problemas humanos.

Supunha ainda menos quais seriam os interlocutores que me dariam essa resposta. Pois não foram minhas entrevistas com diretores de empresas, investidos de funções semelhantes à minha ou encarregados de responsabilidades da mesma natureza, nem os "meetings" realizados em Caux, dentre os quais alguns me impressionaram fortemente, que me deram o verdadeiro impacto que alterou toda minha existência há seis anos. Este choque, eu o senti no decorrer de uma entrevista muito simples, quase pueril, que, apesar dos problemas linguísticos, mantive com dois operários alemães, antigos militantes comunistas no Ruhr e que tinham, desde então, abandonado tudo para se dedicarem ao Rearmamento Moral. Nem eles nem eu, abordamos os altos cumes da filosofia ou os da economia. Não apenas nossas preferências não nos conduziram até lá, como também a presença necessária de um intérprete, apesar do meu relativo conhecimento do alemão.

Como encontrar palavras, como expressar à intelectuais tão céticos e tão complicados como eu, a convicção que possuía essa gente simples, mas que ardia numa chama interior e segundo a qual é possível transformar as relações humanas com a volta de certos princípios morais? Como, principalmente, confessar o meu aparvalhamento quando, em resposta à minha "soit-disant" profunda experiência das relações sociais e a minha certeza de que era utópico pretender modificar as relações

humanas pelo simples resultado de um contato de coração a coração, ouvia apenas: "*Haben Sie versucht? ...*" "Já experimentou? ..."

Não, não havia experimentado. Muitas vezes tentara vencer os outros da minha superioridade de raciocínio intelectual, mas raramente reconhecera os meus próprios erros ou procurara o que é justo.

Pensei que devia tentar. Contudo minha confusão e meu embaraço eram grandes.

Ao voltar de Caux com minha mulher, paramos perto de um pequeno riacho e, sentados no capim, perguntamo-nos, "por onde começar?" ... reconhecendo meus erros, dizendo aos outros que acreditava na possibilidade, de estabelecer um diálogo, fora das normas oficiais e das relações impessoais ...

Alguns dias mais tarde "peguei o touro à unha" convocando em reunião especial a comissão representativa dos trabalhadores da mais importante usina da minha sociedade — mais ou menos 5 000 operários. Nunca esquecerei essa reunião onde expus o que havia aprendido em Caux; minha convicção da possibilidade de se encontrar um novo clima entre os homens com a busca do que é justo, e onde me desculpei pelas faltas que por acaso cometera. Nunca saberei se o que mais me inquietava diante das feições espantadas dos meus interlocutores era o receio do ridículo ou o sentimento da ineficácia de minha iniciativa.

As minhas relações com êsses delegados eram muito tensas, pois que dêles me separavam tôdas as incompreensões inerentes à divisão das classes, cujos pontos de vista são tão firmes quanto inconciliáveis... "Eis o que compreendi em Caux, disse ao terminar. Não peço que acreditem, nem que compartilhem da minha convicção de que é possível encontrar-se para todo o mundo uma solução nova, baseada na transformação pessoal. Peço-lhes apenas que aceitem acompanhar-me até Caux para ouvirem o que dizem por lá."

Soube só muito mais tarde, muito mais tarde mesmo, o que ocorria, naquele momento, no coração de muitos dos que me ouviam. Os que quiseram m'o dizer, confessaram que estavam comovidos. E, no entretanto, eram os mais duros.

A reunião foi suspensa. Esperel, inquieto pela minha audácia, a decisão dos delegados do comitê. Após um quarto de hora de deliberações, me fizeram saber que estavam unanimemente de acôrdo em irem comigo para Caux.

Sem dúvida era belo demais... Na mesma noite da reunião, porém, que foi um dos momentos mais emocionantes da minha vida de homem e de minha carreira profissional, intervenções sindicais exteriores, dirigidas por entidades impessoais, haviam opôsto um veto onde o coração tinha falado: o sindicato mais importante proibia seus delegados de me seguirem. Os outros confirmavam sua aceitação.

É-me difícil, — pois seria trair a verdade e a profundidade dos sentimentos humanos, querer enquadrá-los num esquema ideal, — dizer o que resultou, durante seis anos, desses momentos de verdade entre homens e dessa viagem em comum.

Alguns me pediram muitas vêzes para fazer um balanço dos resultados positivos da adesão sem reservas que fiz, desde agosto de 1952, a esta ação do Rearmamento Moral. Sim, posso dizer com tôda a sinceridade que foi no meu recolhimento da manhã, em que procurava o caminho da justiça despojado de todo o interêsse pessoal, que encontrei a solução de graves problemas industriais.

Foi durante essas meditações impregnadas do espírito de Caux, que germinaram e se desenvolveram algumas decisões das quais citarei apenas as mais marcantes.

Uma das primeiras, foi a distribuição gratuita de ações aos empregados de minha usina. Em seguida, a decisão de fundir as quatro principais sociedades metalúrgicas de nossa região para realizar com um número de 15 000 trabalhadores,

uma das mais importantes operações de concentração e de racionalização industrial; a chave do problema, para mim, consistia em abandonar o primeiro lugar e descer para o segundo. Depois, tomei o compromisso que nenhuma empresa, que eu sabia, havia tomado, — o de evitar a dispensa de operários durante um difícil período de concentração industrial que se estendia por quatro anos. Será preciso citar ainda a conclusão de um acôrdo onde se encontrava a cláusula excepcional pela qual um operariado concorda subordinar os aumentos salariais ao restabelecimento do equilíbrio financeiro da companhia? Ou o compromisso tomado em outra ocasião por êsse mesmo pessoal de não fazer greve durante um determinado período?

Cada um desses fatos não terão talvez, em si mesmos, nada de extraordinário, mas são certamente pouco comuns. É principalmente no acúmulo e na sucessão regular dos fatos desde a minha volta de Caux, que repouso a certeza da sua causa comum.

Devo sua origem a um desafio que me foi lançado um dia por dois mineiros do Ruhr e também à impressão extraordinária que me ficou desses poucos minutos de vida intensa, onde senti, no decorrer de uma reunião da comissão de representantes, rasgar-se um veu entre os homens.

Não sei se foi no Rearmamento Moral que tudo isso se passou, mas estou certo de que, sem êle, nada teria acontecido. Nada, sem essa transformação profunda que se operou nesses dias de agosto de 1952 no meu coração e no de minha mulher. Porque foi nesse dia que um bom casal se transformou numa sólida equipe.

E essa equipe deu nascimento a uma outra, que é êsse grupo de homens e mulheres que fielmente se reúne conosco todos os meses, há cinco anos, quando vamos de Paris a essa cidade do centro onde se encontram as usinas da nossa companhia. Lá, encontramos operários, contramestres e engenheiros

da usina que, com suas espôsas, estão unidos pela mesma fé no Rearmamento Moral. Constataram também na sua vida de família e nas relações da oficina, quanto a procura da honestidade e o amor ao próximo pode transformar a visão do mundo e as relações entre os homens. Não sòmente nos acompanham a Caux, todos os anos, mas foram várias vêzes, em grupos, a outras cidades, para que suas equipes, unidas pela confiança mútua de seus membros, digam a outros aquilo em que acreditam.

*Um Diretor de emprêsa Metalúrgica*

## *Para ela, nada impossível.*

Cada um de nós conhece essas mulheres muito ocupadas, cheias de altivez e muito autoritárias que encontramos por toda parte, até na Holanda. Pois bem, eu era exatamente assim. Era evidente que Deus me fizera para comandar, organizar e dirigir. Organizava e comandava dúzias de comissões; era presidente de não sei quantas organizações; exercia também os meus talentos em casa e surpreendia-me que meu marido e meus filhos não estivessem maravilhados com êles. Surpreendia-me ainda mais o fato de que, apesar de minha energia e de meu trabalho, nada se modificasse no mundo.

Um dia, encontrei um grupo de pessoas que tinha, percebi logo, o que eu própria procurava; as coisas mudavam — mas de fato — em torno delas.

Dirigindo-me a uma das senhoras presentes, disse:

— Vejo em vocês alguma coisa que não tenho e que procuro. Que devo fazer? Por onde devo começar?

— É muito simples. Tentamos viver de acôrdo com quatro imperativos morais absolutos: honestidade absoluta, pureza absoluta, altruísmo absoluto, amor absoluto.

Redargüi então:

— Isto não é difícil. É o que eu sempre fiz.

— Há ainda mais uma coisa: procuramos escutar Deus tôdas as manhãs e escrevemos o que Ele nos inspira.

— Ah! isto será difícil. Porque, a senhora sabe, sou muito ocupada. Logo após o café da manhã o telefone começa a

tocar, são pessoas que me procuram; logo depois vou à reunião das comissões. Receio que isso seja impossível.

— Sim, mas não é depois do café da manhã que devemos escutá-lo, é antes.

— A senhora não me conhece. É absolutamente impossível. Durante o dia todo estou cheia de energia mas tenho necessidade de dormir muito. Sou feita assim. Fico doente se me levantar cedo demais.

— Pensei que a senhora quizesse essa tal coisa...

— Sim, insisti.

— A senhora não pode encontrar o tempo necessário. É melhor nem pensar mais no assunto.

Essa senhora tinha razão. Eu queria o que elas possuíam mas não era capaz de sacrificar uma hora de meu tempo para encontrá-lo! De repente tomei uma decisão. Saí e comprei um despertador. Na manhã seguinte êle tocou com um retinir tremendo, justo uma hora antes de nosso despertar habitual. Meu marido saltou da cama gritando:

— O que há? o que te aconteceu?

— Vou fazer uma hora de silêncio.

— Ah, é o seu último capricho, disse, rindo de bom grado.

E, bem entendido, êle não queria ouvir uma palavra sequer sôbre Rearmamento Moral. Mas fiquei tão apaixonadamente interessada ao constatar que tinha agora pensamentos que nunca havia tido, que durante todo o mês despertei uma hora mais cedo.

Decorrido um mês, meu marido, súbitamente, disse:

— Seu Rearmamento Moral não se reúne mais?

— Reúne, sim.

— Posso ser convidado?

— Pensei que você não quisesse ouvir falar dêle.



— É verdade, mas se isto a fez saltar da cama uma hora mais cedo, deve ser uma coisa formidável. Tenho vontade de ver isso mais de perto.

E êle também adotou a idéia.

\*

Certa manhã, no princípio de 1940, durante o meu recolhimento tive o pensamento muito nítido de que devia ir aos Estados Unidos para falar ás mulheres americanas sôbre o que se passava na Europa.

Meu país estava mobilizado. A França estava em guerra. Sentia que a Europa se preparava para uma guerra mundial; mas a América estava bem longe de tudo isso.

Pouco tempo depois, li um artigo sôbre os preparativos de uma importante conferência que ia reunir em Washington um grande número de mulheres. O tema era: a guerra, suas causas, seus remédios. As mais importantes personalidades femininas da América estariam presentes. Estava prevista uma participação estrangeira. Lancei-me à oportunidade.

O único vapor possível partia de Gênova na sexta-feira seguinte; a conferência começava na outra terça-feira.

Apressei-me a procurar o consul-geral americano para obter um visto. Êle me disse:

— Infelizmente, é de todo impossível. Outrossim, sabe a senhora o quanto essa viagem é perigosa? Navegaria sôbre um campo de minas.

— Creio que Deus quer que eu vá para os Estados Unidos e quero assistir a essa conferência de mulheres.

— Está bem, dar-lhe-ei o visto. A senhora é uma pessoa corajosa, disse depois de muita hesitação.

Repeti o meu pedido aos francêses. O diplomata francês me disse:

— Infelizmente, é de todo impossível, de todo impossível! Preciso três semanas para lhe conseguir o visto.

Disse-lhe que precisava dele para aquele mesmo dia.

— É impossível, repetiu êle.

— Pois bem, o que não é possível aos homens é possível a Deus. De maneira que se Deus quer que eu vá para a América — e tenho certeza que Êle o quer — obterei o visto. O senhor o obterá se o pedir.

Acabou por pedi-lo e obteve-o.

Na sexta-feira seguinte fui para Gênova e embarquei para a América.

Frank Buchman, que estava a par de minha empreitada, providenciou minha apresentação à senhora Roosevelt, e ela, por sua vez, me introduziu na conferência. Roguei à presidente que me desse a palavra.

— É impossível, a ordem do dia foi estabelecida há muito tempo e o programa está completo, me respondeu ela.

Todavia, me concedeu cinco minutos e falei durante uma hora. Falei à tôdas aquelas mulheres das condições em que vivíamos na Europa e das realidades que a guerra obriga um povo a enfrentar. Muitas delas vieram convidar-me para repetir em outras cidades da América, aquilo que acabava de dizer.

Em São Francisco, onde, novamente, encontrei Frank Buchman, soube que a Alemanha invadira a Dinamarca. Era bem provável que breve fosse a vêz da Holanda. Apesar de minha viagem não estar terminada — tivera a direção bem clara de falar também às mulheres do Canadá — queria voltar para a Europa e me reunir ao meu marido e meus filhos. Falei com Frank.

— Consideremos isto no silêncio, respondeu êle.

E ajudou-me a seguir minhas convicções até o fim, com o risco de nunca mais voltar à Holanda.

Em Nova York encontrei Frank novamente.

— Pois é, Frank, disse eu, acho que agora posso voltar para casa a fim de festejar meu quadragésimo aniversário de casamento a 17 de maio. Realmente acho que devo regressar.

— Consideremos isto no silêncio, disse Frank.

Súbitamente, tive um pensamento:

— Deveria parar em Roma, assim posso obter uma audiência particular com o Santo-Padre; gostaria de lhe perguntar o que posso fazer junto às mulheres italianas.

— Consideremos isto no silêncio, repetiu Frank.

Recolhemo-nos e eis o que Frank me disse:

— Não, está vez não. Volte diretamente para casa.

Fiz a viagem num vapor italiano. Chegámos em Nápoles e pensei: "Estou a meio-dia de Roma. Porque não ir até lá?" Mas, decididamente não, voltaria diretamente para casa.

Cheguei no dia 9 às seis horas. No mesmo dia, durante a noite e de madrugada, os alemães atravessaram as fronteiras. Estávamos em guerra. Se não fosse a clareza total da direção recebida por Frank, não teria chegado a tempo, e não teria feito tudo o que pude fazer durante a guerra.

Assim que cheguei, tive que deixar os oficiais alemães revistarem a casa. Instalaram-se nos cômodos que mais lhes convinham. A seguir os nazistas organizaram um enorme campo de concentração, perto de nós. Nêle foram enclausurados milhares de holandeses, homens, mulheres e crianças na qualidade de prisioneiros políticos. Todos os que tinham a infelicidade de desagradarem aos alemães eram levados para êsse campo de concentração, comandado por um homem extremamente cruel. Torturava os prisioneiros e fuzilava-os sumariamente se estivesse de mau humor. Sua última invenção fôra fazê-los morrer de fome. Tôda a gente o sabia. Algumas vêzes víamos os prisioneiros trabalharem nas estradas; eram esqueletos vivos e, todos os dias, morriam alguns. Morriam de fome. Dia e noite eu pensava nêles.

Uma manhã, pensei: "o que posso fazer é pedir a Deus que me dirija." Rezei e tive dois pensamentos: um foi o de nada temer, entrar no campo e pedir ao comandante que me recebesse; o segundo foi de que ninguém é totalmente máu, que êsse homem devia ter no coração algum ponto que se conservava sensível; eu o poderia descobrir.

Meu marido, apavorado, recusou o seu consentimento. Mas eu estava certa de que Deus me havia inspirado êsses pensamentos e segui para o campo.

O comandante ficou tão surpreendido com a presença de uma holandêsa que, por iniciativa própria, ousava penetrar no campo, que me fez entrar em seu escritório. Sentei-me. Conversamos durante duas horas. Acabei por descobrir que o ponto sensível de seu coração era o amor pelo filho, que combatia na frente russa. Disse-lhe pois:

— Seu filho pode ser morto, mas também pode estar prisioneiro num campo de concentração, na Rússia. Que diria se alguém o ajudasse?

— Naturalmente, ficaria muito feliz.

— Pois bem, tenho a convicção profunda de que se me der a autorização de trazer mantimentos para meus compatriotas, alguém auxiliará seu filho na Rússia.

— Oh! isso é absolutamente inútil, a alimentação aqui é excelente. Êste campo é bem mais um campo de convalescência do que um campo de concentração.

Eu sabia quantos morriam por dia.

— Já que m'o diz, sou obrigada a crer em sua palavra. Entretanto, ainda penso que um pequeno complemento não seria desprezível.

— Está bem, consinto, concluiu êle.

Voltei para casa triunfante e disse ao meu marido:

— Está vendo, não sofri mal algum e obtive a autorização de distribuir provisões aos nossos infelizes prisioneiros.

— Está bem, mas como você fará isso? Estamos com racionamento e não temos grande coisa a dar-lhes.

Pensei que se Deus me havia pedido para penetrar no campo, me indicaria, sem dúvida, o meio de encontrar os mantimentos necessários. Podíamos começar por comer menos e economizar a menor migalha; foi o que fizemos. Nossos vizinhos contribuíram e em pouco mais de dez dias, toda a gente, na Holanda, conhecia nossa história; era o único campo onde essa autorização havia sido concedida. De toda a parte surgiam pessoas com as pequenas economias que faziam nos seus magros quinhões. Minha casa ficou transformada em mercado. Tudo era apetitoso. Chegamos a fazer 1.200 grandes volumes por dia que eram levados ao campo.

Mas um dia veio-me o pensamento de que devíamos fazer unicamente sanduiches afim de evitar que os grandes pedaços de queijo, pão, manteiga e carne seguissem para a Alemanha. Como os sanduiches ficavam logo rançosos e secos, era preciso que os distribuíssem aos prisioneiros.

Durante alguns meses tudo decorreu muito bem; depois, o comandante foi transferido. O que o substituiu apressou-se a devolver os volumes. Não queria nem ouvir falar nisso. Fui vê-lo e acabei por convencê-lo. Posteriormente, um terceiro se instalou e êsse recusou-se a me receber, temeroso que eu o convencesse. Isto levou dias. As provisões se acumulavam e as criaturas morriam sem que eu nada pudesse fazer porque êle se recusava a me receber. Então fiz recolhimento.

Durante o recolhimento pensei na viúva que queria contar a sua história ao juiz e que o juiz recusa a escutar. Mas ela volta todos os dias e o juiz exasperado com a sua perseverança, acabou por ceder. "Eis o que é preciso fazer", pensei eu. Bombardiei o novo comandante com cartas e telefonemas; várias vezes mandei perguntar porque não queria receber-me, até que um dia, furioso, respondeu: "Está bem, irei vê-la na casa dela!" Pensou, talvez, que eu não aceitasse porque muitos ho-

landêses ficariam espantados de eu receber um homem dessa espécie.

A princípio, não soube o que fazer; recolhi-me e pensei: "A opinião dos outros é, pois, mais importante para você do que a vida destes prisioneiros?" Teria que admiti-lo se não me curvasse. E eu disse:

— Que venha!

Meu marido saiu declarando:

— Eu não quero recebe-lo.

No dia fixado, sentei-me e esperei. Ele chegou. Seis oficiais o acompanhavam para ampará-lo no debate, todos armados com sabres e com ares pouco amáveis. "Vão me levar", pensei. Tinha a impressão de que ia desmaiar. Mas, uma voz interior me dizia: "Não tenha medo. Só ele importa; os outros não contam." Amavelmente, pedi-lhes que se sentassem e ofereci-lhes uma xícara de café ou chá. Mas o comandante recusou. Comecei o ataque perguntando porque recusava a receber meus pacotes. Limitou-se a dizer:

— Não, não, não quero ouvir falar nisso.

Procurei entretê-lo, muito delicadamente, com uma coisa ou outra e novamente desfechei a carga.

— E se falássemos daquêles volumes?

Isto durou três demoradas horas. Só obtive não, não e não. Já não sabia o que fazer. Interiormente, orava com fervor; era preciso vencer. Veio uma inspiração e a queima-roupa lhe disse:

— Conversamos durante três horas e só dissemos, não, não e não; mas eu sei que o senhor tem um bom coração e que bem no fundo o seu desejo é dar-me a autorização que lhe peço.

Vi os oficiais fazendo trejeitos para não rir. Um bom coração! Ele ficou nervoso, agitou-se em sua poltrona, olhou em derredor, fitou-me e pondo-se a rir disse:

— Está bem, está bem, a senhora ganhou.

Até o fim manteve a sua promessa, isto é, até o momento em que os aliados entraram na Holanda e a libertação se aproximou. Os prisioneiros no campo de concentração tremiam. Um dia, recebi de um deles um recado rabiscado. "Vivemos aterrorizados. Ouvimos dizer que quinhentos de nós, vão ser executados. Quanto aos refens, inclusive mulheres e crianças, deverão ser levados para a Alemanha. A senhora sabe o que isto quer dizer. A senhora é a única pessoa que pode nos salvar. Suplicamos-lhe que pleiteie a nossa causa. Mas saiba que o campo está cercado de metralhadoras. Os soldados têm ordem para atirar sobre todos aqueles que se aproximarem sem ordem oficial".

O momento foi difícil. Tinha consciência do perigo. Meu marido e eu nos recolhemos e mais uma vez tive a certeza absoluta de que nada tinha a temer; era a minha vida ou a dos prisioneiros; Deus me protegeria. Finalmente meu marido deixou que eu fosse. Atravessei a floresta e deparei com um grupo de soldados que, apontando as armas para mim, me intimou a parar. Gritei-lhes que queria falar-lhes e continuei caminhando para eles. Ficaram tão surpreendidos que me deixaram aproximar. Disse-lhes o que queria fazer. Pude me adiantar sempre mais e de grupo em grupo cheguei até à última sentinela que, por sua vez, consentiu em telefonar ao comandante. Ouvi êste último berrar: "Diga-lhe que não me amole. Não tenho tempo. Não quero ve-la." Apanhei o receptor. Disse-lhe que ouvira rumores que êle ia executar quinhentos prisioneiros, o que era um ato bárbaro, e implorei que me concedesse sua graça. Assegurou-me que não executaria ninguém.

— E os refêns, perguntei? Eles nada fizeram. Não são prisioneiros de guerra, nem prêsos políticos; seria um ato de selvageria enviá-los para um campo de concentração na Alemanha.

— E então, o que mais quer que eu faça?

Dê-lhes liberdade. Virei buscá-los e os levarei para suas casas.

Depois de pensar um pouco, êle disse:

— Entendido, poderá vir buscá-los amanhã e levá-los.

No dia seguinte, reuni todos os nossos amigos proprietários de algum meio de locomoção; fomos ao campo sob a proteção de uma pequena bandeira da Cruz-Vermelha. As mulheres e as crianças puderam sair. Temerosos de uma contra-ordem, os empurramos para fora; demo-lhes um pouco de alimento e algumas roupas e puderam voltar para suas casas. Em seguida, foi a vez dos homens. Todos os reféns foram assim libertados. Quanto aos outros prisioneiros, que perfaziam um número de 5.000 foram enviados para a Alemanha, para os campos de concentração. Infelizmente, bem poucos voltaram.

Depois da guerra, outro fato surpreendente aconteceu. Recebi uma carta do comandante (o terceiro) na qual me dizia que estava numa prisão francesa e que gostaria de saber o que era feito de nós; pois não ignorava que nossa casa estivera sob o fogo dos canhões, que a batalha se travara na cidade e que todos havíamos vivido nos abrigos durante trinta-e-cinco dias e noites. Estaríamos ainda vivos? Terminava dizendo: "Gostaria de ter notícias, pois lembro-me com respeito de tudo o que fêz". A frase final era: "Com gratidão."

Intimamente indagava porque êsse homem sentia alguma gratidão por nós. Pensel compreender que, prêso, por sua vêz, em algum campo de concentração, sabia, então, o que isso representava de sofrimento; sentia-se feliz por ter permitido que se fizesse o bem.

Alguns meses mais tarde, recebi uma carta de um advogado francês, que me perguntava se eu podia prestar um testemunho favorável para seu cliente, antigo comandante de um campo de concentração, acusado de crimes de guerra. Respondi ime-



diatamente que, de acôrdo com a minha opinião, a pena devia ser leve, pois, além de nos autorizar a alimentar os nossos compatriotas, êsse homem havia tido a coragem de tomar a decisão de libertar os refêns, contrariando ordens recebidas.

Muito tempo depois, vi, num jornal, a fotografia de três criminosos de guerra. Êle era um dos três. Os outros dois foram condenados à morte; êle, a alguns anos de prisão. Sua vida também havia sido salva.

Foi assim que aprendi que é preciso seguir sempre as inspirações nascidas de nosso recolhimento, mesmo quando parecem pertencer ao domínio do impossível.

Se lhe obedecerem Deus os auxiliará.

LOTTIE VAN BEUNINGEN

*Paises-Baixos.*

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..

## *Um jovem Hindu perante a independência.*

Estende-se ao pé do Himalaia um dos estados principescos da Índia: no nordeste, cobertas pelas neves eternas, encontram-se as alturas que dominam as fronteiras do Tibete e da China; a leste, a cadeia do Himalaia, a Birmânia e a Tailândia, países de grande e antiquíssima cultura budista; mais ao longe ainda, no sudeste, está a Indochina. Ao norte a U.R.S.S.; e depois começa a longa faixa islâmica que se estende do Paquistão à Nigéria e à Gâna.

Meu pai era o preceptor do marajá desse Estado e quando nasci, o soberano sugeriu-lhe que me desse seu nome. Vivíamos uma vida simples numa cidade tranqüila, onde, dada a nossa intimidade com a família real, éramos tratados por todos com o maior respeito.

Tenho quatro irmãos e quatro irmãs. Todos vivíamos sob o mesmo teto. Meu pai e minha mãe são, ambos, hindus ortodoxos. Durante toda a vida observaram uma estrita disciplina; começavam o dia, conforme manda o costume hindú, com uma hora de oração que terminava no momento em que nós, as crianças, saíamos da cama.

Minha mãe passava seu tempo em casa cuidando de seus nove filhos. Éramos uma família bastante respeitável; todavia, nem tudo era tão perfeito como parecia, se observássemos as coisas bem de perto. Lembro-me muito bem das discussões veementes que surgiam entre meu pai e minha mãe a respeito

das crianças e do vozerio que as acompanhavam; do tom brusco com que falávamos aos empregados que nos serviam com fidelidade e afeição. Meu pai nunca me bateu, contudo sempre tive medo dêele. Havia qualquer coisa na sua maneira de se dirigir a mim e de me olhar, que me atingia mais profundamente do que uma pancada. De forma que, apesar do cuidado que dava à minha educação e às minhas roupas, nunca recebi de sua parte outras manifestações de afeto. Por outro lado, eu era muito agarrado à minha mãe, que se incumbia da difícil tarefa de comunicar a meu pai nossos pedidos.

Cresci e tornei-me ciente de tudo o que se passava ao meu derredor. Vejo ainda as ruas de minha cidade natal e suas imediações, onde, à noite, homens e mulheres dormiam nas sargetas, junto às vacas que dormitavam perto dêeles; lembro-me também dessa pobre gente que procurava no lixo algum resto de alimento antes de se estender nas pedras para dormir. Esse espetáculo me chocava. Lembro-me que, certo dia, corri para minha mãe e perguntei-lhe: "Por que essa gente vive assim? Por que não têm êles, como nós, almofadas macias e tôdas as outras coisas boas?" Minha mãe me afastou dizendo: "Você é pequeno demais para compreender. Vá brincar."

Deixei a sala; mas a pergunta permaneceu. Ela me atormentou até quando entrei para a Universidade.

Na Universidade, durante os momentos de liberdade, nos reuníamos no café para discutir as causas da pobreza, da injustiça, da desigualdade social. De todos os lados recebíamos o mesmo eco: a culpa é dos inglêses! Êles nos exploravam, haviam-se apoderado de nossos bens para elevar o seu próprio padrão de vida. "Nunca se viu um inglêes deitado numa sargeta, quer aqui, quer na Inglaterra," disse-me um estudante. Essa observação detonou alguma coisa dentro de mim e disse a mim mesmo que se amasse realmente meu país e meu povo, o meu dever seria lutar contra a injustiça social. Naquele dia

resolvi, por qualquer preço, me arrojara na luta pela independência de meu país ao lado dos revolucionários que já haviam começado.

Desde aquele instante tive um objetivo e à ele consagrei todo o meu tempo, desde as seis horas da manhã até às onze da noite. Moços e moças da Universidade discutíamos interminavelmente. Elaborávamos os planos da revolução. Redigíamos furiosamente panfletos contra os ingleses e os distribuíamos pelas ruas enquanto um dos nossos vigiava para avisar a aproximação de um inspetor ou de um agente de polícia. Lembro-me de uma noite em que colocado num canto escuro de uma rua, enfiava nossos manifestos no bolso de cada transeunte. Outros camaradas nossos, enchiam envelopes com uma mistura de produtos químicos inflamáveis, que fechavam e atiravam nas caixas de correio, de preferência, nas imediações de imóveis do governo; algumas horas depois as caixas-de-correio incendiavam-se.

Não pensávamos senão na independência de nosso país, independência essa que marcaria o advento da justiça social e melhores condições de vida para todos os nossos compatriotas. Vivíamos apaixonadamente por essa idéia e por ela corríamos todos os riscos.

Um dia, 7.000 estudantes se manifestavam nas ruas de Nova-Delhi e marchavam bradando "slogans" revolucionários. Súbitamente, a vanguarda chocou-se com a motocicleta de um oficial inglês. Atrás dele, quatro caminhões cheios de policiais. O oficial nos intimou a interromper a manifestação. Redargüi: "Estamos aqui simplesmente para dizer que queremos a liberdade." — "Suas histórias não me interessam; dou-lhes dez minutos para se dispersarem, caso contrário, não respondo pelas conseqüências", disse ele.

Os organizadores da manifestação se consultaram. Decidimos arriscar tudo por tudo, já que era pelo nosso país.

Comunicamos pois ao oficial que estávamos dispostos a continuar a manifestação e que aceitávamos as conseqüências de nossa decisão.

A polícia abriu fogo. Houve mortos e entre êles, alguns de meus melhores amigos. Naquele dia aprendi a odiar. Havia-me atirado à luta por amor ao meu país e ao meu povo. Êsse amor transformou-se num ódio selvagem e numa necessidade de vingança.

Dia após dia, mês após mês, a luta continuou. Meu ódio crescia sempre. Finalmente o dia da independência surgiu. Tínhamos a vitória. Milhares de hindus bradavam de alegria; pela primeira vez tínhamos o direito de agitar a bandeira nacional.

Em meu quarto, acompanhado de meu pai e minha mãe, ouvia pelo rádio a cerimônia de transferência de poderes. A meia-noite tudo estava acabado. Os sinos tocaram em todos os templos e eu agradecia a Deus do fundo de minha alma. Chorava de alegria e depois pensava: "Agora, podemos construir juntos uma Índia onde ninguém passará fome, onde reinará a justiça. Os que para isso morreram, verão de sua eternidade o objetivo alcançado". Pensei também em Mahatma Gândhi e em nossa sorte de o ter como chefe.

Apenas seis meses depois, êle nos foi roubado. Começava então a perder minhas ilusões: os patriotas lançavam-se aos postos e às vantagens do poder aos quais se julgavam com direito. Já não se pensava no "homem da rua".

Não poupava minhas críticas em relação a nossos chefes. Êsses, por sua vez, condenavam nosso comportamento. Re-caíramos num círculo vicioso.

Senti-me então num beco sem saída até o dia em que disse a mim mesmo não ser possível, sem poderes políticos, ser útil ao próprio país. Decidi imediatamente fazer tudo para me tornar ministro e atuar no govêrno. Ao chegar lá, poderia fazer para o homem do povo o que ninguém fazia. Puz-me a per-

seguir esse objetivo sem consideração por ninguém; fiz conchavos, intriguei e acabei por agir exatamente como aqueles que eu havia criticado.

Em 1950, com alguns amigos e também com a cooperação de diversas personalidades, fundei a "Organização dos Estudantes da Índia para as Nações Unidas". Dava-me conta do vazio em que se agitavam jovens como eu, que, conseguida a independência, não tinham mais objetivo na vida e sofriam de um sentimento de impotência. Uma tal organização permitiria a mobilização de nossas energias e de consagrá-las à paz e à unificação do mundo. Pensei também que as divisões políticas exigiam que nos colocássemos num plano extra-político, tanto em meu país como no resto do mundo e que as trocas culturais nos ajudassem a atingir nossos fins.

Nessa mesma época, na Índia, todos os recursos tinham sido utilizados para conquistar os espíritos e os corações da juventude à ideologia comunista. Eu ignorava completamente a amplitude destes esforços.

Tomamos contato com as diversas embaixadas ocidentais em Nova-Delhi, para que conhecessem a cultura indiana e, por sua vez, as embaixadas nos falassem da civilização que representavam. Era uma ocupação útil. Deixamos de lado as embaixadas russa e chinesa porque eu sabia que tinham outra coisa a oferecer sem ser cultura.

Enquanto lutávamos contra os ingleses pela independência de nosso país, os comunistas nos haviam ajudado; já pensavam nas idéias que conduziriam a Índia depois de adquirida a independência. Durante muito tempo, pois, trabalhei em estreita colaboração com os comunistas indianos visando o mesmo fim: a independência.

Durante a guerra, fato curioso aconteceu. Houve um período durante o qual os aliados se uniram contra a Rússia, então aliada dos nazistas. Depois, o vento mudou de direção; a Grã-Bretanha e a Rússia se haviam unido para combater o

nazismo. Todos os comunistas que se encontravam presos foram soltos pelo governo britânico da Índia, e os homens que, como Gândi e outros, não colaboravam com os britânicos, substituíram os comunistas nas prisões, enquanto que esses últimos nos estimulavam a cooperar com os ingleses no esforço de guerra, isto é, a fazer justamente o contrário do que nos haviam aconselhado até então.

Eu era, acima de tudo, um nacionalista. Havia me recusado a segui-los e dêles me separei. A independência de meu país era para mim mais importante do que a guerra. Tornei-me anti-comunista porque compreendi que seu primordial interesse não era a independência da Índia, mas o triunfo das teorias de Marx e de Lenine, no mundo.

Certo dia, recebi uma carta assinada por uma mulher que era adido cultural da embaixada da U.R.S.S.. Essa carta dizia: "Notamos o papel desempenhado pela juventude indiana na ação das Nações Unidas e no estabelecimento da paz mundial. A juventude da União Soviética tem muito que aprender com a juventude indiana e ficaríamos muito gratos se consentisse em vir até a embaixada para nos entreter com sua eminente cultura."

Essa carta produziu o seu efeito sobre mim: as embaixadas ocidentais esforçaram-se em vão para convencer-nos de sua superioridade — não, não tínhamos aparelhos de televisão, nem máquinas de lavar, nem aviões a jato, etc. etc., — mas isso não nos aproximava mais do Ocidente. Essa carta do adido cultural russo dava-me, pela primeira vez, a esperança de que mesmo nós, os indianos, tínhamos alguma coisa a dar ao mundo. Num repente, todo o meu orgulho nacional renasceu e pensei: "Eis enfim a ocasião de provar aos comunistas que nossa cultura é superior à dêles."

Reuni os vinte e cinco craques da Universidade que, como eu, não tinham a menor intenção de se tornar comunistas. Mas começámos por devorar Marx e Lenine afim de estarmos



à altura para discutirmos e ficarmos por cima nestes torneios intelectuais. Estávamos bem preparados quando chegou o grande dia.

Fomos acolhidos conforme o hábito indiano, mãos postas e no mais puro idioma hindu. Introduziram-nos numa sala magnífica onde seis mesas haviam sido preparadas para nós, com o máximo cuidado. Em cada uma dessas mesas sentaram-se três dos nossos ao lado de três moças da embaixada. Ofereceram-nos vodka, cigarros pretos com ponta dourada; para jovens estudantes era um pouco enebriante ser assim recebidos, beber vodka e gozar de tôdas essas coisas pela primeira vez em sua vida. Ficamos lá mais que três horas e meia e durante essas três horas e meia a palavra comunismo não foi pronunciada uma única vez.

Ao sair, pensei que essa gente era realmente civilizada. Quem sabe se a Rússia e o comunismo não eram assim tão horríveis como o pretendiam os ocidentais? Meu ódio pelo comunismo se apagava.

No dia seguinte, no restaurante da Universidade, onde tínhamos o hábito de nos reunir para discutir sobre tudo, enquanto tomávamos chá ou café entre a fumaça dos cigarros, só se falou da recepção. Foi objeto de tôdas as conversações na Universidade; havia sido organizada por mim e sentia-me bastante orgulhoso.

Fui ainda mais longe. Telefonei à senhora da embaixada da U.R.S.S. para agradecer; depois combinamos novas reuniões mensais na embaixada da U.R.S.S., com outros estudantes, para proceder a trocas culturais; fiz o mesmo arranjo com a embaixada da China.

Alguns dos que fiz convidar por essas duas embaixadas, são, atualmente, os melhores agentes do comunismo na Índia e ocupam importantes empregos nos círculos governamentais, quer na imprensa, quer em sindicatos indianos.

Poucos meses depois, na Europa, na Universidade de Paris, encontrei três desses moços. Sem hesitar, abordei o assunto de suas atividades políticas. "Que fazem aqui nesta cidade de burguêses? Por que não vão para Moscou?" Responderam-me: "Você é que deveria ir para Moscou, já que ainda não é comunista. Estamos aqui por um motivo bem definido: procurar, convencer e formar os chefes nacionalistas norte-africanos para que voltem aos seus países tomados por nossas idéias."

Isto me transtornou. Compreendi súbitamente que, na época em que fazia discursos anti-comunistas, haviam-se servido de mim, dos meus pontos fracos, da minha tendência pelo álcool, pelos cigarros de luxo, de minha vaidade e de minhas ambições, para descobrirem e formarem os comunistas capazes de conquistar, não apenas o meu país, mas um continente inteiro, que nem era o nosso.

Debatia-me no próprio selo de minha organização estudantil, com os olhos voltados para as eleições legislativas e a cadeira no parlamento, que me permitiria subir mais alto; mas, quanto mais me tornava popular e me aproximava do alvo, menos conseguia interessar-me pelo homem da rua. No fundo eu não estava satisfeito: chocava-me com a inveja, a concorrência e o gosto do poder que nos jogavam uns contra os outros; desperdiçávamos nosso tempo e nossas energias para nos eliminarmos uns e outros das alamedas do poder. Fazia discursos sobre a paz mundial e as Nações Unidas mas os quatorze membros de nosso comitê executivo ainda não haviam conseguido entrar num acôrdo e em cada reunião se acentuava a divisão e a confusão.

Foi nessa época que, apesar de nossos desacordos, convocamos a Conferência dos estudantes da Ásia para promover a solidariedade e a unidade de ação. Dirigia-me à sala de conferência onde o senhor Nehru ia presidir a seção inaugural, quando um amigo se acercou de mim e perguntou pela possi-

bilidade de conseguir três convites para amigos ocidentais. Aquiesci ao pedido e puderam assistir à conferência.

No fim da seção de abertura, todos acompanharam o Primeiro Ministro e as personalidades convidadas até seus carros. Voltei então para o vestibulo afim de ver se tudo estava em ordem. Com grande surpresa vi meu amigo e seus três convidados que evidentemente me esperavam, pois vieram imediatamente ao meu encontro. Muito simplesmente disseram: "Ficamos aqui para lhe dizer o quanto somos gratos por haver-nos possibilitado os convites."

Fiquei surpreendido. Isto era completamente imprevisto da parte dos brancos. Para mim, o ocidental era representado por aqueles que encontrava nas ruas, cachimbo na boca, um frasco de whisky no bolso trazeiro e uma bela jovem ao seu lado, ostentando um ar de superioridade e que pareciam nos dizer "vocês, os indígenas", pensando em nosso país unicamente para lhe tirar o máximo.

Essa visão das coisas me dava, evidentemente, pouca simpatia pela democracia ocidental e pelo modo de vida dos ocidentais.

Depois disso tiraram dois cartões de seus bolsos e me convidaram para assistir uma peça intitulada *Jotham Valley*, que estava no cartaz em Nova Delhi. Disse-lhes que minhas ocupações e a conferência em particular me impediriam, provavelmente, de ir vê-la. "Compreendemos, disseram. Neste caso, dê nossos convites a dois de seus amigos. Todavia, esperamos vê-lo e reiterar nossa gratidão por seu convite."

No dia seguinte, um dos meus encontros em Nova Delhi foi cancelado e ao procurar minha agenda para saber o que mais tinha a fazer, encontrei o convite. Estava livre e o teatro era perto. Entrei para matar o tempo.

Imediatamente senti-me interessado. A música era estimulante, o texto muitas vezes engraçado; tratava-se de dois irmãos que começavam por se odiar e acabavam por se amar.

Olhando e escutando, pensei nas relações que existiam entre meu pai e eu e que muito se assemelhavam à dos dois irmãos. Vivíamos sob o mesmo teto mas nunca me sentira a vontade diante dêle e a vida nos afastava cada vez mais.

Preocupado unicamente com a independência de meu país, e atividades políticas, já não tinha tempo de pensar em Deus ou moral. Quando o assunto surgia, afastava-o dizendo a mim mesmo que nêle pensaria quando tivesse sessenta anos e nada mais tivesse a fazer. A moral, Deus, assuntos cacetes, um pouco incômodos... Eis que súbitamente, enquanto assistia à peça, alguma coisa se inflamava em mim. O quê, realmente, não saberia dizê-lo. Percebia agora, na fisionomia dêsses atores improvisados, alguma coisa que era, ao mesmo tempo, alegria e profunda aventura: tentavam encontrar uma nova maneira de viver, mais satisfatória de que a nossa. Suas vozes, seus rostos revelavam que já a haviam conseguido.

Naquela noite, em minha casa, pela primeira vez, me perguntei: onde irei? quais eram os meus objetivos e meus motivos? Frases da peça que havia visto me voltavam constantemente ao espírito. "Deus tem um plano. Êle o ama e ama o seu país. A vida não pode ser aborrecida em companhia de Deus. Mas, sem Êle, está repleta de inquietações, de confusão, de nada." Êstes pensamentos agitavam o meu cérebro.

Na manhã seguinte, acordei cheio do desejo de tomar todo o meu tempo para tentar ver com clareza. Depois da peça, um dos atores me sugeriu instalar-me tranqüilamente, munido de um pedaço de papel e de um lápis e de examinar a minha vida à luz do absoluto de quatro princípios morais: honestidade, pureza, altruísmo e amor ao próximo. Seria o meio de preparar o caminho para Deus; depois, pouco a pouco, descobriria o plano divino que me competia e que me conduziria a uma vida plena e satisfatória. Êsse plano se integraria por si mesmo ao plano divino para meu país.

Tive vontade de tentar. Sempre me considerara como um homem honesto. É certo que quando os interesses de meu país estavam em jogo eu não hesitava em praticar uma desonestidade. Mas, comparando com outros, achei que o exame era favorável a mim. Sabia até de outros que haviam cometido faltas muito piores.

Mas, naquela manhã, debruçando-me sobre o meu passado, percebi que abandonara Deus e que me agitava sem resultado. Em seguida, examinei o meu comportamento com relação a meu pai. Pela primeira vez senti vergonha das minhas mentiras. Era evidente que este estado de coisas se prolongaria indefinidamente se eu não falasse com meu pai. Sem esperar, abri a porta de seus aposentos; encontrei-o ali, diante de mim... Fechei a porta e saí. No dia seguinte fiz nova tentativa mas falei de tudo menos do que realmente queria.

Uma voz interior me dizia: "Não seja tolo, é uma crise, ela passará." Outra voz me dizia: "Está enfrentando uma alternativa que decidirá sua vida. Pode encontrar paz, um objetivo, uma nova paixão e ajudar seu país a descobrir um remédio para seus males." As horas passavam e a luta, em mim, continuava mais violenta. Cansado de guerra, roguei a Deus: "Desejo recomeçar a minha vida mas tenho medo e preciso de Vós." Quando me ergui, senti que o temor de meu pai e todo o ressentimento que tinha contra êle, haviam desaparecido. Eu o amava. Pude me sentar ao seu lado, num divã, e dizer-lhe as coisas que havia cuidadosamente escondido e que esperara sempre guardar segredo. Houve um silêncio. Não sabíamos o que dizer. Continuei então: "Meu pai, eis o que eu era. Tinha três personalidades: aquela que eu acreditava ter, a que os outros me atribuíam e a que realmente tenho."

Pela primeira vez, via-me lúcidamente. Disse também que estava decidido a transformar-me, a recomeçar a minha vida e que precisava de Deus e dêle.

Súbitamente, sentia que estava perto de meu pai; parecia-me que um muro havia ruído. Em mim, em meu pai, um trabalho profundo se fazia. Não saberia dizer ao certo o quê; mas sentia-me feliz, cheio de vida.

Havia encontrado um objetivo na vida e Deus serviu-se de mim, não só em minha família, mas em meu país e no resto do mundo.

Pela primeira vez acabava de fazer uma experiência de ordem espiritual e sentia profundamente que essa experiência tinha uma aplicação universal. Já não pensava que a fé só seria boa quando tivesse sessenta anos; ela se havia tornado para mim uma necessidade imediata, uma base necessária.

Assim, dêsse Ocidente, fonte de filmes cheios de violência, de crimes e de vícios, de divórcios e de álcool, havia nascido essa grande idéia da qual meu país podia se servir para forjar sua unificação nacional; estávamos, estranhamente, desafiados a viver os próprios ensinamentos de Mahatma Gândhi.

Fôra arrancado de meus ódios. Mesmo assim, o Ocidente não me conquistava; a Democracia, como é praticada nos países ocidentais, não me entusiasmava; mas não era mais o adversário do Ocidente que procurava vingar um passado doloroso.

Pouco mais tarde, recebi um convite para ir à Europa. Era o primeiro membro de minha família que deixava o país. Minha mãe custou muito à aceitar minha partida. Encontrei-a muitas vezes chorando com a perspectiva da separação. Ao deixá-la, perguntei-lhe qual era o presente que desejava que lhe trouxesse da Europa. Deu-me a resposta clássica das mães indianas quando seus filhos partem para o Ocidente. "Não desejo nada, mas faça-me três promessas: primeiro, que nunca comerá carne de boi — lembre-se que sua religião o proíbe; nunca aceitará bebidas alcoólicas nem cigarros — sei que fazem parte da vida dos europeus e que muitos jovens hindus

acham normal aceitá-los, o que corta o coração de suas mães; não contrairá ligação alguma com uma européia."

Graças às experiências dos meses precedentes, estava preparado para fazer essas promessas. Recolhi, nas decisões tomadas perante a minha mãe, as forças que me ajudaram a resistir a certas tentações perigosíssimas no mundo ocidental. Compreendi inúmeras coisas e senti nascer em mim a afeição pelas nações do oeste ao ver os problemas em que se debatiam. Eu fôra como um sapo numa lagoa que só pensa em sua lagoa e que a toma pelo universo.

Certamente continuo sempre nacionalista. Amo o meu país mais do que nunca e arde em mim o desejo de ver reinar para cada indiano a justiça, a igualdade e a possibilidade de uma vida verdadeiramente humana. Mas estou convicto de que isso só poderá ser obtido se considerar as necessidades do mundo inteiro, como um todo, se amar os outros países tanto quanto o meu.

Um dia, no decorrer de nossas viagens, nos encontramos em Adis-Abeba no mesmo hotel em que estavam alojados 73 artistas chineses da Ópera de Pequim. Naquela mesma noite fomos convidados para a ópera e no dia seguinte para uma recepção dada em honra da delegação chinesa. A primeira pessoa que nos foi apresentada foi o chefe da delegação. Nossa entrevista foi apaixonante. Disse-lhe: "Sou, eu próprio, um revolucionário e acompanhei os progressos sociais de nossa vizinha, a China, desde a revolução. Conseguiram extirpar o egoísmo da sociedade chinesa?" Com um sorriso, respondeu: "Oh! livramo-nos dos egoístas presenteando-os à Formosa ou à América." Bem respondido! Continuei: "É como em meu país; nos livramos dos ingleses mas percebemos duas coisas: os ingleses foram exercer em outra parte o seu egoísmo; quanto a nós, tendo começado depois de sua partida a nos governarmos, constatamos que entre nós o egoísmo também não é pouco.

Conseguimos pois transportar a doença para outra parte do corpo mas não nos desfizemos do mal.”

O chinês me ofereceu um cigarro. “Não fumamos,” disse eu; “tôda a nossa mesada se destina aos cofres da revolução que sanará o egoísmo”. Minha declaração foi acolhida com uma gargalhada: o chefe da delegação chinesa fumava cigarro após cigarro. Visivelmente desejava saber a que revolução eu aludia. Falamos da grande revolução que ousa atacar a natureza humana para transformá-la e curar o egoísmo dos americanos, dos ingleses, dos indianos e dos chineses. Uma centelha de esperança brilhou em seus olhos quando, ao evocarmos o maior problema do mundo comunista de como criar uma sociedade sem problemas de classes, concluímos “senão criando um novo tipo de homem livre da preocupação egoísta de seu interesse próprio...?”

Meu coração transborda de gratidão por um homem do oeste, Frank Buchman. Em tórno dêle, homens e mulhers de tôdas as raças, de todos os países, de tôdas as classes, se agruparam para devolver a esperança, a fé, a unidade, a saúde ao mundo. Meu mais precioso bem é uma fé bastante forte para enfrentar a crise em que o mundo se debate.

Acho que estamos à beira de uma escolha total: o comunismo — um mundo onde reina o homem todo poderoso; ou então a liberdade — um mundo onde o homem é conduzido por Deus. Ser conduzido por Deus é responder às próprias aspirações do homem e, conseqüentemente, às dos povos. Partindo daí, um mundo novo poderá ser criado.

Participar dêsse trabalho, que magnífica aventura!

R. D. MATHUR

*India.*



## *Em Sesto-San-Giovanni, novidades na imprensa.*

Durante os últimos cinqüenta anos, minha vida esteve sempre envolvida nos acontecimentos de Sesto-San Giovanni. Foram anos de lutas e divisões ideológicas e industriais. Assisti ao nascimento do fascismo e à ascensão do comunismo. Vi nossa cidade passar de uma população de 8.000 para 50.000 almas; 30.000 pessoas vêm e vão diariamente para trabalhar nas imensas fábricas da cidade. A seis quilômetros de Milão, Sesto, com suas usinas de aço Falck, com a sociedade elétrica Marelli, as locomotivas Breda e as borrachas Pirelli, constitui um dos conjuntos industriais mais concentrados da Itália.

O que mais marcou minha existência, foram as ocasiões em que escapei da morte. A primeira vez, tinha apenas quatro anos. Havia caído no canal. A corrente era forte e rápida e teria sido aspirado numa passagem subterrânea se meu pai não me tivesse pescado "in extremis".

Dos oito filhos que minha mãe teve só me ficou um irmão; seis de meus irmãos e irmãs faleceram com menos de um ano. Mais tarde, como engenheiro-eletricista, duas vezes quase fui eletrocutado. Uma vez me deram como morto, mas sobrevivi milagrosamente. Posteriormente, quando trabalhava numa usina de aço, houve um sério acidente que bloqueou vários operários sob os altos-fornos, num túnel cheio de gaz. Quando cheguei ao local, um dos homens jazia ainda inconsciente. Ninguém se ocupava dele. Uma voz interior me disse: "Vá,

desça". Desci e consegui finalmente tirá-lo de lá, apesar de ter, eu próprio, sido atingido pelo gaz antes de alcançar a saída. Por fim, durante a guerra, estava em constante perigo de ser descoberto pela polícia secreta e minha vida estava constantemente ameaçada.

Meu pai queria que eu fosse médico, mas desde a escola minha paixão era tornar-me inventor. Empreendi experiências em vários domínios e consegui patentes para dezoito de minhas invenções. Durante a segunda guerra, aperfeiçoei um torpedo de tipo especial. Anunciei minha descoberta ao Ministério da Guerra que o fez estudar. Mas, certa noite, vi em sonho, um mar cheio de gente em desespero, que me estendia os braços pedindo socorro. Tôdas as noites via êsses rostos que me fixavam gritando: "Assassino! Assassino!" Graças a Deus, o meu invento nunca foi realizado. Senti que Deus havia interposto a sua vontade, o Deus que, algumas vêzes em minha vida, havia tomado minha mão na Sua.

Era responsável pelos escoteiros de Sesto-San-Giovanni quando, pela primeira vez, conheci o fascismo. Tínhamos uma sala num edifício, ocupado também pela nova organização fascista. Convidaram-me para fazer parte dela. Mas quando constatei os métodos de intimidação e violência ali praticados, tomei o meu partido: não era êsse o caminho que a Itália devia seguir.

Sempre fôra idealista e por isso fui atraído pelo comunismo. Quando trabalhava nas usinas Falck, a luta de classes era o assunto de conversa de todos os operários e eu me puz a estudar o marxismo. Acreditava na fraternidade e, desde aquêlê momento, combati por ela ao lado dos comunistas.

Foi nessa época que perdi a fé.

Meu tio era padre. Ao batizar-me dera-me seu nome. Meu casamento também fôra abençoado por êle e a cerimônia fôra uma das mais belas que a igreja pôde proporcionar. Meu tio, ficou profundamente magoado por ver que eu perdia a fé. Há

cinco anos, insisti para que eu assistisse às suas bodas de ouro sacerdotais. Era então cônego da Catedral de Monza. Para lhe ser agradável consenti em assistir à missa pontifical embora fosse ateu.

Dois anos mais tarde, notei um dia cartazes que anunciavam uma ópera intitulada a ILHA QUE DESAPARECE. Era representada por um grupo internacional do Rearmamento Moral, de que nunca havia ouvido falar. Proprietário e co-diretor do hebdomadário "L'INFORMATORE" que eu havia fundado alguns anos antes, decidi ir ver a peça para fazer a crítica. Uma enorme multidão, mantida com dificuldade pela polícia, bloqueava a rua em frente ao Teatro Elena. Minha carteira de jornalista me permitiu entrar sem dificuldade.

Cético, perguntava-me qual seria o jôgo daquela gente. Tratar-se-ia de propaganda americana? Todavia, à medida que a peça se desenrolava percebia que não se tratava absolutamente de propaganda, mas de uma nova idéia que me emocionava profundamente. O primeiro e o segundo atos, mostravam o mundo atual na sua realidade brutal. O público, em sua maloria composto de operários, aplaudiu estrepitosamente no fim do terceiro ato; eu, permanecia sentado, perdido em meus pensamentos: "Que magnífica idéia! Ah! Se fosse verdade! Que bom seria se os homens e os povos pudessem, finalmente, se compreender!" No final da representação, personalidades de diferentes países e raças, apareceram no palco: a própria presença dessas pessoas simbolizava a união do mundo. As suas palavras simples e convincentes provavam que eram livres de todo rancor nacional ou racial. Voltei para casa sonhador. No dia seguinte, à noite, uma força interior irresistível me arrastava, ainda uma vez, em direção ao teatro. Como habitualmente, sentei-me numa das poltronas reservadas para a imprensa e assisti ao espetáculo, com a respiração suspensa do principio ao fim. Voltei a ver, no final do espetáculo, êsse

grupo de homens de quase todos os países do mundo, que haviam pôsto fim à desordem de suas vidas. Que maravilhosa demonstração do que há de melhor na humanidade!

Depois do espetáculo, os atores desceram à sala e me encontrei no meio deles. Explicavam que um homem pode radicalmente modificar o seu caráter e transformar suas relações com o próximo aplicando a seguinte disciplina: tôdas as manhãs escrever os seus pensamentos, ditados pela consciência e pô-los em execução. Recebe assim a força necessária para reparar o passado e desculpar-se junto aos que teria ofendido. Finalmente, disseram que a voz de Deus pode se fazer ouvir por meio de inspirações nesses momentos de silêncio. Que maravilhosa idéia, respondi imediatamente, mas, no íntimo, ria só de pensar em pô-la em prática.

Não podia deixar de estar de acôrdo com êles, mas, intimamente, começava a sentir-me pouco à vontade sabendo que seria preciso tomar decisões custosas.

Antes de nos separarmos, êsses amigos propuseram visitar-me em minha casa. Respondi que minha porta estava sempre aberta, para todos.

Um dia, a campanha da entrada tiniu. Meu humor estava particularmente sombrio; escrevia um artigo contra o jornal católico local e mais precisamente, contra o padre que o dirige. O artigo se intitulava: "O mau sacerdote"; era uma resposta a um ataque dirigido contra o nosso jornal. Sem me erguer de minha escrivaninha, gritei: "Entrem". Eram três homens do Rearmamento Moral dos que haviam conversado comigo no teatro. Cumprimentaram-me polidamente e vendo que eu escrevia perguntaram-me, num tom amigável:

— Estaria escrevendo, por acaso, os pensamentos de seu momento de silêncio?

— Não, respondi quase aborrecido, escrevo um artigo contra um padre.

— Sim? disseram. Com rancor no coração é difícil encontrar a paz, não acha?

Vi nesses homens uma mágoa tão sincera provocada pelo meu procedimento, que as simples palavras que emitiram fizeram-me lembrar nossa conversa no teatro. Esses homens, certamente, eram melhores do que eu.

Atirei um olhar no meu escrito e alguma coisa de inexplicável me disse: "Na verdade, o mau és tu." Hesitei um momento. O silêncio que me circundava era mais forte do que eu e, súbitamente, rasguei o meu artigo.

Olhavamo-nos sem nada dizer. A voz de minha consciência revelava-me os erros de meus escritos envenenados e de meu ódio contra o padre. O que me haviam dito me voltou à memória: "Desculpa-te junto àqueles que ofendeste." Mas o meu materialismo me insuflava: "Não faças isso! Tu és ateu e ele é padre." Uma luta desigual se processava em meu íntimo, entre o bem e o mal. Em seguida, minha consciência fez surgir dentro de mim um multidão de lembranças; reví meus pais, meu tio padre; suas feições queridas me imploravam e me indicavam o bom caminho a seguir, o caminho que faria de mim um homem novo e me conduziria a um mundo novo.

A visita desses novos amigos, o poder das histórias de erros reparados que eu havia ouvido, deixaram-me muito pensativo; como homem de coragem não podia recuar diante do desafio. Telefonei ao padre pedindo uma entrevista. Ele me respondeu: "Que Rossi?" e eu intimamente indagava o que pensava ele exatamente. "Luigi", disse eu, acrescentando que por estar resfriado, não poderia ficar muito tempo. Em sua casa a lareira fôra acesa em atenção a mim. Apresentei minhas desculpas e comuniquei-lhe minhas experiências, começando então a conversar. Falamos do passado e particularmente da insipiração que havia representado, para mim, a vida de meu tio.

Nossa conversa durou três horas e meia. Quando nos separamos, tínhamo-nos tornado verdadeiros amigos.

Minha mulher acompanhara-me à **ILHA QUE DESAPARECE**. Quando decidi transformar-me ela tomou a mesma decisão. Nós sempre brigávamos por causa dos artigos que eu escrevia para o jornal. Ela nunca estava de acôrdo. Sua nova atitude e minha nova maneira de escrever puseram fim a tôda discussão.

Uma chama de pureza se havia alastrado em Sesto-San-Giovanni. O calor dessa chama fôra sentido por 19.000 pessoas que haviam aplaudido as representações de **A ILHA QUE DESAPARECE**.

O jornal "L'INFORMATORE" não escapou a êsse fogo purificador. O primeiro passo consistiu em limpar o jornal com a aplicação dos quatro padrões absolutos. Inspirados por êsse elan, publicamos 20.000 exemplares de um número especial de 10 páginas sôbre o Rearmamento Moral e que levou aos lares de Sesto-San-Giovanni uma resposta a muitos problemas.

Uma segunda edição dêsse número foi enviada a tôdas as partes do mundo, inclusive à Índia, à China, às diferentes regiões da África, Londres, Washington e Moscou.

Minha mulher e eu aceitamos, um convite para irmos a Paris onde devia ser representada a peça **A ILHA QUE DESAPARECE**. Eu queria verificar se as pessoas que havia ouvido no palco viviam realmente o que diziam. Observando-as, me convenci de que era verdade. Travei relações com industriais cujo comportamento havia mudado radicalmente: via-se na sua atitude honesta em relação a seus empregados, nos melhoramentos das condições de trabalho que tinham realizado e no aumento salarial que haviam concedido.

A viagem que fizemos a Paris foi a primeira de uma série de outras que as nossas convicções sempre crescentes nos induziram a fazer. No decorrer dos meses seguintes, fomos a di-

ferentes cidades européas juntamente com o grupo internacional que acompanhava a peça. Tive, então, o privilégio de encontrar homens de nacionalidades e origens bem diferentes.

Foi durante minha visita a Paris que, num domingo pela manhã, senti como que um chamado imperioso para assistir à missa, pela primeira vez depois de muitos anos. Fomos então, minha mulher e eu, à catedral de Notre-Dame. Com grande surpresa verifiquei que naquela manhã a missa era pontifical. Assistia pois à mesma cerimônia que havia assistido por ocasião do quinquagésimo aniversário da ordenação de meu tio. Dessa vez, contudo, revivia a experiência com uma fé que nascia. A minha emoção foi tamanha, que ao deixar a catedral ainda tinha lágrimas nos olhos.

Foi assim que dei o meu primeiro passo para um retorno completo à Igreja da qual me havia afastado durante anos. Meu tio havia falecido um ano antes. Ao falecer me havia deixado uma imagem do Sagrado-Coração e outra do Menino-Jesus. Eu as abandonara num guarda-móveis junto com outros velhos objetos domésticos. Há alguns meses, durante um momento de meditação, pensei de novo súbitamente, nessas duas imagens. Mandei restaurá-las, num convento próximo, por irmãs especializadas na matéria. Depois presenteei-as à nova igreja de Sesto-San-Giovanni. Por decisão do padre, a imagem do Sagrado-Coração ficou na capela onde poderia inspirar fé aos jovens, enquanto que a do Menino-Jesus seria colocada no altar na semana do Natal.

No dia 19 de outubro de 1958, minha mulher e eu celebrávamos o nosso vigésimo aniversário de casamento. Estávamos na ilha de Mackinac. Receber, na igreja de madeira da ilha, depois da grande missa, a benção do padre, foi, para nós, uma experiência bastante comovedora. Deus deu-me, assim, a graça de conhecer como crente a experiência que até então vivêra como ateu. O padre abençoou igualmente o anel que

minha mulher me havia dado. Para mim, isto foi o sêlo de nosso novo casamento tendo Deus ao centro.

Numerosos são aqueles que indagam intimamente porquê, na nossa época, o gênio humano, capaz de conceber tão formidáveis meios de destruição, não pôde ainda encontrar um meio de unir o mundo.

Contudo, êsse meio existe. As experiências que fiz no curso destes últimos anos me convenceram que seria difícil encontrar comunidade de homens de relações mais sinceras: industriais, banqueiros, homens de tôdas as profissões, de todos os partidos — comunistas, socialistas, conservadores reuniram-se numa luta comum para trazerem o remédio ao materialismo da direita e ao da esquerda.

É a batalha para um mundo novo fundado sôbre homens novos.

LUIGI ROSSI

*proprietário e co-diretor de "L'INFORMATORE"*



## *Do Komintern a Caux com um marxista norueguês.*

Não nasci no comunismo. Minha mãe e meu pai tinham uma boa situação e eram profundamente religiosos. Possuíam uma linda granja na região agrícola e industrial de Oestfold, no sul da Noruega. Tinham vacas, porcos, oito cavalos, campos, florestas e até um lago para pesca. Nasci em 1892, quinto filho de uma família que viria a ter quatorze. A vida, na granja, era uma aventura quotidiana. Todos nós ajudávamos. Eu dava de comer às galinhas, raspava as costas dos porcos e brincava de esconder na granja. Minha maior alegria era ajudar papai com os cavalos. Durante os longos meses de verão, brincávamos de guardas e ladrões nas florestas. íamos nadar, pescar, remar e à noite, quando entrávamos esfaimados, mamãe sempre tinha alguma coisa gostosa para nos oferecer, na cozinha: pão feito em casa, manteiga fresca, ovos com toucinho e leite recém-tirado. Tinha a impressão de que o mundo inteiro me pertencia.

Um dia — tinha dez anos — papai teve que vender a fazenda. Ele havia emprestado dinheiro a homens de negócios da cidade que abriram falência, e não havia outro meio de se desembaraçar.

Não esquecerei nunca o dia em que partimos para a cidade. Foi como se o mundo inteiro ruísse de repente. Eramos doze nas carroças carregadas de móveis. Algumas das crianças choravam. Meu irmão mais velho teve que se colocar como moto-

rista e uma de minhas irmãs como servente num café. Papai encontrou trabalho na fábrica de Borregaard. O trabalho era duro e doía vê-lo nesse lugar. Quando eu o ia esperar via centenas de operários grisalhos, cansados, saírem dessa fábrica suja. No portão, um policial. Como eu vira os bêbados serem prêsos pela polícia, na cidade, pensava: "Deve ser terrível lá dentro — e papai que precisa labutar tanto!"

Essa vida me parecia bem estranha. Ver essas centenas de operários foi, por assim dizer, meu primeiro encontro com Karl Marx.

Morávamos em dois cômodos e uma cozinha. As três peças reunidas caberiam bem na cozinha da granja. Vivíamos amontoados uns sôbre os outros. Nosso regime era quase magro: mingáus, leite desnatado e melado. Lembro-me que, muitas vêzes, meu irmão e eu íamos ao café onde minha irmã trabalhava, porque a proprietária, uma velha senhora bondosa, dizia à minha irmã: "Dê de comer aos rapazes."

Alguns anos mais tarde, as coisas melhoraram. Meus pais haviam economizado tostão por tostão e, com um pouco de ajuda, meu pai pôde comprar uma pequena chácara. Ele continuava trabalhando na fábrica enquanto nós cuidávamos da chácara. Cortávamos lenha, semeávamos centeio e plantávamos batatas. Pudemos comprar uma vaca, um cavalo e galinhas. Nas quartas e sábados, minha mãe ia à feira e vendia manteiga fresca, ovos e algumas frutas selvagens que colhíamos. Quando, aos quatorze anos, fiz minha confirmação, foi de carro que meu pai me levou até a igreja.

Chegou a minha vez de cuidar do sítio e dos dois cavalos. Tínhamos também um pequeno areial do qual vendia alguns carregamentos por dia, o que aumentava um pouco os nossos recursos.

Depois disto, meu pai ficou doente em consequência de um acidente na fábrica. Foi obrigado a ir para o hospital e lá ficou um ano e meio. A fábrica recusou-se a aceitar a res-

ponsabilidade do acidente e fomos obrigados a pagar, nós mesmos, as contas que eram muito altas. Não tínhamos dinheiro suficiente e tivemos que vender os cavalos. Perdemos tudo pela segunda vez. Tive que começar a trabalhar na fábrica. Minha impressão era de que o mal se havia desencadeado e que eu estava envolvido no turbilhão. Aos dezessete anos, trabalhei pela primeira vez na imensa fábrica Borregaard, e nunca esquecerei os jatos de vapor, as máquinas barulhentas e os homens que pareciam prisioneiros. Comecei por trabalhar numa máquina de papel. Trabalhávamos por equipes — uma semana durante o dia e, a semana seguinte, durante a noite —, doze horas consecutivas, mais as horas suplementares. A fábrica pertencia a uma firma estrangeira, T. Kellner Partington, papéis e celuloses. Sentia-me doente e infeliz na fábrica e as injustiças de todo o sistema social punham-me o sangue a ferver. Era o meu segundo encontro com Karl Marx.

Meu irmão Kristian começou também a trabalhar na fábrica de papéis e, enquanto sua máquina rodava, lia o manifesto comunista e outras brochuras marxistas com o auxílio de um dicionário. Eu os lia depois dêle e a crítica feita por Marx ao capitalismo conquistou-me completamente, pois correspondia exatamente às minhas próprias experiências. Decidi tornar-me um marxista filiado e combatente. Em uma das escolas do partido recebi uma formação de base sôbre a teoria do socialismo e me inscrevi no sindicato.

Casei-me em 1914, quando estourou a guerra. Os preços subiam vertiginosamente mas os salários dos operários permaneciam imutáveis. Nas minhas primeiras negociações com os diretores inglêses pedi um aumento de duas coroas norueguesas por semana, aumento êsse que me foi recusado. Respondi pela força e comuniquei que deixaríamos as máquinas no sábadô seguinte. O aumento nos foi concedido. Obtinhamos satisfação, todavia a riqueza continuava a se acumular entre as mãos de

alguns privilegiados enquanto que a pobreza aumentava entre o povo. Tive que fazer o serviço militar, mas a Noruega conseguiu conservar-se fora do conflito.

Um dia, em 1917, voltei para casa num transporte militar. Li num jornal burguês que a revolução russa havia estourado. Isso causou em mim uma impressão indelével. Aos meus olhos essa revolução aparecia como a realização de meus sonhos de uma sociedade sem classes; havia começado com uma vitória num país atrasado como a Rússia; estendendo-se pelo mundo inteiro não podia deixar de levar o sistema capitalista à destruição e a classe operária ao triunfo em todos os países.

No momento, lutava em três frentes diferentes: no sindicato, nas fábricas e no movimento político. A revolução russa precipitou um conflito dentro do partido socialista norueguês entre a facção que queria aceitar as vinte e uma condições de entrada na Internacional comunista e aqueles que desejavam continuar independentes. Em 1923, a ala extrema se separou para formar o partido comunista norueguês, da qual fui um dos fundadores.

A classe operária alemã sofria derrotas aniquiladoras, mas eu estava convencido de que isso representava apenas um recuo temporário e que as forças revolucionárias avançariam, em breve, numa frente mundial. Juntei-me pois à luta com um entusiasmo e uma alegria imensos.

Na fábrica onde eu trabalhava havia de dois a três mil operários. Nossa célula comunista, que constava de apenas sete homens, conseguiu comandar toda a orientação da fábrica. Publicávamos um jornal na fábrica com uma tiragem de mil exemplares, cujo lema diretriz era o seguinte: desconfiar dos patrões é uma condição essencial de confiança entre os operários.

Em 1928, fui escolhido pelo partido comunista norueguês para levar uma delegação de sete membros para o sexto Congresso do Komintern, em Moscou. Quando descemos do trem

em Leningrado, encontrei-me diante de um espetáculo bem diferente do que havia imaginado: multidões de camponeses com estranhos uniformes e massas humanas estendiam-se diante de mim como um mar cinzento. Todavia, minha convicção continuava firme. Isso representava uma etapa necessária na via do progresso e a revolução russa desabrocharia, tornando-se uma bênção não só para a União Soviética, mas para toda a humanidade.

Encontrava-me pois no quartel-general da revolução juntamente com homens que iam, realmente, tomar os destinos do mundo entre suas mãos. Mas o congresso estava bem longe de ser unido. A maioria das delegações estava dividida em facções rivais.

Eu estava instalado no hotel junto à delegação alemã cuja fração majoritária era dirigida por Ernst Thelmann. As discussões dessa delegação se prolongavam até altas horas e muitas vezes terminavam com gritaria e até mesmo violências. Tudo isso me parecia estranho, mas talvez fôsse necessário para conseguir a união no seio da delegação alemã.

No congresso surgiam discussões no decorrer das quais muitas vezes éramos solicitados a votar. Podíamos votar pró ou contra e mesmo os que não dispunham de um mandato podiam expressar suas opiniões levantando a mão. Do ponto de vista democrático, nosso procedimento era perfeito. Dessa forma Boukharine foi eleito por unanimidade para presidente do Komintern. Mas, pouco depois de terminado o congresso, foi destituído pelo "praesidium" desprezando-se o voto do congresso.

Durante a minha permanência em Moscou, tive também oportunidade de assistir a um processo por ocasião de um grande expurgo. Os responsáveis pelas minas carboníferas do Don eram acusados de sabotagem. Foram condenados em nossa presença. Os acusados subiram ao estrado, acompanhados cada um

por um guarda munido de baioneta no cano do fuzil e formaram um círculo. Vishinsky estava incumbido de fazer o julgamento e apresentar a acusação. Entrou tão tranqüillamente como se fôsse tomar uma chicara de café, acendeu um cigarro, olhou para a assistência, e, negligentemente, leu a cada um a sua sentença. Como todos haviam confessado o seu crime, nenhum foi absolvido e nenhum protestou contra o julgamento. Alguns foram condenados à morte, outros à prisão mais ou menos longa e os estrangeiros a condenações mais benignas. Na rua, a multidão esperava pacientemente os resultados e protestou violentamente contra a pouca severidade das sentenças. A propaganda e os processos anteriores haviam dado ao povo uma tal concepção destes crimes que êle não podia imaginar uma condenação menos severa do que a pena de morte. Eu estava plenamente convencido da culpabilidade destes acusados, como o estive mais tarde durante os grandes expurgos. Não podia imaginar, por outro lado, que pudessem condenar inocentes da mesma maneira.

Em 1937, novamente me encontrava em Moscou. Desta vez vinha com uma delegação do partido para discutir com o Komintern a situação da Noruega e as tarefas particulares que o partido comunista norueguês tinha a cumprir. A delegação francesa também desejava apresentar um relatório do trabalho de seu partido. Vários delegados do partido comunista alemão clandestino tomaram parte nos debates. Em dado momento, violenta discussão se elevou entre êsses dois grupos. Estavam num ponto culminante quando, súbitamente, Stalin, que permanecera a um canto fumando o seu cachimbo sem parecer se interessar pelo que diziam, subiu ao estrado e disse: "Os franceses têm tóda razão; declaro encerrada a discussão." Tais eram o poder e a autoridade adquirido por Stalin como líder comunista mundial; êle fazia a lei não sômente na Rússia, mas em todos os partidos comunistas do mundo.

O pacto germano russo criou a confusão em muitos partidos comunistas, inclusive o nosso da Noruega. Quando o exército alemão ocupou a Noruega, o partido se encontrou repentinamente em difícil e comprometedora situação. Alguns dias após a ocupação de Oslo, as tropas alemãs marchavam para Oestfold, onde eu trabalhava. Como secretário da União regional dos sindicatos, convoquei todos os delegados de comitês de empresas para examinarem a questão. Propus que os sindicatos e os movimentos operários apoiassem firmemente o governo legalmente eleito e denunciassem o governo de Quisling como um governo de traidores apoiado pelas baionetas alemãs. Na minha opinião, os sindicatos deviam se colocar à disposição das autoridades civis e militares para destruir o governo de Quisling e expulsar os alemães da Noruega.

Alguns dias depois, recebi a visita de um enviado do comitê central que me comunicou ser completamente falsa essa resolução. O erro era do governo norueguês que se achava no poder por ocasião da ocupação alemã em nosso país: o gabinete Nygaardsvold era, na opinião deles, um gabinete de traidores. Era preciso, bem entendido, combater Quisling e os facistas noruegueses por todos os meios possíveis, mas também tentar encontrar um meio de entendimento com os alemães e construir uma nova frente popular que poderia ser reconhecida como governo provisório na Noruega. Protestei: essa política me parecia incompreensível. Conservei o meu ponto de vista e o expus na seguinte conferência dos chefes comunistas noruegueses. Seguiu-se uma grande disputa no interior do partido sobre a atitude a tomar face aos alemães. Estávamos todos de acordo, porém, que era preciso combater o nazismo e a quinta coluna norueguesa.

Apesar do pacto entre os soviéticos e os alemães, o partido comunista norueguês foi dissolvido pelos invasores e obrigado a tomar o "maquis" enquanto que toda a direção do partido e

eu próprio, éramos prêsos: os alemães cercaram minha casa e nela penetraram com metralhadora em punho. Eram quatro horas da madrugada. Minha mulher e eu havíamos ido passar a noite num hotel, em Oslo. Nosso telefone, contudo, estava vigiado. Apesar de não haverem inscrito nossos nomes no registro do hotel, encontraram-nos na manhã seguinte. As sete horas ouvi os tacões martelarem o corredor. Bateram à porta e eu disse: "Devem estar enganados", mas as pancadas redobram. A porta abriu-se violentamente e oficiais noruegueses e alemães invadiram o aposento esquadrinhando por toda a parte. Recebi ordem para seguir os alemães. "Estou prêso?" perguntei. Não obtive resposta. Fui levado para o quartel-general da Gestapo e interrogado imediatamente. Descobri depois que todos os meus camaradas do partido estavam lá também. A maior parte dos comunistas foi solta em seguida, mas quando a guerra estourou entre a Alemanha e a União Soviética, houve nova onda de prisões entre os chefes comunistas e o partido passou a ser inteiramente clandestino. Entretanto, a luta interna do partido, com relação a nossa política nacional, prosseguiu. A unificação só se procedeu quando Hitler começou a invadir a União Soviética.

Depois da União Soviética ter sido arrastada à guerra, os comunistas tomaram parte ativa na resistência. Comunistas e socialistas se reencontraram e, juntos, começaram a discutir as tarefas comuns que nos esperavam depois da guerra. Uma das primeiras consistia em encontrar a unificação no seio do movimento operário.

Quando a segunda guerra mundial terminou, com a vitória da União Soviética e das democracias ocidentais, acreditamos que o mundo se dirigia para uma era pacífica e que seria possível construir o socialismo numa atmosfera de paz e compreensão. Começaram-se negociações visando uma fusão, mas não se chegou a nenhum resultado. Depois de criado o Komintern,



em 1947, uma divergência profunda dividiu socialistas e comunistas, que tomaram vias ideológicas diferentes; nossas esperanças haviam sido apenas ilusões.

Vêm dessa época minhas primeiras impressões sôbre o Rearmamento Moral. No Natal de 1948, meu filho mais novo me presenteou com um livro de Peter Howard intitulado "As idéias têm pernas". O autor falava de idéias que caminhavam e compreendi que não era só o comunismo que examinava a situação mundial e procurava transformá-la. Por curiosidade, li outros livros sôbre o Rearmamento Moral e até assistí a conferências, mas sempre cheguei rapidamente à conclusão de que a solução que havia escolhido era a melhor. A luta de classes devia continuar. O caminho da libertação da classe operária passaria forçosamente por um período de ditadura do proletariado, e isso até ser quebrada tôda a oposição.

Foi bem ancorado nessa convicção que me dirigi ao centro de treinamento ideológico de Caux, no ano de 1950; encontrei-me face a uma ideologia na qual eu jamais tinha pensado. Durante todos os meus anos de luta pelo comunismo norueguês, membros de minha família haviam tentado fazer-me romper com o Partido. Como êles nada tinham a me oferecer que fôsse melhor do que o comunismo, seus conselhos não produziam efeito algum. Se houvessem atacado meus pontos de vista propondo uma ideologia capaz de criar a sociedade sem classes que eu sonhava, teria então reconsiderado minhas próprias convicções sôbre o meio de alcançá-la. Estou convencido que, ainda hoje, se não houvesse encontrado o Rearmamento Moral, seria sempre um membro ativo do Partido Comunista.

O modo como eu vim a Caux, foi em si, quase milagroso. Já havia tirado as minhas férias, quando meu filho Frank e seu amigo Leif Hovelsen vieram me convidar para ir a Caux. "Está bem, disse eu, seria interessante conhecer êsse lugar e ter umas férias suplementares; se puder me livrar de meu

trabalho irei com vocês.” Nunca imaginei poder obter tal licença, mas, com grande surpresa minha, fui autorizado a ir a Caux, com meu filho. Lá encontrei comunistas, — comunistas alemães treinados, — que haviam já feito a experiência da grande força de união que se encontrava em Caux. Um deles me perguntou se eu considerava o capitalista como um ser humano. “Naturalmente, disse eu, o capitalista é um ser humano, mas de uma espécie particular que não pode mudar de comportamento; é preciso, pois, esmagá-lo e eliminá-lo.” Nas discussões serradas que se seguiram recorri à tóda a minha ideologia comunista, minha filosofia e meu conhecimento sobre a luta de classes. Mas, à medida que estabelecia comparações entre o congresso do Komintern de 1928 e a conferência de Caux, via-me obrigado a reconsiderar a minha concepção sobre a luta de classes, a reavaliar os resultados obtidos até então pelo comunismo, e a examinar o estado real do mundo. Em Caux, senti uma unidade surpreendente, baseada sobre um amor e uma compreensão suficientemente fortes para destruir tôdas as barreiras de classe, de crença e de côr. Não havia facção em Caux: até os comunistas e os socialistas encontravam união.

Encontrei delegações da Itália, onde a luta de classes é violenta ao extremo; patrões e operários se reconciliavam. As próprias fronteiras haviam sido ultrapassadas. Não esquecerel nunca o marxista francês que se desculpava de seu ódio aos alemães de tôdas as classes. Começava a ver realizarem-se os ideais pelos quais havia lutado tóda a minha vida. Isto me deu a imensa esperança de que se poderia construir, sobre novas bases, a verdadeira unificação da classe operária. Tudo o que eu via obrigava-me a indagar se seria verdadeiramente possível chegar-se à democracia por meio da ditadura, se seria possível criar-se a compreensão por meio do ódio, construir um mundo feliz eliminando-se os adversários. Existe uma ideologia

capaz de mobilizar tôdas as energias de uma humanidade que aspira construir um mundo novo? Chegamos a um estágio de desenvolvimento em que roçamos a catástrofe, pois a luta de classes, na época atual, conduz fatalmente à guerra atômica. Para realizarmos as maiores esperanças da classe operária — uma sociedade sem classes onde cada um receberia segundo suas necessidades e daria segundo suas capacidades — seria preciso encontrar um caminho mais seguro, um caminho de cooperação.

Passei noites de lutas interiores e dias de discussões com vários comunistas alemães. A comparação entre o congresso do Komintern de 1928 e a conferência de Caux permanecia sempre diante de meus olhos. Minha resistência e minhas reservas caíram completamente e aceitei, de todo o coração o Rearmamento Moral. Era a única idéia revolucionária bastante grande para preencher todos os vazios, uma ideologia baseada sôbre padrões morais absolutos e capaz de combater o orgulho humano. Tôda a minha vida lutara para transformar os outros mas só agora descobria o segredo dessa operação: era preciso transformar-me eu mesmo para fazer com que os outros se transformassem. Era preciso aceitar o desafio dos padrões morais absolutos e abandonar completamente minha própria vontade. Isto representa a revolução mais profunda e mais poderosa, que liberta o indivíduo de si mesmo e faz dêle uma força ativa na construção de um mundo novo.

Antigamente, sempre pensara que antes de poder transformar as pessoas, era preciso criar um novo sistema que eliminasse a propriedade particular e tornasse impossível a exploração. Esse novo sistema criaria um novo tipo de homem capaz de dominar a difícil arte de viver na disciplina e na liberdade. Ora, a experiência demonstrara o completo fracasso do marxismo nesse ponto. Os novos sistemas não criaram de fato um novo tipo de homem.

Podemos socializar, nacionalizar e racionalizar, mas a natureza humana permanece a mesma, incontrolável. Novas divisões aparecem, novas classes se criam e novas dificuldades surgem.

Em Caux, fiz uma declaração nesse sentido que foi comunicada à imprensa. Quando voltei para a Noruega, o redator do principal jornal comunista FRIHET me telefonou para dizer que havia recebido pela agência da imprensa a declaração que eu *teria* feito em Caux. Ele não tinha dúvidas de que a declaração era falsa e pedia-me para desmenti-la. Respondi que não havia nenhuma falsificação e que tomava t<sup>o</sup>da a responsabilidade dos t<sup>er</sup>mos exatos de sua publicação. Perguntou-me o redator se eu estava bem consciente de que a posição tomada por mim ia prejudicar o Partido Comunista norueguês e eu lhe respondi: "Depende do modo como *ê*le a acolher."

Como membro do comitê central do Partido Comunista norueguês, fui convocado pelo secretariado do partido para discutir t<sup>o</sup>da a quest<sup>o</sup>o. *Ê*ste queria encontrar terreno propício a um entendimento, a fim de que eu pudesse continuar meu trabalho como membro do Partido. Entre outras coisas, discutimos a situaç<sup>o</sup>o mundial, os diferentes conceitos de luta de classes e a ditadura do proletariado. Ficou decidido que eu fizesse um documento salientando os pontos de divergência entre o Rearmamento Moral e o comunismo e entre mim e o Partido. Depois de haver examinado profundamente o problema, conclui que nada ganharíamos em discutir os desvios, quaisquer que f<sup>o</sup>essem relativamente à linha comunista. Desvios e facç<sup>o</sup>es sempre existiram, e novas discussões nesse domínio não conduziriam a nada. Decidi pois remeter ao Partido norueguês uma declaraç<sup>o</sup>o descrevendo a minha filosofia da vida — a do Rearmamento Moral baseado s<sup>o</sup>bre padr<sup>o</sup>es morais absolutos — e não deixando qualquer d<sup>u</sup>vida s<sup>o</sup>bre a minha decis<sup>o</sup>o

nesse sentido. Terminei perguntando: uma tal qualidade de vida é incompatível com o fato de pertencer ao Partido Comunista?

Na expectativa de uma justificação perante uma comissão, conversei com diversos amigos e tivemos um momento de silêncio. Veio-me êste pensamento bem claro: "Conserve firme a declaração feita em Caux. Ela é certa. Não ceda." Creio que êste pensamento, fora mesmo do que eu havia visto em Caux, foi a fonte de minha decisão inabalável de não voltar atrás. A minha declaração nunca foi respondida e nem a pergunta que fiz ao Partido Comunista norueguês. Todavia, recebi uma resposta indireta quando houve a primeira reunião do comitê central que se seguiu: não fui convocado! Pediram ao meu suplente que tomasse meu lugar. Êste veio me perguntar o que isso significava e porque eu não podia comparecer à reunião. Respondi-lhe que não havia sido convocado. Recusou-se, então, a comparecer por lealdade para comigo. O secretário do Partido convocou uma terceira pessoa, que não havia sido eleita nem pelos responsáveis regionais, nem pelo congresso nacional. Os comitês regionais, considerando-se insultados, exigiram que os responsáveis pelo Partido viessem explicar porque haviam afastado do comitê central um delegado regularmente eleito. Êstes recusaram-se a obterem. Finalmente, pareceu-me que faria melhor deixando o Partido Comunista.

Minha deposição pelo comitê central provou que o Partido não aceitava a filosofia que eu havia tornado minha. Tais são as razões porque me demiti do Partido. Figuram na declaração que fiz à imprensa e cujo teor é o seguinte:

"Minha demissão do Partido Comunista norueguês resulta do fato de que reconheci ter aderido ao Rearmamento Moral com tôdas as conseqüências que isto acarretará.

"Há algum tempo, mandei por escrito, ao Partido, uma declaração completa sôbre estas questões.

"Naturalmente, não esperava que o Partido Comunista norueguês aceitasse, sem resultância, como base de trabalho, a política, a meu ver revolucionária, que o Rearmamento Moral representa; mas não deixei nunca de manter minhas convicções, abertamente e sem recuo quer se tratasse de política ou de pensamento. E eu continuarei.

"Depois de haver séria e maduramente considerado todos os dados do problema, cheguei à conclusão de que a única solução lógica e plausível era o meu afastamento do Partido Comunista.

"Espero no entanto que também em nosso país, muitos comunistas, socialistas, progressistas e pessoas sem preconceitos em geral se tornem pioneiros no combate por êsse espírito novo do qual depende o futuro da humanidade e o nosso."

O Rearmamento Moral constituía para mim, um desafio, um teste. Constantemente perguntava a mim mesmo, se havia falhado à classe operária me dedicando a esta tarefa de construir uma nova sociedade. Tôdas as experiências que fiz depois, reforçaram minha convicção de que havia agido bem associando-me ao Rearmamento Moral e que êle soluciona os problemas de nossa época. Não lamento ter lutado pela justiça social e utilizado a luta de classes para consegui-la; mas, se houvesse encontrado o Rearmamento Moral antes, poderia ter feito muito mais pela minha classe e meu país.

Meu primeiro encontro com Frank Buchman, me mostrou um homem de uma grande humildade e dotado de uma afeição e de uma compreensão excepcionais para com os outros, esquecendo-se totalmente de si próprio. Um dia, êle me olhou e disse: "Sinto que resta alguma coisa de sua antiga vida." Era uma maneira cheia de tato de me dizer uma verdade, pois realmente, havia em mim, muito de minha antiga vida.

A análise da situação mundial feita por Frank Buchman, quando lançou seu programa de Rearmamento Moral, em 1938, denota uma visão única do futuro e isso lhe dá já um lugar

eminente na história mundial. Karl Marx deu uma idéia para sua época; Frank Buchman deu aos povos e às nações do mundo a idéia para a nossa, uma idéia mais profunda e mais vasta que o marxismo e que trás, em si mesma, o poder de transformar a natureza humana. É dessa forma que a humanidade vê a possibilidade de cumprir sua missão histórica: mudar o curso da história e construir um mundo novo.

A posição do Ocidente é hoje muito fraca em relação à do Oriente. Sua política anterior criou um clima de desconfiança entre os povos da Ásia. Mas o Leste e o Oeste precisam um do outro. A América e a Europa devem estar prontas a resgatar o preço dos êrros praticados e novamente entrar em contato com os povos do Oriente numa base nova e construtiva.

Os povos da Ásia e os da África têm aspirações e necessidades profundas. O futuro da Europa depende de sua aptidão de produzir uma idéia que permita ao Leste e ao Oeste criar uma sociedade bastante ampla para incluir todos os homens. O nacionalismo é uma fôrça poderosa para atingir certos objetivos. Mas, em si mesmo, é incapaz de assegurar a independência, a liberdade e a verdadeira felicidade. O Oriente precisa pois de uma unidade ideológica que tenha por base padrões morais absolutos.

A fôrça dos Estados Unidos reside em suas possibilidades econômicas, seu desenvolvimento técnico e na imensidão de seus recursos naturais. Mas sua fraqueza consiste em não ter uma ideologia que responda às necessidades de nossa época. Só uma ideologia nas dimensões do mundo lhe permitirá ganhar a confiança dos povos orientais.

A fase atual de desenvolvimento do comunismo é significativa. Ele tem o poder de progredir em diversas partes do mundo e a fraqueza do Oeste duplica suas fôrças, constituindo, na realidade, seu maior trunfo. Mas o comunismo nunca soube criar a união em seu próprio seio. Conseqüentemente, um mun-

do controlado pelo comunismo nunca produzirá uma paz eterna mas um clima constante de discórdia. Ele trás em si muitas contradições. O progresso material, por exemplo, não deu origem ao novo tipo de homem capaz de dominar a situação. Novas classes, novas divergências surgem, arrastando novos problemas.

Os acontecimentos da Hungria, a atitude soviética em relação à Iugoslávia e os conflitos internos do Partido decepcionaram algumas esperanças de coexistência pacífica nas nações democráticas; mas decepcionaram também muitos comunistas fazendo-os cair na apatia. O anti-comunismo e a apatia, porém, não são uma solução para os antigos comunistas. O anti-comunismo é reacionário e não pode resolver os conflitos existentes entre o mundo comunista e o mundo livre. Precisamos mostrar aos marxistas decepcionados como podem continuar a construir um mundo novo.

Existem também, nós o sabemos, inúmeras contradições no interior do capitalismo. Nem o capitalismo suposto "moderno" soube resolver seus problemas fundamentais. A luta de classes continuará, pois, com suas greves, suas vicissitudes e suas crises até que se encontre uma solução. É preciso dar à produção uma finalidade de ordem moral, afim de que a sua razão de ser seja unicamente a de responder às necessidades materiais do homem e às de seu espírito. Esta é a condição primordial ao estabelecimento de toda cooperação e à eliminação das classes e da luta de classes, independentemente do que concerne ao direito de propriedade ou aos sistemas. Isso exige um novo tipo de homem. Precisamos a todo custo criar esse tipo de homem, se quisermos enfrentar o desafio do comunismo.

O mundo atual oferece as maiores possibilidades para o bem ou para o mal. A ciência e a técnica deram à humanidade a oportunidade única de um futuro melhor. Contudo, vivemos temendo o amanhã. Na época dos "sputniks", o progresso téc-



nico e científico podem conduzir à catástrofe e à guerra, em virtude das contradições que existem e que não deixam de proliferar. É o homem o responsável por essa situação perigosa e intolerável. A sabedoria humana sôzinha não conseguiu solucionar os problemas que a idade atômica gerou.

A resposta é simples. Mudar a situação exige uma transformação completa de cada um de nós, um empenho integral em basear nossas ações e pensamentos sôbre padrões morais absolutos e as direções inspiradas por Deus. Eis o alicerce sólido sôbre o qual podemos construir um mundo livre do medo, onde todos terão satisfeitas as suas necessidades.

HANS BJERKHOLT

*Noruega*



## *“Nunca havia cuidado de meu povo”*

Deus que, com o Seu poder criou o universo, determinou quatro pontos no horizonte. A um chamou de Este, ao outro de Oeste, a um outro de Sul e ao último de Norte. Graças ao poder daquilo que Deus nos deu, através do trabalho de Frank Buchman, homens desses quatro pontos se reuniram. É o bom caminho em linha reta.

No ano passado fui à Meca e obtive o título de “Elhadj”. Agora, encontrei este bom caminho.

Sou o chefe de Hausas d’Onitsha, a cidade dos grandes mercados nas margens do Niger, na Nigéria oriental. Fui também deputado e atualmente tenho assento no Conselho Municipal. A minha região está cheia de problemas e dificuldades.

Sentia-me dividido em meu próprio coração porque não havia união nem no meu povo nem na minha família. Como presidente da Corte de Justiça, tenho seis conselheiros. Estes viviam em disputas e deixavam-se subornar. O julgamento de certos casos era protelado para que as partes em litígio tivessem tempo de aumentar a quantia que ofereciam como prova da justeza de sua causa! Estes acontecimentos me enfureciam.

Certo dia, um grupo de homens — Africanos e Europeus — veio me procurar em minha residência oficial em Onitsha. Disseram-me que estavam rodando um filme chamado LIBERDADE, que seria o porta-voz da África no mundo inteiro. Pediram-me para ajudá-los. Reuni o meu povo nas margens

do Niger. O rei de Onitsha estava presente e havia reunido também seus chefes e milhares de pessoas de seu povo. Montei meu cavalo e o dia todo participamos da filmagem.

Depois, perguntei aos que filmavam: "De que se trata?" Falaram-me destes quatro padrões absolutos: honestidade, pureza, altruísmo e amor absolutos. Ao voltar para casa não conseguia conciliar o sono. Sentia uma inquietação em todo o corpo. Durante a noite levantei-me e acordei minha mulher, escrevi os quatro padrões e lhe disse: "Eles me inquietam, não sei bem o que significam, mas olha ei-los aqui." Eu costumava beber cerveja e quando passava a noite na cidade fazia tudo o que desejava. Tudo isso martelava dentro de mim enquanto pensava nestes quatro padrões. Dentro de meu coração, sentia que estava separado de meu povo, de minha família, de minha mulher.

No dia seguinte chamei meu amigo, contei-lhe os fatos e êle disse: "Nunca vi semelhante coisa." Chamei então quatro de meus conselheiros muçulmanos. Puseram-se a discutir entre si o significado desses quatro nomes e se perguntavam como poderiam segui-los. Chamaram outros e totalizaram vinte. Um dêles, um ancião de setenta e cinco anos, levantou-se e disse: "Sim, é verdade, há no Alcorão uma passagem que apoia isto." Leu-o. Sabíamos que estávamos com a verdade.

Reuni, então, todo o meu povo em assembléia. Expliquei-lhe tudo isso a fundo e êles compreenderam. Do mesmo modo como isso me havia inquietado, começou a inquietá-los também. E durante dois dias, não se falou de outra coisa na cidade. Diziam: "O chefe trouxe alguma coisa de que todos queremos falar." No fim de mais dois dias, reuni de novo o meu povo e disse: "É preciso que eu descubra mais sôbre êste assunto, que eu descubra o que há por detrás dêle." Aprovaram. Vinte e três automóveis lotados me acompanharam nas 67 milhas que separam a cidade do aeródromo. E foi assim que parti para Mackinac.

Ali, minha alegria tornou-se maior ainda, quando vi homens de tantas nações reunidos, homens, que, na minha opinião, nunca se teriam entendido. Orei por eles e orei pelo meu povo, orei para que isso crescesse no mundo inteiro.

Depois de algum tempo, comecei a ouvir, dentro de meu coração, a voz de Deus. Quando meu pai, o chefe, havia falecido, deixara dinheiro. Eramos doze filhos de uma mesma mãe. Todo o dinheiro havia sido deixado em meu nome. Não mostrara o testamento aos meus irmãos. Encontrara desculpas para fazer do dinheiro o que bem entendera. No silêncio pensei nesse fato e escrevi aos meus irmãos dizendo-lhes, pela primeira vez, o montante do dinheiro deixado. Disse-lhes que agora sentia o coração livre, que tudo o que o maculava havia saído e que pensava que o dinheiro devia ser dividido em três: um terço para a alimentação, um terço para as necessidades de nossa família e um terço para ajudar o meu povo.

Quando voltei de Mackinac, convoquei tãda a família e disse: "Agora quero ser um homem diferente. Gostaria que viessem comigo ao banco! Somos doze na família. Eu disse ao diretor do banco: "Gostaria que nos dissesse o total exato da fortuna que meu pai depositou aqui." E êle o fêz, na presença de todos os meus irmãos.

Disse, então a meus irmãos: "Vêm, sabem agora quanto temos no banco?" Na estrada, quando voltávamos, um dos meus irmãos me perguntou: "Por que fazes isso?" Respondi. "Faço-o porque Deus m'o disse que fizesse. Não é direito empregar todo êsse dinheiro sômente para mim. Digam-me do que precisam e tratarei imediatamente de suas necessidades."

Um dêles disse: "Graças a Deus. Eu já havia imaginado matá-lo, mas constato agora que é um homem diferente." Um outro me disse que precisava de duzentas libras para se casar. Um terceiro precisava de cem libras para montar um negócio. Todos me disseram o que precisavam.

Depois que o fizeram me senti muito triste e chorei, consciente do quanto os maltratara antes. A cada um dei um cheque. A partir daquele momento sentimo-nos unidos.

No dia seguinte perguntaram-me qual o meu segredo e como ouvira falar desses quatro padrões morais absolutos. Traduzi-os então no meu idioma para que pudessem compreender e juntos começamos a escutar a voz de Deus. No dia seguinte falavam do acontecimento no jornal e o resultado imediato foi que cinco famílias puzeram fim às suas querelas. Daí partiu uma reação em cadeia que se estendeu por toda a cidade.

Havia um chefe que era meu inimigo. Se não fôsse o governo, estaria em guerra com êle. Sempre nos irritávamos um contra o outro. Cada vez que seus homens vinham à minha cidade, meus homens roíam o freio do desejo de agarrá-los e bater-lhes. Comecei a pensar nessa rixa e disse comigo mesmo: "Isto não está direito, afinal porquê somos inimigos?" Muni-me então de toda a coragem e escrevi-lhe pedindo desculpas. Escrevi mais vinte e três cartas de desculpas a todas as outras pessoas com as quais eu não estivera em bons termos. Quando regresssei a Onitsha, visitei-os pessoalmente em seus próprios lares e decidimos reconciliar-nos.

Várias vêzes encontrei Frank Buchman em Mackinac e sempre falamos de meu povo. Lembro-me de uma coisa que Frank me disse e que muito me tocou: "Se quizer salvar seu país, deve dar-se, a si próprio, ao seu povo."

Como chefe, nunca me havia dado a ninguém. Que quer dizer isso, perguntarão? Pois bem, tal homem era meu inimigo, tal outro também o era, o outro, também. Então eu não me preocupava com êles. Quando havia um distúrbio na cidade, mandava os chamar, mas se não vinham, esquecia-os. Não sabia o que se passava no coração de meu povo. Agora, pedi perdão aos meus antigos inimigos e não há mais amargura.

Como chefe, nunca procurava o meu povo. Agora, assim que tomo conhecimento da mais pequenina queixa, deixo o que estou fazendo, tomo o meu carro e vou averiguar. Desta forma, não existe jovem ou ancião de quem eu não saiba o que lhe vai no coração.

Um dia, ouvi Frank Buchman dizer ao Primeiro Ministro do Japão: "A juventude do Japão aprende a caminhar, nem para a direita nem para a esquerda, mas para a frente." Isso impressionou-me e perguntei a Frank Buchman o que significava.

A resposta foi a seguinte: "O senhor sabe. Se o senhor é responsável pela justiça, um homem o procura e diz: "Se nós lhe dermos êste presente julgará a nosso favor?" e o outro vem e diz: "Se lhe dermos êste presente fará o julgamento a nosso favor?" — Sim, conheço isto, disse eu — "Pois bem, replicou Frank, o que o senhor precisa agora é não fazer o que um ou outro quer, mas andar para a frente, na direção do que é justo."

Agora, os seis homens e eu, incumbidos da justiça, ouvimos juntos a palavra de Deus. Encontramos a união e podemos resolver as divergências de nosso povo, imediatamente, no próprio local.

Outros chefes vieram de lugares distantes para perguntar-nos como poderiam viver como irmãos e nós lhe damos nossa experiência, pois ela é que salvará o meu povo.

Desta maneira, tôdas as tribos, cristãs e muçulmanas, encontraram a união.

Contei nossa história ao Primeiro Ministro Federal e aos da região do Norte e do Este; viram o quanto mudei e sabem que tudo isto é real. Deus ajudará esta ação porque ela não é obra de nosso egoísmo, mas sim de Deus.

ELHADJ UMORU YUSHAU  
*Nigéria.*





## *Construtores da África de amanhã.*

Eu sempre tive muita sorte. Muitos morreram sem ter visto a história se fazer sob seus olhos e sem terem cooperado para a sua formação. A mim foi dado ver a história gravar-se em meu coração.

Cresci odiando o imperialismo e recebi de minha família a herança da amargura. Meu tio era mestre de costumes quando, em 1900, os brancos chegaram a Owerri, na Nigéria. Foi êle que me pintou o quadro amargo do que se passou então.

Os brancos substituíram a autoridade do meu avô, o chefe Egunwoke, por seu próprio govêrno. Perseguiram-no e o aprisionaram; em seguida utilizaram o gin e o whisky para avasalar nosso povo à sua vontade. Meu tio mostrou-me as garrafas antigas de gin.

No colégio, a atitude do diretor, um padre branco, não contribuiu para suavisar meu ódio pelos inglêses. Muitas vêzes se servia da bengala para punir aqueles que não alcançavam o nível exigido em suas lições. No domingo pela manhã, lia o Evangelho e rezava a missa. "Fazei aos outros o que desejais que vos façam." Não conseguia identificar o reverendo padre da segunda-feira com o reverendo padre dos domingos.

Os funcionários europeus viviam em condições que pareciam um paraíso à maioria de nós. Os habitantes das aldeias tinham que se indviduar para regularizar seus impostos e, dessa forma, tornavam-se escravos dos emprestadores. Aliás, nenhum dêles poderia explicar porque era preciso pagar impostos.

Essas coisas começaram a me fazer crer na inexistência de Deus. Imaginava, às vezes: se houvesse um Deus, essa gente seria castigada e o castigo seria imediato.

Deixei a Igreja devido às atrocidades que ela parecia permitir. Nunca se ergueu contra o poder imperialista. Eu me dizia que, se a Igreja não tomava medidas contra êsses crimes, era porque os aprovava. Por essa mesma razão, o Ocidente não me atraía; nada do que êle poderia oferecer-me interessava, pois parecia sempre dar razão àqueles que nos prejudicavam. O Ocidente nada tinha a dizer para pessoas como eu.

Em 1942, havia quase terminado meus estudos superiores; todos os meus amigos conquistaram boas situações e alguns entraram para administração. A primeira greve de funcionários teve lugar nessa ocasião para apoiar uma reivindicação de salários dos operários. Muitos de meus camaradas participaram dessa luta. Um dêles me falou um dia do papel desempenhado pela juventude e de um movimento clandestino cujo objetivo era nada menos que o estabelecimento de um govêrno nigeriano autônomo.

O ídolo da juventude, naquele momento, era o Dr. Nnamdi Azikiwé — cognominado de "Zik" por todos nós. Seus discursos e escritos inflamavam, por tôda a parte, o ardor nacionalista dos africanos. Seu jornal, o *West African Pilot*, tornou-se a nossa Bíblia. Depois de ouvir Zik falar, deixávamos a sala prontos a fazer fogo contra todos os brancos que encontrássemos. Falava-nos de suas experiências na América, analisava a atitude dos brancos para com os africanos. O rastilho se acendia no coração de tôda a juventude por menor que fôsse seu senso de patriotismo. O movimento "Zikista" nasceu.

Deixei o colégio para entrar na luta. Aceitei um emprêgo administrativo na polícia mas, à noite, ia trabalhar ao lado

dos Zikistas que lutavam por um governo autônomo, por um padrão de vida melhor para o nosso povo, pela construção de escolas e estradas, a fim de que os que pagavam impostos, usufruissem os benefícios. Imaginava que as coisas mal feitas pelos ingleses seriam corrigidas pelos africanos se tivessem um governo próprio.

Havíamos organizado grupos e liamos os escritos de Karl Marx. Pagávamos os livros à prestação. No princípio, Marx me interessou principalmente pela escolha de suas palavras, pela construção de suas frases. Um bom chefe da juventude deve ter capacidade para se exprimir facilmente. As frases de Karl Marx, para mim, eram mais importantes do que sua análise.

Depois comecei a compreender. Ele propunha um remédio. A diferença de classes de que ele falava, eu as constatava em torno de mim. Via os hospitais europeus e os hospitais africanos: os serviços ditos "superiores" e os serviços ditos "secundários", e notava as diferenças. Observava também que alguns trabalhavam como animais de carga e outros agiam como superiores. E se disséssemos uma palavra contra o poder imperialista, íamos para a cadeia.

O pôsto que eu ocupava justificava o meu desejo de uma revolução sangrenta. Diante de meus olhos, muitos jovens sofriam por causa de suas opiniões. Eu vira a polícia dar-lhes cacetadas para arrancar-lhes confissões. Tudo isso aumentava e aprofundava a minha adesão à filosofia marxista, embora não concordasse com algumas de suas conclusões.

Era perigoso reunirem-se mesmo duas ou três pessoas sem uma autorização oficial. Não tínhamos lugar fixo para reunião, variávamos sempre: algumas vezes íamos para o mato, com medo da polícia.

Uma noite, em pleno mato, um de meus camaradas deu um salto para trás, gritando. Havia pisado numa enorme serpente! Fugimos em disparada. "Somos rebeldes fracassados,

disse um dos meus amigos, ofegante com a corrida, se uma serpente nos põe em fuga tão depressa!”

Subitamente, muitos chefes da juventude foram jogados na cadeia. Estava no tribunal quando um de meus amigos, ao ser lida sua sentença, gritou ao magistrado: “Se a luta pela Independência é um crime, dê-me a pena máxima!”

Minha casa foi esquadrinhada. Eu era prudente e nenhum documento comprometedor foi encontrado. Mas em seguida fui apanhado de uma maneira muito mais revoltante. Primeiro, fui transferido de Lagos, capital da Nigéria, para a província mais a leste do país, que, na época, era considerada como um lugar de exílio. Já me considerava pois como uma “vítima”.

A viagem começou por navio até o porto de Harcourt, na Nigéria oriental, depois continuou em direção a Enugu, a 300 quilômetros no interior. Quando ali cheguei, me mandaram de ônibus e de caminhão para além de Cross River, no Calabar. Daí, outro caminhão me levou 150 quilômetros mais além, ao meu lugar de destino. A viagem durou vinte e oito dias e à chegada, todos os meus pertences, minha louça, minhas cadeiras, meus utensílios de cozinha, estavam quebrados ou desaparecidos.

Senti-me, então, muito só e abandonado. Tirei uma licença, voltei para casa e decidi casar; o que minha família desejava desde longo tempo, esperando que isso refreasse um pouco minhas atividades políticas. Meu tio havia concluído um acôrdo com o chefe de uma aldeia vizinha, cuja filha era um partido conveniente.

De regresso à minha região esse tio se ofereceu para me levar a conhecer minha futura família, em Aba. Ele iria de ônibus e eu seguiria de motocicleta.

Quando ainda era menino, havia visto muitos amigos se casarem. Vestiam sua melhor roupa para conhecer a noiva. Imaginei então: “Não farei como eles. Vestirei um macacão e

verei se a moça quer realmente casar comigo ou apenas com minhas vestes vistosas!" Não sabia até que ponto essa resolução pueril seria seguida! A uns cinqüenta quilômetros de Aba, um dos meus pneus estourou. Tinha no bolso quatro shillings e um canivete. Começou a chover torrencialmente. Fiquei quatro horas debaixo da chuva sem conseguir fazer parar um carro para pedir auxílio. A noite começava a cair. Percorri então quinze quilômetros com o pneu vazio, até o próximo posto policial.

No dia seguinte, coberto de lama e aflito por um violento resfriado, encontrei minha mulher pela primeira vez. Ela não disse uma palavra e me estendeu uma toalha. Meu tio não estava lá e resolvi voltar apesar dos esforços do pai da moça que tudo fazia para me reter. Não havia feito oito quilômetros quando a gasolina começou a faltar e forçosamente tive que retroceder. Com a última gota de gasolina pude chegar até a porta do meu futuro sogro, que disse: "Vê, devia ter ficado!" Ofereceu-me um banho e roupa limpa.

Muitas vezes me lembrei dessa aventura. Sempre que eu senti a tentação de me perguntar: "Será essa a escolha acertada?" senti novamente que Deus desempenhara seu papel em nossa decisão e que é o fundamento de nosso matrimônio.

Casámo-nos na igreja católica de Umuodu-Mbierrl, no dia 6 de junho de 1948. Minha mulher lecionava numa escola religiosa, e as autoridades do convento, bem como meu sogro insistiram para que houvesse uma cerimônia na igreja. Isto, contudo, nada significava para mim.

Em julho, novamente fiz a viagem, dessa vez acompanhado de minha mulher e retomei meu posto. Em agosto, fui implicado num processo que havia sido instaurado na minha ausência. Era acusado indevidamente de haver tocado um excedente de pagamento de 10 libras 13 shillings e 4 pences.

Começou então uma longa série de pesquisas e interrogatórios. Em dado momento, foi nomeada uma comissão composta de cinco europeus que se reuniram no local durante cinco dias, percebendo, cada um, aproximadamente, cinco libras diárias para pesquisar sobre as dez libras faltantes. A comissão declarou-se incapaz de determinar o responsável pela falta da caixa.

De qualquer forma, tive que comparecer perante um magistrado. Não tinha outra prova senão a minha palavra em oposição à dele. O magistrado suspendeu o julgamento por três dias. No terceiro dia, às cinco horas da manhã, um rapazote de serviço do clube europeu veio à minha casa e disse: "O senhor vai ser declarado culpado. Houve uma reunião no clube ontem à noite. O juiz e o administrador estavam presentes e o senhor foi o motivo da conversa quase todo o tempo."

Quando o juiz pronunciou minha condenação a seis meses de prisão, não me comovi. Mas uma grande amargura entrou em meu coração. Na qualidade de administrador, tivera milhares de libras nas minhas mãos e ser prêso por 10 libras constituía uma grande humilhação. Nem minha mulher nem minha mãe podiam compreender. Era pior ainda do que ser acusado de sedição.

Foi na primavera de 1949 que fui, finalmente, para a cadeia, depois de ter apelado várias vezes. Nosso primeiro filho nasceu oito dias depois.

Passei quarenta e nove dias na prisão. Logo depois fui novamente para Lagos, centro da vida política da Nigéria. Meus camaradas do movimento Zikista também saíam, naquela ocasião, da prisão. Lançamos um jornal intitulado "LABOUR CHAMPION" do qual me tornei o redator responsável. Aceitei um salário mensal de apenas 6 libras mas o fiz voluntariamente.

Foi então que, em 1949, ocorreram aqueles trágicos “fuzilamentos de Enugu”. Os mineiros do vale de Iva, perto de Enugu, estavam em greve. A polícia serviu-se de gás lacrimogênio, de canos de borracha e fuzis contra um grupo de manifestantes desarmados. O capitão da polícia deu ordem de atirar e vinte e uma pessoas foram mortas.

A comissão de inquérito declarou que havia “êrro de julgamento” da parte do capitão da polícia britânica. Sua única punição foi a de ser dispensado.

Nós, do movimento da juventude, sentíamos que êsses fatos clamavam por uma ação revolucionária e que devia haver um outro “êrro de julgamento” em alguma outra parte! Ôlho por ôlho, dente por dente. Pensamos em criar uma organização Mau-Mau na Nigéria e uma seção de antigos combatentes foi incumbida de estudar os meios de encontrarmos material e armas.

O primeiro atentado foi dirigido contra o Sr. Hugh Foot, então chefe dos serviços administrativos da Nigéria (depois governador em Chipre). O golpe falhou e o jovem que o havia praticado foi condenado à prisão perpétua.

Nosso jornal, o “LABOUR CHAMPION” atacou as conclusões do juiz. Fomos acusados de sedição e a multa imposta foi de 200 libras o que absorveu até o último tostão dos depósitos bancários do jornal e pôs fim a sua existência.

Decidi então entrar para o movimento sindicalista com o objetivo de organizar os operários. Interessava-me pela sua sorte e acreditava que poderiam desempenhar um papel decisivo como agitadores na luta por um govêrno autônomo no país. A maioria de meus colegas seguiu o mesmo caminho.

Foi no decurso de tôdas essas batalhas que o meu lar começou a se desagregar. Ao retornar a Lagos, deixara minha mulher na aldeia. Um dia fiquei aterrado com um telegrama que ela me mandou: “Não somos mais marido e mulher; sua

mãe me mandou embora." Soube, depois, que ela tinha ido viver em casa de seu pai, na cidade de Aba, e mais tarde que havia recommçado a ensinar e vivia na miséria. Seu pai não pudera mantê-la em casa e ela vivia sòzinha com o nosso filho.

Estava absorvido com o nosso "LABOUR CHAMPION", quando recebi um telegrama de meu sogro, avisando que minha mulher viria ao meu encontro em Lagos. Não estava preparado para isso, e na realidade, não desejava que ela viesse. Não tinha bastante dinheiro para prover suas necessidades. Assim sendo, desde a sua chegada, tudo piorou. Nosso primeiro filho ficou gravemente doente e um segundo estava para vir.

Como uma onda, a desunião se ergueu entre nós. Quando minha mulher me contou como seu pai recusara auxiliá-la comecei a odiá-lo e lhe escrevi uma carta cheia de odio. A falta de saúde das crianças, minha vida sempre ocupada e a falta de dinheiro eram um terreno fértil para o desentendimento. Três anos se passaram assim de desconfiança, amargor e guerra no lar. Minha mulher era profundamente desconfiada a meu respeito; e eu perdera inteiramente a confiança nela. Quando, depois do nascimento de nosso quarto filho, ela voltou para a sua família, nosso divórcio parecia certo.

Durante êsse tempo, a luta pela Independência atingia o seu paroxismo. Por tóda a parte, o movimento Zikista estava fortemente organizado. Tínhamos o nosso código secreto e um sistema clandestino de comunicações. Muitos de nós desejavam ardentemente que o conflito estourasse abertamente. O Doutor Azikiwe deixou a Nigéria para, num supremo esforço, fazer com que o govêrno britânico reconhecesse nossos direitos. A imprensa londrina o cobriu de ridículo. O Ministro das Colônias recusou-se a reconhecê-lo como nosso porta-voz ou nosso chefe. Responderam-lhe: "O senhor não representa nada na Nigéria".



Foi com o nosso pleno acôrdo que o Dr. Azikiwe se voltou para o leste e preparou sua partida para Moscou.

Sùbitamente, correu o boato que o Dr. Azikiwe em vez de pedir o auxílio dos comunistas, havia regressado à Nigéria, decidido a estender a mão aos seus antigos adversários políticos e encontrar um caminho para a autonomia sem derramamento de sangue. Seus discursos mudaram de tom, apelando para o renascimento de nosso povo e lançando novos slogans para a unificação, tais como: "Não quem tem razão, mas o que é justo."

Alguns de nós pensaram que Zik havia sido comprado pelos ingleses; outros acharam que valia a pena averiguar o que tão visivelmente o influenciara. Descobrimos que êle havia ido à Suíça, a um lugar chamado Caux, onde havia encontrado uma nova ideologia que tinha o nome de Rearmamento Moral. A desconfiança havia tomado conta de mim e espalhei a opinião de que um capitalista americano havia engendrado a idéia para que seu nome fôsse conhecido em todo o mundo; pensei que era uma nova religião destinada a abafar a chama nacionalista entre os povos colonizados.

Eu tencionava obter maiores informações quando, um dia, dois homens, um escocês e um suíço, entraram no meu escritório. Disseram-me que pertenciam a essa fôrça mundial que o Dr. Azikiwe havia encontrado em Caux. Convidei-os a sentarem-se e falamos durante quarenta minutos. Eu estava sensibilizado pela humildade e simplicidade do escocês e por ser um trabalhador como eu, um operário nos estaleiros navais de Clyde.

Falaram-me de imperativos morais absolutos. Intimamente pensei: "Isto é ótimo para oficiais britânicos reformados, ou para velhos, mas como esperar que um jovem possa viver na pureza absoluta?"

Alguns dias mais tarde me apresentaram a um jovem inglês, seu amigo. Era tão simples e tão correto que vi claramente que não escondia nada. Pensei: "Se há jovens assim no negócio é que realmente ele deve ser qualquer coisa de bom".

Por essa razão aceitei o convite que me ofereceram para assistir a peça "O homem com a chave". Essa peça lançou-me um desafio. Vi sobre o palco, um embaixador russo que recusava a bebida e o fumo e ouvi as razões dadas por sua mulher: que a bebida faz as pessoas dizerem tolices e que os agentes dos governos utilizam os coquetéis para colherem informações resultantes de conversas fiadas.

Imaginei ser essa a razão porque as autoridades nos convidavam tão freqüentemente para coquetéis na Residência. Ao voltar para casa decidi deixar de beber e de fumar; nessa época, êsses vícios dominavam a minha vida. Renunciei à êles para salvaguardar minha organização sindical.

Pouco tempo depois, em julho de 1955, aceitei um convite para ir a Caux com um grupo de parlamentares e líderes da juventude da Nigéria e de Gâna.

Nos dois primeiros dias permaneci muito céptico. Mas com o tempo compreendi que as pessoas que eu encontrava em Caux pensavam como eu, que o mundo estava num caos e que empreendiam uma ação para transformá-lo, e refazê-lo. Li um livro que afirmava: "Não se cura o ódio com o ódio", e ouvi alguém dizer: "Talvez seja um ato de fé esperar uma transformação da natureza humana, mas é positivamente um ato de loucura esperar que o mundo se modifique sem transformar a natureza humana."

Eu estava de acôrdo com essas afirmações.

Certa noite, jantava ao lado de um alto oficial da aeronáutica britânica. Disse-me não estar absolutamente convencido da necessidade desta nova ideologia. Uma parte de mim detestava êsse homem porque êle era inglês, outra parte

sentia-se atraída, porque seu rosto parecia-se espantosamente com o de meu avô, o chefe Egwunwoke. Senti-me impelido a pedir-lhe desculpas pelo meu rancor contra os ingleses. Ele me disse: "Estou às suas ordens para o que desejar, seja o que fôr." Houve um silêncio entre nós. Tive então um pensamento: "Convida-o a lutar, contigo, por um mundo novo como pai e filho o fariam." Prometeu aderir a essa luta. E desde então sempre manteve a sua promessa.

No dia seguinte outro pensamento me veio assim: "Louco que és, recusas-te a crer na existência de Deus, Teu Senhor, e abandonaste a Igreja de teus pais. Volta à Igreja."

Ao chegar a capela, encontrei o Reverendo Padre sozinho. Eu me perguntava como confessar todos os meus erros passados. Constatei que o Padre era italiano e que compreendia muito pouco o inglês. Que alívio! Ele ouviu minha confissão e recebi a Santa Comunhão.

Depois do ofício na Igreja, vi muito claro dentro de mim e compreendi o quanto havia faltado com a franqueza em relação à minha mulher. Naquele mesmo momento, senti-me livre e feliz dentro do meu coração. Dei-me conta do despudor de fazer discursos sobre a liberdade enquanto que em minha própria casa recusava toda a liberdade à minha esposa e quanto era vergonhoso falar em favor da unificação mundial quando estava as beiras do divórcio. Compreendi também que nunca encontraríamos a união no nosso movimento da juventude enquanto estivéssemos prontos a batermo-nos só para saber quem seria o próximo presidente.

Escrevi vinte e quatro cartas pedindo desculpas. Isto me tomou duas noites. Escrevi a quase todos os membros de minha família e à de minha mulher. Escrevi também aos amigos dos sindicatos e dos movimentos nacionalistas desculpando-me pelos erros cometidos. Mas minha primeira carta foi para minha mulher.

Naquela ocasião, Frank Buchman estava em Caux; soube inculcar em nós a grandeza de nosso papel: "O África deve falar ao mundo", disse êle. Incarnava a paz e a justiça e conquistou meu coração. Uma manhã, depois de Frank Buchman haver falado na assembléa, procurei saber que trabalho fazia e quais eram os recursos. Quando fiquei convencido de que êle não possuía dinheiro algum e que havia dado tôda a sua vida à esta tarefa, compreendi-o muito bem, pois era o que fazíamos, nós mesmos, pela Nigéria.

Os africanos de tôdas as regiões do continente se reuniram então para criar a peça *Liberdade*; nela descrevíamos tôdas as lutas políticas da África e a transformação que Frank Buchman nos ensinava a levar para lá. Essa peça foi inspirada pela esperança que Frank Buchman depositava em nós. A primeira representação teve lugar em Caux e imediatamente fomos convidados para ir a Londres, Paris, Bonn e a outras cidades da Europa.

Depois de haver apresentado minhas desculpas ao oficial britânico, pensei ter renunciado a tôda amargura. Mas um dia, no teatro Westminster de Londres, quando nos preparávamos para representar a peça *Liberdade*, lembrei-me do meu passado na Justiça e do que pensara do juiz inglês que me havia condenado a seis meses de prisão. Um pensamento me afundou: Eis-te agora trabalhando entre os ingleses, em seu próprio país, representando uma peça teatral. Ontem eras um nacionalista convicto, agora, és um colaborador!" Senti-me mergulhado num abismo de rancor. Foi então que reconheci que as minhas desculpas não tinham arrancado tôda a amargura do meu coração. Eu estava sentado no teatro, como paralisado e banhado em lágrimas.

Pus alguns de meus colegas a par dos tormentos de minha alma e disse que ia deixá-los. Por causa dêles, consegui ficar até ao fim da representação daquele dia. Mas à noite não me

foi possível conciliar o sono e no fim de três horas resolvi ouvir a voz de Deus. No silêncio, ao alvorecer, um pensamento claro surgiu: "O que estás fazendo com *Liberdade* é o que exige a revolução para refazer o mundo. Antes, só acumulavas reivindicações e rancores, o que não podia produzir nenhum efeito. Isto agora é a única coisa capaz de transformar a situação e é por esta transformação que tens sempre lutado. Tudo está bem. Segue avante."

Minha licença acabou e precisei voltar. Chorei ao dizer adeus àqueles que prosseguiam com a representação de *Liberdade*". Haviam se tornado como irmãos e irmãs, para mim.

Minha mulher nunca respondera as duas cartas que lhe havia escrito de Caux. (Disse-me depois que me julgara ébrio!) Assim decidi ir procurá-la. Quando cheguei à aldeia, meu sogro e toda a sua família se reuniram em torno de mim. Tentei dizer-lhes como minha vida havia mudado, mas não quiseram me escutar. Um dos irmãos de minha mulher me cuspiu na face. Ela estava presente e me observava. Um sentimento inexplicável impediu de me encolerizar. Contudo, tive que partir sem ela e refazer os 800 quilômetros que me separavam de Lagos.

Duas semanas mais tarde, veio-me um pensamento nítido: "Manda-lhe um carro e pede-lhe, ainda uma vez, para voltar." Meu irmão partiu com o carro e voltou trazendo minha mulher. Ela não levava nenhum de seus pertences porque não podia acreditar numa verdadeira reconciliação. Seu pai lhe recomendara regressar se as coisas não corressesem bem.

Observava-me de perto. A primeira coisa que notou é que eu havia cessado de beber e fumar. Supôs que eu queria dar uma impressão favorável. Certa vez, para me pôr à prova, comprou um maço de cigarros e uma garrafa de cerveja e colocou-os na mesa. Quando os recusei, começou a ver que alguma coisa havia ocorrido comigo. Então semanas passa-

ram-se e tudo decorreu tão bem que ela até esqueceu de escrever a seus pais.

Ela também encontrou em Lagos meus novos amigos, os que me haviam ajudado a transformar-me. Agora, eu e ela, começamos a lutar lado a lado para levar aos nossos amigos, às nossas famílias e aos dirigentes da Nigéria, esta resposta que encontramos. Algumas vezes, somos procurados por pessoas que vem contar a um de nós histórias sobre o outro, procurando levantar suspeitas e novamente nos separar. Mas nós já não temos segredos um para com o outro, dissemos-nos tudo, e a simples honestidade de todos os dias aumenta a confiança entre marido e mulher.

A harmonia de meu lar me fez descobrir uma nova razão de proceder no sindicato. Servira-me dos operários simplesmente para a causa da revolução a que eu servia; agora, preocupava-me com eles e desejava que percebessem os salários e as condições de existência que mereciam.

Em 1956, quando a Rainha Elizabeth se preparava para visitar a Nigéria, houve muita agitação nas docas de Lagos e uma greve se preparava. Discutíamos alguns melhoramentos mas parece que os diretores não nos queriam ver. Os homens lançaram um ultimatum: "Se até determinada data não obtivermos satisfação, faremos greve". A data determinada era justamente aquela em que devia chegar o carro da Rainha.

Os diretores reagiram como habitualmente: "Recusamos discutir nessas condições; retirem primeiro a ameaça de greve".

As vozes se ergulam de lado a lado. Sabia que uma pequena voz interior me repetia: "Teu papel é encontrar o que é justo." Disse aos diretores que êsse era o espírito no qual queríamos negociar. "É razoável", disse um deles. Promovemos uma exibição de filmes nas próprias docas para levar êsse espírito aos trabalhadores. Apolaram-me em massa. Não houve

greve e o carro de Sua Magestade foi desembarcado sem dificuldades.

As negociações continuaram vários meses, mas obtivemos um aumento de 10%, retroagindo a dois anos.

Depois disso, os homens começaram a procurar-me perguntando "qual era o novo sortilégio que eu havia descoberto". Pudemos aumentar o nível de vida dos trabalhadores de 70%, e o número de membros do sindicato passou de 600 para 5.000 durante os últimos cinco anos.

Em 1956, em nossa conferência anual, foi votada uma moção para agradecer ao Dr. Buchman por tudo o que esta ideologia "tem feito e continua fazendo para os chefes e os membros do nosso sindicato". E em agosto de 1958 o sindicato mandou para Caux o Presidente do quadriênio de 1954 a 1957 e o atual Vice-Presidente, afim de que fizessem um relatório sobre tudo o que se passou desde que comecel a me transformar.

ONUMARA EGWUNWOKE

*Nigéria.*





## *“Falaram-me dêle em Stalino”.*

Quando a Alemanha capitulou, encontrava-me, com meu batalhão, na Tchecoslováquia. Levaram-nos prisioneiros para a Rússia. Minha família pensou que eu estivesse morto. Só um ano mais tarde teve notícias minhas.

Mineiro desde os quatorze anos, para tirar minha família da miséria, fui incorporado à Wehrmacht em 1942. Mandado para a frente russa, fui ferido cinco vezes. Em regra geral, nunca, como mineiro, deveria ter sido mobilizado. Mas meu pai era comunista e isso não era do agrado do governo...

A guerra não modificou as opiniões políticas de meu pai. Sua primeira atividade, logo após terminadas as hostilidades, foi a de criar uma célula comunista na sua cidade do Ruhr. Para êle — como para mim — o comunismo oferecia a única oportunidade de não se repetirem os êrros do passado.

Desde que soube do meu cativeiro, meu pai escreveu à diretoria do Partido em Moscou pedindo a minha liberdade. Conseguiu apenas obter um melhor tratamento para mim e uma licença para circular livremente. Foi dessa forma que consegui freqüentar várias escolas para estudar o marxismo.

A última dessas escolas encontrava-se em Stalino, grande cidade industrial da bacia de Donetz. Essa cidade tinha uma semelhança estranha com as nossas cidades do Ruhr; por tôda a parte vlam-se guindastes e altos fornos, fumo e apitos de sereias das fábricas. Sabia que os operários daquela região es-

tavam na vanguarda da revolução proletária. Os dirigentes do Partido lá recebem sua última formação antes de entrarem em função oficial. Eis porque me sentia orgulhoso de poder seguir os cursos da escola de formação marxista de Stalino, com uns trinta de meus compatriotas e companheiros de cativo.

Não era fácil ser admitido nesta escola e cada inscrição era cuidadosamente examinada. Para nós, os prisioneiros de guerra, com quem o Partido contava para fazer progredir o comunismo em nossos países, era preciso provar uma atividade anti-facista; era preciso também ser um verdadeiro filho da classe operária. Não queriam, em Stalino, formar homens que não inspirassem confiança absoluta.

O ensino que nos era ministrado se dividia em quatro assuntos principais: 1.º o materialismo dialético e histórico; 2.º história do Partido Comunista da U.R.S.S.; 3.º construção política e econômica da U.R.S.S.; 4.º biografias de Marx, Engels, Lenine e Stalino. Todos os nossos professores eram alemães, mas o ensinamento ministrado era completado por conferências proferidas por chefes do Partido e sumidades soviéticas.

Um dos temas de discussão que se repetia sempre era o da transformação do comportamento dos indivíduos que permitiria, um dia, o estabelecimento da verdadeira sociedade comunista. Nenhum de nós tinha resposta a esse problema. Os cristãos que conhecíamos não nos haviam convencido também da possibilidade de uma transformação no modo de viver dos homens.

No decorrer de um curso sobre as forças ideológicas que ameaçavam semear a confusão de pensamentos entre os comunistas, nos preveniram contra o Rearmamento Moral. Era a primeira vez que dêle ouvia falar. Foi-nos apresentado, pelos nossos professores, como um movimento cristão cujos membros

sofriam das mesmas taras sofridas por todos os cristãos. Todavia, foi-nos recomendado nunca entrar em contato com as pessoas do Rearmamento Moral, o que nunca nos fôra dito a respeito dos cristãos em geral.

Muitas vêzes, perguntei a mim mesmo, porque nos fôra dado êsse curso. Mais tarde encontrei a explicação: nessa época, o Rearmamento Moral havia lançado sua primeira grande ofensiva ideológica no Ruhr e a direção do Partido, em Moscou, se inquietava pelo fato de que revolucionários de longa data, sobreviventes das prisões hitlerianas, se dedicassem a outra ideologia que não fôsse o comunismo.

Depois fui libertado e voltei para casa. Foi na estação de Bochum que tornei a ver meu pai do qual estava separado há cinco anos. Minha irmã o acompanhava. Ela trabalhava como secretária na Companhia de Minas e como eu, era marxista. Meu pai, muito comovido, estava com os olhos marejados de lágrimas. Nunca o vira assim. Na verdade, surpreendeu-me o seu comportamento. Muitas de suas atitudes permaneciam inexplicáveis. Pensava e agia de maneira diferente, êle, o revolucionário marxista de sempre, veterano de tantas lutas operárias.

Ao chegar em casa, também não podia compreender porque um antigo combatente da resistência norueguesa ocupava meu quarto e parecia ter-se tornado o melhor amigo da família. Soube logo que êle havia ensinado ao meu pai os princípios do Rearmamento Moral. Mas, ao conversar com êle, eu não podia acreditar que se tratava realmente do que nos haviam ensinado na escola em Stalino.

Não havia dúvida: meu pai travara conhecimento com um novo tipo de homem, um homem que eu próprio desconhecia. Seria o que procurávamos em Stalino? Todavia, meu pai não havia abandonado a tarefa que se atribuíra como revolucionário. Mas procurava me provar que havia encontrado um melhor

caminho. Chegamos a explicações tempestuosas às quais se juntavam dirigentes do Partido.

Mas meu pai sabia que uma explicação não seria de nenhuma ajuda. Durante toda a minha juventude, sempre o vira portar-se como um ditador. Muito nervoso, esperava de todos nós uma obediência incondicional. Agora tudo estava mudado. Em todas as coisas pedia a opinião dos outros.

Acusado de manter relações amiudadas com o Rearmamento Moral, meu pai foi excluído do Partido. Na reunião oficial, eu próprio votei pela sua exclusão pois era preciso impedir que a confusão ideológica se espalhasse dentro do Partido. Naquele momento, o homem cuja exclusão eu votava não era mais meu pai, mas somente um adversário ideológico.

Apesar de tudo, estava muito intrigado com a sua transformação e com seus novos amigos. Por essa razão, concordei em acompanhá-lo, um dia, a um curso noturno, onde um professor suíço ia falar sobre as forças fundamentais da história européia. O assunto me interessava, mas tive que ir à sessão em segredo.

As considerações ideológicas penetrantes, desenvolvidas pelo professor, me trouxeram à memória as discussões sobre o Rearmamento Moral na escola do Partido em Stalino. Fiquei de tal forma tocado que pedi a palavra para contar como havia ouvido falar do Rearmamento Moral pela primeira vez. Lamentei-o durante meses, pois dois dias mais tarde o Partido, tendo ouvido rumores sobre o que eu dissera, me excluiu também. O golpe foi rude pois tudo em mim me impelia para a luta de classes; essa exclusão me fazia perder meus antigos amigos com os quais, a custa de grandes sacrifícios, havia preparado a reconstrução do mundo.

Em seguida, tive um encontro, decisivo para minha vida, com um jovem judeu francês. A maior parte de sua família havia perecido nos campos de concentração alemães. Estava pronto a ouvi-lo proferir uma série de injúrias contra a minha

nação. Mas nada disso aconteceu. Ele só falou das suas próprias culpas e das de seu país. Simples operário, tinha apenas um desejo, o de reparar o passado. Apesar dos horrores que havia testemunhado, pedira a Deus a graça de amar o povo alemão, ciente de que o ódio nada pode curar. "Para ajudar os outros, me disse êle, é preciso reconhecer os nossos próprios defeitos, por menores que êles sejam."

Era a primeira vez que falava a um judeu. O racismo incalcado por Hitler ainda não havia morrido dentro de mim; na Rússia, não conseguira vencer êsse preconceito. Na minha opinião, Hitler fôra injusto para com os judeus, mas nunca me havia preocupado com a sorte dêles e recusava ver-me associado a essa injustiça.

Max, meu amigo francês, era um homem como eu, com os mesmos erros e as mesmas fraquezas. Havia entre nós muitos pontos comuns. Adivinhava que êle havia encontrado na vida uma força suscetível de vencer ódios aparentemente intransponíveis. Em nossas escolas marxistas na Rússia, não nos haviam falado dêsse elemento — contudo capital — da transformação da sociedade que ora tinha sob meus olhos. Os limites de uma ideologia estritamente materialista, incapaz de curar o egoísmo e o ódio, me apareciam súbitamente. Eis porque resolvi seguir o exemplo do meu amigo francês. Pelo recolhimento e pela sinceridade absoluta para comigo mesmo, compreendi que a força que havia transformado meu pai e da qual nos haviam falado em Stalino, poderia responder à angústia de nossa geração.

ROBERT WEGERHOF  
*mineiro do Ruhr*



## *Homem de negócios mas revolucionário.*

Nascido na pequena aldeia de Frittendon, no coração do Kent inglês, meu pai era o último dos onze filhos de um pastor provinciano. A família de minha mãe tinha interesses na fábrica de cerveja e no banco. Dois de seus antepassados haviam sido prefeitos de Londres. Criança ainda, eu dormia num quarto ornamentado com o retrato de um dos meus antepassados do lado paterno; era o "conde de Romney, visconde Marsham, lord-tenente do condado de Kent e da cidade de Canterbury, presidente da Sociedade Marítima, etc., etc., etc." Esses três "etc." me impressionavam mais do que todo o resto.

Meu pai estudara latim e grego em Oxford. Gostava de Oxford, onde seu espírito mordaz e sua boa educação se encontravam em harmonia com a maior parte de seus discípulos.

As viagens o apaixonavam. Em 1905, partiu para a Rússia. Ali permaneceu onze anos ocupando diferentes empregos que o levaram de um extremo ao outro do país. Quando lá chegou, sabia cinco palavras em russo, entre as quais vodka e samovar. No fim de um ano, lia Tolstoi no original.

A Rússia conquistou meu pai. Empregado de uma companhia petrolífera, fôra até a ilha Sakhaline, ao largo da costa siberiana, e lá viajara num trenó puxado a renas; dormira sobre ramos de pinheiro estendidos na neve; vivera em Moscovo e usufruira de sua sociedade, de sua cozinha, de seu teatro.

Vivera também em Varsóvia como diretor de uma fábrica de bebidas não alcoólicas, "feitas exclusivamente de produtos naturais", como dizia a publicidade. Hoje em dia, êle se diverte em recordar que o principal ingrediente utilizado era o alcatrão.

Logo que a guerra estourou, meu pai voltou à Grã-Bretanha para vestir a farda. Em seguida, o serviço secreto o escolheu para voltar à Rússia. No dia 8 de março de 1917, encontrava-se na avenida Nevsky; duzentas pessoas agrupadas reclamavam pão. Essa pequena multidão chocou-se com uma barreira policial. Houve uma breve consulta e os manifestantes avançaram. A polícia abriu fogo. Alguns dias depois, o regime imperial desmoronou.

Depois da guerra, em 1920, uma companhia inglesa enviou-o ao Canadá; ali casou logo e se instalou definitivamente.

Meu pai é um homem reservado. De constituição forte e de uma grande dignidade natural, é modesto e silencioso. Lembro-me de haver descoberto um dia, por acaso, que a medalha do D.S.O. (Distinguished Service Order) lhe havia sido conferida durante a guerra. Em casa, nunca ouvi uma discussão. As vezes, todavia, meus pais se enervavam.

Em 1932, a América do Norte, estava em plena crise. As preocupações naturais dos negócios, se acrescentava uma outra para meu pai: o estado de nervos de minha mãe era tal, que os médicos lhe haviam recomendado deixar o lar e fazer longas viagens.

Em outubro dêsse mesmo ano, meus pais receberam um convite para assistirem a reuniões feitas num hotel próximo. Os organizadores dessas reuniões, que lhes eram completamente desconhecidos, deviam permanecer no lugar oito dias. Tratava-se, diziam, de reformar alguma coisa... Pessoas respeitáveis pareciam se interessar pelo assunto. "Vamos até lá, disseram meus pais, um pouco curiosos. Teremos um excelente motivo de conversa."



As pessoas que os receberam, se não eram muito notáveis pela aparência, tinham um ar alegre. Em 1932, isso era bastante raro. E meu pai decidiu assistir a uma segunda reunião: nessa reunião foi sugerido que a transformação desejada para a humanidade devia começar pela própria pessoa. Eis alguma coisa perfeitamente razoável.

Meu pai era daqueles que refazem a história de camarote. Quase todos os dias se aprazia em compor certo número de cartas imaginárias para os jornais, deplorando tal ou qual situação. Um dos seus assuntos prediletos era a desonestidade na vida pública. Súbitamente, uma pergunta deslizou em seu espírito: não seria necessário que sua própria honestidade fôsse um pouco reforçada?

Voltou para casa e se pôs a refletir. Criticava facilmente os outros mas nunca sentira necessidade de se criticar a si mesmo. De repente compreendeu que o estado de saúde de minha mãe dependia, em grande parte, de uma transformação em seu próprio comportamento. Falou-lhe então com a maior franqueza. Pela primeira vez, em sua vida conjugal, tudo foi dito, nada ficou em segredo.

Minha mãe transformou-se de maneira notável. Pouco a pouco, a fé substituiu o medo. Em um ano, sua saúde melhorou de tal forma que nunca mais se falou em viagens... Dois anos depois, seus amigos o testemunham, estava irreconhecível.

A transformação de minha mãe teve, sobre meu pai, um efeito mágico. Ele, agora, podia ver além de suas preocupações pessoais. "Eu pertencia, dizia ele, a êsse exército de pessoas prontas a expulsar um moço de recados que furtasse alguns trocos, mas convencidas de que suas próprias fraudes para com o fisco estavam na ordem natural das coisas. A transformação do meu modo de pensar ia me custar muito caro."

Tomando um papel, meu pai fêz um rápido cálculo: êste casaco de peles, êstes objetos de arte, estas jóias importadas

clandestinamente ... Como homem de negócios providente, sabia que era preciso adicionar ao total, os juros atrasados. O cheque que assinou representava um t $\frac{1}{3}$  de sua renda anual. Foi entregá-lo à administração da alfândega. Alguns dias mais tarde isso era para a imprensa uma notícia de primeira página.



A aventura apenas começava.

Em 1935, tomando a direção do negócio de nossa família, uma fábrica de papel, meu pai decidiu aplicar ali suas novas concepções. Apesar do cepticismo e da desconfiança dos operários, aplicou-se firmemente ao propósito de fazer passar o interesse dos homens à frente dos lucros.

As pessoas percebem imediatamente se o que fazemos por elas visa comprar sua boa vontade e aumentar o rendimento ou se essa atitude provém de um verdadeiro amor. "Uma mulher, diz meu pai, sabe sempre porque razão seu marido lhe oferece flores: seja por amor, para lhe dar prazer, ou seja para que ela feche os olhos a muitas coisas. O operário também não se engana. Sabe muito bem que de uma forma geral os patrões tem a tendência de cativar sua boa vontade através de certas vantagens materiais. O paternalismo não é mais que isso. Instalações sanitárias, casas maiores e mais bonitas, jardins e hospitais não poderão produzir os efeitos desejados a não ser com uma única condição: que se admita que os operários pensem, proponham e executem todos êstes projetos."

Um dia, meu pai perguntou a um mineiro qual era o seu maior desejo. Esperava como resposta que êle desejasse um melhor salário, uma habitação melhor. "Um homem quer ser um homem", disse o mineiro. Meu pai nunca esqueceu essa resposta.

A êsse respeito ouvi meu pai dizer: "Grande número de greves feitas para um aumento de salário tem como causa real a atitude, a mentalidade do patrão ou de seus representantes. A psicologia social aplicada, mesmo inteligentemente, não é o bastante. Na verdade, a existência de comissões de arbitragem e de conciliação já constitui uma prova da ineficiência do plano de relações humanas.

"Usar somente de boa vontade sem que seja proporcionado ao homem um real interesse serve justamente para criar a desconfiança. A confiança nasce da honestidade, não unicamente na que consiste em manter a palavra, mas na honestidade dos motivos."

Depois meu pai compreendeu que os problemas da indústria são também os problemas da nação. Em conclusão, trata-se sempre de relações humanas. O que tem importância para a família e para as negociações nacionais tem a mesma importância nas negociações internacionais. "Dirigir um negócio sem levar em conta o resto do mundo é tão insensato como pintar a cabine quando o navio está sossobrando."

Pouco depois da segunda guerra mundial, dois jornalistas indianos vieram ao Canadá para comprar papel. Convidamo-los para jantar e minha mãe se aprimorou num prato com curry.

A dificuldade encontrada pelos indianos para adquirirem papel era enorme. A Escandinávia, que habitualmente os fornecia, não podia atendê-los. A luta pela Independência na Índia atingia então o seu clímax. Um de nossos convidados era Devadas Gandhi, filho do Mahatma, Redator-Chefe do jornal Hindustan Times em Nova Delhi.

Ao nos deixarem, nossos amigos levaram como presente para o Mahatma, quatro litros de xarope de bordo, e a promessa de uma entrega de mil toneladas de papel mais barato trinta dólares por tonelada do que o preço do mercado mundial. Meu pai acabava de fazer um péssimo negócio, mas construía para

o futuro. No dia seguinte, empenhou-se com outras firmas a fim de persuadi-las a fornecer o resto do papel necessário.

Em seguida, esteve em numerosos países da Europa e da Ásia; estabelecer um novo entendimento entre as nações parecia-lhe agora ser mais importante do que conduzir um brilhante negócio. Nenhum sacrifício financeiro era demasiado grande.

Em 1948 esteve no Ruhr, centro da vida industrial alemã. O país, arruinado materialmente, encontrava-se num vácuo ideológico. Meu pai e os amigos que o acompanhavam à Alemanha, procuravam, antes de tudo, compreender e não criticar. O Ruhr se encontrava então na zona ocupada pelos ingleses. Inglês, êle próprio, meu pai tinha plena consciência de seus próprios erros e das insuficiências do seu país; estava pronto a admiti-los. Muitas vezes, ouviu durante horas — em particular ou em público — os alemães expressarem seu ressentimento. O que havia descoberto em sua própria vida o ajudava a submeter-se, sem vãs discussões, à essa prova de humildade.

O Ruhr havia sido mal tratado pela guerra, mais do que qualquer outra região do país. O alojamento era difícil, poucos os hotéis habitáveis, a alimentação escassa e pouco variada. Quando meu pai e seus amigos foram convidados a habitar nas casas dos operários, dos diretores, dos responsáveis sindicais, dos comunistas ou dos patrões, aceitaram com alegria. Permaneceram seis meses na Alemanha. Falando sobre essa época, meu pai gosta de dizer: "Foi então que minha educação realmente principiou."

Uma reunião em Mors ilustra bem como foi feita essa educação. Eis a fiel narração, tal como a ouvi da boca de um alemão:

"Num dia morno de fevereiro de 1949, os homens se apertavam numa *Bierstube*, um desses botequins tão característicos das cidades do Ruhr. Fora, tudo era cinzento na cidade mi-

neira: as casas, as árvores, as próprias fisionomias. O Partido Comunista, que havia feito dessa cidade desmoroada um dos seus bastiões, estava em reunião. De cada lado da porta, dois homens de aspecto pouco amável filtravam os que iam chegando. Contudo, além dos camaradas do Partido, deixaram passar um punhado de homens que começava a ser bastante conhecido na cidade. Fazia uma semana que eles representavam na maior sala de Moers a peça teatral *O Fator Esquecido*. Falou-se tanto dessa peça que o secretariado do Partido, em Düsseldorf, já se inquietava. Havia dado ordem à seção local para pôr um ponto final nessa história. Realmente, Lenine afirmou que não existe nenhuma ideologia que esteja acima das classes. A reunião foi, pois, organizada para tirar qualquer oportunidade de tal ideologia se alastrar no conjunto do Ruhr.”

Os 120 operários presentes acabavam de atravessar 15 anos terríveis. Hitler exterminara a maioria de seus camaradas. Muito deles haviam passado pelos campos de concentração. Suas mulheres e seus filhos haviam sofrido os horrores dos bombardeios diários. Agora, era a fome, a ocupação por tropas britânicas. As autoridades aliadas começavam a desmontar as fábricas poupadas pelas bombas: a ameaça do desemprego pairava sobre cada um.

Essa reunião dava pela primeira vez aos homens a oportunidade de se dirigirem aos representantes dos países aliados e manifestarem exatamente o que sentiam. Falaram, sem parar, durante duas horas. O ar estava pesado de fumaça de tabaco ordinário; pela atmosfera carregada de cerveja podia-se sentir passar, em ondas, o rancor, o ódio e até o desprêso. O pequeno grupo de estrangeiros, sentado num canto da sala, não se havia manifestado até então. Finalmente, o Presidente da reunião, levantando-se, disse muito polidamente que, sem dúvida, os presentes não desejavam falar; contudo, se o quizessem, podiam

fazê-lo que a oportunidade lhes era oferecida. Evidentemente, os militantes comunistas, que os campos de concentração de Hitler não haviam conseguido enfraquecer, não se deixariam persuadir por um pequeno grupo de homens reivindicando uma melhor ideologia.

Um inglês se levantou imediatamente e disse: "Se os ingleses houvessem pôsto em prática o que pregaram depois da primeira guerra mundial, os sofrimentos que vocês padeceram lhes teriam sido poupados." Ter-se-ia ouvido uma mosca voar. "Está bem doente o partido ou o país que não faz tudo para mudar as condições de vida que conhecemos, continuou êle. Mas, para que isso seja possível, a transformação necessária deve tomar tôda a sua envergadura e começar por transformar a natureza humana."

Logo depois meu pai levantou-se. Não sòmente era um capitalista, mas também o parecia. Em alemão contou a êsses homens como se encontrara na Rússia em 1917. Falou de suas duas fábricas no Canadá, de seus operários e de suas esperanças. Falou também de sua mulher e de seus dois filhos. Falou de revolução. "Penso como vocês, disse êle, que homens como eu precisam mudar." Em seguida deu exemplos, baseados em sua própria experiência, de transformações concretas como marido, pai de família e industrial.

Quando meu pai tornou a sentar-se, a tensão na sala era de uma natureza completamente oposta. Os cachimbos se haviam apagado, os homens haviam esquecido suas cervejas. Começaram a fazer perguntas que diziam respeito às mais profundas preocupações de sua vida. Até duas horas da madrugada meu pai permaneceu na sala, enquanto os alemães lhe confiavam suas esperanças e suas inquietudes. Haviam êles esquecido completamente que meu pai era um capitalista. Na realidade, encontravam-se bem além da frente de combate entre

o capitalismo e o comunismo. Nessa noite, êsse combate parecia pertencer ao passado.

Mais ou menos às duas horas da manhã, o Presidente encerrou a reunião e parecendo procurar as palavras disse: "O capitalismo foi a tese, o comunismo, a antítese; o que nos trouxeram hoje à noite poderia ser a síntese."

Cinco anos mais tarde, pessoalmente, encontrei o homem que havia presidido a esta reunião. Chama-se Max Bladeck. Max foi um dos que me abriu os olhos sôbre a realidade. Fêz com que eu apreciasse meu pai de modo inteiramente novo. Com efeito, me parecia estranho que um homem de sessenta e seis anos fôsse para um país como a Alemanha, nas condições em que estava em 1948. Que resultado podia esperar de semelhante jornada?

Max Bladeck e seus camaradas fizeram-me compreender que meu pai e outros como êle, tinham conseguido realizar o que nenhuma ajuda econômica, nenhum plano Marshall podia realizar. Para centenas de milhares de homens, meu pai oferecia uma prova viva: o provento não é a única motivação da indústria, e o orgulho e a frieza dos ingleses podem derreter-se. Êle dava a esperança de um mundo melhor, estabelecido pelos operários e pelos patrões que, juntos, aceitassem a tarefa de reconstruírem tanto os homens como a economia. "Se houvesse doze homens iguais a Bernard Hallward, disse Max, não creio que a Europa se encontrasse no estado em que se encontra hoje."

Custava-me acreditar que o homem de quem me falava Max era realmente aquêle que, com tôda a paciência, tentava me introduzir no cérebro o emprêgo do ablativo em latim; o mesmo que um dia escreveu para mim os versos pedidos por meu professor de inglês (que allás percebeu sem dificuldade que eu não era o autor); o mesmo cujos passos à noite, na escada, quando eu era pequeno, anunciavam sempre uma brincadeira,

uma luta de box, uma risada, momentos que eram para mim os melhores do dia.

Mas eu sabia também que era o homem com quem minha mãe já não se zangava; aquêle que seguia o seu caminho resolutamente, apesar das incompreensões e das calúnias de que era objeto em seu próprio país; aquêle que, finalmente, em vez de usufruir o conforto de seu lar, passava longos períodos longe dêle afim de transmitir sua experiência àqueles que dela tanto precisavam.



Sempre havia respeitado meu pai mas não me sentia inclinado a imitá-lo. Achava muito mais fácil deixar-me levar pelo curso dos acontecimentos do que tomar posição. Inexperiente, era muitas vezes arrogante. Meu pai não me pregava sermões; sabia que era contraproducente. Contudo, eu estava ciente de que êle não concordava com o meu modo de viver de "deixar como está para ver como fica" e com a minha irresponsabilidade perante as obrigações da vida.

Em 1953, meus pais convidaram-me para ir encontrá-los na Suíça, em Caux; concordar representava para mim uma cartada. Declarei que, depois de lá passar quarenta e oito horas partiria para a Rumânia.

Havia longo tempo que eu desejava conhecer de perto a vida dos países comunistas. Naquele verão eu tinha a oportunidade de assistir ao festival da juventude em Bucarest e de participar de um congresso de estudantes em Varsóvia.

Vejo ainda meu pai na estação de Caux: sua alta silhueta, desenhada na claridade da montanha, com seus cabelos brancos postos em desalinho pela brisa. "Vá, se você quiser, mas volte a Caux no seu regresso" disse-me êle. Venha ver a resposta



àquilo que tiver visto em Bucarest e em Varsóvia." Com hesitação prometi voltar e parti.

Na Rumânia e na Polônia, representaram-nos peças teatrais e fizeram-nos ouvir músicas esplêndidas. Participávamos de estudos em comum. A cerveja e os cigarros eram oferecidos gratuitamente; certa vez, deram-me até dinheiro para pequenas despesas.

Atualmente, não havia ido até lá unicamente para participar do festival. Desejava acima de tudo ver a transformação do país depois da guerra.

Entre as pessoas que encontrávamos, havia muitas que viviam no desespero. Um dia, um médico levou-me até sua casa. Lá, deu-me roupas de aspecto menos ocidental que as minhas e convidou-me para dar uma volta com êle; eu levava a maleta e desempenhava o papel de seu assistente. Vi então os barracos onde vivia a maior parte dos operários contrastando com os modernos apartamentos exibidos aos estrangeiros.

Outrossim, nas minhas entrevistas com os comunistas, sentia-me como um aluno do curso primário perante professores universitários. Tudo o que eu pudesse dizer sobre a democracia, a liberdade e as realizações materiais do Ocidente, mantinha os meus interlocutores impassíveis. Aceitavam uma disciplina e uma consagração à causa em que acreditavam. Essa disciplina e consagração eram muito superiores a tudo que eu pudesse oferecer. Eu não me sentia ligado a nenhuma verdade sólida pela qual aceitasse todos os sacrifícios. Por outro lado, compreendi que meu pai, sim, tinha alguma coisa a dizer aos comunistas.

Estudantes me contaram que arriscavam a própria vida para ouvirem a rádio ocidental, mas que as notícias dadas os deixavam sem a menor esperança. "Enquanto nós vivemos às portas do inferno, disse-me um deles, vocês dão-se ao luxo de disputarem entre si."

Um dia, na hora do crepúsculo, num parque de Bucarest, um jovem estudante me olhou bem nos olhos e suplicou: "Quando sair daqui, faça ao menos alguma coisa!"

Deixei Praga pela manhã e cheguei a Caux à noite. Foi a expressão de liberdade na fisionomia das pessoas que me impressionou desde o início, depois da amargura e do ódio que, durante um mês e meio, eu encontrara nos países comunistas. Meu pai havia voltado para o Canadá e foram inúmeros os industriais e os operários que me expressaram seu reconhecimento para com ele. Eu sabia que era preciso decidir logo sobre o meu próprio destino e da razão de ser de minha vida.

Mas a coragem me faltou. Arrastado pelo turbilhão da vida, deixei Caux e ia voltar para o Canadá para tentar fazer nome no jornalismo e nos negócios. Lembro-me ainda que no momento em que o trem partia, disse comigo mesmo: "Você foge daquilo que há de maior no mundo e que você sabe ser justo."

Quando cheguei a Londres, no trajeto de volta, encontrei dois amigos de meu pai que eu havia conhecido em Caux. Pertenciam ao mundo operário e conheciam pessoalmente os dirigentes dos trabalhadores de todo o mundo. Até tarde da noite ficamos conversando sobre o conflito das idéias e do que impele os homens a agirem: a camaradagem, o apêlo do destino, assim como os apetites; o ódio e o medo. Nessa noite, não pude dormir. Acendi a luz e peguei o livro que se encontrava à minha cabeceira. Abri-o precisamente na página onde era exposta uma idéia sobre a qual meu pai e eu havíamos discutido muitas vezes sem nunca chegarmos a um acôrdo.

Lí a passagem seguinte: "Não podemos reconstruir nosso caráter com um esforço próprio, mas abrindo o nosso espírito e o nosso coração, num momento de silêncio, a uma inspiração nova e à força que a acompanha. É um ato bem simples. Quanto a explicá-lo, é como a luz elétrica: alguns compreendem melhor do que outros, mas ninguém compreende inteira-

mente; todavia, é preciso ser bem tolo para recusar mexer no interruptor quando estamos na escuridão, sob o pretexto de não compreendermos porque a luz se acende."

Em meu próprio quarto, resolvi fazer então a única coisa que não havia tentado. Havia discutido, argumentado com insistência, exposto longas teorias: decidi finalmente aplicar essa idéia. Um dos primeiros pensamentos que me ocorreu foi o de escrever a meu pai. Queria exprimir-lhe toda a minha gratidão filial, ser absolutamente honesto também com ele sobre tudo o que me dizia respeito. Finalmente, decidi voltar para Caux, afim de resolver com os meus amigos sobre o meu futuro procurando onde e como poderia ser mais útil. Em seguida, virei-me na cama e adormeci.

Na manhã seguinte, escrevi a meu pai uma carta ditada pelo coração. Pouco tempo depois soube que havia recebido a minha carta no hospital onde acabava de submeter-se a uma séria operação. Minhas linhas haviam sido mais salutareas para ele do que todos os medicamentos. Atravessou o meu espirito o pensamento de que se eu fizesse tudo o que Deus me pedia Ele se encarregaria do resto.

Foi nessa base que meu pai havia tomado uma decisão fundamental a respeito de seus negócios. Em família decidimos que o melhor emprêgo do nosso tempo seria o de dá-lo inteira e livremente à construção de um mundo novo. Quando as circunstâncias pareciam mais favoráveis que nunca, meu pai vendeu seu negócio. Nunca o lamentou. Nem eu nunca lamentei o conselho que ele havia me dado na estação em Caux.

JOHN HALLWARD  
*Canadá*



## *Uma nova fé a serviço dos trabalhadores.*

Meus avós, com quem fui criado, moravam numa pequena cidade da região lionêsa, numa espécie de beco sem saída onde só viviam operários, homens e mulheres, das tecelagens. O beco parecia a moradia de uma grande família cheia de crianças e estávamos a par da vida íntima de todos. Vivíamos na rua. Às vezes brincávamos de roda, divertíamos-nos; todos participavam da brincadeira, jovens e velhos. Mas bastava o grito de um bêbedo ou a briga de duas mulheres para envenenar tudo. Minha avó, verdadeiro azougue, saltava sobre as pessoas para separá-las e meu avô, armeiro profissional, era arastado a participar da luta. Esta foi minha primeira escola.

Por ocasião de tirar meu diploma, fui expulso da classe porque tomara a defesa de um pequeno colega que o professor maltratara. Revoltavam-me as maldades de que esse garoto de cabelo vermelho, raquitico e um pouco surdo, era vítima na escola. Depois desse incidente, nunca mais quis voltar à classe, apesar do esforço de meus pais que tudo fizeram para me convencer de que a instrução é uma arma essencial para encontrar uma profissão.

Depois de haver estado nuns trinta empreguinhos que eu abandonava "por dá cá aquela palha", quis trabalhar numa grande fábrica onde houvesse sirene e onde se entra e sai sem dever nada a ninguém.

Eu tinha vinte anos em 1927 quando morreu o secretário sindical da fábrica. Os mais velhos entre os militantes me indicaram para substituí-lo. Não queriam essa responsabilidade para êles próprios porque, creio, receavam ser despedidos. Intimamente diziam: "Um rapagão de vinte anos pode facilmente encontrar trabalho." Aceitei pensando: "Dentro de um ano ou seis meses, irei para o exército e ficarei livre dessa incumbência." Ambos, ocultávamos uma idéia. Mas enfim, eu tinha a convicção de que o sindicalismo era um dos meios de emancipar os operários, de lhes assegurar um melhor padrão de vida e principalmente de garantir-lhes essa dignidade humana que os empregadores haviam destruído nos anos anteriores. Foi assim que assumi minhas primeiras funções sindicais. Isso foi bastante duro. Fui obrigado a aprender de novo ortografia e matemática que já havia esquecido completamente. Apresentava as atas de reivindicações com o duplo temor de ser despedido e de não ter o apoio e a solidariedade dos operários.

A primeira vez que fui com uma delegação à presença do Diretor-Geral, êste me tratou com um certo desprezo, como quem diz: "Êle é muito jovem, não representa o verdadeiro interesse dos operários". A atitude dêsse diretor reforçou a minha combatividade sindical.

Cêrca de 1930, depois de ter exercido minhas funções durante três anos, veio a crise econômica e com ela a diminuição de salários. Começaram então as greves, que se tornaram cada vez mais asperas e duravam várias semanas e até meses. Mas à medida que a crise piorava, os salários baixavam ainda mais. Foi então que aprendi a estratégia, a dialética. Compreendi que a greve era uma luta tão importante quanto a guerra, um combate pela minha própria classe, com sua estratégia e sua linha política. O êxito dêsse combate suprimiria para

sempre as injustiças sociais e nos permitiria construir uma sociedade melhor dando-nos grande esperança.

Antes de ser indicado como sindicalista permanente, fiquei dezoito meses sem trabalho — havia sido despedido de minha fábrica. Durante os longos dias de ócio, devorei os livros marxistas e me instruí junto aos melhores militantes operários da época. Foi por meio das lutas operárias desses anos que desenvolvemos a tática da unidade de ação, que nos levou à unidade e às vitórias operárias de 1936. Nesse ano, a França teve a honra de dar ao mundo operário as maiores reformas sociais: as quarenta horas, as convenções coletivas, as férias pagas. Essas reformas ficarão gravadas como uma vitória histórica da classe operária francesa. A esse movimento de minha geração, dirigido sem esmorecimento, tudo sacrificamos; foi por ele que conseguimos o advento da Frente Popular e a aplicação das conquistas sociais.

Não separávamos as lutas sindicais das anti-fascistas e a guerra de 1939 não nos surpreendeu. Nesse momento, encontrei-me, juntamente com uma parte dos meus camaradas comunistas da C.G.T., sob mandato de prisão. Face ao dilema que se nos apresentava do pacto germano-russo, uma hesitação bastante significativa se manifestou nas fileiras do Partido Comunista francês. De minha parte, reuni-me à minha unidade militar.

Em junho de 1940, vendo as legiões hitlerianas entrarem em Paris, sentimos gritar dentro de nós tôdas as tradições da França, desse país que nos havia formado, bem ou mal, mas que era o nosso. Foi com grande satisfação que nos reunimos para lutar contra o ocupante e tentar libertar nosso país e o mundo do hitlerismo.

Nesse momento, resolvi ingressar no exército clandestino a serviço total do Partido Comunista. Nossa tarefa essencial con-

sistia em organizar operários a fim de habilitá-los a promover uma luta clandestina não só contra as autoridades ocupantes como contra o govêrno de Vichy.

Essa luta podia tomar um caráter legal ou ilegal. Ia desde a batalha pelas reivindicações sociais, passando pelos salários, o pão, até à sabotagem e à luta armada contra o ocupante.

As prisões punham-nos em estado de alerta permanente. Muita gente se recusava a receber-nos. Estávamos prontos a suportar a tortura e a prisão, mas não imaginávamos ainda até que ponto estava também o ocupante decidido a vencer a Resistência por todos os meios.

Foi então que sobreveio um acontecimento importante em minha vida e cujo sentido compreendo muito melhor agora que conheço o Rearmamento Moral. Um dia de outubro de 1941, eu devia ir a Tolouse onde tinha um encontro para organizar a região. Em Avignon, onde fiz baldeação, comprei um jornal. Abrindo-o, vi que acabavam de fuzilar 22 sindicalistas em Chateaubriand. Entre êles encontravam-se dez bons camaradas, pelo menos, e o meu mais querido amigo, que era meu colega na Federação dos tecelões. Esse dia foi, verdadeiramente, um dia negro para a Resistência.

O trem não tinha aquecimento, eu sentia fome e frio. Era noite. A execução de meus amigos e a dureza dos ocupantes contra o trabalho clandestino do Partido Comunista e dos patriotas franceses, pesavam fortemente sôbre meu moral. Durante alguns minutos perguntei a mim mesmo se devia ou não deixar a ação clandestina: súbitamente compreendia que êsse compromisso ia até o supremo sacrifício.

Fiz então uma espécie de silêncio e resolvi, de uma vez, lutar sem medir conseqüências. Vi que era essa a decisão certa, porque, imediatamente experimentei uma sensação de reconforto: sentia calor, já não tinha mais fome e fiquei com um espírito de ferro.



Pela primeira vez descobria que realmente existe uma força superior e que, quando se está na linha justa para o bem dos homens, essa força superior entra em ação.

Outro acontecimento veio juntar-se a esta descoberta. Foi em Marselha, dois anos depois. Havia um trem de deportados na estação de Saint-Charles e a Resistência havia conseguido fazer com que todos se evadissem. A estação está localizada bem ao lado de um bairro operário chamado "La Belle-de-Mai", e era lá que eu me encontrava. No meio da noite, as pessoas em cuja casa dormia me despertaram dizendo: "Há uma busca no bairro." Como não soubessem quem estava sendo procurado ficaram assustados pensando que se tratasse de mim. Quando vi a agitação daquela gente, disse a mim mesmo: "É preciso que te vás. Quando a polícia chegar, só pela perturbação dessa gente terá suspeitas e te arriscas a ser realmente levado." Disse então à senhora: "Não se preocupem, vou para a rua." A medida que os policiais — pelo menos uns dois ou três mil cercavam o bairro — se aproximavam, eu procurava sair do cêrco.

Levava apenas minha pasta de couro e meu sobretudo. Eram seis horas da manhã. O cêrco se fechava cada vez mais. Repentinamente, sem me dar conta, encontrei-me no meio de inspetores e guardas. Estava tão tranqüilo que êles nem me deram atenção. Foi assim que sai do cêrco, muito em sossêgo, e fui ao meu encontro marcado.

Poderia citar ainda tôda uma série de fatos semelhantes, notadamente as seis travessias da zona de demarcação que fiz sem me submeter a nenhum controle. Como documentos possuía apenas um simples cartão de identidade, falso, aliás.

Por umas dez vêzes encontrei-me em sério perigo. Cada vez, como um reflexo normal, pensava em Deus e em minha mãe. Fazia um rápido exame de consciência. Encontrava na justiça de nossa causa, de nosso movimento, um liame entre

minha consciência e Deus. Constatei, recebendo as confidências de meus camaradas de lutas, formados, como eu, na escola do ateísmo, que da mesma forma que eu, diante do perigo, eles também se agarravam às forças superiores: em tais momentos a dialética é surda.

Tôda essa batalha nos levou à Libertação de Paris. Quando ouvi o último tiro de canhão anunciando a rendição das tropas alemãs em Paris, lembro-me de ter-me sentado num banco e pensado em todos os camaradas que haviam tombado e, depois, nos métodos de luta que nos haviam conduzido a êsse resultado.

Antes da Libertação de Paris, me haviam confiado algumas tarefas do C.N.R. (Conseil National de la Résistance). Eu tinha assento na Comissão do Interior, na Comissão dos Comitês de Libertação, na Comissão de Segurança. Era essa comissão que devia colocar nos campos de concentração todos os colaboradores do inimigo, principalmente no domínio econômico, industrial, etc... Eu assumia também as funções de Secretário Geral da Federação C.G.T. (Confederation General des Travailleurs) dos têxteis.

Estava profundamente marcado por tôda uma vida de luta sindical, cansado pelos quatros anos de ação clandestina. A solidariedade fraternal que existira durante a Resistência arrefecia com a volta das coisas ao seu curso normal. Muito refleti sôbre o passado e sôbre as lutas que acabávamos de viver. Tornava-me cético quanto à presteza de nossas palavras de ordem e quanto aos meios empregados para pô-las em execução. A solidariedade havia cedido o lugar a baixas invejas, ao orgulho, que criam um clima de desconfiança contra o qual eu já não tinha forças para reagir. Tomei o primeiro pretexto para deixar o movimento sindical e a política. Encontrei-me com as mãos e o coração vazios. É uma prova bem penosa para um comunista que se separa do Partido.

Durante muito tempo tive a impressão de estar só. Quando se deixa uma grande máquina revolucionária sem substituí-la por nada, tem-se a impressão de estar inutilizado, ineficiente. Eu ouvia as pessoas, comerciantes, pequenos burgueses, falarem de seus pequenos negócios, de partidos políticos. Intimamente pensava: "As pessoas realmente se ocupam com pequenas coisas e com interesses mesquinhos."

Foi então que se produziu a cisão sindical. Alguns de meus camaradas da tecelagem pediram-me para ajudá-los a reconstruir esta federação dando lugar à "Force Ouvrière". Aceitei.

Em 1950, viajei conhecimento com o Rearmamento Moral. íamos começar a discutir nossa convenção coletiva nacional. Os patrões do norte da França nos propunham disposições especiais para sua região. Pensando situar a discussão num clima mais favorável, pediram-nos que fôssemos a Caux. Aceitamos essa proposta.

Em Caux, fiquei profundamente surpreendido ao ver centenas de pessoas viverem sem choques, com um mesmo objetivo, e ao descobrir a existência de tal ideologia. Passei três dias em Caux. Notei, particularmente nos jovens, uma fé, um dinamismo, comparáveis, sob vários aspectos, à mística e ao desinteresse dos comunistas convictos.

Outrossim, havia observado que os patrões de quase todos os países, transportados para aquele ambiente, reconsideravam suas posições primitivas e tomavam mais facilmente consciência de suas responsabilidades tanto como homens, quanto como patrões, perante os problemas advindos da situação nacional e internacional.

Meus amigos do Rearmamento Moral tornaram a ver-me freqüentemente e aceitei o convite para uma outra assembléia que teria lugar em Mackinac, onde conheci Frank Buchman. Foi lá que soube do segundo movimento revolucionário de

minha vida. Entrevi tôda uma luta a conduzir afim de restabelecer a unificação de meu país.

Ao voltar de Mackinac, pus à prova êsse movimento revolucionário visitando várias dezenas de patrões e convidando-os para irem a Caux com os quadros de suas fábricas e os delegados sindicais de tôdas as facções. Dessa forma, mais de 80 delegações das indústrias têxteis se apresentaram na assembléia de Caux no verão de 1951.

Isto não foi sempre muito fácil. Mas um clima de confiança se criou. Êsse clima nos permitiu a fundação de alianças sólidas que resultaram nos famosos acórdos de 9 de junho de 1953. O espírito de Caux desenvolveu a honestidade absoluta nas relações entre os sindicalistas e os patrões franceses. O "referendum" de 28 de setembro de 1958 e os acontecimentos que o precederam dão a uma das frases de nossos acórdos têxteis uma atualidade ainda maior: "A indústria têxtil pensa fazer uma experiência econômica e social no interesse da nação, num espírito de serviço, numa finalidade social."

Essa experiência deu, apesar das dificuldades econômicas, um reajustamento anual de 8% no salário dos operários têxteis. Permitiu fazer com que a indústria suportasse uma terceira semana de férias pagas, o pagamento de cinco dias feriadados e a concessão de uma aposentadoria complementar para os trabalhadores velhos. O estado de espírito reinante em 9 de junho permitiu-nos a criação do escritório intersindical de estudos. Com o auxílio desse escritório, fazemos um inventário honesto e permanente das profissões têxteis. Controlamos os cargos de trabalho e os diferentes modos de remuneração; 1.400 militantes passaram pela nossa escola de formação sindical.

Uma comissão social paritária composta de 60 pessoas, no mínimo, discute em detalhes a situação dos salários. Os debates

dessas comissões foram feitos, freqüentemente, no momento das crises sociais e políticas destes últimos anos. Tôdas essas reuniões deram resultados. Nossa profissão está entre aquelas que menos greves fizeram desde 1951. Os resultados de nossas discussões se aplicam a oito mil fábricas e a 520.000 operários têxteis. Não podemos separar nossos entendimentos de 9 de junho, seu espírito e seus resultados, da ação do Rearmamento Moral na França no decorrer destes últimos anos.

Depois de haver lutado e vivido todos os acontecimentos destes últimos trinta anos, posso dividir minha vida e meu pensamento em três etapas. A primeira, em que me identifiquei completamente com as tradições do movimento operário francês; a segunda, no período da ocupação, quando pensei freqüentemente nas forças do bem e numa força superior; finalmente, o encontro com o Rearmamento Moral que me dirigiu a uma concepção total do mundo.

Lembro-me das previsões marxistas segundo as quais melhorando a condição humana o homem pensaria melhor, mais amplamente e com tôda a serenidade. Dizem, no marxismo, que o homem está acorrentado pela fatalidade, pelo medo, pelas suas necessidades e pelo seu pensamento. Por muito tempo acreditei que a melhoria da condição humana no plano material, desenvolveria essa elevação de pensamento e êsse sólido espírito fraternal que havíamos conhecido no decorrer das lutas e que fizeram nossa força. Mas constatei que, freqüentemente, os sacrifícios de uns pelos outros eram pagos com ingratidões.

Trabalhando ao lado dos homens do Rearmamento Moral, compreendi rapidamente que essa ideologia ia além do marxismo. Ela me dava a certeza de uma sociedade melhor, tendo, na base, um comportamento humano perfeito. O tipo de homem criado pelo Rearmamento Moral serve de base às mais altas civilizações.

A revolução da produção está em marcha. Mas a revolução da distribuição precisa do Rearmamento Moral para ter êxito: o produtor e o consumidor terão que se ajustar aos imperativos morais. A história da burguesia prova que nem sempre os homens afortunados são, necessariamente, superiores. Se quisermos que os homens de hoje, os homens de amanhã, continuem a marcha da civilização, é preciso apelar para um espírito superior.

O objetivo traçado pelos sábios do mundo inteiro e pelas duas grandes potências, é a conquista do espaço sideral. Sentimos já o espírito humano como que saturado de experiências terrestres, e os cérebros mais audaciosos, mais inteligentes, mais luminosos, orientando-se para o espaço. Compreendemos então a necessidade imperiosa que tem o espírito de se aventurar para além do pensamento e dos olhares humanos. Aí, o Rearmamento Moral introduz-nos numa civilização ainda impossível de se medir pelos padrões da civilização que conhecemos.

O êxito de uma revolução pode ser assegurado pela conjugação da inspiração e da realização. Cinquenta anos de luta tiveram, como ponto de partida, a crença de que os imperativos econômicos conduzem inevitavelmente aos imperativos morais. Realmente, essas lutas eram uma necessidade nas condições econômicas do mundo inteiro; mas estamos não menos seguros que o mundo de hoje partirá dos imperativos morais para assegurar o sucesso dos imperativos econômicos. É aí que a ideologia do Rearmamento Moral toma toda a sua significação revolucionária.

A transformação interior do homem como o quer o Rearmamento Moral, e que nós aceitamos, suprime as contradições havidas entre o nosso "ego" e nossos objetivos revolucionários. Nossa transformação pessoal nos indica o que poderá ser o homem de amanhã.

A ação própria do homem do Rearmamento Moral e à ação de toda a sua equipe une-se o formidável e misterioso complemento das forças invisíveis que trabalham ao nosso lado para assegurarem o êxito do bem contra o mal.

MAURICE MERCIER,  
*Secretário Geral da Federação  
dos Têxteis C.G.T. - F.O.*





## *O torpedo humano.*

Em 1943, quando fui escolhido para entrar na Escola Naval, minha família sentiu-se muito orgulhosa. Eu também. Éramos trezentos jovens de minha região preparados a entrar em exames. Todos os dias havia desistências. No quarto dia éramos apenas cinquenta. Em 3 de novembro eu fui o único a quem foi dado escolher entre o Exército e a Marinha. Naquele tempo o meu trabalho era árduo! Contando os anos como o fazemos no Japão, tinha dezoito anos, isto é, dezessete anos para um ocidental.

Sou japonês e o mais velho de uma família de oito filhos. Tenho três irmãs e quatro irmãos e vivíamos com nossos pais na ilha de Sakhaline. Meu pai era rico e respeitado; possuíamos casa própria e várias chácaras.

A guerra deveria pôr um ponto final a tudo isso. Nossa família ficou sem nada e, em 1945, minha mãe, meus irmãos e minhas irmãs fugiram antes da chegada dos russos. Na época, eu fazia perto de Hiroshima, um curso especial na escola dos torpedos humanos, chamados "torpedos suicidas". Meu pai, que era então Prefeito em exercício, ficou dois anos sob a ocupação russa.

A Escola Naval era um corpo de elite; tínhamos naturalmente uniformes especiais e uma alimentação excelente, mesmo no último ano, depois do início dos "raids" dos bombardeiros americanos. Lembro-me de quando voltei para casa nas férias de verão: viajava em segunda classe e não nos

compartimentos baratos de terceira; quando passávamos, as moças se voltavam para admirar os nossos uniformes. Mas estávamos em serviço e não queríamos cometer com elas faltas contra a disciplina!

No fim de um ano e meio, encontrei a oportunidade de me alistar, como voluntário, nas formações suicidas. Não recebíamos por isso aumento de sôlido.

Não sei se é possível imaginarem o clima em que vivíamos. Hoje, olhando para trás, tudo isso parece um pesadelo, mas, naquele tempo, tomávamos a coisa muito a sério. Disciplina e consagração. Desde a infância, havíamos sido preparados com a idéia de morrer pelo Imperador. Aprendêramos a odiar a covardia acima de tudo. Nossos pais teriam preferido, diziam eles, que nos trouxessem mortos para casa do que vivos depois de ter sido prisioneiros de guerra. Sentia-me, como uma alma de velho Samurai, decidido a combater pelo Imperador.

Era impossível sabermos de antemão qual seria nossa promoção, pois isso permanecia em segredo até que começava o treino propriamente dito. Havia quatro seções: os *kamizaki*, pilotos especiais para "raids" de longa distância; os *kaiten*, submarinos ou homens torpedo; os pilotos dos vapores costeiros e finalmente os homens que eram ensinados a saltar ou a mergulhar com uma carga de explosivo entre tropas inimigas concentradas, que houvessem conseguido desembarcar.

Fui escolhido para a seção dos *kaiten*, pilotos de torpedos humanos. A palavra *kaiten* significa "reverso do destino". Mandaram-nos um pouco mais a baixo, no litoral, a uns doze quilômetros de Hiroshima.

Trabalhamos perto de seis meses — levantávamo-nos às cinco ou às cinco e meia da manhã e o dia todo nos exercitávamos a dirigir grandes torpedos em forma de charuto contra as partes vitais dos navios de guerra americanos. Esses exercícios eram secretos: abrigados por muros bem guardados, des-

ciamos por um alçapão que era fechado a seguir e aí, estendidos no ventre de nosso enorme peixe (mais ou menos quatro vezes mais longo do que nós) servíamos-nos das mãos e dos pés para manobrar as alavancas de comando que nos conduziriam ao inimigo, abaixo da superfície do mar.

Tínhamos um periscópio do qual podíamos nos servir perto da superfície e, naturalmente, uma reserva de oxigênio. O alvo era um vapor de guerra que se deslocava elêtricamente dentro do campo de nosso periscópio e um quadro indicava se o objetivo havia sido atingido ou não.

Um dia viria a ordem, nós o sabíamos; e nesse dia, desceríamos num torpedo pela última vez. Nossos amigos selariam o orifício de entrada, o periscópio ficaria mergulhado nas águas e o motor nos arrastaria para o inimigo. Teríamos uma reserva de oxigênio para duas horas — o que era muito suficiente, pois se errássemos o alvo, a frente do torpedo estava regulada para explodir ao fim de duas horas.

Na expectativa, nesse verão, passávamos o domingo recreando-nos. Gostava de ler Hegel, Kant, Goethe e Platão. Podíamos ouvir música clássica pelo rádio. Usufrua um prazer particular ouvindo Haendel. Enquanto que hoje dir-se-ia que o rádio se contenta exclusivamente com canções de cow-boys!

Lembro-me de uma dessas tardes quentes e preguiçosas, do mês de agosto. Estava de pé, à sombra de uma grande árvore. No decorrer desse verão de 1945, os bombardeios se haviam acentuado; observava a aproximação de um caça Grumann. Como não se tratava de um bombardeiro, não corri para o abrigo. Repentinamente — br-r-r-r-t — metralha! Num pulo pus-me atrás da árvore. Nunca havia sentido a morte tão perto.

Mais ou menos às 8 horas e um quarto, de uma manhã quente e clara, ao nos levantarmos da mesa, depois do café, a porta se abriu, de repente, impelida por uma formidável explosão,

um verdadeiro muro de ar. No céu, acima de Hiroshima, se erguia uma nuvem rosa-nylon, com a forma de um cogumelo!

Durante os dias que se seguiram, tivemos que nos amontoar num espaço cada vez mais estreito. Os feridos, horrivelmente queimados por baixo das ataduras, chegavam, sempre mais numerosos, e lhes cedíamos nossas camas. Tivemos que enterrar os cadáveres que davam à praia, — cadáveres daqueles que haviam tentado acalmar seus sofrimentos mergulhando nas águas do rio ou da baía. Ainda hoje, ao pensar nisso, tenho pesadelos.

Terminada a guerra, tudo começou a ruir para mim. Não conseguia ter notícias de minha família e julgava-os todos mortos. Já não tinha mais razão alguma para ser disciplinado. Procurei juntar dinheiro fazendo câmbio negro ou trabalhando de uma maneira ou de outra.

Decidi depois continuar meus estudos. Dez por cento dos lugares reservados nas universidades destinava-se aos alunos das escolas navais e militares. A concorrência era encarniçada. Tive sorte de poder entrar numa ótima escola (hoje a Universidade de Kyoto) como estudante de ciências gerais.

Cêrca de dois meses mais tarde eu voltava, à noite, para a escola. Fazia frio. Três soldados americanos me fizeram parar na rua e me tomaram todos os objetos de valor que tinha comigo, inclusive o dinheiro da bôlsa que me fôra concedida. Pouco tempo depois, as contas do colégio começaram a chegar. Era-me impossível pagá-las e tive que ir embora.

Quando conseguia um pouco de dinheiro comia batata-doce e arroz. Certa vez, durante duas semanas seguidas só tive para comer rábano e sal. Era a mesma coisa para todo o mundo. Tínhamos frio, tínhamos fome e estávamos cheios de revolta.

Descobri naquele inverno que minha família estava viva, salvo minha avó a quem queríamos tanto. Ela se encontrava

num vapor que os russos torpedearam. Revoltava-me contra eles, porque meus pais, que tiveram que recomeçar do nada, não podiam me ajudar. Revoltava-me contra o governo japonês que nos havia conduzido à guerra, à miséria e ao desespero. Revoltava-me também contra os americanos por causa da bomba atômica, por causa do dinheiro que me haviam roubado e também porque com uma lata de conservas ou um punhado de cigarros podiam atrair quase tôdas as jovens japonesas.

Durante meses tive que lutar por cada tostão. Tomava o trem para procurar trabalho fôsse onde fôsse. Quando o fiscal pedia meu bilhete, fazia um gesto com a mão acima do ombro com um bilhete velho para fingir que já havia passado pelo contrôle em outro vagão e, assim, viajava sem pagar. Tôda a disciplina adquirida na Escola Naval havia sido varrida pela revolta e pelas decepções. Comecei então a fazer jus ao meu apelido: *Deko*, o duro. Organizei um bando de jovens mais moços do que eu para negociar no mercado-negro arroz, que era raro, e cigarros americanos, mais raros ainda.

Finalmente, em abril de 1947, recebi uma bôlsa para fazer estudos de engenharia na Universidade Aoyama Gakuin de Yokosuta. Secretamente tinha a esperança de que uma escola cristã como aquela seria a minha salvação. Depois de dois sombrios anos de vida desordenada, negociando no mercado-negro, sofria terrivelmente. Lembrava-me de uma festa de Natal, celebrada por cristãos, à qual assitira outrora quando tinha doze ou treze anos. Tudo naquela época era tão diferente da minha vida atual!

Encontrei trabalho como auxiliar de lavador de louça na base naval americana que ficava perto de nossa escola. Davamos uma refeição por dia. Sentiamos tanta fome que era quase impossível resistirmos à tentação de apanhar até as sobras. Mas, sabíamos que, se nos apanhassem, seríamos despedidos.

E eu não queria perder a oportunidade de fazer os meus estudos! Lembro-me da raiva que me tomava quando via jogar alimentos no lixo.

Diferentes organizações de estudantes disputavam a supremacia na universidade. Nossa escola possuía um barco. Eu era antigo aluno da Escola Naval. Vestia sempre o uniforme; não tinha meios para comprar outras roupas. Se ao menos eu conseguisse pôr em marcha o barco, tôda a gente me daria atenção. Mas a gasolina estava racionada. Sabia que os americanos a possuíam em quantidade. Porque não tentar buscá-la? Sabia também que se eu fôsse descoberto a sentinela atiraria.

Escolhi uma noite bem escura para saltar a barreira e me aproximei de um dos caminhões da base naval. Justo no momento em que eu ia começar a extrair a gasolina ouvi passos. Sentí o coração pulsar violentamente e foi com o suor gotejando que me arrastei debaixo do caminhão. Era um agente da polícia militar, mas, felizmente, não me viu e continuou o seu caminho.

Nos dias que se seguiram levei os estudantes a passear de barco. Procuramos ficar fora das vistas da base naval: certamente indagariam como tínhamos conseguido gasolina para passeio em pleno racionamento!

Uma noite, tivemos uma pane por falta de gasolina justamente no momento em que se preparava uma tempestade. Mais rapidamente do que a vela nos levaria ao pôrto, uma corrente fortíssima nos arrastava em sentido contrário. Sentíamos todos muito medo. Pela madrugada consegui finalmente encalhar numa praia e todos, ajoelhados sôbre a areia, agradecemos à Providência!

Soubemos a seguir que a base naval, informada de nossas dificuldades, mandara um avião à nossa procura. Mas não nos havia encontrado. Apesar de meu ódio pelos americanos, forçoso me foi reconhecer que também tinham algo de bom.

Os passeios de barco e o modo como eu conseguira gasolina suscitaram a admiração dos estudantes e fui eleito Presidente.

Naquela época eu pouco sabia sobre os comunistas, mas lembro-me de um homem que me procurava para conversar. Aproveitava-se da minha revolta. Muitos dos melhores alunos da Escola Naval ouviram os comunistas e hoje, são comunistas êles próprios. Os comunistas têm mão firme sobre duas das organizações nacionais de estudantes.

Ao olhar para trás, creio que a única razão porque não os segui foi porque um outro homem, animado, êle também, por um grande ideal, tentava, ao mesmo tempo, me pescar.

Era um americano chamado Roland Harker, jovem vigilante geral de nossa escola. Falava um japonês bem melhor do que o meu inglês. Servíamos-nos então de uma espécie de mistura anglo-japonêsa. Não podia deixar de estimá-lo, porque parecia realmente se interessar por nós como indivíduos.

Eu me tornara responsável pelo nosso dormitório. Duas ou três vezes por semana vinha visitar-nos à noite. Confortava-nos organizando divertimentos que nos aqueciam e gostávamos de sua companhia. Contava-nos histórias e mais histórias sobre jovens que, como nós, haviam mudado completamente o seu modo de viver.

Isso nos interessava vivamente. Da maneira que íamos, pouco esperávamos da vida.

Não tendo dinheiro para voltar para casa, passei as férias de Natal no dormitório. No Japão, a véspera do Ano Bom é um grande dia. Roland por certo adivinhou o quanto eu me sentia só, pois convidou-me para ir à sua casa. Ofereceu-me um bife de carne moída. Que diferença em relação às minhas eternas batatas-doces! Fizemos vários jogos de fósforos. Falou-me de padrões morais absolutos. Não fôra assim que eu vivera! Disse-me também que era possível escutar uma voz interior

para saber o que fazer e como fazê-lo. Até então, eu só escutava a voz da ambição, da popularidade e de outras satisfações.

Era como um desafio: "Durante a guerra, você daria a vida pelo seu país? — Sim. — Por que não a daria agora para construir o mundo como você queria que êle fôsse?" Não respondi à sua pergunta naquele dia.

Não tinha outro pensamento a não ser a gasolina roubada. Não ousava, contudo, abordar êsse assunto. Os americanos podiam me mandar para os serviços forçados em Okinawa, e, de qualquer modo, eu seria expulso da Universidade.

Entretanto, no decorrer das semanas que se seguiram, comecei a "escutar" como êle havia sugerido. Já não era uma disciplina imposta pelo treinamento militar. Isso vinha do interior do coração e da vontade e era o que lhe dava força.

Naquela primavera, Roland nos envergonhou a todos. Encontramo-lo um dia, êle, o vigilante geral, trajando velhas roupas, removendo um monte de entulho que se encontrava em frente aos nossos edifícios. Nosso primeiro pensamento foi: "Está louco!" Mas não havia outra coisa a fazer senão nos atirmos ao trabalho também. A escola não era rica e tôda a operação nada custou.

Foi mais ou menos nessa época que meditei, pela primeira vez, sôbre os quatro padrões morais e medi minha vida, ponto por ponto, à sua dimensão. Contudo, não ousava falar sôbre o roubo da gasolina.

Em seguida, Roland me convidou para compartilhar do seu alojamento. Para mim, era esplêndido. Era mais quente e há cêrca de três anos não comia tanto.

Alguns dias mais tarde, o Rearmamento Moral realizou uma reunião num dos grandes clubes de Tóquio. Foi aí que resolvi então, finalmente, dar o passo que evitava desde o Ano Novo.



Entre os assistentes havia um ex-Primeiro Ministro, um tio do Imperador e diversas outras personalidades. Fui um dos que tomaram a palavra. Contei-lhes o que havia aprendido no Rearmamento Moral e em seguida alguém veio me agradecer. Nesse momento percebi que já não podia mais retardar o momento em que falaria sobre a gasolina subtraída, custasse o que custasse.

Encontrei Roland no seu quarto e sentei-me em sua cama, ao seu lado. Meu coração pulsava com violência e eu estava arrepiado. Temia que ele não quizesse mais me conservar ao seu lado. Finalmente disse, abruptamente, que havia furtado a gasolina na base naval e por quê. Acho que Roland sempre percebera que eu escondia alguma coisa. Em todo o caso pareceu compreender que um tipo da minha espécie acabaria por contar honestamente as coisas.

Sabia que com essa confissão teria que me apresentar ao comando da base naval. Estava mais amedrontado ainda do que na noite em que me escondera debaixo do caminhão. Tartamudeando contei que havia roubado a gasolina e pedi que me desculpasse. O comandante ficou surpreendido: "Sim senhor! exclamou ele, eis justamente o espírito de que precisamos" — e deixou que eu saísse sem castigo. Quando voltava, chovia torrencialmente, mas o meu sorriso era tão franco que todo o mundo se virava à minha passagem.

Nesse dia, minha amargura contra os americanos se dissipou.

A etapa seguinte era mais difícil ainda: ser honesto para com os meus pais na minha volta para Hokkaido no verão. Muitas vezes dizemos: Um japonês teme os tremores de terra, os incêndios, os tufões ... e o pai.

Comecei por contar ao meu pai tudo o que eu havia feito e de que me envergonhava. Empalideceu, sem dizer uma palavra — eu não atinava com o que se passava com ele. Durante

nove dias manteve-se literalmente de pedra comigo, até que encontrou a coragem para me contar uma coisa que havia feito durante a ocupação russa e da qual se envergonhava. Desde então, nos tornamos verdadeiros amigos . . .

Foi-me preciso então ir até ao chefe da estação de Tóquio para pagar as viagens que havia feito sob fraude. Ficou muito surpreendido e aceitou minhas desculpas, mas não quis guardar o dinheiro que eu lhe devolvera como reembolso; mandou-o para o Rearmamento Moral e desde então continua a mandar um cheque, regularmente.

Em seguida, o chefe de estação levou-me ao governador das Estradas de Ferro nacionais. Reiterei o quanto me arrependia da minha desonestidade e como havia transformado o curso de minha vida. A seguir, pôs graciosamente a sua sala de conferências à disposição do Rearmamento Moral.

Depois disso, terminei meus estudos e participei do trabalho do Rearmamento Moral na Europa, na América e também na Ásia.

A primeira vez que encontrei Frank Buchman foi no fim de uma assembléia na ilha de Mackinac, no Estado de Michigan. Ele convidara, certa vez, todos os japoneses presentes para jantarem numa das casas da ilha, mas, pessoalmente, eu só me havia inclinado para cumprimentá-lo. Desta vez, estávamos num trem que ia para o oeste, em direção a Los Angeles. Ele fez enviar ao meu compartimento um convite para almoçar com ele. Passei muitas horas preparando o que diria ao "grande homem". Durante todo o almoço, ele não disse uma palavra, a não ser, de quando em quando, uma observação sobre a paisagem, que era soberba. Acabada a refeição, levantou-se e agradeceu cortêsmente o negro que nos servira.

Compreendi, nesse dia, que eu quizera colocar um grande líder no centro de minha vida, no lugar de Deus. É um perigo no qual caímos facilmente no Japão. No dia seguinte, disse-o

a Frank. Com um sorriso respondeu: "Muito bem, muito bem." Ele me ensinou mais no decorrer desse almoço sem nada dizer do que poderia ter feito com milhares de palavras.

Lembro-me de uma outra ocasião em que, mais uma vez, pouco disse, mas suas palavras atingiram o objetivo! Encontrávamo-nos em Madras, Índia, com uma grande equipe que representava várias peças de teatro. Com outros, eu indicava os lugares para os espectadores. Concordamos que fazia muito calor para permitir que pessoas ficassem de pé, no fundo do teatro. Frank e seus convidados se arriscariam a ser incomodados. Assim, centenas de pessoas foram mandadas embora.

No intervalo, Frank saiu e notou: "Hoje não há muita gente."

Dissemos o que havíamos feito.

"Como? Exclamou ele com uma voz de trovão, vocês os mandaram embora? A essas pessoas que haviam esperado horas inteiras sob o sol ardente na esperança de entrar?"

Respondemos que estávamos arrependidos. "Eu também", disse ele.

No dia seguinte temia encontrar Frank. Tinha a impressão de haver falhado em tudo e o desânimo me dominava. Tentei evitá-lo mas ele veio falar comigo. Seus olhos cintilavam quando perguntou: "Como vão as coisas hoje?" Sorria-me e eu sentia o seu perdão. Frank odeia o pecado, mas ama o pecador.

Na ocasião de uma outra assembléia, lembro-me que o diretor de uma companhia aérea veio se despedir de Frank Buchman. Uma equipe se preparava para partir, por avião, para as Índias. Esse homem manifestou a Frank toda a sua gratidão pelo entendimento e pela felicidade que havia encontrado na família.

"Que vai o senhor fazer para dar o Rearmamento Moral ao mundo?" Perguntou Frank Buchman. "Vou dar a importância de meu seguro de vida", respondeu o homem. Todos os presen-

tes pensaram: "Ótimo!" — mas Frank não. "E o que mais", continuou êle. "Vou oferecer passagem aos que vão para as índias." Já nos sentíamos constrangidos e olhávamos para o chão. "E o que mais?" disse Frank mais uma vez. "Vou me entregar, eu próprio, inteiramente para essa batalha." — "Bem", disse então Frank.

Outro homem teve considerável influência sobre minha vida. Foi o jovem japonês Yori Mitsui, filho de Takasumi Mitsui, da grande família de industriais bem conhecida. Em 1951, Yori dispendeu tôdas as suas energias a serviço de uma delegação de 75 japoneses que estudavam o Rearmamento Moral na Europa e na América. Terminou por cair gravemente doente, mas mesmo morrendo continuou a dar-se sem limites a todos os que o rodeavam na Clínica Mayo. Tinha então vinte e dois anos.

Quando descemos seu ataúde ao túmulo, em Passadena, na Califórnia, tomei a decisão de continuar sua luta. Desde então, quando o desânimo me ataca, penso em Yori e sei que não posso trair minha promessa. Muitos japoneses, desde então, se dirigem a sua sepultura e lá colhem uma nova inspiração. Na lage estão gravadas estas palavras de Frank Buchman: "Yori vive na glória para unir o Japão à América, para sempre."

Nunca esquecerei os dias que passei em Manilha no ano de 1955. Eu era um dos primeiros japoneses que foi às Filipinas depois da guerra. Fomos convidados por uma das famílias mais consideradas de lá — se bem que fôsse quase impossível para um japonês pensar em atravessar o humbral de um lar filipino, tão violento era o ódio deixado pela guerra.

All, uma mulher contou o que os oficiais japoneses haviam feito a sua família. Esses oficiais, que se aquartelaram durante vários meses na casa de parentes dela temiam as represálias que os filipinos pudessem lhes infligir com a chegada dos americanos. Encerraram então os parentes dessa mulher numa

igreja, juntamente com muitos outros filipinos, e depois de molharem o edifício com gasolina, atizaram-lhe fogo.

“Como vocês puderam ser tão cruéis?” Perguntou ela.

O que poderia responder um japonês? Finalmente disse: “Lamento terrivelmente. Desejo consagrar tôda minha vida a reparar nossos êrros contra os países que sofreram por causa do Japão. Quero trabalhar e viver para que os japoneses nunca mais façam semelhantes coisas.”

É o compromisso de tôda a minha vida — e minha mulher, Yuriko, tomou-o, também, como eu.

HIDEO NAKAJIMA

*Japão*



## *Três irmãos, um objetivo.*

As pessoas não acreditavam em seus próprios olhos: em Atpadi, uma aldeia perdida no coração da Índia, três cow-boys e um rabecão enorme saíam de um velho Plymouth, modelo 1938. Na estrada poeirenta, queimada pelo sol, este carro velho tinha passado por carros puxados por búfalos e, mais adiante, cavara profundos sulcos na lama.

Rajmohan Gândhi, neto do Mahatma, era o amigo e o guia destes cow-boys que éramos nós. Tinham-nos convidado para um encontro com Vinoba Bhavé, o grande discípulo de Gândhi.

Continuando a obra do Mahatma, este santo homem que é Vinoba, percorreu a pé, no decurso dos últimos anos, milhares de quilômetros, indo de aldeia em aldeia para pedir aos proprietários, que dessem terras àqueles que não as possuíam. Depois de nos lavarmos no poço da aldeia e termos tomado a refeição que as camponesas nos prepararam sobre folhas de bananeiras, soubemos que Vinoba nos queria ver. Tínhamos-lhe composto um canto especial e o cantamos para ele, todos os três, acompanhando-nos com nossos instrumentos. Ele escutava sorridente, batendo o compasso com os dedos. A letra estava escrita em sua própria língua. Era assim: "Há terra bastante no mundo para a necessidade de todos, mas não há bastante para a ganância de cada um. Se cada um cuidasse do próximo e repartisse o bastante, haveria o suficiente para todos."

Depois de ter ouvido diversas das nossas canções, Vinoba pediu que o acompanhássemos a sua grande reunião pública. Não longe da casa, dez mil pessoas sentadas no chão, esperavam impacientes ouvir e ver o santo homem. Então cantamos para a multidão; Rajmohan traduzia. Depois Vinoba tomou como tema do seu discurso as palavras de nossa canção, fazendo todos rirem às gargalhadas ao caçoar do grande rabeção de Ralph!

No dia seguinte, às quatro e meia da madrugada, pusemo-nos a caminho, com Vinoba e seus fiéis, para irmos a pé até a próxima aldeia, a 10 quilômetros de distância. Tôda a população havia saído para receber Vinoba e prestar-lhe homenagem. Havia sido construído um arco de boas vindas. Nós abrimos caminho por entre os aldeões que se exprimiam ao longo das ruas alegremente decoradas. De novo Vinoba pediu-nos para cantar e falar à multidão.

Antes de partirmos no velho Plymouth, que nos esperava na aldeia, Vinoba nos chamou e disse: "Vocês e eu devemos trabalhar juntos. Devemos formar um bloco moral e ganhar o mundo para nossa causa."

Ao longo da estrada, as mulheres que lavavam suas roupas no rio, nos acenaram afetuosamente.

O que nos havia levado, a nós, três irmãos em trajas de cow-boys, três jovens americanos como tantos outros, a cantar nesta aldeia longínqua, tão diferente da nossa pátria, e ao lado de um santo homem da Índia?

Eis aqui a história:



"Tenho uma idéia! E se formássemos uma orquestra?" sugeriu um de nós, presos em casa, num dia de chuva, perguntando o que fazer para não bocejar de tédio. Éramos três. O mais velho, Steve, de 15 anos, Paul de 12 e Ralph de dez. Nosso



quarto irmão Ted, de 2 anos, era realmente muito criança para que o incluíssemos! Todos ficaram encantados com a idéia da orquestra; Steve foi buscar sua guitarra de 5 dólares, na qual não tocava há 5 anos, e Paul persuadiu mamãe a comprar um banjo ukulelé barato. Isto foi o começo.

Gostávamos muito das melodias dos cow-boys americanos. Foi a êste tipo de música que nos lançamos. Depois de duas semanas, nosso repertório se compunha de dez números. Aparecemos em público pela primeira vez num coquetel em nossa casa. Contando dez anos de idade Ralph foi o sucesso da noite com seu canto *Rye Whiskey*.

Papai, que estava tão entusiasmado quanto nós, deu novos instrumentos para Steve e Paul, uma guitarra e um bandolim. Ralph não tinha instrumento, e como gostava muito de cantar, tornou-se nosso solista oficial. Com sua voz de menino de côro cantava o "yodle" como ninguém! Mas chegou o momento em que também êle devia tocar um instrumento. Steve e Paul discutiram o assunto e escolheu-se o rabecão. Dez aulas, e algumas semanas depois, o rabecão de Ralph nos reunia para o resto da vida. Com o apelido de Jorge, o instrumento era três cabeças mais alto que Ralph, que, naquela época, tinha apenas 12 anos. Também, durante um ou dois anos os irmãos tiveram que carregá-lo!

Nossa aventura musical desenvolveu-se rapidamente. Nossa juventude e nosso entusiasmo conquistava todo mundo. Pediam-nos para tocar nas sociedades, nas festas particulares, nos hospitais e festas de caridade.

Ganhamos um concurso de amadores em Indianápolis. Saímos vitoriosos diante de um número enorme de concorrentes, incluindo um pianista de jazz fenomenal. Para eclipsar êsse tipo, escolhemos um canto muito rápido chamado Freight Train Blues no qual Paul tocava ao mesmo tempo bandolim e banjo.

Nossa música já se tornava uma profissão. Dezoito meses depois de havermos começado, passávamos para a categoria profissional, ganhando por cada audição. Ralph lembra-se como o primeiro cheque de trinta dólares excitou o seu apetite por dinheiro. O cheiro do sucesso nos fez levar a sério o futuro de nosso trio. Com a idade de 18, 15 e 13 anos, nós tocávamos sozinho, uma vez por semana, na televisão.

Depois compramos um automóvel para nós. Tivemos sucessivamente um Oldsmobile 36, um De Soto 36 e um Ford 41. Este último era azul turquesa. Nosso dinheiro ia principalmente em gasolina, roupas de cow-boy e instrumentos de música. Uma vez tivemos um jipe conversível, cor bordeaux. Este jipe possuía uma buzina musical que podia tocar *Mary Had a Little Lamb*. Um certo dia a buzina disparou numa nota aguda dentro da garagem, durante a noite, e pôz a vizinhança toda louca.

Na primavera de 1951, nosso pai mudou de situação; de Indianápolis fomos para Los Angeles onde montou um negócio de alimentação. Para nós, a Califórnia significava Hollywood e perspectivas ainda mais largas. Pouco depois da nossa chegada, conhecemos Tex Williams, o famoso cantor de Westerns. Ele nos convidou a participar regularmente dos seus programas de rádio e televisão. Os programas do rádio eram transmitidos por uma cadeia nacional. Depois assinamos um contrato para gravar discos na Colúmbia. O futuro se apresentava brilhante e promissor.

Tínhamos começado nosso trio, só para nos divertir; mas agora, à medida que passavam os anos, e devido a nossa ambição, tornava-se cada vez mais um negócio e cada vez menos um divertimento.

PAUL. — Ensalar já se tornara uma obrigação. Ralph abandonava a leitura de suas revistas e se juntava a nós arrastando seus chinelos. Cada nota falsa me enfurecia e eu

ameaçava muitas vezes parar tudo. Steve e Ralph discutiam para saber quem cantaria o solo. Eu solucionava a questão de acordo com os melhores processos democráticos! E continuávamos de muitíssimo mau humor.

RALPH. — Para nós com menos de vinte anos, esta vida de artistas era fascinante: além de todas as outras atividades, tornava-nos os rapazes mais ocupados da cidade. Não tínhamos nunca um momento livre. Os que não tinham que dirigir o automóvel para ir ao estúdio de televisão, estudavam no carro. Nós nos interessávamos por muitas coisas. Tínhamos nossos trabalhos escolares e participávamos da diretoria de nossa associação de estudantes. Fazíamos parte também das diferentes equipes esportivas de nossa escola: futebol, basquete, baseball, tênis e atletismo. Desde a tenra infância todas as noites nosso pai nos treinava nos princípios fundamentais do baseball. E depois havia os clubes, e noites dançantes, sem esquecer os banhos de mar nas praias maravilhosas da Califórnia. Todos os jovens vão à praia. Levávamos nossos amiguinhos e ficávamos estendidos na areia, apanhando sol o dia todo. Jogávamos um pouco de vôlei, pulávamos na água e voltávamos à praia para ainda aproveitar o sol. À noite grelhávamos salsichas.

STEVE. — Tudo girava em torno de nossa vida social. Na Universidade, pensava tanto nos meus encontros, que minhas notas não eram nada brilhantes. Não que eu seja estúpido, mas era preciso tempo para decidir com quem sairia.

PAUL. — Se não tivéssemos dois encontros por fim-de-semana, não seríamos os tais.

RALPH. — A pior coisa que nos poderia acontecer era não termos programa para sexta ou sábado à noite.

STEVE. — Nunca estávamos em casa. Mãe nos suplicava para voltar cedo, à meia noite ou à uma hora. Isto é bem razoável para os hábitos americanos. Então voltávamos

lá pelas 3 horas. No dia seguinte, quando mamãe perguntava a que horas tínhamos voltado, respondíamos, "A uma e meia". Nossos pais ainda tinham esperança de nos ver seguir o bom caminho.

PAUL. — Eles sabiam que não podiam fazer observações, pois estivéramos em festas nas quais nossos pais estavam mais do que alegres. Era a maneira de viver dos seus amigos. Alguns deles divorciaram-se, mesmo depois de vinte anos de casamento.

Em julho de 1951, nossos pais receberam entradas para uma peça musical chamada *Jotham Valley*. Voltaram muito entusiasmados e nos recomendaram vivamente que fôssemos também. Era oportunidade para levar as amiguinhas a uma coisa diferente do cinema, para o qual já tantas vêzes as convidáramos. Ademais, os bilhetes não custavam nada — uma verdadeira canja! Partimos com as garotas para assistirmos á *Jotham Valley*. Depois do espetáculo conversamos com alguns dos atores. Eram rapazes como nós. Um vinha da Inglaterra, outros dos Estados Unidos e do Canadá. Mas que sorriso! Um olhar franco e limpo, verdadeiros camaradas como ainda não tínhamos visto. Ficamos surpreendidos de saber que nenhum dos artistas recebia ordenado. O primeiro tenor tinha uma voz que os críticos musicais comparavam à de Ezio Pinza, mas tinha renunciado à fama e fortuna, para cantar nas peças do Rearmamento Moral. Encontrávamos êstes rapazes pela primeira vez, mas por estranho que pareça, êles logo nos inspiraram confiança. Sentíamos que de qualquer forma eram nossos melhores amigos. O que nêles mais nos impressionava é que tinham uma razão de viver e um alvo preciso, ao passo que nós, nos deixávamos levar pelos acontecimentos, tentando tornar a nossa vida o mais agradável possível.

Alguns dias mais tarde, convidaram-nos a tocar no aniversário de um dos atores, um jovem escocês. Foi uma festa notável. Nunca nos divertíramos tanto, nós que sabíamos o

que eram festas! Mas esta era diferente. Havia bem umas 150 pessoas — rapazes, moças, jovens e velhos, de diferentes países. Cantamos quase todo nosso repertório, que foi acolhido com enorme entusiasmo. O jovem escocês tocou ao piano boogie-woogies endiabrados, que acompanhamos com nossos instrumentos. Formidável! Mas era o ambiente e o entusiasmo desta gente que tornou a festa tão alegre. A alegria explodia em francas gargalhadas e cada um gozava a vida a fundo. Era uma alegria verdadeira e limpa. Relembrando em seguida esta festa, não podíamos compreender como nos tínhamos divertido tanto sem os acessórios habituais: encontros, danças e luzes veladas.

Alguns dias mais tarde, fomos cantar num almoço importante. Justamente antes da refeição alguém nos apresentou a Frank Buchman. Ele tinha então 73 anos e tinha dificuldade de andar. Usava um terno azul marinho. Depois de um olhar às nossas jaquetas de esporte californianas, em cores vivas, disse com malícia nos olhos: "Vejam êstes magníficos paletós! Vou mudar de roupa imediatamente". Desapareceu e pouco depois voltou com um paletó em xadrez cinza claro e preto, rivalizando em alegria com os nossos. Êste senhor de idade tinha um coração tão jovem e alegre que sabia cativar tra-tantes como nós.

*Jotham Valley* estava em cartaz no célebre *Carthay Circle Theatre* em Hollywood. Convidaram-nos a ajudar a mostrar os lugares às pessoas. Foi o que fizemos noite após noite. Era apaixonante, pois todo o trabalho fazia-se em equipes e ninguém ganhava um tostão! Com isto ficamos mesmo intrigados.

Cada noite, durante a representação, instalados no foyer do teatro, discutíamos durante horas com os "vagalumes". Êstes nos falavam dos quatro padrões morais. "Ora, dizíamos, vocês devem ser perfeitos!" Êles riam-se. Fizemos muitas perguntas, a fim de saber o que êstes padrões significavam na

vida de cada um. Outra coisa nos impressionou particularmente. Eles diziam-nos que o homem comum pode fazer coisas extraordinárias e que nós, simples indivíduos, poderíamos contribuir para a transformação do mundo. Sabíamos vagamente que o mundo necessitava de transformação, mas evidentemente isto estava fora da nossa esfera de interesse. Se podíamos ajudar a transformar o mundo então havia nisto qualquer coisa de grande e importante. O que mais nos impressionava é que estes jovens viviam de acordo com o que eles diziam. Chegou o dia em que nos perguntaram: "Vocês gostariam de tentar?" "O.K., respondemos. O que devemos fazer?" Disseram-nos que podíamos ouvir a voz de Deus que falaria ao nosso coração. Um dos rapazes nos explicou que éramos como receptores de rádio. Se os contactos estão sujos, é preciso limpá-los para se ter uma boa recepção.

Na família, fomos todos conquistados por esta idéia. Uma noite, quando voltávamos para casa de carro, pelas avenidas de Hollywood, lindamente iluminadas, declaramos que daríamos voluntariamente todo nosso dinheiro ao Rearmamento Moral e estaríamos mesmo prontos a fazer a volta ao mundo por esta idéia, mas somente depois de termos atingido riqueza e fama!

Entretanto, decidimos fazer uma tentativa. Nossos amigos nos disseram que, de acordo com sua experiência, Deus tem um plano para a vida de cada um de nós; se escutássemos, poderíamos descobrir qual seria este plano. Em outras palavras, se nós escutássemos, Deus falaria. Estávamos muito céticos. Nossa família mantivera uma média de presença honrosa à Igreja e nós sabíamos rezar, mas seria ir longe demais pensar que Deus pudesse nos falar.

RALPH. — Valeria a pena tentar e não havia nada a perder. Apesar de, no fundo, temer o que pudessem dizer meus amigos da escola se soubessem o que eu fazia.

Eu tinha apenas quatorze anos, mas este pensamento me impressionou. "Tua vida está em desordem. Deixa Deus agir".

Era uma linda manhã de domingo. Sentei-me a beira da cama e anotei: "Pede perdão á Mamãe e ajuda mais em casa". Foi o que fiz. Mamãe tornou-se logo bem mais alegre. Eu era o diabo em casa. Preguiçoso, desordeiro e nunca fazia meus deveres. Mamãe tinha muito trabalho para me fazer ir à escola na hora certa. Mas era mais difícil ainda fazer-me trabalhar em casa. "Ralph, você varreu a entrada da garagem?" "Varri", respondia habitualmente atrás de uma revista de quadrinhos. Naturalmente, eu não varrera nada e quando mamãe percebia me reprendia e se zangava.

Muitas coisas a meu respeito eram ignoradas pela família. Tomava cuidado para que ninguém as descobrisse. Eu era um rapaz com os problemas de todos os rapazes, fumava escondido, namorava, lia livros proibidos; minha vida girava em tórno disto. Como todos assim agiam, porque procurar fazer de outra maneira? Na verdade eu tinha vergonha de algumas destas coisas, mas eram mais fortes do que eu. Um dos meus novos amigos, um canadense, falou-me dêle mesmo, de suas estroinices e do que teve de fazer depois de ter decidido transformar-se. Foi a primeira vez que alguém me falou tão francamente e pela primeira vez me senti apto a dizer o que tinha no coração, principalmente as coisas que eu tinha tão cuidadosamente escondido. Depois de lhe ter contado tudo, senti-me leve como uma pluma.

Contei também tudo a Steve e a Paul e depois aos meus pais; foi o mais difícil. Eu estava certo de que êles não compreenderiam; mas, no entanto, compreenderam muito bem e me ficaram agradecidos.

Meus novos amigos tinham dado ao rapaz ultra moderno que eu era, um alvo bastante grande para pôr minha vida em ordem e viver da boa maneira!

PAUL. — É interessante aprendermos a nos conhecer e descobrir o que nso faz agir. Gostei muito de *Jotham Valley*, mas durante a representação eu não me sentia à vontade. A

mensagem da peça (a reconciliação de dois irmãos em proveito do vale inteiro) me fazia refletir, mas inconscientemente eu procurava me justificar, dizendo-me: "Foi assim que sempre viveste". Na realidade, eu não me teria defendido tanto se isto fôsse verdade. Aos olhos dos meus amigos eu passava por um "rapaz direito". Quando êles contavam histórias sujas, fingia não prestar atenção. De fato, eu vivia e pensava como êles, ou pior, mas queria manter um bom verniz exterior. Assim, nem êles, nem minha família me conheciam verdadeiramente.

A envergadura do trabalho feito por meus novos amigos me entusiasmava. Era como uma bomba que explodia e me fazia ver um mundo novo. Era lógico, justo e parecia ser o próximo passo a dar. Queríamos nos dedicar a isto com tôda a impetuosidade do sangue moço que corria em nossas veias.

Tínhamos uma vida interessante, dinheiro, sucesso, mas havia alguma coisa, no entanto, que nos faltava. Porque tudo o que fazíamos na vida convergia sempre para nós mesmos.

Um dos meus primeiros pensamentos, ao fazer silêncio, foi para meu irmãozinho Ralph, que eu tratava sem a menor atenção. Devia pedir-lhe desculpas, mas a idéia me repugnava, temendo que êle abusasse depois. Na verdade, eu tinha ciúmes dêle. Êle era física e intelectualmente o que eu gostaria de ser. Pedi-lhe perdão e nos tornamos os melhores amigos. Um dia compreendi que sempre me havia sentido inferior, por causa da minha asma. Sempre fui doentio e êste sentimento de inferioridade dominava minha vida, sem que eu o percebesse. Para compensar, procurava a perfeição em tudo o que fazia, tanto nos meus estudos, como nas minhas atividades esportivas ou na minha música. E quando não atingia a imagem ideal que fazia de mim mesmo perdia o sangue frio. Todos os meus esforços eram no sentido de bem impressionar os outros, especialmente as jovens. Que alívio poder ir à escola, sem dar importância à opinião dos outros!



STEVE. — Eu tinha talvez mais ambição do que Ralph e Paul para nossa carreira musical e via já nossos nomes em letreiros luminosos, iluminando as ruas de Hollywood. Não sabia onde isto nos levaria, se ao cinema, à televisão ou a montar a cavalo nos filmes de cow-boys, mas eu amava os aplausos e o sucesso. Isto dá o sentimento de se estar realizado.

Nosso pai, como negociante consciencioso, estabelecera um programa com quatorze pontos, indicando o caminho a seguir para ter êxito. Este programa constava de novos trajes, publicidade e correspondência com os técnicos que passavam os discos nas estações de rádio. Durante nossas férias, construímos um quarto em cima da garagem para lá instalar o nosso escritório. Compramos um grande classificador para a correspondência de nossos admiradores e nossa correspondência comercial. As paredes eram decoradas com fotografias dos nossos amigos e dos nossos ídolos de Hollywood. Como solista de guitarra, eu não conheceria jamais o sucesso. Era preciso que fôssemos três. Tudo o que se opusesse a êste objetivo deveria ser eliminado. Paul era um verdadeiro artista no bandedolim e no banjo; encontrei nêle um aliado. Em troca, Ralph, que aprendera a cantar antes de saber falar, se interessava mais por outras coisas da vida, entre elas a leitura e o sono. Por isto tínhamos muitos conflitos entre nós. Eu, como irmão mais velho, me encarregava do papel de empresário e de maestro. Era eu que fixava as horas dos ensaios, que estabelecia a lista das músicas a estudar. Quanto a isso não havia discussão; como eu tinha mais anos sôbre a terra, minha opinião tinha que prevalecer.

Decidi, assim como meus irmãos, a dar o mergulho. Pus as coisas em ordem. Escrevi, por exemplo, ao meu professor de latim para me desculpar de ter feito cola durante dois anos.

Depois nos convidaram a participar da assembléa do Rearmamento Moral, em Mackinac, no Estado de Michigan. Todos desejavam ir, excepto meu pai e eu. Eu havia reservado

aquêle verão para ensaios intensivos e queria estar em casa para não deixar escapar as prováveis ofertas lucrativas.

Meu pai e eu pensávamos que poderíamos fazer muito mais pelo Rearmamento Moral, quando ficássemos populares e célebres.

Foi então que um dos meus amigos me perguntou porque eu continuava a fazer música. "Porque gosto", respondi vivamente. "Steve, me disse êle, penso que você é muito ambicioso. Você nunca pensa nos seus irmãos?" Furioso lhe respondi: "Se isto significa abandonar a música, não. Que mal há em fazer música?"

Mas uns dias depois uma vòzinha no meu fôro íntimo me disse que fôsse a Mackinac com meus irmãos. Allás, eu não tinha outra alternativa, pois êles tinham decidido partir e eu não os podia fazer mudar de idéia!

Aquele verão em Mackinac marcou uma reviravolta decisiva em nossa vida. Tínhamos encontrado algo para dar ao mundo. Mas suprendi-me ao perceber que êstes famosos padrões morais absolutos transformariam, completamente, os motivos da minha vida. Meu amigo acertara em cheio quando me perguntou se eu pensava em meus irmãos. Quando Ralph se lançava com entusiasmo na partida de futebol, a minha única preocupação era a de que êle não se ferisse, nem nas mãos, nem no braço, o que o impediria de tocar o rabecão. Do mesmo modo que nossos ensaios, eu tentava organizar também a vida de meus irmãos. Gostava de ser o patrão e pegar as rédeas porque isto me dava muita segurança.

Não foi por acaso, mas através da transformação que encontramos a união. Primeiro decidi ser absolutamente honesto comigo mesmo, depois pedi perdão aos meus irmãos pela maneira como lhes dava ordens... Sendo o irmão mais velho era-me difícil fazê-lo! Seria o fim do meu prestígio. Ralph respondeu: "Não se incomode, meu velho, no fundo nunca o respeitamos muito, mesmo". Pela primeira vez aprendemos

a nos conhecer e a ter confiança uns nos outros. Decidi que seria Deus e não mais eu que daria ordens. Irmãos podem tornar-se amigos? Sim, é possível.

Durante nossa volta de Mackinac, atravessando as planícies do Far West, escrevemos, no carro, nossas duas primeiras músicas num novo estilo. A *Spanking New Day* e *Come on Folks*, que seriam gravadas pela Colúmbia. Mais do que nunca queríamos utilizar nosso talento para trazer às pessoas alguma coisa nova. Os empresários de Hollywood nos suplicavam que cantássemos as melodias que estavam na moda. "O seu programa nunca será popular sem isto", diziam eles. Mas nós observáramos que as pessoas gostavam tanto, senão mais, de *Spanking New Day* como de *Lovesick Blues*.

Nosso repertório de 150 números foi também expurgado de tôdas as músicas sentimentais, frívolas e evocadoras. Nós as cantávamos sem pensar no mal, somente porque queríamos nos fazer apreciar e aumentar nossa popularidade. A música não é feita para isto. A música reflete a vida e o pensamento dos povos; ela é também um grande meio para influenciá-los. Todos a amam: sua influência pode ser boa ou má. Isto nos impressionou particularmente, mais tarde, no decurso das nossas viagens por numerosos países. Vimos os efeitos dos filmes de Hollywood, principalmente sobre a juventude. A maioria das nossas exportações americanas tendem a divulgar más idéias. E nós lamentamos termos participado de tudo isso.

Nossa música tomou uma nova dimensão. Até ali nossas canções não atraíam senão um determinado público americano, mas de repente, o mundo inteiro parecia se abrir para uma música nova, pois estas canções falavam ao coração de cada um. Agora temos em nosso repertório canções em vinte línguas diferentes.

No começo do verão de 1953, estávamos mais ocupados do que nunca. Conhecemos os melhores diretores de cena da televisão; eles nos pediram que voltássemos a vê-los para con-

versar mais pormenorizadamente sôbre os contratos que poderíamos assinar com êles. Estas perspectivas nos prometiam um lucro de cêrca de 2.000 dólares por programa. Foi então que nos convidaram a ir à assembléia do Rearmamento Moral, em Caux, na Suíça.

Era o 1.º de julho. Fizemos um momento de silêncio e todos da família tivemos o mesmo pensamento: ir a Caux.

Lá chegamos no dia 1.º de agôsto, dia da festa nacional suíça. Festejavam êste aniversário na sala das reuniões, que estava superlotada. Estávamos muito cansados da viagem de avião, resfriados, e não nos sentíamos bem. Mas alguém anunciou à multidão que três cow-boys, cantores de Hollywood, tinham acabado de chegar. Não pudemos fazer outra coisa senão ir buscar nossos instrumentos e cantar! O primeiro número chamava-se *O Canto de Caux*. Haviamo-lo composto justamente antes da nossa partida de Los Angeles e dado a última demão sôbre o Atlântico. Este canto descrevia Caux — tinham-nos mostrado fotografias — e nêle havia mesmo um pequeno “yodel”. O teto quase veio abaixo com os aplausos. Estávamos felizes por ver que nossa música de cow-boys era também compreendida na Europa.

Mas foi em nossa vida de família que a estadia nos trouxe maior proveito. Em Caux, nossos pais desejaram nos falar de sua vida passada. Foi verdadeiramente difícil, pois temiam perder nosso respeito para sempre. Nos dias que precederam, papai e mamãe tinham encontrado entre êles uma nova compreensão e um novo amor, sendo absolutamente honestos um para com o outro.

Entramos em seus aposentos de onde tínhamos uma vista magnífica sôbre o lago de Genebra, o vale do Ródano e os Alpes. Papai e mamãe nos disseram: “Queremos simplesmente vos dizer que espécie de pais vocês têm.” Depois, contaram-nos sua vida, tudo que não queriam que soubéssemos. Ficamos surpresos, mas ao mesmo tempo, tão reconhecidos! Que alívio

saber que éramos todos iguais! Não havia mais segredos. Não havia mais nada a esconder. Tínhamos todos a mesma natureza humana e tínhamos grande necessidade de nos ajudarmos uns aos outros. Neste momento sentimos até o fundo de nós mesmos, que Deus necessitava da nossa família para Seu trabalho no mundo, que Ele nos chamava, individualmente e juntos, para sermos seus instrumentos, para transformar a vida e o pensamento da juventude da nossa época. Decidimos, naquele momento, entregar nossa vida a Deus, obedecer à Sua vontade e a Seu plano, custasse o que custasse e onde quer que nos conduzisse. Fizemos isso todos juntos, de joelhos. Não sabíamos onde isto nos levaria, nem sua completa significação, mas sabíamos que era a viravolta em nossas vidas. Certamente, desde então, houve hesitações, medos e dúvidas, mas Deus nunca nos deixou cair. De cada batalha saiu uma vitória e uma dedicação mais profunda. Hoje, ao olhar para trás, não sabemos como exprimir nossa gratidão pela franqueza de nossos pais, quanto aos seus próprios erros o seu constante encorajamento para que seus filhos vivam o ideal mais elevado que eles conhecem.

Nossos pais regressaram depois de três semanas. Nós deveríamos fazer o mesmo a seguir, para o reinício das aulas no comêço de setembro. Mas um dia nos disseram que Frank Buchman tinha qualquer coisa de muito importante a nos dizer. Ficamos emocionados ao saber que êle nos convidava a viajar durante um ano com êle e seus amigos. Telegrafamos imediatamente a nossos pais para informá-los. Eles responderam: "Qualquer que seja a decisão, nós concordaremos cem por cento". Escutamos no silêncio e todos recebemos a mesma resposta: "Aceitem o convite. É a coisa mais importante que podem fazer de suas vidas."

Escrevemos ao nosso diretor dos programas, para informar-lhe a nossa decisão e pedir-lhe para cancelar nossos contratos. Steve e Paul escreveram uma longa carta ao Reitor da

Universidade para lhe dizer ao que tinham decidido consagrar sua vida. Quanto a Ralph, continuaria seus estudos por correspondência. Assim, terminou seus dois anos de Liceu, estudando nos hotéis, nos carros, nos ônibus, nos trens, aviões e navios.

E não recebemos um tostão por nosso trabalho!

Nosso irmãozinho Ted, também ficou contagiado. Com onze anos veio com mamãe a Caux. Um dia pediu a palavra, durante uma reunião, e disse diante de todos: "Hoje decidi ser absolutamente honesto para com minha mãe. Também decidi deixar de fumar." Depois de um instante de estupefação, reventou uma gargalhada geral.

Com tudo isto, encontramos uma nova escala de valores. Nós nos vimos tal como realmente éramos. Como tantos outros, não tínhamos outro objetivo, senão nos distrair, fazer o que nos agradava e gozar do conforto. Se nos esforçávamos para ser "direitos", era para ter mais êxito na vida.

Isto modificou nossas concepções. A escolha é simples: ou participamos da doença do mundo, ou nos transformamos e contribuimos para sua cura.

Não nos interessava sermos "santinhos". E estávamos verdadeiramente ocupados demais, para podermos nos inscrever num movimento ou numa organização. Mas o que nossos amigos nos tinham dado era uma ideologia — não para encher nossos momentos de lazer, mas para lhe dedicarmos a vida inteira. Agora podíamos utilizar os talentos que Deus nos dera de uma maneira eficaz e construtiva para o mundo. Encontramos o meio de resolver nossos problemas, e muito mais ainda, encontramos homens com os quais podemos dar ao mundo a solução que êle tanto precisa.

Nossa convicção mais profunda é que Deus tem um plano para refazer o mundo; como nós, que éramos uns tratantes, cada homem pode pôr sua vida em ordem, e utilizar tôda sua energia para realizar êste plano.

Para nós, isto quis dizer: tomar o trem para o Ruhr numa manhã chuvosa de outubro de 1953, com um grupo de trinta pessoas da Ásia, da Europa e da América. Foi a primeira etapa de uma viagem que nos levou, no decorrer dos cinco últimos anos, a vinte e dois países de quatro continentes...

STEVE, PAUL e RALPH COLWELL  
*Hollywood.*





## *Um encontro entre o Oriente e o Ocidente.*

A imensa multidão de peregrinos, vindos dos quatro cantos da terra, enchia a Basílica de São Pedro em Roma. Era em pleno verão, alguns meses antes da morte de Pio XII. Levado sobre a "sedia gestatória", o Papa se aproximou do altar-mor e, entre exclamações de entusiasmo do povo, venceu os degraus que o levavam ao trono.

À esquerda do trono papal e em frente ao Santo Padre, encontravam-se naquele dia, dois personagens que nunca haviam sido vistos na Basílica: dois monges budistas da Tailândia, com seus hábitos amarelo-açafrão e crânios raspados. Um deles era o Abade-Mor de Watmahadhatu de Bangkok (o maior mosteiro budista da Tailândia), o outro, monge Manas Cittedame, deão da Universidade budista de Bangkok, era o seu intérprete.

Em seis línguas, o Papa saudou a multidão. Ao terminar sua alocução em inglês, declarou: "Somos todos membros de uma mesma família, já que temos o mesmo Pai lá no Céu. Tornemos, pois, mais fortes os liames de amor e compreensão que nos unem." Depois de haver dado sua bênção, o Santo Padre, com andar firme, dirigiu-se àqueles que se encontravam na primeira fila de fiéis. Quando se aproximou do Abade-Mor budista, a curiosidade foi tão intensa que muitos voltaram seus olhares para eles. O abade-mor disse ao Santo-Padre: "Vim

aqui para tentar criar o entendimento entre católicos e budistas. Creio que tôdas as grandes religiões têm o mesmo objetivo. Embora não tenhamos em tôda a parte o mesmo modo de praticar nossa fé, deveríamos trabalhar unidos para assegurar a paz do mundo." O Papa, com um gesto caloroso, pesando as palavras, respondeu: "Estou de acôrdo e é isto o que eu quero." O Abade-Mor entregou, então, ao Santo Padre uma sacola de sêda amarela, semelhante às usadas pelos monges budistas para transportarem os poucos objetos que possuem. O Papa prendeu-a sob o braço e continuou sua audiência.

O Abade-Mor já havia pensado nesse encontro com o Papa a milhares de quilômetros, no calor abafante de Bangkok. Estava para vir à América, ao encontro de Frank Buchman. Era a primeira vez que um personagem tão altamente colocado na hierarquia budista fazia uma viagem ao Ocidente.

Qual a origem dessa viagem extraordinária? No princípio de 1954, os delegados de uma assembléia asiática do Rearmamento Moral, realizada então em Bangkok, haviam sido recebidos no templo de Watmahadhatu. Depois de lhes desejar boas-vindas, o Abade-Mor Phra Bhirmaladarma ofereceu generosa hospitalidade em seu Mosteiro a todos aqueles que porventura o desejassem. Foi assim que três jovens ocidentais, que deviam prolongar sua estada em Bangkok e cujos recursos eram insuficientes para ficarem num hotel, se lembraram da oferta do Abade-Mor. Acolhidos calorosamente, compartilharam o alojamento e a alimentação de mil monges e noviços que viviam no mosteiro. Cada um recebeu um leito de madeira tôska, e, à guisa de colchão, uma esteira de meio centímetro de espessura com um travesseiro não mais macio. Esses três moços eram muito mais altos que os da Tailândia — um era dinamarquês, o outro, norueguês e o terceiro, australiano — e os leitos do Mosteiro não eram mais compridos que os que tiveram em sua infância! Mas a hospitalidade era generosa e

os monges repartiram com eles o alimento que haviam mendigado em sua caminhada matinal.

Os três amigos lá permaneceram seis semanas. O Abade-Mor, que acabava de passar dos cinquenta, não cessava de interrogá-los: algumas vezes passavam a noite inteira juntos, discutindo. O Abade-Mor, segundo a expressão budista, é um homem "iluminado"; nêle, a paz e a dignidade se misturam com um humor cintilante, e êle distingue num relance, uma experiência espiritual autêntica. Era sôbre a base de uma experiência comum de transformação moral e de pesquisa espiritual que êstes quatro homens se reuniam.

O Abade-Mor fumava sem parar. Mas, um belo dia, deixou de fumar sem nada dizer aos seus hóspedes que não fumavam.

O pai de um dos moços era Ministro de Relações Exteriores em seu país. Um dia, o Abade-Mor, com um sorriso impregnado de pesar, observou: "Você, filho de um Ministro de Relações Exteriores do Ocidente está vivendo no meu Mosteiro. Gostaria de poder dizer o mesmo dos filhos de nossos ministros!"

Êsses liames de amizade se mantiveram nos anos seguintes. Em maio de 1958, Phra Bhirmaladarma recebeu a visita de amigos que vinham lhe trazer notícias de Frank Buchman. Enquanto os jovens noçivos traziam chá e coca-cola, o Abade-Mor se levantou súbitamente e foi consultar seu calendário. "A estação das chuvas só começa em primeiro de agôsto. É então que começa a quaresma budista e terei que estar de regresso a meu Mosteiro." Foi assim que externou o desejo, que há muito acalentava, de encontrar-se com Frank Buchman, êsse homem de quem tanto ouvira falar e que no momento se encontrava nos Estados Unidos.

No decorrer dos dias que se seguiram, obteve do Rei, do govêrno e do gabinete eclesiástico a autorização de se ausentar. Convidou para irem com êle, o deão da Universidade e um dos antigos alunos do Mosteiro, que se tornara um brilhante

homem de negócios. Este último poderia manejar os cordões da bolsa durante a viagem, pois os monges não têm o direito de tocar em dinheiro.

As seis horas, na manhã da partida, quinhentos monges encontravam-se no aeroporto de Bangkok. Alguém observou que mil monges deveriam ter estado ali, mas que era difícil virem do interior numa hora tão matinal.

Organizar o deslocamento de um Abade-Mor budista ainda não entrou na competência das agências de viagem! Com efeito, os monges budistas devem fazer sua última refeição diária antes do meio-dia, e foi de acordo com esse horário que os dias foram regulados no decorrer das sete semanas que se seguiriam. Mas, algumas vezes, era difícil determinar-se a hora exata durante um longo vôo para o oeste! Havia também a questão da poltrona no avião: o Abade-Mor não devia ficar ao lado de uma senhora. Também as refeições deviam ser servidas por um homem e não por uma mulher. Acostumados a dormir muito simplesmente, o abade-mor e seus companheiros se enrodilharam em suas poltronas e dormiram sossegadamente.

Ao chegar em Mackinac, o Abade-Mor pediu para encontrar-se com Frank Buchman imediatamente. No dia seguinte estava ao seu lado no estrado dos oradores, e declarou: "Éstes princípios morais absolutos serão o farol que guiará a humanidade para o seu destino final." Depois, pediu aos seus companheiros que aproximassem o gongo de cerimônia que havia trazido de seu Mosteiro, todo trabalhado a ouro, e nêle bateu quatro pancadas que simbolizavam os quatro princípios morais absolutos do Rearmamento Moral. Em seguida, alfinetou uma medalha de ouro com a efigie de Buda, na lapela de Frank Buchman.

A estada do Abade-Mor durou quinze dias. Na véspera da partida, procurou Frank Buchman para despedir-se. "Quando

viajo na Ásia, nem sempre encontro o alimento que me convém, disse êle, mas aqui em Mackinac tive exatamente o que me era preciso. Senti-me verdadeiramente em casa como se estivesse no meu Mosteiro. Tenho apenas um pesar, continuou êle, pense no que poderíamos ter feito para a paz do mundo, juntos, se nos houvéssemos encontrado há vinte anos!" Com um sorriso malicioso Frank Buchman respondeu: "Nunca é tarde demais para se começar. Trabalhemos juntos. Sinto-me muito feliz por saber que vai a Washington."

A caminho da capital dos Estados Unidos, o Abade-Mor parou em Detroit onde visitou as usinas Ford, concedeu uma entrevista à televisão, visitou um operário de côr em seu lar e entreteve-se até a meia-noite com um grupo de personalidades da cidade. "Disseram-me, disse-lhe êle, que 90% dos operários americanos não estão satisfeitos com sua condição; todos querem ganhar mais. É um grave perigo para o país. Acreditam talvez que o perigo é um materialismo que os ameaça, do exterior, mas há outro, muito mais grave, que os ameaça do interior."

Êle se encontrava tôdas as noites no Teatro Nacional onde multidões se comprimiam para ver "A Experiência Culminante", que um grupo de artistas, vindo também de Mackinac, apresentava em Washington. Essa peça fôra inspirada na vida de uma grande educadora negra americana que, depois de anos de luta pelos de sua raça e de anos de perplexidade perante o problema das relações humanas, descobrira a solução procurada pelos seus. Depois da descida do pano, os projetores se fixaram no camarote presidencial onde estava o Abade-Mor. Pesando cada palavra, o Abade-Mor se dirigia à multidão e dizia: "O que acabam de ver sôbre o palco, hoje, deve ser pôsto em prática pelo mundo inteiro."

Numerosos são os membros do Congresso Americano que se lembrarão de sua franqueza. Certa noite, um deputado lhe

falou com entusiasmo da peça. "Muito bem, replicou o monge budista, mas então contamos com o senhor para levar sua mensagem a todos os membros do Congresso." Dando a seu interlocutor um pequeno retrato dourado de Buda, acrescentou: "Cada vez que olhar esta imagem o senhor se lembrará que deve viver padrões morais absolutos."

Antes de deixar os Estados Unidos, quis agradecer a todos os seus amigos. "Não é difícil para mim compreender a significação dos padrões morais absolutos, disse êle, nós os temos também no budismo. A única coisa difícil para mim, é pô-los em prática. Admiro o modo como os senhores aprenderam a pedir desculpas quando erram. A isto é que devem chegar todos os sábios."

Em seguida, do aeroporto, telefonou para Frank Buchman em Mackinac. "Estarei ao seu lado na batalha para estabelecer uma verdadeira paz no mundo, disse êle. É preciso que o mundo viva baseado nesses quatro padrões." Frank Buchman agradeceu a visita e respondeu: "O senhor deve ir ver o Chanceler Adenauer."

Com efeito, algumas semanas mais tarde, os jornais alemães publicavam em primeira página uma fotografia do chanceler recebendo, em Bonn, o Abade-Mor da Tailândia e seus companheiros. Juntos, êsses dois homens conversaram sobre o elemento novo que Frank Buchman traz ao mundo contemporâneo.

No dia seguinte, o Abade-Mor dizia ao prefeito de Bonn: "A Ásia dirigiu-se ao Ocidente para pedir-lhe seu auxílio técnico, mas nunca esperava receber dêle um auxílio espiritual. Os quatro padrões morais absolutos do Rearmamento Moral representam o auxílio espiritual que a Ásia receberá agradeça."

Foi na Suíça que o Abade-Mor recebeu a notícia do falecimento de sua velha mãe, ocorrido numa aldeia do norte da Tailândia. "Agora, disse êle, já não poderei dar-lhe o presente

que lhe destinava." Comprara para ela, na América, uma cadeira de rodas.

Em Roma, recebeu um telegrama de Frank Buchman com as seguintes palavras: "Penso no senhor com simpatia e afeição. Cada homem leva sua mãe no coração. Minha mãe morreu quando eu me encontrava na Ásia. Senti sua presença como uma luz ao meu lado. Sua mãe deu ao mundo um grande filho. Ela vive para a eternidade, prolongando sua ação corajosa no mundo."

Em Delhi, o Presidente da Índia pediu para ver o Abade-Mor, poucas horas depois da sua chegada à capital indiana. Quando êle saiu do palácio presidencial, os jornalistas reunidos pediram-lhe uma opinião sôbre a crise do Oriente-Médio. Com tôda simplicidade o monge budista respondeu: "O remédio se encontra nos quatro padrões absolutos. Talvez seja difícil de engulir mas garante uma cura rápida. Devemos aceitar e viver êsses princípios sem hesitar. Ê observando-os que poderemos deter as divisões engendradas pelo nacionalismo. Talvez cheguemos assim a um nacionalismo mundial. Ê melhor vencermos a nós mesmos do que vencer os outros, porque essa vitória nos trás paz e felicidade e não o sofrimento a outrem. Se os dirigentes de tôdas as nações conseguissem esta vitória sôbre si não haveria guerras."

Naquela mesma noite, antes de tomar o avião que o levaria de regresso ao seu país natal, ainda dizia a alguns amigos: "O mundo é como um relógio. Tem engrenagens de diferentes tamanhos. Umam giram depressa, outras giram devagar, mas quando giram coordenadas nos indicam a hora certa."





## SEGUNDA PARTE

### *FRANK BUCHMAN ÊSSE HOMEM SEM FRONTEIRAS*

Qual o traço comum de todos êstes itinerários?

Que se passou na vida de uma Irène Laure, de um sindicalista nigeriano, de um Bjerkholt? O que originou a dedicação dêstes três cantores americanos, dêste nacionalista indiano ou dêste jovem japonês? Que plano comum é êste onde se encontram com naturalidade um industrial francês e um Maurice Mercier?

Que fator foi êste, que homens de diferentes ambientes, de diferentes raças, de diferentes idades, encontraram numa curva de sua vida?

Que elemento novo é êste, no qual êstes homens mergulharam e que súbitamente mudou tôdas as leis de sua dinâmica interior, tôda a trajetória de sua existência?

Trata-se de certo modo de um segredo ao alcance de todos, de um segredo público. Qual é êle?

Uma definição nos faria apenas desgarrar, porque estamos em presença duma realidade difícil de se entender, que, entretanto, aquêles que dela se aproximaram conhecem bem. Alguns vivem tôda sua vida dando, inconscientemente, meia volta cada vez que ela se lhes apresenta; êles pretendem negá-la, não obstante ela ali estivesse, se houvessem querido vê-la. Outros presentiram suas dimensões, seu contornos, mas preferiram afastar-se dela. Outros, enfim, nunca a encontraram.

Tentemos penetrar esta realidade seguindo a existência de um homem cuja vida foi, por excelência, inteiramente orientada em relação a ela.

•

Este homem festejava recentemente seu 80.º aniversário. Para essa ocasião centenas de pessoas acorreram de todos os países: havia ali representantes de chefes de Estado, e homens de governos. Envólto em suas vestes amarelas, a cabeça raspada, o abade do mosteiro de Watmahadhatu, deixara sua longínqua Thailândia para comparecer a essa festa. Lá estava com um toucado espantoso, ornado de chifres e plumas, o velho chefe de uma grande tribo indígena da América do Norte. Os trajes regionais dos japoneses, dos indonésios, dos filipinos, dos vietnanenses contrastavam pelo seu tom pastel com as côres vivas das vestes africanas. Havia ali homens de Estado, dirigentes sindicais, embaixadores, chefes de indústria, generais, todos homens que, em seus campos de atividade, atingiram os mais altos cumes do sucesso, da dignidade ou do renome. Havia ali enfim centenas de pessoas muito simples, famílias inteiras com seus filhos.

Para êle convergia o reconhecimento de todos. Cartas e telegramas lhe traziam felicitações de milhares de homens que, no curso de sua longa existência se tornaram seus amigos em todos os países do mundo. Uma destas mensagens vinha assinada por alguém mais velho do que êle alguns anos, o chanceler Adenauer. Eis o que o chanceler acrescentava aos seus votos:

“Neste dia, o círculo imenso de seus amigos lembrar-se-á, com grande reconhecimento, do trabalho rico de sacrifícios que o senhor realizou a serviço do Rearmamento Moral. Pode estar seguro que existe no coração dos homens de nossa época uma marca que será um monumento eterno à sua obra. Ninguém

esquecerá jamais a maneira pela qual o senhor trabalhou a fim de estabelecer as relações entre os homens e entre os países sobre o fundamento sólido dos valores morais.”

Na modesta casa que foi a residência de seus pais, êste homem possui testemunhos de reconhecimento que lhe vieram de todos os países. Suspensa à lareira encontra-se a espada de rendição que o General Comandante dos exércitos chineses recebeu das mãos dos japoneses em 1945. Aquêlê oficial ofereceu-lh'a em homenagem ao homem de quem aprendera o verdadeiro segredo da paz. Uma cruz ortodoxa ricamente ornada, fotografias com dedicatórias, são as testemunhas de sua longa amizade com certa família real. Noutro lugar são conservadas as mais altas condecorações que lhe tem sido conferidas por monarcas e por governos.

Êste homem é Frank Buchman.

A mensagem que o Chanceler Adenauer lhe enviara estava acompanhada do seguinte apêlo:

“Chegou o momento de trabalhar mais que nunca para reforçar a unidade européia através do Rearmamento Moral. Uma Europa onde reinarão a liberdade e a fraternidade não se edificará senão quando os povos estiverem conscientes de suas obrigações morais uns para com os outros.

“Também eu estou convencido que, a não ser que o trabalho do Rearmamento Moral seja ampliado, a paz mundial não poder ser preservada. Além disso, ficaria extremamente agrado se pudesse dar a êste problema tôda a sua atenção pessoal no curso dos próximos meses tão decisivos para o desenvolvimento da Europa.”

A noite, no fim do dia do seu octagésimo aniversário, Frank voltou-se para aquêles que de todos os continentes tinham vindo para estar a seu lado e disse:

“Quando recebi êste telegrama do Chanceler da Alemanha fiquei tão perturbado que não encontrei mais as palavras.

Desde então, pensei sem cessar no que poderia ser feito ... Deus nos mostrará cada passo, um após o outro.

"O mundo está numa encruzilhada. Deus tem um plano, e nós o seguiremos."

Que segredo se revela na vida dêste homem que restituiu uma esperança a um dignatário budista ou a um chefe de tribo indiana e a quem faz apêlo um Adenauer para unir a Europa?



Reportemo-nos a cinqüenta anos atrás.

Tendo um médico, nos Estados Unidos, lhe aconselhado um pouco de repouso, Frank Buchman vem passar algumas semanas na Europa. No curso desta viagem, encontra-se um dia em Keswick, no norte da Inglaterra. Entra numa pequena igreja, onde estão apenas algumas pessoas. Uma voz se eleva, fala de verdades que Frank conhece de há muito, mas que súbitamente tomam vida. "Pela primeira vez, eu me vi com todo meu orgulho, meu egoísmo, minha falência e meu pecado. Meu *eu* era o centro de minha vida; se eu queria mudar, era preciso que êste grande *eu* fôsse crucificado. Os ressentimentos que eu tinha contra seis homens me apareceram como lápides funerárias erguidas no meu coração. Pedi a Deus que me transformasse; Ele me pediu que me reconciliasse com êsses homens. Obedeci e escrevi seis cartas de desculpas."

Êstes seis homens constituíam o conselho de direção duma casa de jovens da qual Frank era encarregado; Frank acabava de os deixar: sua generosidade instintiva para com os moços o havia pôsto em oposição à prudente administração dêstes diretores que não hesitavam em reduzir as rações para equilibrar o orçamento. "Êstes seis homens tinham talvez errado, mas, pelo meu ressentimento, eu era o sétimo a cometer um êrro."

Frank jamais recebeu resposta a nenhuma destas suas cartas. Mas isto não era o importante. O que contava, é que alguma coisa tinha entrado em sua vida, alguma coisa que devia reorientá-la definitivamente. Um homem novo surgira, que não podia mais suportar a mediocridade e as transigências do outro, que não podia mais continuar a deixar sua vida derivar na corrente da própria vontade, que se tinha totalmente abandonado como instrumento entre as mãos duma força superior. Um prisioneiro tinha-se evadido para tornar-se um homem livre.

A existência se tornava devotamento, dom de si e obediência.

Nesse mesmo dia, Frank Buchman encontrava-se com um jovem de Cambridge — um rapaz simpático, de uma excelente família, mas que não era feliz. Frank contou-lhe o que acabava de experimentar e o jovem pediu-lhe que o ouvisse. Fizeram juntos um longo passeio à beira de um lago da região. Frank escutou-o, seu companheiro abriu-se e nessa mesma noite recolheu-se à casa com o coração livre.

Tudo na vida de Frank reorientou-se a partir desse dia. Hoje, cinquenta anos mais tarde, os homens de Estado vêm para êle como veio aquêle jovem. Frank nada tem a lhes oferecer senão aquilo que lhes é essencial para êles e para seus países.

“Em 1915, conta um jovem asiático, dois homens, um ocidental e o outro indiano, passeavam numa praia de Madras; estabeleceu-se entre êles uma amizade inalterável baseada no respeito mútuo e no mesmo amor à humanidade. No curso de trinta anos, que se lhes seguiram, os dois conquistaram um renome mundial. Ambos tornaram-se íntimos de homens de Estado, figuras cuja influência se estendeu a milhões de homens. O indiano era meu avô, o Mahatma Gândhi, que morreu

pelas mãos de um fanático há uns dez anos, o ocidental era Frank Buchman.

"O Mahatma, prosseguiu o jovem Rajmohan Gândhi, dizia que a obra de Frank Buchman era a melhor coisa que saíra do Ocidente."

Muitas pessoas da família de Gândhi conservaram por Frank o devotamento que lhe tinha o Mahatma. Quando Devadas Gândhi, o filho do Mahatma, que continuara em Nova Delhi a tradição jornalística de seu pai, vinha a Londres, nunca deixava de visitar Frank Buchman com todos os seus, como se este fôra um membro de sua própria família.

Manila Gândhi, o outro filho do Mahatma, que retomara em Durban, União Sul Africana, o jornal *Indian Opinion*, fundado por seu pai, fazia questão sempre de receber os amigos de Frank como se fôssem seus próprios amigos; pôs o seu jornal ao serviço das idéias que Frank procurava fazer penetrar na África do Sul.

Foi sôbre a plataforma da Estação do Norte, em Paris, que Rajmohan, representando a terceira geração, travou conhecimento com Buchman; um ano mais tarde, êle se dirigia a uma assembléa internacional onde êste se encontrava. Êle próprio conta assim êsse contato:

"Um grupo importante de brancos da África do Sul prendeu imediatamente minha atenção. Desde os primeiros anos da luta que levou meu avô a defender os direitos dos indianos na África do Sul, houve um profundo abismo entre as duas raças. Certa manhã, eu tive êste pensamento: "Há um rancor agudo no teu coração contra êstes homens. Pede-lhes perdão."

Sobrepondo-se a tôda repugnância que tinha em obedecer a uma tal injunção interior, Rajmohan tomou a palavra uma noite e disse a êstes sul-africanos: "Eu fui rancoroso; queiram perdoar-me." No dia seguinte de manhã, uma personalidade em evidência no mundo estudantil, pertencente a êste grupo,

dirigiu-se aos indianos e ao jovem Gândhi em particular: "Devo fazer as pazes com os indianos e os paquistaneses, disse, com lágrimas nos olhos. Os vossos países estão em guerra diplomática com o meu. Quero pedir perdão a Rajmohan Gândhi, porque eu o detestava cordialmente por causa da ação que seu avô exerceu em nosso país em 1911, dando começo à resistência passiva."

Poucos dias mais tarde, Rajmohan tomaria conhecimento, por um telefonema durante a noite, que seu pai acabava de morrer. "Foi um choque rude, disse. Quem me ajudou nessa hora difícil e comportou-se como um irmão foi o jovem que compartilhava do meu quarto, um branco de África do Sul. Rezamos juntos. Voltel rapidamente à Itália. Sentado a meu lado no avião de Londres a Bombaim encontrava-se um jovem estudante indiano que regressava para ver sua mãe gravemente enferma. Tive o pensamento de lhe falar com sinceridade da vida que eu levava até então e o novo objetivo que agora eu perseguia. "Minha vida foi exatamente como a sua", disse-me êle. Antes que o avião aterrisasse em Bombaim, êste estudante indiano tinha recebido de Rajmohan o que o jovem de Cambridge tinha aprendido de Frank cinquenta anos antes.

Entre a experiência de um Rajmohan Gândhi e aquela, inicial, de um Buchman, há milhares, centenas de milhares de experiências semelhantes que se prolongam hoje numa transformação de condições sociais, de relações entre os homens e entre os povos.



Do seu dia em Keswick, Frank aprendeu uma verdade: é a partir de si mesmo, do indivíduo, que é preciso reconstruir o mundo.

Os povos querem ter os frutos duma solução sem aceitar a própria solução. Nós queremos o rendimento, queremos a

paz, queremos a prosperidade, queremos uma organização mundial, queremos uma Europa unida, queremos uma vida nacional diferente. Mas não vamos às raízes das coisas.

As nações fracassam porque tentam desesperadamente combater a apatia moral por meio de planos econômicos. Todavia a crise material pode mascarar-lhes o materialismo e a baixa moral que a causam, de sorte que elas não sabem mais como remediar a situação.

“O problema não é simplesmente uma cortina de ferro que separa os países, mas o egoísmo de aço que divide os homens e os separa da autoridade de Deus.”

Ele se resume numa fórmula: “A natureza humana pode ser mudada, eis a solução fundamental. A economia nacional pode ser mudada, eis o fruto desta solução. A história do mundo pode ser mudada: eis o destino de nossa época.”

Para Frank Buchman, de nada serve jogar uma gota de colírio do alto de um segundo andar para curar uma multidão atacada de oftalmia. É preciso curar cada doente, um após o outro. Para ele a coisa que conta sobretudo é “esta preocupação quotidiana pelas pessoas, à qual ele dedicou sua vida.”

Frank, certo dia, em Milão, no intervalo de onze minutos entre dois trens, foi saudado por um comunista que estava à testa dos trabalhadores em carris elétricos da cidade. A irmã deste comunista, em dado momento, no Partido, tinha, em contato com amigos de Frank Buchman, encontrado um objetivo construtivo em sua vida e esforçara-se por transmiti-lo a seu irmão. Este, então muito doente, saiu de seu leito do hospital para ter ocasião de conhecer Frank; houve entre estes dois homens a perfeita comunhão que é o fruto dum devotamento ao serviço de uma mesma causa: “Eu quero viver somente para o futuro de minha filhinha e para o mundo ao qual o senhor deu sua vida”, disse o comunista a Frank. Quando o trem se afastou ele disse àqueles que o rodeavam: “Sinto o coração



mais leve. Agora eu aceitei êste encargo e me encontro em paz com Deus" — na véspera êle se casara religiosamente na própria capela do hospital. Êste contato com Frank foi um de seus últimos atos; morreu algumas semanas mais tarde, mas na mesma fé contra a qual havia combatido tôda a vida.

Os amigos de Frank ficam sempre presentes em sua memória. Havia também na estação, com êste comunista, o descendente de uma ilustre família italiana, o conde Francesco Cicogna. Dois anos mais tarde, quando Frank tomava conhecimento da morte dêste último, estava justamente evocando com alguns amigos a lembrança daquele encontro.

Em 1948 Frank se encontrava por alguns dias em Freudstadt. Foi aí que, antes da guerra, uma convicção se lhe impôs: o próximo grande movimento no mundo será um movimento de rearmamento moral de todos os países. A família que dirigia o hotel onde estivera dez anos antes, acabava justamente de tomar posse de sua propriedade abandonada pelas tropas de ocupação. Punham todo o seu coração para tratar Frank o melhor possível com o pouco que lhe permitia o raciocínio. Frank felicitou a velha cozinheira e levou-a a fazer um passeio de carro. "Sim senhora, disse ela à patrôa, ao voltar à noite, preparei o café para milhares de pessoas neste hotel: reis, príncipes e as mais conhecidas personalidades do mundo. Ninguém jamais me agradeceu. Mas hoje êste senhor me levou a dar uma volta com seus amigos e me deu o melhor lugar no carro. Foi o dia melhor de minha vida."

Êste homem que sabe dar aos outros o melhor de si mesmo, sabe também esperar o máximo de cada um. Se êle pode ser indulgente para perdoar os erros, não põe limites à exigência do que propõe. Muitos se lembrarão de sua franqueza, porque em dado momento de sua vida, ela os ajudou a se verem tais quais eram.

Durante a primeira guerra mundial, êle conheceu Sun Yat Sen, o grande homem cujo nome é hoje respeitado quer na China Comunista, quer na China Nacionalista. Frank lhe dizia: "Os maiores males da China são o *squeeze* (pressão para exigir propinas) a concubinação e o jôgo. É preciso construir de novo vosso país sôbre firmes bases morais." E Sun Yat Sen dizia dêle: "Buchman disse-me a verdade sôbre meu país e sôbre mim mesmo."

Em 1915, Frank encontrava-se no Japão. Foi então recebido pelo Visconde Shibusawa, o homem que o Imperador havia enviado em 1860 a Europa e junto a Napoleão III, para trazer do Ocidente as técnicas que criaram o Japão industrial moderno. Hoje, Masahide Shibusawa, bisneto do Visconde, sua mulher e seus dois filhos deixaram o confôrto duma vida folgada, para se consagrar à luta que Frank Buchman conduz. O Ministro das Finanças, Keizo Shibusawa, pai de Masahide, foi um dos primeiros a responder ao convite de Buchman, quando êste convidou um grupo de japoneses para irem aos Estados Unidos depois da guerra. Havia, de fato, em Frank um potencial de amizade capaz de incitar cinco gerações a dedicar sua vida à mesma luta à qual êle dedicou a sua.

Um dos veteranos do comunismo americano dizia: "Eu formei trezentos homens no comunismo. A maior parte dêles me abandonou. Que segredo permitiu a Frank Buchman manter a fidelidade de todos êstes homens que êle arrastou para seu séquito?"

Rajmohan Gândhi escreve: "Pensem em Frank Buchman e terão que pensar nessas inumeráveis criaturas simples da Ásia, da África, da América, da Europa, de tôdas as raças, culturas, crenças ou ambientes que o consideram como um verdadeiro amigo. Seu segredo foi sempre sua intensa preocupação pelos indivíduos e pelas nações, e também sua percepção do destino que Deus reserva a cada um.

"É uma experiência magnífica viver ao seu lado. É a mesma coisa para com as nações. Quando outros protestam, desacreditam ou caçoam, ele sempre conserva sua fé, nascida da experiência de sua própria vida, segundo a qual o homem mais difícil ou a nação mais dividida pode mudar e tornar-se a prova viva duma solução."

Esta amizade, que Frank generosamente deu a todos aqueles que Deus pôs em seu caminho, tem-se alimentado de uma penetrante percepção das necessidades profundas do coração dos outros e de um desejo imenso de solucioná-las, mas, antes de tudo, de uma paixão incoercível de dar a cada homem um senso do seu destino e de ajudar a realizá-lo.

"O homem comum, dirigido por Deus, pode realizar coisas extraordinárias" diz Frank Buchman; a cada um ele dá a oportunidade de alistar-se no estaleiro de um mundo novo.

No período decorrido entre as duas guerras, quando o rearmamento japonês começava a alarmar o mundo, Frank dizia a um estudante, Takasumi Mitsui, filho do célebre industrial japonês: "É preciso ser um construtor de paz".

Um dia, no decorrer de um jantar, Buchman se encontra ao lado de uma velha dama de Edimburgo, cuja vida foi gasta em boas obras e que lhe confia: "Preparo-me para morrer." — "Prepara-se para morrer? Por quê não começar a viver?" Algumas semanas mais tarde, esta dama escocesa reservará cem quartos num hotel de Genebra para Frank Buchman e seus amigos. Convida-os-á a falar aos homens de Estado reunidos na Sociedade das Nações, graças ao auxílio de seu filho, que ali ocupa altas funções.

Apresentando êstes homens a um grupo de delegados de cinquenta e três países, o Presidente do Parlamento norueguês Carl Hambro, que será o último Presidente da S.D.N. afirmará: "Êstes homens obtiveram resultados decisivos onde nós não conhecemos senão fracassos. Eles criaram esta paz cons-

trutiva que nós procuramos, em vão, há muitos anos. Onde nós fracassamos em nossos esforços para mudar a política, eles tiveram êxito em transformar os homens."

Frank Buchman compreende os homens em tôrno dêle porque um dia, uma vez por tôdas, êle decidiu que não pensaria mais em si mesmo. Sua sensibilidade fê-lo descobrir as reais necessidades dos individuos. Recorda-se o caso de um cidadão muito douto que o entreteve muito tempo com problemas abstrusos e a quem Frank perguntou de súbito: "Você ainda não me disse nada de sua mulher." Frank sabe discernir aquêles que tem necessidade de ajuda, de encorajamento, como sabe no dado momento fazer uma advertência enérgica. "Eu pedi a Deus para tornar-me super-sensível aos outros, diz êle, e algumas vêzes tenho sido tentado a lamentar minha prece." De fato, conhecer os homens tais como são, e saber ao mesmo tempo o que eles podem vir a ser, é empenhar-se para sempre numa batalha afim de conduzir os outros ao seu mais alto destino.



Se poucos homens têm um senso de seu próprio destino, menos ainda são aquêles que têm um senso do destino de seu país, a não ser um vago idealismo ancorado a um desejo de prestígio, e alimentando-se num orgulho do passado. Frank Buchman, bem ao contrário, obstinou-se a dar a cada povo um sentido real de seu destino.

Por ocasião duma manifestação européa na Escandinávia, 1935, êle diz num discurso irradiado: "É preciso que um país mostre o caminho. É preciso que um país encontre o seu destino no cumprimento da vontade de Deus e que escolha para representantes, dentro do país e no estrangeiro, homens dirigidos por Deus. É preciso que um povo forme novos chefes, libertos da servidão do mêdo e da ambição e dóceis à direção do Espirito Santo. Êste povo conhecerá a paz e será um por-

tador da paz ao seio da família das nações. Este povo será o vosso?"

Na Suíça, êle diz no mesmo ano: "Eu vejo na Suíça um profeta entre as nações, um portador de paz no seio da família internacional."

Em 1938, êle chama a Suécia a ser "a reconciliadora das nações".

Nos Estados Unidos, êle diz em 1939: "A América precisa ser chamada a uma nova qualidade de vida nacional que a habilitará a falar ao mundo com autoridade, porque ela terá encontrado a solução para as dificuldades em seu próprio país."

Ao Sr. Hatoyama, Presidente do Conselho japonês, Frank Buchman diz em 1956: "O Japão está destinado a ser o farol da Ásia. Êle pode ter uma ideologia que apagará todos os êrros do passado e que, por sua fôrça moral e espiritual, assegurará uma solução a todos os problemas." Alguns dias mais tarde, pela própria pena de Hatoyama, esta idéia era proposta a todo o conjunto da nação pelas colunas do *Mainichi*.

Assim, quando, em 1946, Frank Buchman chegou a uma grande reunião européia, constatando em tórno dêle a ausência de todo um povo, fêz imediatamente a pergunta: "Onde estão os alemães?" O fato é que entre as pessoas presentes, nenhuma talvez havia imaginado, um ano depois da guerra, que lugar tomaria a Alemanha na nova Europa. Como mais tarde diria o Ministro Heinrich Hellwege, exprimindo a opinião do conjunto dos membros do governo federal: "Nós estávamos sós e foi um homem, Frank Buchman, que nos trouxe de novo para a família das nações."

O Ministro japonês Sr. Ishimada, dizia de Frank: "O que mais me impressionou, foi sua compreensão das diferenças que existem entre as maneiras de pensar dos diversos povos e a seguir sua faculdade de insuflar um novo espírito a cada país."

O homem moderno, talvez desde a Renascença, vive numa espécie de anarquia: os diferentes domínios de sua existência — sua vida pessoal, política, familiar, religiosa, social, — assemelham-se a reinados semi-independentes regidos por leis totalmente diferentes que, se não são absolutamente contraditórias, não têm entre si uma ligação essencial. Assim o homem do século XX acaba por ser racionalista em filosofia, praticante em religião, “realista” em negócios, democrata em política e ditador no lar.

Todo o sucesso das ideologias modernas se explica sem dúvida por esta necessidade inconsciente de unidade interior que sente o homem contemporâneo. Mas a natureza profunda do homem se rebela contra elas porque, em suas tentativas de unificação da vida sempre deixaram de lado um ou outro dos aspectos essenciais da natureza humana.

Para Frank Buchman, todos os domínios da vida se orientam naturalmente em relação à realidade central que comanda toda a realidade. Um sindicalista francês, cuja vida foi toda formada pelo marxismo, afirma que foi seu contato com Frank Buchman e seus amigos que lhe fez descobrir “uma concepção total do mundo”.

Buchman oferece aos homens e aos povos uma qualidade de vida fundada sobre critérios que regem a vida dos indivíduos, das famílias, das comunidades e das nações.

“No nosso mundo contemporâneo, qual o elemento que falta na concepção dos programas e no governo dos povos?” Pergunta êle.

“A unidade de paixão e de programa das ideologias estrangeiras, nada encontramos a opôr senão palavras, a exaltação gratuita de grandes ideais, e, em última instância, a força. E nossa esperança é continuar nossa vidinha de todos os dias, egoísta, confortável e sem perturbações.

"Em palavras, os homens do Estado reconhecem a solução. Falam de união, mas a divisão aumenta. Falam de valores morais, mas a imoralidade prevalece na política. Falam de realidades, cuja justeza foi demonstrada pela fria lógica dos fatos, mas isto fica só em palavras. Êstes homens não estão prontos a pagar, nem em suas vidas, nem na de seu país, o preço necessário para trazer a solução.

"A um mal sem freios, é preciso responder por um bem sem limites. A uma procura fanática do mal, por uma busca apaixonada do bem.

"Eis aí porque a democracia falha. Só uma paixão pode curar outra paixão. E só uma ideologia superior envolvendo o mundo pode curar uma humanidade dividida por ideologias em conflito."

Maurice Mercier, da federação têxtil "Force Ouvrière", cujo depoimento lemos atrás, afirma: "O que eu vi nestes homens em tórno de Frank Buchman vai mais longe do que o marxismo: ali há a certeza duma sociedade melhor, dum comportamento humano mais alto. Trata-se de um novo tipo de homem." E continua: "O homem não é humano pela metade; êle é feito de necessidades, de pensamentos. Êle precisa de uma grande esperança. Pode-se lhe dar a esperança do conforto, da segurança, mas isto não é senão uma parte de humanidade. Ê preciso atingir o homem total, e não há concepção do homem total sem princípios morais absolutos."

Para Frank, o universal está na maneira pela qual êle vive o familiar e o familiar na maneira pela qual êle vive o universal. Uma ocasião em que, na ilha de Mackinac, êle preparava uma conferência internacional, pensou no meio da noite em um velho habitante da ilha, de sangue indígena, inválido da primeira guerra mundial, que acabava de cair doente. Ao amanhecer, antes das cartas, dos telegramas e dos afazeres que o esperavam, não descansou enquanto alguém não levou em

seu nome uma boa refeição quente ao índio. De fato, para êle, a vida é uma só e os acontecimentos mais íntimos da vida, mesmo inscrevendo-se com naturalidade numa ação mundial, são aquêles que lhe dão seu sentido profundo.

Pouco depois da guerra, Hohammed Ali Jinnah, fundador do Paquistão, indo negociar com o govêrno britânico, aproveitou a única noite livre que teve para assistir a uma peça de teatro do Rearmamento Moral e ir em seguida à casa de Frank Buchman em Londres; chegou fatigado, esgotado por um dia intenso, com o sentimento de não ter tido êxito na sua missão. Frank o recebeu com êste sentido genial de hospitalidade que o caracteriza e lhe ofereceu um delicioso curry preparado cuidadosamente por um indiano. No fim da noite, pelos dizeres dos agentes encarregados de sua segurança, Jinnah descansava pela primeira vez desde sua chegada a Londres. "Quero-vos no Pakistão, disse êle a Frank ao deixá-lo. Tendes o remédio para os ódios do mundo."

Para muitos, a melhor lembrança que guardam de Frank é a de um Natal passado com êle. Para Frank, o Natal começa em 15 de dezembro e muitas vêzes em fins de janeiro ainda há quem se sente em tórno da árvore, se ela ainda não secou. A medida que as velas se apagam uma a uma e que pelas paredes sombras imensas começam a se alongar, Frank espera, como o fazia quando criança, que a última chama se extinga. Mas aí, ainda, trata-se para Frank de ajudar aquêles que estão em tórno dêle a tocar esta realidade misteriosa que nosso mundo tem necessidade de redescobrir: "Guiados por uma mesma estrela, fonte de nossa eterna unidade — escreve êle num Natal de guerra, — traremos a cada um, a cada homem de Estado, o presente de um mundo novo."

Nestas ocasiões, Frank convida todo o mundo. Num ano foram os delegados de países muçulmanos à conferência das Nações Unidas, que se encontraram reunidos em tórno do pre-



sépio. "O melhor Natal que jamais passamos no mundo ocidental", disseram êstes homens voltando enriquecidos por um elemento que os uniu acima de suas diferenças políticas e nacionais.

A um chefe do govêrno de um país do Oriente Médio que lhe perguntava: "Dr. Buchman, o senhor faz grandes coisas pela humanidade; como consegue isso?" Frank respondeu: "Eu sou um homem simples e faço coisas simples, mas são dessas coisas que o mundo necessita."

•

Hoje, cinqüenta anos depois da primeira conversa de Frank Buchman com o jovem de Cambridge, um imenso exército de homens levantou-se de um extremo a outro do mundo; homens que, graças a êle, do mesmo modo que êle, se empenham na reconstrução do mundo através da renovação do homem em si mesmo. Alguns sorriam quando, no intervalo das duas guerras, ouviam Frank afirmar no decorrer de reuniões nas capitais da Europa ou na Sociedade das Nações: "Pode-se fazer sôbre o papel o plano de um mundo novo, mas êsse mundo se constrói com homens... Sem ideologia, a democracia está condenada". Muitos tinham demasiada fé no sucesso de conferências ou trocas intelectuais. Outros colocavam tôda a sua esperança na estrêla de certos homens, cuja memória é hoje execrada pela humanidade. Outros, enfim, se aferravam a um idealismo vazio, que não tardou a quebrar-se como a crista das ondas sôbre a rocha das realidades quotidianas. Tudo ensaiamos para esquivarmo-nos à transformação do homem. Buchman, porque se antecipou às necessidades dos homens que o rodeavam, foi levado a seguir um caminho que poderia parecer o mais longo, mas que hoje, com o recuo de cinqüenta anos de trabalho, se verifica ter sido o mais eficaz.

Em 1921, Frank foi convidado por um amigo, militar britânico, a ir a Washington, por ocasião da Conferência do Desarmamento. Desta conferência, o que resta hoje? O mesmo problema permanece intato. Se um passo certo foi dado no caminho de sua solução, êsse passo resultou da decisão tomada por Frank, sozinho, no trem que o conduzia à Washington, quando se lhe impôs o pensamento: "Demita-se, demita-se, demita-se". Frank renunciou então a toda a segurança de sua situação universitária e lançou-se, primeiro só, com a coragem de um homem de fé, nessa tarefa que consiste em repor em ordem êste mundo mergulhado no caos, remediando a desordem dos corações. Uma convicção nova se lhe impunha: "Nós podemos, nós devemos, nós vamos desenvolver uma força moral e espiritual suficientemente forte para refazer o mundo".

Homens seguiram-no. Assim como um homem recebeu de Frank o primeiro segredo que havia reorientado sua vida, assim, um dia, um primeiro homem decidiu também tudo deixar para se lançar ao seu lado na luta. Hoje êles são mais de mil. Mas o que interessa a Frank não é o seu número, mas a obra imensa que, por meio dêles, tem realizado a Sabedoria que preside os destinos do mundo.

Com humildade, Frank jamais quis chefiá-los. Não quis criar uma organização, um movimento do qual hoje êle se poderia orgulhar. Diz muitas vezes: "É Deus quem dirige, não sou eu" e acrescenta: "Eu fui maravilhosamente conduzido."

Frank não tem ilusões sobre as fraquezas da natureza humana, mas tem uma fé inabalável em suas possibilidades. Não tem itinerário algum a propor. Ele crê que cada um pode, dentro da fé que lhe é própria, descobrir sua contribuição na reconstrução do mundo, se aceitar viver essa fé até ao fim. "A nós que pertencemos ao Islão, dizia um paquistanense, o trabalho de Frank Buchman ensina a redescobrir e a aplicar

de novo os princípios de nossa fé." Cristãos, budistas, shintoístas, afirmam as mesmas coisas.

"Eu havia abandonado o cristianismo porque conheci demasiado os cristãos, dizia Paulo Kurowski, que pertenceu ao Partido Comunista alemão mais de vinte anos. Conheci Frank Buchman; a atmosfera que o rodeava era para mim qualquer coisa inteiramente nova, uma verdadeira revolução. Havia nêle uma paz, uma preocupação pelos outros, uma humildade tão grande como eu jamais havia visto antes noutro homem. Frank Buchman escutava-me pacientemente. Jamais tentou me converter, ou responder à minha argumentação antireligiosa. Ele tinha simplesmente fé naquilo que há de melhor em mim."

Frank jamais propôs, a quem quer que fôsse, posição, segurança, futuro. Não pediu a ninguém para se alistar a seu lado. Ele pôs cada um em face das necessidades do mundo, em face de si mesmo e deixou-o tomar a decisão que sua consciência lhe ditasse.

Para alguns, êste exército mundial que se reuniu em tórno de Frank Buchman apresenta-se como uma realidade difícil de se entender. Procuram estatutos, chefes, carteiras de membros, palavras de ordem... e não os encontram. Gostariam de poder discutir com pessoas tendo autoridade para falar em nome do conjunto; outros gostariam de ter a possibilidade de adaptar a qualidade exigente dêste compromisso às conclusões de seus raciocínios. Trata-se acima de tudo de um agrupamento de homens cujo compromisso é fundamentalmente individual, de homens que fizeram uma escolha solitária, livres em face de Deus e no entanto profundamente ligados por seu conhecimento dos verdadeiros problemas do mundo e sua vontade inquebrantável de lhes trazer uma solução.

Aí está porque homens de tôdas as religiões, que todavia jamais encontraram Frank nem seus amigos, mas que, graças

aos recursos de sua fé, viveram uma dedicação semelhante ao serviço de Deus, reconhecem nêle, imediatamente, um companheiro de luta.

É compreensível, certamente, que certos chefes religiosos, responsáveis pelas almas, se interroguem sôbre os problemas que possam surgir com a reunião de gente de tantas confissões diferentes lutando lado a lado. O fato que se lhes pode assegurar é que, como o diz Buchman, o *Rearmamento Moral reforça tôdas as fidelidades primitivas* — quer sejam nacionais, familiares ou religiosas.

O sheik El Azhar, Reitor da célebre Universidade do Cairo, dizia a amigos de Frank Buchman: “Repito-lhes a profunda satisfação que tenho de os ver trazer aos homens esta ideologia, que procura expandir os princípios da paz, do amor e da sã moral entre todos os meios, sem distinção de indivíduos ou de países. A ideologia para a qual trabalham, representa a essência daquilo que defende o Islão e constitui uma fiel interpretação de seus princípios essenciais.”

O Venerável U Rewate, um dos principais abades budistas da Birmânia, afirma por seu lado: “O budismo possui também seus quatro princípios morais que são os fundamentos do Rearmamento Moral; o que é importante, é que os ponhamos em prática constantemente. Devemos levar o Rearmamento Moral a todos os países.”

Frank crê que Deus pode utilizar dezenas, centenas, milhares de homens a fazer melhor do que êle o que êle faz. “*Nada fazemos, diz êle repetidamente, se não treinamos dez outras pessoas a fazer o trabalho melhor do que nós mesmos!*”

Ele crê na virtude de propor a cada um uma tarefa imensa que pareça acima das possibilidades, mas que, por isso mesmo, é geradora da fé. Assim êle pôde confiar a quatro jovens a responsabilidade de todo um continente, quando, em 1952, enviou Louis, o filho de Mme. Laure, com três amigos ao Brasil.

Centenas de homens, estimulados por sua inspiração, aprenderão a trabalhar juntos, em equipe, para realizar o irrealizável, pela conjugação de seus esforços. Foi assim que africanos, dos quatro pontos cardiais de seu continente, se reuniram para ir ao sul dos Estados Unidos afim de chamar a atenção dos brancos, ganhar a simpatia dos negros e levar uns e outros a se compreenderem. Políticos, operários, industriais de diferentes países ocidentais, irão da mesma forma, como uma força unida, se ocupar com seus homólogos em países da Ásia e da África. "É a primeira vez que eu vejo um grupo de ocidentais de países tão diversos e de meios tão diferentes perseguir um mesmo objetivo", observou um embaixador comunista que os encontrou. O gênio de Frank é o de conceber a solução aos problemas do mundo em termos de homens.

Ele não tem nenhuma idéia preconcebida a respeito da maneira de como uma coisa deve ser feita. "Eu não sei, mas vocês encontrarão vocês próprios", é muitas vezes a resposta desconcertante que êle dá àqueles que esperam obter dêle uma direção.

Logo depois da guerra, no momento em que uma equipe importante de seus colaboradores se aprestava a lançar-se em ação na Alemanha, êle visita o Presidente das minas de carvão alemãs. Êste pergunta-lhe:

— Diga-me, Dr. Buchman, que posso eu fazer pela Alemanha?

— Eu não sei, mas Deus poderá lhe indicar.

No dia seguinte, o industrial telefona-lhe convidando-o a apresentar-se, com seus homens de todos os países, numa cidade mineira do Ruhr, que era um dos principais centros de atividade comunista. Isto foi o princípio de uma reviravolta na corrente ideológica na Alemanha.

Um japonês conta, também, que uma manhã Frank aproximou-se dêle e disse: "Sumi, você não deve pôr-se sob a di-

reção de Frank, mas sob a direção de Deus". Este japonês acrescenta: "Isto é muito característico nêle, porque jamais permitiu aos homens considerá-lo como um chefe, mas sempre nos incitou a depender de Deus em tôdas as coisas."

Citemos aqui algumas linhas de um jornalista sueco publicadas em 1938:

"Seu segredo não reside no seu sorriso luminoso, em suas frases penetrantes, nem na mobilidade e flexibilidade do seu espírito, nem na força que lhe permite prender uma assembléia nas mãos e ao mesmo tempo apagar-se no meio dela ... nada de tudo isso diz o que é o verdadeiro Frank Buchman.

"Olhem suas fotografias de perto e verão em sua expressão qualquer coisa de quase distraído, como quem tem o ouvido atento. Desta vez a câmara diz a verdade, porque na realidade também, êle tem constantemente o ar de estar a escuta de alguma coisa, mesmo quando tôda a sua atenção está concentrada. Observem-no durante muitos dias, estudem seu rosto, e ficarão estupefatos de ver quantas vêzes êle parece estar sem nenhum recurso, para não dizer perdido. E êle não o esconde.

"Sua vida fabulosamente ativa repousa apenas sôbre um elemento — a direção divina, que êle espreita a cada instante. Êle é como uma vela sempre panda ao vento; seu coração é imenso, e caloroso, e humilde; é um democrata que trabalha para tornar os homens livres sob a ditadura de Deus." (Herbert Grevenius, no *Stockholms Tidningen*.)

\*

"A sabedoria de Deus pode ter êxito onde a sabedoria dos homens fracassou."

Tal é a atitude de Frank Buchman face aos problemas mais graves. "Em cada país, cada qual parece ter sua própria solução, baseada em seu próprio interêsse ou no de seu país, afirma

êle. Mas eis aqui a chave; não a meu modo, mas ao modo de Deus, não à minha vontade, mas à vontade de Deus.”

Se não se trata de uma verdade teórica, trata-se para êle de uma experiência quotidiana que êle quer ver partilhada com aquêles que o encontram. Êle crê que o cidadão do século XX pode, neste sentido, pôr-se na escola dos homens que foram utilizados, na história, como instrumentos da Sabedoria suprema.

Voltando de Roma, onde, na Basílica de São Pedro, assistiu à canonização de Nicolau de Flue, Frank Buchman propôs ao mundo o exemplo dêste santo que foi para a Suíça do século XV um verdadeiro homem de Estado no mais amplo sentido da palavra:

“Nicolau tinha o dom da direção divina. Foi exercendo-a que êle se tornou o salvador de seu país. Era um camponês — cultivando cuidadosamente a sua terra — soldado e magistrado. Aos cinqüenta anos, angustiado pelos problemas dum mundo em guerra sem cessar, renunciou a muitas coisas para seguir totalmente a direção de Deus. Seu bom senso inspirado, seu conhecimento dos homens e sua integridade não tardaram a impor-se ao respeito dos seus contemporâneos, não sômente na Suíça, mas na Europa inteira. Tornou-se o árbitro mais solicitado nas negociações dos Estados. Quando as disputas encarniçadas entre os cantões levaram seu país às portas da guerra civil, foi a sua resposta, inspirada por Deus, que pôs a Suíça no bom caminho e lhe deu sua unidade.

“É oportuno, continua Frank Buchman, que êste homem de Estado que, há quinhentos anos, escutou a palavra de Deus e a transmitiu corajosamente a seus contemporâneos, receba hoje êste testemunho supremo. É verdadeiramente um santo para nosso tempo, um modelo para as Nações Unidas.”

Para Frank Buchman, esta mesma voz silenciosa, que na solidão de um compartimento de trem havia murmurado à sua consciência: “Demita-se, demita-se, demita-se”, pode fazer-se

ouvir no coração de todos os homens: "Observem esta questão da direção divina: o espírito de Deus ... e o meu espírito. O pensamento que surge num dado momento, do dia ou da noite, pode ser o do Autor de todos os pensamentos. Vem um pensamento, talvez uma simples centelha que prende a atenção. Reage-se. E se êle é efetivamente realizado milhões de pessoas poderão beneficiar-se."

Há algum tempo, Frank era hóspede oficial do Primeiro Ministro da Birmânia. U Nu é budista, à testa de um país budista, mas para êle existe no exemplo de Nicolau de Flue a mesma realidade que para o cristão que se coloca totalmente entre as mãos do que êle sabe ser a mais alta autoridade.

U NU pergunta a Frank: "Diga-me, por favor, como recebe as direções precisas? Eu passo muito tempo em meditação. Tenho uma casa à beira do lago onde vou meditar. Mas não recebo direção como esta de que me fala." Frank acabava, de fato, de lhe dizer simplesmente como, apesar das dificuldades da viagem, do calor, do clima, êle se tinha sentido atraído de maneira imperiosa a vir da Nova Zelândia até Rangoun para estar com êle.

— O senhor tem pensamentos claros? Perguntou U Nu.

— Sim, respondeu Buchman, tão claros que eu os escrevo. Houve um grande silêncio.

U Nu o interrompeu: "É importante para mim. Na qualidade de Primeiro Ministro tenho que fazer face a problemas que o espírito humano por si mesmo é incapaz de resolver."

Ao contacto de Frank Buchman, milhares de outros homens, exatamente como U Nu, aprenderam que existe no fundo da consciência uma voz que fala com a condição que estejamos prontos a alertar o ouvido.

"Eu estava muito ocupado, conta Frank. Trabalhava de dezoito a vinte horas por dia. Estava tão ocupado que tinha dois telefones no meu quarto de dormir e no entanto não me



sentia feliz com os resultados. Havia em minha casa um constante vaivém, mas não havia na vida de meus visitantes mudança apreciável, bastante profunda para durar. Então adotei um processo radical: consagrar esta hora do dia, entre cinco e seis horas da manhã, quando é pouco provável que o telefone toque, a escutar para que a pequena Voz silenciosa me inspire e me dirija ...”

Frank Buchman trás a êste mundo de pressa e de tumulto o silêncio do recolhimento: êle o fêz sair dos mosteiros e das casas de retiro para fazê-lo entrar no escritório do industrial, no gabinete do ministro, na sala da escola e na cosinha familiar.

“Nós podemos encontrar uma satisfação tão profunda neste silêncio, diz êle, que o recolhimento tornar-se-á a fonte quotidiana de nosso pensamento e de nossa vida criadora. Dêste modo, o silêncio pode ser o regulador dos homens e das nações. Porque é no silêncio que vem a direção divina.”

Êle diz também com firmeza: “Assumir a responsabilidade de homem de Estado sem a direção de Deus e sem uma transformação interior equivale a pilotar um avião em plena tempestade, sôbre um território desconhecido, sem querer servir-se do rádio, do mapa ou da bússola.”

Às vésperas da segunda guerra mundial, êle lança esta fórmula: “Escutar a voz de Deus ou ouvir a dos canhões”, ou esta outra: “Deus no leme, é aí que reside a segurança do mundo, a sua, a do seu lar.” Tôdas estas fórmulas traduzem uma mesma convicção, capital para Frank: Deus tem um plano para o mundo e é graças aos homens que se abandonam à Sua vontade que Deus o realiza.

No discurso irradiado que pronuncia por ocasião do seu octagésimo aniversário, Frank Buchman termina com estas palavras:

“É um homem de oitenta anos que vos fala. Um homem que foi muitas vezes assaltado pelo desespero e que aprendeu pouco a pouco a conhecer a solução para um povo. Em todos os problemas que tornam perplexos o homem de Estado e o homem comum, a resposta é dada àqueles que escutam. Mas é necessário estar pronto a obedecer. Não se trata daquilo que nós esperamos, mas do que nós permitimos que Deus nos dê. Com toda a sinceridade dos meus oitenta anos, levado pelo sentimento de urgência que me inspira a situação crítica do mundo, eu digo que o remédio para a confusão que atormenta o mundo moderno é Deus.

Ide até o fim com Deus e tereis a solução. Ide até o fim com Deus e levareis a solução ao vosso país.”

\*

É da sua confiança em Deus que Frank extraiu a coragem que lhe permitiu fazer face a todas as oposições contra as quais se chocou.

Suas palavras, o testemunho de sua vida, lançam um desafio desagradável a quem tenta justificar suas fraquezas aos olhos do mundo. Mas ainda mais, sua ação e a de seus amigos derrubam pela base a obra daqueles que constroem sobre ódios, preconceitos, egoísmos, invejas e paixões humanas. As mais estranhas coalizões ergueram-se contra ele — coalizões em que os homens mais opostos encontravam-se unidos por suas fraquezas comuns. Frank viu-se alvo das mais contraditórias recriminações; segundo as circunstâncias do momento ou do lugar, tomavam a forma da calúnia mais perversa. Os mesmos homens que o censuravam com sarcasmos por não atacar esta ou aquela figura mundial, tentaram em seguida comprometê-lo com ela. Mesmo pessoas de boa vontade, cujos horizontes limitados não lhes permitia compreender a amplitude das forças em jogo no mundo, deixaram-se arrastar e levar seu apoio a

esta oposição suspeita pelo desejo de expressar suas mesquinhas críticas.

“Ser criticado não é agradável, eu o sei, diz Frank Buchman. A primeira vez que me atacaram senti como se uma espada me atravessasse o coração. Sofri. Sei o que isto quer dizer. Mas se és um verdadeiro revolucionário, guardarás sempre a justa perspectiva, seja o que fôr que digam de ti. Pouco importam as pedras que te atirem, seguirás sempre em linha reta para a frente. As pedras da crítica são um estimulante, elas te porão em forma para o dia inteiro.”

\*

Frank aplica sua fé inabalável na direção de Deus, em todos os domínios da vida, e em particular na questão material, que envolve o financiamento dum trabalho gigantesco sem quaisquer recursos. Quando há quarenta anos, êle respondeu ao apêlo que lhe fazia renunciar ao seu pôsto universitário, Frank Buchman perdeu sua última situação remunerada para viver unicamente uma vida de fé; está convencido de que onde Deus dirige, Êle provê. Dezenas de milhares de homens aprenderam desde então, pelo seu exemplo, a viver segundo esta nova concepção. Os empreendimentos mais ousados foram lançados sem outra segurança material do que a convicção íntima de seus instigadores, convicção segundo a qual era urgente responder a uma necessidade precisa.

Um homem de negócios americano escreveu um dia a Buchman pedindo-lhe um conselho. Foi um dos que empreenderam colocar à disposição de Frank um grande centro na América, onde poderiam ser recebidos delegados de todos os países. Êle se sentia particularmente responsável pelo financiamento desta operação; as faturas se acumulavam, os operários empregados na obra eram numerosos e não havia dinheiro. Como um pru-

dente homem de negócios, este amigo perguntava a Frank se não seria oportuno encarar a redução do programa de trabalho.

"Eu quero que comigo e com o povo americano, respondeu Buchman, o senhor avance na dimensão do que há necessidade de ser feito e não na escala do que pensamos ser possível fazer. Eu quero que me ajude sempre a contar não com o que tenho, mas com o que Deus dá. Encontra-se nisso uma tal liberdade e a coisa anda ..."

Esta vida de fé anima todo o trabalho de Frank Buchman. Quantas e repetidas vezes seus amigos o viram desembolsar tudo quanto acabara de receber quando se tratava de responder à necessidade imediata do momento. Cem jovens dirigentes da juventude japonesa estavam prontos a ir a um encontro que fatos posteriores provariam ser determinante para o futuro do Japão; a data de sua partida estava fixada; o avião que os devia conduzir de Tóquio aos Estados Unidos havia sido encomendado; não havia um centavo. Para este gênero de coisas, não há jamais fundos previstos com os quais se possa contar. Frank aceitou, uma vez por todas, e em cada circunstância, a não contar senão com sua fé. Esta foi uma das ocasiões em que ele esvaziou a carteira e que, a seu exemplo, dezenas, centenas de outras pessoas fizeram o mesmo.

Se esta concepção de economia choca um pouco as mais prudentes tradições dos homens de negócios ocidentais, encontra por outro lado uma real compreensão por parte dos operários, e daqueles que são animados de uma sincera convicção. É a razão pela qual o maior número de donativos vêm de milhares de pessoas muito simples que fazem sacrifícios para prosseguir numa ação que lhes parece essencial.

Frank entretinha-se um dia com um socialista militante, George Light, que jamais havia possuído nos momentos mais prósperos de sua vida mais dinheiro que o necessário para chegar ao fim da semana. Estava-se em plena inflação e George

encontrava-se então entre os três milhões de desempregados com que contava a Grã-Bretanha. Ele falou a Frank de todo o sofrimento desta gente. Frank levou-o ao seu quarto e disse: "Minha direção é de dividir com você o dinheiro que tenho." Abriu sua carteira, mostrou-lhe o extrato de sua conta no banco. "Ele pôs nas minhas mãos — disse mais tarde George — a metade de todos os seus recursos financeiros e, como eu estivesse a sair do seu quarto, apertou-me a mão e disse-me com um sorriso: Nós agora somos ambos socialistas."

Os camponeses nos arrozais indianos compreendem a filosofia simples de Frank quando êste lhes diz: "No mundo há arroz bastante para as necessidades de todos, mas não para a ganância de cada um". E Frank acrescentava: "Se todo o mundo amar o bastante, se todo o mundo dividir o bastante, não é verdade que todo o mundo terá o bastante?"

Hoje, Frank quer utilizar os imensos recursos técnicos que as recentes descobertas puseram à disposição do homem, nesta batalha para reconstruir o mundo. Quer seja o transporte aéreo de grandes equipes de um canto a outro do mundo, a organização de encontros nos territórios mais distantes, a produção de filmes e peças de teatro, a construção de centros permitindo reunir homens de todos os continentes, tudo isso é, para Frank, ocasião para um ato de fé quotidiano. A seu exemplo milhares de pessoas começaram a viver pondo à disposição de uma ação mundial todos os seus recursos imediatos, sem reserva. Desta forma, viram desenvolver-se sob seus olhos empreendimentos gigantescos que aumentaram a sua fé, bem como a de centenas de outros. Aquêles que possuía uma residência utilizou-a para permitir encontros, trocas de idéias, reconciliações; aquêles outro que possuía apenas seus braços, contribuiu com seu trabalho, mas todos, antes de mais nada, fizeram generosamente o dom de si mesmos.

•

“Os problemas do mundo permanecem os mesmos porque o problema essencial — a natureza humana — permanece sem solução. Enquanto não atacarmos a natureza humana de maneira total, radical, em escala nacional, os povos continuarão fatalmente a seguir o caminho histórico que conduz à violência e à destruição.”

Frank Buchman sabe que é possível mudar fundamentalmente os motivos do homem; êle viu seus próprios motivos mudarem-se em si mesmo há cinqüenta anos em Keswick. Nesse dia uma nova escala de valores se lhe tinha impôsto para a vida. Num instante, êle havia percebido quanto o separava do absoluto de Deus a vida eminentemente respeitável, conforme os costumes e os melhores princípios, que êle havia levado até então.

Numa época onde o egoísmo e o oportunismo são moeda corrente, não só entre os indivíduos, como entre os povos, Frank Buchman restabeleceu, com firmeza, critérios morais absolutos. No curso de sua carreira no colégio do Estado de Pensilvânia, Frank Buchman teve ocasião de aguçar seu pensamento à dura realidade da vida entre jovens descuidados e céticos. Êle compreende que os melhores ideais falham porque, no interior, uma lenta podridão se instala, recuando constantemente os limites da conveniência e da compostura. “O que vocês precisam, dirá êle algumas vêzes a êstes jovens, é uma boa varredura com a vassoura mecânica da Prefeitura, duma boa ducha com a mangueira dos bombeiros.” O ponto de partida de cada homem é sempre uma transformação interior, “um retôrno a estas verdades tão simples que aprendemos no colo de nossas mães e que tantas vêzes esquecemos e negligenciamos.”

Sendo a crise de ordem moral, a reforma deve ser de ordem moral: “Tudo volta a estas verdades fundamentais: honestidade absoluta, pureza absoluta, altruísmo absoluto, amor absoluto.” Tendo dito um sim total na sua própria vida ao

absoluto de Deus, Frank tem a coragem de fazer uma proposta semelhante ao homem de Estado, ao estudante, ao portuário. O grande sindicalista de Berlim, Scharnowski, dizia com humor: "Êstes quatro padrões estão na Bíblia, estão no Alcorão, mas não estão no sindicalismo ... pelo menos por enquanto!"

"Não se trata de dizer sim apenas com os lábios, mas também com a disciplina de nossa vida, diz ainda Buchman. Então ficamos naturais, reais, não precisamos parecer mais sábios ou melhores do que somos na realidade. As massas serão atraídas por um homem que vive assim e o segurão."

Eis o que toca o marxista francês que encontra Frank, o homem endurecido pela aspereza da luta sindical; êle afirma: "O que impressiona é a irradiação do indivíduo, do homem que nos diz muito corajosamente olhando-nos nos olhos: eu aplico a mim mesmo aquilo de que lhes falo. Não há muita gente no mundo que diga: Eu aplico êstes quatro padrões absolutos. É uma fôrça de ataque: vê-se a chama nos olhos e isto toca mais que todos os discursos."

Frank sabe de fato que o que o mundo precisa, não é exatamente de uma nova teoria filosófica, de sermões de alto nível espiritual ou de discursos cheios de ricas promessas, mas muito mais de uma qualidade de vida vivida cada dia, ano após ano. "A arte, diz êle, é saber pegar alguém a sós e dar-lhe aquilo de que êle precisa mais profundamente." Frank fala pouco, mas muitas vêzes aquilo que diz atua longamente na vida daqueles que o encontram.

Um dia, uma alta personagem do novo Estado de Gâna encontrava-se a seu lado numa reunião. Ao mesmo tempo Deputado no Parlamento de seu país, chefe político de tôdas as populações muçulmanas das províncias do Norte e chefe religioso de seu povo, êste homem trazia no seu rosto tôda a distinção duma longa linha de monarcas. O Tolon Na gosta hoje de contar esta história:

“Estávamos numa reunião plena no grande salão de Caux. Frank estava lá e alguém falou do que custa o roubo a uma nação. Então, como eu estava ao seu lado, perguntou-me tranquilamente, maliciosamente: “Quando você roubou pela última vez?”

“Esta pergunta me chocou como uma descarga. Meu coração bateu de emoção, o sangue subiu-me à cabeça, fui tomado de súbito mutismo. Esta pergunta era das mais simples e, no entanto, não pude respondê-la imediatamente.

“Entre em meu quarto e roguei a Allah que me socorresse com sua caridosa ajuda, pedindo perdão por tôdas as faltas que eu tinha cometido desde minha infância. Então quando estava prostrado, senti que Deus esperava sempre a resposta à pergunta de Frank; o mundo inteiro me parecia estar ali, me olhando; foi a situação mais crítica em que jamais me vi encurralado.

“Os pensamentos me vinham em desordem. Uma grande paz se estabeleceu quando me decidi a pôr sôbre o papel tôdas as vêzes — tantas quantas me lembrava — em que eu tinha roubado desde minha infância. Anotei que devia devolver vários livros das escolas onde havia ensinado e que eu levava para casa; anotei também que devia pedir desculpas a diversas pessoal a quem havia prejudicado. Decidi, então, viver esta vida que era a de Frank Buchman.”

De sua experiência pessoal, Frank aprendera que não é o esforço humano dirigido a uma moral absoluta que leva a uma transformação interior. Exatamente como o Tolon Na voltou-se para pedir o auxílio de um poder superior que êle conhece, Frank, há cinqüenta anos, devia tomar sua decisão fundamental aos pés da Cruz.

\*

O segredo que revela a vida de Frank Buchman não se deixa conter em palavras. Nas páginas precedentes, evocamos



passagens, relatamos incidentes, contamos anedotas. Todos estes elementos são como as pedras de um mosaico antes que o artista tenha começado seu trabalho.

Cada um de nós, se deixar que tôdas as pedrinhas sejam colocadas no verdadeiro lugar a elas destinado para a formação de sua personalidade, se deixar o grande Ordenador de tôdas as coisas fazer este trabalho no seu interior, sentirá desprender-se êste segredo, cuja realidade tantos homens conheceram desde milênios.

Compete a cada um ser para si mesmo o artesão de quem o Artista tem necessidade para que se revele a amplitão de sua obra.

Verá, então, que esta ultrapassa singularmente os limites de sua própria personalidade para transbordar no mundo, na história, no permanente.



## TERCEIRA PARTE

### *DO ÍNTIMO AO MUNDIAL*

Uma inexorável maré parece querer tragar certos povos.

Aqui ou ali os homens se esforçam para erguer um frágil dique, que nada faz senão ganhar alguns meses e tornar a avalanche mais súbita.

Um sistema de idéias, uma espécie de consciência coletiva, apodera-se de certas massas e, de repente, vemos levantar-se um vento revolucionário que, numa só borrasca, revira edifícios que até então julgávamos sólidos.

Uma idéia propaga-se entre um povo sem a formalidade de uma declaração de guerra. Faz prisioneiros sem dar um único tiro e conquista países inteiros, enquanto os parlamentos prosseguem em seus debates.

Em face destes acontecimentos, os que governam os povos adotam atitudes contraditórias. Uns estimulam estes movimentos revolucionários porque seguem no sentido de seus interesses ou, segundo suas opiniões, no sentido da história. Outros consideram que sua tarefa é de se agarrarem àquilo que existe porque têm consciência de defender "valores" que muitas vezes nada mais são do que belas palavras a mascarar seus interesses. Entretanto, todos são unânimes em afirmar que suas próprias idéias políticas é que são as boas.

O mundo ocidental não quer viver à imagem do mundo comunista, nem o mundo comunista à imagem do mundo ocidental. Tanto um como outro quer propôr seu exemplo aos povos da África e da Ásia, que, por seu lado, parecem bem decididos a encontrar sòzinhos seu próprio destino.

Será que existe um caminho sôbre o qual os povos do mundo possam caminhar juntos?

Enquanto as conferências internacionais se sucedem e as decepções que elas arrastam parecem dar a esta pergunta uma resposta negativa, a ação de Frank Buchman e dos homens dedicados que o seguem, prova, sem contestação, que este caminho existe. Não sômente existe, mas há homens e povos que caminham por êle.

Hoje, depois de tantos anos de esforços incessantes, a amplidão dos fatos, as repercussões mundiais de certas experiências, o alcance imenso de determinadas transformações dissiparam as últimas dúvidas do espírito de um número crescente de homens de Estado.

Existe uma solução.

Em seu prefácio do livro de Frank Buchman, Robert Schuman fala de "o início de uma vasta transformação social" cujos frutos começam a aparecer.

No momento em que, na Europa, importantes acôrdos internacionais acabavam de ser assinados após difíceis negociações, o Chanceler Adenauer, numa carta dirigida a Frank Buchman, rendia homenagem à fôrça que havia desempenhado "um papel discreto mas eficaz em aplainar as divergencias entre as partes negociantes e mantê-las na perspectiva de um acôrdo pacífico, ajudando-as a procurar um bem comum".

O próprio mundo comunista tem, desde muitos anos, compreendido a importância dessa ação. A propósito dos amigos de Frank Buchman já se ouviu pelas ondas soviéticas o seguinte comentário: "Desde algumas décadas êstes homens têm-se colocado no primeiro plano da luta ideológica... Estabeleceram cabeças de ponte em todos os continentes e formam equipes capazes de propagar sua ideologia entre as massas. Sua tarefa decisiva está começada: a expansão no mundo inteiro" (Rádio Moscou, cadeia nacional, em 21 de novembro de

1952). Pelas mesmas ondas ouviu-se mais tarde: "Estes homens substituem a inevitável luta de classes pelo eterno combate entre o bem e o mal... Este é o centro de sua ação, cujas conseqüências seriam, segundo êles, nada menos do que a transformação do mundo." (idem, 9 de janeiro de 1953).

Os homens de Estado da Ásia apreciam êste esforço. "Neste momento crítico de nossa história, esta idéia é indispensável, afirma o Presidente do Conselho japonês, Nobosuke Kishi. Fiquei impressionado pela eficácia com que êstes homens criam a unidade entre os povos outrora divididos".

O Presidente Ngo Dinh Diem escreve a Frank Buchman: "Imagino a imensa repercussão que terá esta mobilização de forças espirituais que o senhor empreendeu no mundo."

É nas colunas de um grande diário americano que se encontra o julgamento mais característico: "Na América e através o mundo, êstes homens mudaram o curso da história contemporânea." (*New York Journal American*, 28 de julho de 1957).

Qual é o caminho proposto?

Muitos estudaram a conjuntura mundial. Muitos fizeram seu diagnóstico. Muitos propuseram como solução um sistema de idéias, uma concepção de relações entre os povos. Acumulam-se livros sôbre o assunto. Empilham-se projetos nos arquivos das chancelarias. Parece que sempre falta um elemento: como fazer aderir a estas concepções os governantes, as massas, as forças antagônicas? Como levar pessoas de atitudes diametralmente opostas a participar de uma convicção comum?

O mundo comunista parece deter êste segrêdo da guerra das idéias: vemos o comunismo infiltrar-se, conquistar os homens até nos ministérios dos países que a êle se opõem; vemos apoderar-se do espírito de uma parte da juventude. Em face disto, o mundo ocidental se interroga e, tentando re-

cuperar o atrazo em que tem consciência de estar, lança às pressas uma "ação psicológica" sem ter nunca uma idéia muito clara do que propõe.

A ação do Rearmamento Moral conduzida por Frank Buchman foi edificada a partir dos homens. Está fundada sobre um conhecimento profundo da natureza humana, dos motivos íntimos que a governam e das forças — espirituais e sobrenaturais — que a podem transformar.

É porque tem um conhecimento íntimo do que pode transformar a vida de um homem que Frank Buchman mostrou o caminho do que pode transformar a vida do mundo.

Frank Buchman diz com clarividência: "No curso de minha existência, fui testemunha de duas descobertas históricas: a descoberta da fonte extraordinária de energia que representa o *átomo* e sua mobilização, o que nos conduziu à era atômica, e a descoberta da fonte extraordinária de energia que representa o *homem* e sua mobilização, o que nos conduziu à era ideológica. Eis a chave dos acontecimentos atuais."

Para o homem do século XX, o conflito ideológico se apresenta demasiadas vezes sob a forma de uma falsa alternativa; êle crê que deve escolher entre o Leste e o Oeste. Aquêles que se recusam a deixar-se prender a um dos dois sistemas tentam, desesperadamente, construir um sistema coerente recorrendo a dois conjuntos de idéias diametralmente opostos. Frank Buchman propõe uma solução que representa uma transformação para o Leste e uma transformação para o Oeste mas à qual todos podem aderir — e, de fato, muitos começam a fazê-lo.

No decorrer de encontros internacionais organizados por Frank Buchman, veem-se acorrer dirigentes de jovens povos da África e da Ásia para encontrarem uma idéia construtiva, realmente satisfatória, que possam propor a seus povos. É significativo que sejam os governos da Birmânia, das Filipinas, do Vietnã, bem assim como o do Japão, os primeiros a trazer

o seu apóio aos encontros internacionais que tiveram lugar nestes últimos anos em Bágúio, nas Filipinas, no quadro de uma ação de rearmamento moral. A estas iniciativas, os povos da África estão prontos a se juntar; por isso o Primeiro Ministro da República do Sudão escrevia: "Os destinos da Ásia e da África estão ligados por uma herança espiritual comum. Os dirigentes do Sudão querem associar-se ao Presidente do Conselho, Sr. Kishi, ao Presidente Garcia, ao Primeiro Ministro da Birmânia U Nu e aos outros dirigentes da Ásia, cuja iniciativa e sabedoria política preparam o caminho para o rearmamento moral dos povos sob a direção de Deus, a autoridade comum a todos."

Na Nigéria, no Camerum, em Gâna, ecos semelhantes se fazem ouvir; isto também acontece com certos homens da África do Norte. De fato, encontra-se ainda nestes homens um sentimento, quase perdido entre os europeus, da ligação que deve existir entre a política e o moral.

Esta observação explica, talvez, porque alguns políticos ocidentais olham com certo ceticismo esta ação de Rearmamento Moral, mas ela explica também porque aquêles que, dentre êles, estão realmente preocupados com o destino profundo dos povos veem nela não sòmente uma esperança, mas talvez a Esperança.

Como é que a ação do Rearmamento Moral se apossa do pensamento de um povo e como, tendo-se apossado, age sòbre o destino de um país, dum continente e do mundo?

A esta pergunta tentaremos responder nesta terceira parte. Uma exposição teórica seria possível, mas será preferível tomar um exemplo particular e acompanhar, pelos fatos, a perseverante progressão desta outra maré crescente que ergue um povo e o conduz a uma renascença.





## *O filho pródigo.*

A 6 de agosto de 1945, ao destruir uma cidade inteira, uma explosão sacudiu o mundo e fez rebentar os quadros tradicionais da história.

A bomba atômica de Hiroshima não deixava somente atrás de si centenas de milhares de mortos, as ruínas calcinadas de uma cidade, mas também o vazio espiritual de uma nação que tinha perdido sua razão de ser.

Em poucos segundos, uma nação que havia comprometido a totalidade de suas energias numa guerra — certamente louca, mas sôbrehumana — encontrava-se vencida pela mais brutal força que existe, a do átomo.

É interessante reler decorridos já mais de quinze anos os depoimentos dos primeiros japoneses que conseguiram sair de seu país. Uma estudante japonesa dizia então: "Até ao fim da guerra, ensinou-se aos jovens japoneses que estivessem prontos a morrer pelo seu país. Veio o fim do conflito e o desmoronamento. Começou-se a falar de democracia, mas pouco se conhecia de sua significação. Começou-se a falar de liberdade, e os jovens imaginaram que significava rebelião contra todas as leis e todos os princípios. A geração atual está hoje muito desamparada e constitui uma presa fácil para outras ideologias."

Citemos também este jovem: "Depois da guerra eu perdi toda a esperança no futuro. Atirei-me ao mercado negro para

fazer dinheiro e o enriquecer tornou-se o motivo central de minha vida."

O vazio ideológico deixado na nação japonêsa por sua derrota abruta, foi sentido no estrangeiro por muitos homens e alguns tiveram idéias sôbre a maneira de o preencher.

Cada um propôs aquilo que melhor podia fornecer. Os Estados Unidos ofereceram seus conselhos, seus dólares e uma constituição. A Rússia, que sabe formar homens, aproveitou a ocasião da presença de numerosos japonêses em seus diferentes campos de prisioneiros e os libertou à medida que sua doutrinação parecia satisfatória. "Nós temos uma nova constituição, puseram-se a dizer os japonêses; mas está como uma cesta vazia. Que poremos lá dentro? Temos necessidade de uma ideologia que permita funcionar a democracia."

O mundo ocidental estava um pouco hesitante sôbre o que deveria ser sua contribuição no domínio ideológico. O mundo comunista ofereceu suas idéias numa bandeja de prata. Mas um homem, Frank Buchman, apresentou ao Japão um outro conteúdo para a sua cesta vazia. "O Rearmamento Moral dá ao povo japonês a oportunidade de viver a democracia e de a pôr em prática, lia-se então num editorial do *Nippon Times*... A regeneração espiritual do individuo influenciará aquêles que o rodeiam e, conquistando pessoa por pessoa, poderá penetrar num país inteiro e pô-lo em movimento."

Trazer uma renascença a certos indivíduos, daí conquistar homens, uns após outros, penetrar então em todo um país e pôr êste país em movimento para orientar o destino de todo um continente, tal era o programa, tais eram as etapas. São estas as etapas que seguiremos no decorrer dêste capítulo e dos que se lhe seguem.

A Providência havia dado a Frank Buchman, no curso dos anos que precederam a guerra, os indivíduos sôbre os quais tudo devia ser edificado. Falamos da primeira viagem de Frank Buchman ao Japão em 1915 e os amigos que então fêz.

Contamos como em Oxford êle propôs a um estudante japonês tornar-se um "construtor da paz" para seu país. Foi êste japonês, Takasumi Mitsui, Presidente da fundação que traz o seu nome, que foi um dos primeiros a levar consigo para a Europa um grupo de japoneses que participaram de um encontro internacional em Caux.

Abramos aqui um breve parentesis. Logo depois da guerra, um pequeno número de suíços conscientes da graça que havia preservado seu país dos horrores do conflito, decidiu pôr à disposição de Frank Buchman um centro onde, de modo prático, se pudesse reatar os laços entre os povos. Tratava-se de fato, para repetir a palavra de um estadista francês, "de uma escola onde se aprende, por uma espécie de iniciação recíproca, o comportamento prático em tôrno dos homens". Alguns suíços comprometeram a totalidade de sua fortuna, assim como inúmeros de seus concidadãos fizeram donativos para adquirir os hotéis da pequena vila suíça de Caux, cujo nome é hoje conhecido por milhões de pessoas no mundo. A clarividência e os sacrifícios dêstes suíços permitiram ao centro de Caux desempenhar, no curso dos anos do após guerra, um papel decisivo na orientação do Japão contemporâneo, como o fêz por tantos outros países.

O primeiro grupo de japoneses veio a Caux em 1949. Três anos mais tarde, em 1952, as nações do mundo se reencontravam em San Francisco para assinar a paz japonêsa. Ali, o representante francês, Presidente Schuman, fez questão de testemunhar o seu reconhecimento a Frank Buchman: "O senhor fêz a paz com o Japão dois anos antes de nós a assinarmos."

O que se passou no curso dêstes anos?

Estes primeiros japoneses viram em Caux em 1949 uma família de nações que acolhia de novo, em seu seio, um país que se encontrava numa situação semelhante a sua: a Alemanha. Numerosos delegados alemães lá se encontravam.

Alguns meses antes, o Dr. Konrad Adenauer, hoje Chanceler, tinha vindo com sua família. Os japoneses viram este povo descobrir um novo sentido no seu destino e lançar as bases sobre as quais está hoje construída a democracia da Alemanha Ocidental. Seu exemplo fez o Sr. Katayama refletir, ele que tivera a pesada tarefa de presidir os destinos de seu país imediatamente após a guerra; ele dizia ao partir de Caux: "Se devemos estabelecer a paz e a democracia em nosso país não é sobre o materialismo que o faremos, porque o materialismo criou conflitos pela oposição de interesses, mas sim sobre uma moralidade elevada, única fonte verdadeira de regeneração espiritual." Outra voz japonesa apresentou o problema da juventude: "Estudantes conscientes de suas responsabilidades desejam atualmente organizar um centro inter-universitário para promover os princípios democráticos. Dizem não poder encontrar em parte alguma homens capazes de lhes dar uma linha diretriz sobre o plano moral."

Buchman e os homens de todas as nações que se encontravam em Caux ofereceram ao Japão o que procurava inconscientemente.

Estes poucos japoneses voltaram determinados a convencer seu governo a enviar para junto de Frank Buchman uma delegação importante, representativa do conjunto do país. Um ano mais tarde, em junho de 1950, um avião especial aterrissava em Genebra, trazendo uma delegação de setenta e seis personalidades enviadas pelo Presidente do Conselho japonês. Compreendia sete governadores de províncias, parlamentares, os prefeitos de Hiroshima e Nagasaki, dirigentes industriais e sindicais. Releiamos o texto da mensagem que o Presidente do Conselho, Sr. Yoshida, enviou então aos cuidados desta delegação:

"O Japão espera muito do Rearmamento Moral: logo de início ele pode dar uma direção moral à nova democracia ja-

ponêsa, permitindo-lhe restaurar os princípios morais que, desde a última guerra mundial, são facilmente postos de lado...

"A seguir o Rearmamento Moral pode insuflar no país uma força que estabilize suas idéias e suas atividades libertando os homens do materialismo.

"Enfim, o Rearmamento Moral estabelece os fundamentos sôbre os quais o povo japonês poderá reconstruir uma nação pacífica...

"Tenho a grande esperança que êstes delegados japoneses regressarão a seu país com a boa semente, e que, com a ajuda de todos os seus amigos do Rearmamento Moral, poderemos ter no Japão uma imensa colheita."

Sòmente o futuro dirá se a expectativa de Yoshida foi alcançada. Mas os fatos que vamos relatar e suas repercussões já reais na vida de outros povos da Ásia lhes dão hoje, depois de alguns anos, um notável acento profético. Saudando a delegação antes de sua partida, o Presidente do Conselho lhe dizia então: "Em 1870, uma missão japonesa esteve no Ocidente. A sua volta mudou o curso da vida do Japão trazendo uma revolução industrial. Eu tenho confiança que esta delegação virará também uma página de nossa história, trazendo-nos uma revolução ideológica."

Em todos os japoneses que estavam em Caux em 1950 transparecia a mesma esperança. Numa declaração ao jornal *Le Monde*, Shinzo Hamai, o prefeito de Hisoshima afirma, depois de evocar o inferno em que mergulhou sua cidade: "Nós dizemos à humanidade: basta de armas atômicas, o que precisamos é do Rearmamento Moral. O Japão sofre da desmoralização política... Sem uma revolução no coração de cada japonês, de cada homem do mundo, êste mundo perecerá, cada cidade arriscar-se-á a receber, aterrorizada, o fogo que a nossa experimentou..."

O Sr. Hamai é portador duma mensagem enviada pela municipalidade da cidade. Nela se lê: "A reabilitação do in-

divíduo e o estabelecimento de uma paz duradoura, os objetivos visados pela ação do Rearmamento Moral, correspondem exatamente a tôdas as nossas esperanças." Citemos, também, esta observação de um antigo Ministro de Finanças: "Uma das condições primordiais de nossa recuperação econômica é a reabilitação moral do povo japonês."

Que se passou com êstes japoneses enquanto êles estavam em Caux? É difícil sabê-lo. Ouviram numerosos oradores, tomaram contato com numerosas personalidades. Uma, entre elas, era Mme. Irène Laure; ela lhes fêz saber o que fôra sua experiência, ela, uma francesa da Resistência que havia ido à Alemanha fazer-se artezã da reconciliação franco-alemã. Êstes japoneses viram também comunistas e marxistas de diferentes países da Europa acolherem na mensagem de Frank Buchman uma superação de sua própria ideologia. Êles viram ainda dirigentes patronais do mundo ocidental encontrarem um sentido revolucionário em sua missão, a ponto de seus operários estarem prontos a lutar a seu lado. Mas antes de tudo, êles se sentiram compreendidos, amados e encontraram homens prontos a apoiá-los.

Alguns compreenderam, então, o alcance que teriam, em suas vidas particulares, as experiências que lhes eram contadas. Havia, no avião que os transportava, dois homens que escolheram os lugares mais afastados um do outro, que puderam encontrar. Um dêles, Sr. Susuki, era Chefe de Polícia de Osaka. Nesta qualidade, fôra encarregado por várias vêzes de organizar o serviço de ordem nos períodos de greve, e Deus sabe o que representa no Japão um serviço de ordem, em tempo de greve. O outro era precisamente um sindicalista, membro do executivo do Sindicato dos Metalúrgicos, na cidade de Osaka. Katsuji Nakajima, é êste o seu nome, é de pequena estatura, combativo de temperamento, e seu físico é bastante oposto ao do Sr. Susuki, atarracado e maciço.

Uma noite, em Caux, o sindicalista não podia dormir. Por sua cabeça passava e repassava o que havia ouvido durante o dia. Não podendo mais, levantou-se e foi bater à porta do Sr. Susuki. Pediu-lhe perdão pelo ódio que lhe tinha. "Todos os meus belos discursos sôbre a fraternidade nada valem enquanto eu tiver em meu coração um ódio como o que tenho pelo senhor." O sindicalista voltou para seu quarto com a alma em paz. Foi o Sr. Susuki que não dormiu mais. No dia seguinte, em plena assembléia, diante de mil pessoas de todos os países, o Chefe da Polícia pediu desculpas ao Sr. Nakajima pelos seus sentimentos em relação aos socialistas e comunistas. "Fiquei emocionado pela sua atitude, disse êle; o senhor desencadeou em mim uma especie de reação em cadeia. Graças ao senhor fiquei completamente livre do ódio."

Todos aquêles que viveram no Japão e que conhecem a grande reserva e a altivez dêste povo considerariam tais desculpas impossíveis. Mas estas deviam ser seguidas por outras que teriam uma repercussão mundial.

Êstes japoneses tiveram a coragem de encarar o passado recente de seu país: "O Japão é um filho pródigo que abandonou a família das nações, declarou um dêles. Agora, lamenta profundamente o que fêz e deseja reencontrar seu lugar. A exclamação do filho pródigo: "Pai eu pequei contra Deus e contra ti, eu não sou mais digno de ser chamado teu filho", é a expressão da transformação dos japoneses. Ê pelo arrependimento que o Japão deve começar."

Foi no decorrer desta estada em Caux, em 1950, que por iniciativa de Frank Buchman, a família das nações aceitou com alegria o retôrno deste filho pródigo. O mundo não tardaria a seguir o caminho trilhado por Frank Buchman.

A delegação japonesa, voltando ao Japão pelos Estados Unidos, deteve-se em Nova York e foi a primeira delegação japonesa a ser recebida pelas Nações Unidas. Mas o fato mais significativo devia passar-se em Washington. A delegação ja-

ponêsa foi primeiro recebida no recinto do Senado americano. O representante pessoal do Presidente do Conselho japonês foi convidado a tomar a palavra na tribuna; era a primeira vez depois da guerra que uma personalidade japonêsa tomava a palavra nos Estados Unidos. O orador japonês apresentou as desculpas de seu povo pela conduta de seu país durante a guerra. Por um instante, no recinto que a tantos debates assistira, o auditório teve a respiração suspensa. Como relata uma testemunha australiana, houve um silêncio impressionante; cada um percebeu que acabava de se passar uma coisa que ninguém acreditaria possível alguns minutos antes. "Era uma página da história que se voltava diante dos meus olhos," escreveu êle.

Depois, o orador continuou: "Nós fomos a Caux para encontrar o verdadeiro conteúdo da democracia. Encontramos a ideologia que estabelecerá uma democracia no Japão e que será ao mesmo tempo uma superação ao comunismo."

Um acontecimento semelhante se desenrolava na Câmara dos Representantes. Esta rompeu com tôdas suas tradições para receber a delegação japonêsa no seu recinto. Um deputado tomou a palavra em nome dos japoneses e depois de ter renovado o gesto que seu colega havia tido no Senado, acrescentou: "Nós fomos a Caux porque o programa do Rearmamento Moral nos parece oferecer a única base possível de uma verdadeira reabilitação."

No dia seguinte, o *New York Times* afirmava em seu editorial: "É reconfortante constatar que os inimigos de ontem podem ser amigos hoje... O Sr. Chojiro Kuriyama, membro da Dieta, prendeu particularmente a atenção do Senado acenando seu pesar pelo "grande êrro japonês" e reconhecendo "a clemência e a generosidade americanas". E dizer que isso se passa em Washigton, a 28 de julho de 1950, um pouco menos de cinco anos depois da queda das primeiras bombas atômicas sôbre Hiroshima e Nagasaki!... Os prefeitos de Hiroshima e



Nagasaki estavam entre os japoneses. Eles também têm alguma coisa a nos perdoar. Perdoando-nos, realizaram êste milagre: durante um instante pôde-se entrever, apesar das horas sombrias que vivemos, o dia em que todos os homens serão irmãos.”

Quando o sindicalista de Osaka foi durante a noite apresentar suas desculpas ao Chefe da Polícia, o primeiro voltou a dormir com a alma em paz e o outro começou uma noite agitada. O gesto da delegação japonesa no Congresso americano teria um efeito semelhante? O *Saturday Evening Post* escrevia: “É difícil para um americano compreender a declaração do Sr. Kuriyama. Entretanto, é reconfortante ver uma nação admitir que ela pôde se desviar... Talvez os americanos, êles próprios, pudessem pensar em algum acontecimento passado do qual tivessem que dizer: Desta vez, certamente, nos enganamos”.

Antes de regressar ao Japão, esta delegação, numa entrevista dada a um jornal britânico, lançou um apêlo que chamou a atenção de numerosos governos ocidentais: “A U.R.S.S. progrediu na Ásia porque o govêrno soviético sabe conduzir a luta ideológica: êle luta para se apoderar do espirito dos homens. Nós pedimos aos governos e aos povos do Ocidente que façam o mesmo, tornando-se os campeões do Rearmamento Moral, de sua filosofia e de sua aplicação prática porque é a ideologia do futuro. Então tôda a Ásia escutará.” (*Observer*, 22 de julho de 1950).

O Prefeito de Hiroshima havia entregue a Frank Buchman uma cruz de madeira feita do lenho que permaneceu intácto de um canforeiro gigante calcinado pela bomba atômica e que fôra plantado em Hiroshima há quatrocentos anos, por ocasião da fundação da cidade. A delegação japonesa, vinda a Caux em 1950, regressou levando consigo uma semente que deverá se implantar firmemente no solo japonês e dar uma outra árvore capaz de desafiar tôdas as explosões do futuro.



*Nem para a esquerda, nem para a direita,  
mas para a frente.*

Em maio de 1957, cem jovens japoneses fazem as malas para irem a Moscou. Foram convidados para o Festival Mundial da Juventude e, de regresso, a visitar Pequim. Cada um deles comanda uma alavanca na mais influente das organizações da juventude, a Seinendan, cujos membros, em número de 4.300.000, representam, até no mais longínquo vilarejo do Japão, os elementos mais dinâmicos e progressistas da geração que desabrocha.

A Seinendan já tem trezentos anos de existência. Inicialmente foi apenas um agrupamento de jovens desejosos de participar do progresso da comunidade: foram eles que constituíram as primeiras brigadas de bombeiros que o Japão conheceu; empreenderam grandes trabalhos de irrigação e de estradas. A organização foi utilizada para fins militares durante a guerra.

A Seinendan fôra reconstituída depois de 1945 com a ajuda das autoridades americanas de ocupação, afim de dar à juventude o gosto dos princípios democráticos ocidentais. Grupos políticos vieram, a seguir, solicitar o favor de seus chefes. A extrema esquerda empreendeu a infiltração em tôdas as camadas da organização e um de seus porta-vozes podia dizer confiante: "Quando a bandeira vermelha flutuar na sede da Seinendan, estaremos no momento de tomar o poder no país."

Ao chegar o convite para Moscou, no comitê executivo da Seinendan uma só pessoa objetou: uma Vice-Presidente, filha de uma modesta família camponêsa. Quando ela elevou a voz para manifestar seu desacôrdo, não foi alvo apenas dos improperios da extrema esquerda, mas seus próprios amigos retrucaram erguendo os ombros: "O que quer você que façamos? Você tem uma contra-proposta ao convite de Moscou?"

Duas semanas mais tarde, cem dirigentes da Seinendan descem do avião, depois de uma viagem de 10.000 quilômetros. Um pequeno vapor os conduz a um lugar encantador, a ilha de Mackinac, no coração dos Grandes Lagos americanos. Um convite, o único deste gênero vindo do Ocidente, chegara de Frank Buchman e, graças à luta tenaz da jovem Vice-Presidente, realizara êste prodígio. Em duas semanas, a balança ideológica poz-se a pender para um outro lado.

\*

A ilha de Mackinac serviu antigamente de centro de reunião para as tribos indígenas da América do Norte. Depois franceses, inglêses e americanos a disputaram, e suas três bandeiras flutuaram alternadamente sôbre seu forte de madeira, testemunha da história.

Desde alguns anos, todos os verões nos edifícios recentemente construídos, milhares de homens vindos de todos os pontos do globo se reúnem nas assembléias do Rearmamento Moral. Segundo a lenda, o Grande Manitou, deus dos indígenas, havia previsto: "Nesta ilha as tribos se encontrarão para se reconciliar; mais tarde serão os povos da terra que aí se encontrarão para estabelecer a paz."

Foi num turbilhão de nações que mergulharam os cem dirigentes da Seinendan. No momento em que seu avião pousava sôbre o solo americano, via-se chegar a Mackinac outros delegados dos cinco continentes. Lá estava Damasio Cardoso, o

portuário brasileiro, com seus companheiros do pôrto do Rio; o jovem nacionalista R.D. Mathur e o neto de Gândhi reuniam-se a seus compatriotas indianos; o chefe nigeriano Elhadj Umoru estava presente com representantes de todo o continente africano — entre êstes uma delegação parlamentar de Gâna; havia também sindicalistas e industriais da Europa, e homens políticos. Em resumo, todo um mundo se encontra sem demora reunido na grande sala em forma de *wigwam* indígena (tenda dos índios norte-americanos).

Os cem japoneses representam, êles também, todo um capítulo da história humana. Vindos, em sua maioria de chácaras e de arrozais, muitos combateram nos exércitos japoneses na China, na Indonésia, nas Filipinas. Quatro dentre êles encontravam-se em Hiroshima ou em Nagasaki sob a bomba atômica; haviam perdido suas famílias. No coração de cada um existe hoje uma profunda hostilidade contra a política americana. O pouco de fé que poderiam ter tido, um dia, na democracia ocidental, havia desaparecido.

Os japoneses sabem se organizar. Desde os primeiros dias, na delegação, forma-se um grupo da direita e uma célula da esquerda! Depois de cada reunião plena, os diferentes grupos reúnem-se em concílio e decidem qual vai ser sua "linha partidária". Cada noite e até a madrugada, pode-se ouvir pequenos grupos, nos quartos a discutir com paixão. Tudo é analisado, debatido, dissecado; quando não é mais possível nenhuma conclusão, vai-se para a cama!

Mas cada dia, nas reuniões, por trás de cem rostos longo tempo impassíveis, a realidade dum mundo novo em crescimento faz seu caminho.

•

"Como muitos outros entre os cem jovens que vieram comigo, contará mais tarde uma professora de Hiroshima, eu pendia para o ceticismo e não compreendia como questões mí-

nimas e puramente pessoais pudessem ter qualquer efeito sobre a situação do mundo. Mas um dia uma jovem holandesa que vivera na Indonésia com sua família contou numa reunião como ela e os seus foram capturados pelos soldados japoneses e internados num campo de concentração. Nunca tiveram alimento bastante, eram maltratados e muitos dos ocupantes do campo morreram. Ela nos odiara. Entretanto, acrescentou ela, eu não tenho mais amargura, porque sei que não se pode estabelecer a paz com o ódio no coração. O governo japonês concedera-lhe recentemente uma certa importância a título de reparação. Ela anunciou sua intenção de dar esse dinheiro para o trabalho do Rearmamento Moral no Japão. Em sua opinião, somente este estado de espírito seria capaz de criar a unidade na Ásia. Sua história nos tocou diretamente o coração."

"Eu comecei então a perceber, prosseguiu a jovem professora, o que Frank Buchman queria dizer quando afirmava: "A paz, não é uma idéia, mas pessoas que se tornam diferentes", e "se querem ver um mundo diferente, o melhor lugar para começar, é por si mesmo". Compreendi que eu também devia começar por mim mesmo."

Certa manhã, um dos japoneses, o mais resolutamente anti-americano, é convidado por um cirurgião de Nova York, sua esposa e seus quatro filhos: "Durante o pequeno almoço com o Dr. Close e sua família, contará êle próprio depois, relatei a história de uma mulher japonesa que havia sido morta numa base americana no Japão. Êles escutaram com atenção e desculparam-se humildemente perante mim por terem americanos cometido semelhante ato. Seu filho de seis anos me disse: "Eu tenho um pouco de dinheiro que guardei, tome-o para essas pessoas que sofreram."

"Até esse momento, eu detestara pessoas. Mas jamais compreendera que outros poderiam me odiar. E eis que esta criança pedia desculpas pelo que os americanos haviam feito!" Este gesto tão simples fez fundir anos de amargura.

A uma das mesas do jantar, pode-se ver uma birmanesa rodeada de cinco japoneses. Ela lhes relata como, durante a ocupação japonesa, seu tio predileto se havia esforçado em manter boas relações humanas com os soldados que ocupavam sua casa. Mas entre os oficiais superiores japoneses esta atitude desagradou. O tio foi prêsó; morreu alguns meses mais tarde na prisão. Esta história provoca nos cinco japoneses um profundo silêncio. Quatro destes homens haviam servido como oficiais, o outro como instrutor na Academia Militar. De repente, o japonês sentado em frente à birmanesa não pôde mais; desmanchou-se em lágrimas. Pela primeira vez, sentia náuseas pelo procedimento de seu país. Lembrou-se do dia em que, sob as ameaças do seu superior, havia abatido prisioneiros. Hoje êle conta com simplicidade, o que nunca havia revelado a ninguém, e êste relato, longe de revolver rancores, cura as cicatrizes mais profundas. Para cada um em tórno da mesa, foi como se o coração se libertasse do pêso da obsessão e do desespêro.

Estas experiências, — os japoneses ainda não o sabem, — serão as que tocarão mais os membros do Congresso americano. A delegação japonesa é de fato convidada a Washington. No restaurante do Senado, um motorista de taxi de Nagasaki descreve como, depois da queda da bomba atômica, da qual êle é um dos remanescentes, sua vida tivera apenas dois objetivos: vingar o passado e procurar por todos os meios impedir uma guerra atômica. Durante as três primeiras semanas em Mackinac, observa êle, não consentira jamais em sentar-se a mesa com um ocidental. Mas sua permanência ali o convencerá de que não se pode trabalhar pela paz mundial com o ódio no coração.

O Senador Wiley, membro da Comissão dos Negócios Estrangeiros do Senado, ficou tão impressionado com as palavras do japonês que as citará no recinto do Senado alguns

dias mais tarde, descrevendo esta conversação como "uma experiência da qual êle se lembraria por muito tempo..." Falando dos dirigentes da Seinendan, o Senador acrescentou: "Eles estão descobrindo uma ideologia da liberdade que porá fim à corrupção e à divisão deixadas em seu rastro pelo materialismo no Ocidente, e no Oriente".

Entre os jovens japoneses encontrava-se um farmacêutico, Yamamoto. Durante a primeira semana de sua estada em Mackinac, êle se revelara o mais encarniçado partidário do antiamericanismo e da oposição à bomba atômica.

"Durante meu primeiro mês em Mackinac, eu dormia de dia, e de noite sentia-me bem acordado, conta êle. Meu objetivo era tornar a vida difícil às pessoas do Rearmamento Moral. Meu companheiro de quarto chamava-se Leland Holland. Durante o dia trabalhava muito e voltava para o quarto cêrca de onze horas da noite. Pelo fato de eu dormir o dia todo, estava cheio de energia àquela hora. Com a ajuda de um interprete, eu me punha a discutir sôbre o Rearmamento Moral com êle. Eu supunha que no dia seguinte êle dormiria até mais tarde, mas jamais o fêz. Sua disciplina me impressionou profundamente. Levantava-se tôdas as manhãs às cinco horas e trinta e trazia-me uma chicara de café: isto durante quarenta dias. Pouco a pouco, eu compreendi que as pessoas do Rearmamento Moral não falam muito, mas põe uma idéia em prática."

Uma bela manhã, vê-se Yamamoto levantar-se numa reunião em Mackinac. "Acabo de pôr uma carta no correio, diz êle, que pode modificar o curso da minha vida." Ao deixar o Japão, as disputas familiares haviam atingido um tal paroxismo que êle não via outra alternativa senão o divórcio. Nesta carta, pela primeira vez, êle reconhecia honestamente seus erros, desculpava-se e perguntava à sua espôsa se ela queria começar com êle uma vida nova.



Alguns dias mais tarde, Yamamoto acorda com o espírito formigando de idéias: tôda a trama duma peça de teatro se lhe impuzera. Setenta e duas horas mais tarde, êle havia escrito *O Caminho para o Amanhã*, e na semana seguinte, esta peça era representada. Estava fadada a um grande destino.

•

Os chefes da Seinendan encontravam-se em Mackinac quando o Presidente do Conselho japonês, Sr. Kishi, foi em visita oficial a Washington. Ali êle recebeu a visita de três dos jovens dirigentes, assim como políticos japoneses vindos de Mackinac. De Blair House, residência tradicional dos hóspedes do govêrno americano, êle telefonou a Frank Buchman para agradecer-lhe a formação que a elite dos países asiáticos recebia em Mackinac: "Eu creio que o caminho mais seguro para uma paz durável, diz-lhe êle, passa pela transformação do coração. O que o senhor faz é mais necessário do que nunca."

"Êstes dirigentes da juventude do Japão, respondeu Frank Buchman, aprendem a ir, nem para a direita, nem para a esquerda, mas para a frente. Eis o que todos os jovens têm necessidade de aprender: seguir absolutamente para à frente."

E Frank Buchman acrescenta: "Faço votos que o Japão seja não sòmente o farol da Ásia, mas também a sua "usina geradora". Possa êle levar a todo o Oriente união, meta e direção."

Depois o Presidente do Conselho, por intermédio do alto falante ligado ao telefone, dirigiu-se aos cem japoneses, que rodeavam Frank Buchman. "Espero muito de vós, lhes disse êle. Espero que compreendais plenamente o Rearmamento Moral, que vos impregneis de seu espírito e que o leveis de regresso ao nosso país."



## *“A política do coração humilde”*

As expressões usadas por Frank Buchman em sua conversa telefônica com o Presidente do Conselho japonês seriam por êste repetidas alguns meses mais tarde, numa declaração pública em Tóquio: “Nosso govêrno aprende a não ir nem para a direita, nem para a esquerda, mas para a frente, declarou o Presidente do Conselho. Eu quero fazer disto nossa política nacional. Cremos que o Rearmamento Moral traz ao mundo uma paz justa e duradoura.”

O pensamento do Dr. Buchman, não somente se tornava a expressão da diretriz tomada pela juventude japonesa, mas também o lema fundamental da política do Presidente do Conselho.

O Sr. Kishi não era o primeiro chefe do govêrno japonês a trilhar êste caminho. Vimos sucederem-se nas páginas anteriores os nomes de diversos de seus predecessores: O Sr. Tetsu Katayama, o primeiro Presidente do Conselho depois da guerra, assistiu à conferência de Caux em 1949; seu sucessor, Sr. Yoshida, enviou a delegação de 76 personalidades japonesas, cuja visita a Caux marcou uma etapa na história do Japão de após guerra. Mas foi o sucessor do Sr. Yoshida, o Presidente do Conselho Hatoyama, que, pela primeira vez, se inspirou nos princípios do Rearmamento Moral para sua política externa; é a êle que cabe a honra dum gesto fadado a

transformar tôdas as relações do Japão com um de seus vizinhos.

\*

Estamos em julho de 1955, numa cidade onde por tôda a parte se erguem as ruínas hiantes das igrejas devastadas pelas bombas japonêsas. Nas muralhas antigas de muitos séculos, brechas imensas deixam ver um estendal deserto, juncado de escombros, onde outrora se erguia uma cidade superpopulosa. Os sobreviventes trazem o luto de 110.000 dos seus mortos sob os bombardeios, nos campos de concentração, sob o fogo dos pelotões de execução ou entre as mãos dos carrascos. Centenas de pessoas juraram não dirigir jamais a palavra a um japonês ou até matarem o primeiro japonês que encontrassem. Tal era a atmosfera de Manilha.

O Presidente das Filipinas, o saudoso Ramon Magsaysay, acabava de convidar uma delegação de homens militantes do Rearmamento Moral a vir a Manilha. O Sr. Hatoyama, sabendo deste convite, fez questão de que representantes japoneses acompanhassem esta delegação. Envia, como delegados oficiais, dois parlamentares: um conservador, Niro Hoshijima, uma das mais eminentes personalidades da Diéta; o outro, socialista, Kanju Kato.

O grande salão da Universidade do Extremo Oriente reorgita. Ali se encontram estudantes, certamente, mas se encontra também a elite do país: o Sr. Carlos Garcia, que sucederia a Magsaysay na presidência das Filipinas, está sentado em sua frisa na qualidade de Vice-Presidente. Estão ali no salão centenas de homens que sofreram nas mãos dos japoneses ou perderam suas famílias durante a guerra.

O Sr. Hoshijima toma a palavra em japonês. Percebe-se um murmúrio de protesto elevar-se no salão; bastariam alguns instantes mais para transformar-se em tumulto. Mas a voz do

interprete chega, impondo sôbre o salão um silêncio impressionante:

“Os japoneses devem pagar as reparações de guerra, mas as reparações não bastam. Antes de tudo, devemos pedir, humildemente, perdão pelo passado. Eis a razão pela qual o Primeiro Ministro me pediu para acompanhar esta delegação. Perdoai-nos...”

Tempestades de aplausos explodiram no salão.

“O Rearmamento Moral já está iniciando a construção de um Japão novo, prosseguiu a voz do interprete. Com o Rearmamento Moral, tôda a Ásia poderá se unir.”

Este grande ato de humildade política marcou uma reviravolta nas relações entre o Japão e as Filipinas. No dia seguinte, sob os imensos lustres de cristal da velha residência espanhola de Malacañang, o Presidente Magsaysay recebia os membros da delegação e apertava a mão de japoneses. Alguns meses mais tarde, recebendo no mesmo quadro a Frank Buchman, exprimia-lhe seu reconhecimento e acrescentava: “A maioria das pessoas cumulam-me de problemas, o Sr. me traz as soluções.”

A promessa que o Sr. Hoshijima havia feito ao povo filipino a propósito das reparações de guerra foi mantida: algumas semanas mais tarde, firmava-se um acôrdo a respeito, ao passo que antes, as negociações procuraram em vão, durante meses, um têrmo de conciliação. Os japoneses se prontificaram a pagar 550 milhões de dólares de reparações. Pouco depois, o Senado filipino ratificou o tratado de paz com o Japão.

Em novembro de 1955, o Sr. Hatoyama fazia uma declaração que foi publicada no *Journal de Genève*: “O Rearmamento Moral, declarou o Presidente do Conselho, mostra-nos o modo prático de restabelecer nossas relações com os países vi-

zinhos. Estou convencido que a diplomacia tem necessidade deste espírito para assegurar a paz mundial."

Frank Buchman deveria estar no Japão alguns meses mais tarde, em abril de 1956. Sua visita foi marcada por um incidente que nós o deixaremos contar, tal como êle o fêz pelo rádio por ocasião de sua volta à Europa, depois de uma viagem que o levou a Formosa, às Filipinas, ao Vietnam, à Tailândia, e à Birmânia.

"Um dos maiores jornais do Japão escreveu que minha recente visita a Tóquio tivera lugar num momento crítico, declarou Buchman. A Dieta estava efervescente. Era o impasse. A divisão parecia irremediável. Cada deputado levava um tempo infinito para ir depositar seu voto. Chamavam a isto "passo de boi". Estavam desesperados, furiosos. Dormia-se pouco, praguejava-se muito. Faltava um elemento novo. Dirigentes da maioria e da oposição organizaram um almoço na Dieta para mim e para os amigos que me acompanhavam — homens e mulheres vivendo uma ideologia que cria a unidade. Membros do governo e da oposição declararam em seguida: "Foi miraculoso, o senhor fêz voltar o bom senso onde reinava a demência: — encontrou-se uma solução. Não houve tumulto. Pudemos resolver nosso problema, sem apoiar os desejos de um ou de outro partido, mas procurando o que é justo". Observem, isto não vinha de mim; não fui eu que o fiz: sòmente uma ideologia pode mudar o pensamento de homens e de mulheres no Parlamento."

Aconteceu que o governo japonês aproveitou a ocasião da visita de Frank Buchman para lhe expressar o reconhecimento oficial do povo japonês fazendo-lhe entrega, pelas mãos do Ministro das Relações Exteriores, das insígnias da Ordem do Sol Levante. A isto não tardou a acrescentar-se também o reconhecimento do povo filipino, pois alguns meses mais tarde o Presidente Magsaysay encarregava o Senador Lim de conferir a Frank Buchman a Legião de Honra das Filipinas.

No princípio de 1957, o Presidente Magsaysay, impressionado pelo que se pudera realizar no domínio das relações de seu país com o Japão, deu seu pleno apóio à idéia de uma conferência que reuniria, nas Filipinas, os dirigentes de diferentes países asiáticos. Realizada sob os auspícios da ação do Rearrramento Moral, esta conferência deveria ter lugar em Baguio, capital de verão das Filipinas. Magsaysay escreveu aos três irmãos Colwell de Hollywood — Frank Buchman fizera-os cantar para êle um ano antes — pedindo-lhes que viessem a esta conferência.

Infelizmente, antes mesmo que os irmãos Colwell recebessem esta carta, o mundo estupefato tomava conhecimento de que o Presidente Magsaysay encontrara morte trágica num acidente de avião, ocorrido sôbre os rochedos da ilha de Cebu. Foi seu sucessor, o Presidente Garcia, que, cumprindo o desejo de Magsaysay, compareceu a Baguio com três membros de seu govêrno para trazer o apóio de sua presença a esta conferência. Era ali que se devia desenrolar um outro episódio decisivo entre os dois adversários mais implacáveis da Ásia: o Japão e a Coréia.

\*  
\* \* \*

Todos os dias, à meia noite, a mãe de Choi Sang Woo acordava-o, envolvia-o em espessos cobertores e conduzia-o ao sótão da casa. Noite após noite, ela assim o ensinava sua língua coreana, que as autoridades japonêsas de ocupação na Coréia proibiam às crianças de aprender. Durante quarenta anos, centenas de milhares de mulheres, exatamente como a mãe de Choi, mantiveram, assim, na alma de seus filhos o amor de seu país e de sua cultura. Porque era coreano, o jovem Choi não foi admitido no liceu, embora fôsse o primeiro de sua classe. Um povo inteiro sonhava com o dia em que, quebrando suas cadeias, o país recuperaria a liberdade.

Quando em março de 1957 os japoneses tomaram a palavra na assembléa das Nações asiáticas em Bagulo, Choi, que se encontrava presente como delegado da Coréia, não pode suportar por um segundo ouvir esta língua amaldiçoada: levantou-se e deixou a sala. "Quando ouvi falar os japoneses, disse êle mais tarde, tantas recordações antigas me voltaram à memória que chorei lágrimas amargas."

Tal é a medida do ódio que separa êstes dois países; bem poucos se dão conta disso, mesmo na Ásia. Certos governos tentam remediá-lo; mas, em outubro de 1953, tôdas as negociações oficiais entre os dois países foram interrompidas. O Vice-Ministro das Relações Exteriores do Japão, Sr. Kubota, tentou provar que os coreanos deviam pelo menos mostrar reconhecimento ao povo japonês pelo desenvolvimento econômico que o domínio nipônico havia trazido ao país. Nesta mesma declaração, o Sr. Kubota fazia valer os direitos dos japoneses sobre cerca de 80% das propriedades territoriais coreanas. Diante de tal afirmação, os coreanos haviam rompido as conversações e nenhuma tentativa diplomática com vistas a recomêçá-las obtivera êxito desde então.

A tensão entre os dois países era tal que a participação de uma das duas nações a um encontro internacional conduzia ao retraimento da outra. Na conferência organizada sob os auspícios do Rearmamento Moral em Bagulo, japoneses e coreanos se encontraram, pela primeira vez. Esta tentativa também conduziria a um impasse?

A testa da delegação coreana encontravam-se o Sr. Yoon Sung Soon, Presidente da Comissão das Relações Exteriores na Assembléa nacional, e Mme. Park Hyun Sook, que fizera parte, durante vários anos, do governo coreano.

Do lado japonês, o Sr. Niro Hoshijima, desde então Presidente da Dieta japonesa, encontrava-se de novo nas Filipinas. A seu lado, a Senadora Shidzue Kato, membro do Co-



mitê das Relações Exteriores do Senado. Estes japoneses haviam chegado a Bagulo desejosos de af admitirem seus erros, prontos a reconhecer as crueldades de que se tinham tornado culpados em relação a outros povos. Mas, à sua chegada, encontraram uma atmosfera tão glacial, que lhes pareceu impossível mesmo falar neste sentido.

Um dia, entretanto, Mme. Kato resolveu tomar a palavra e do fundo de seu coração dirigiu-se aos coreanos para pedir-lhes perdão. Estes aceitaram suas desculpas.

"Parecia-me claro que para provar nossa boa fé, diria mais tarde o Sr. Hoshijima, seria necessário mais que desculpas. Enquanto eu estava em Bagulo, um pensamento se me impôs: em lugar de assistir a uma conferência de grande envergadura, onde os governos do Japão e da Coréia discutiriam todos seus problemas pendentes, deveríamos imediatamente nos lançar a resolver as questões essenciais, tentando encontrar o que fôsse justo."

Os japoneses pediram aos coreanos, que lhes dissessem honestamente quais os seus ressentimentos acêrca destes anos de domínio; pediram-lhes também que lhes dissessem como poderiam, de modo prático, provar a sinceridade de suas desculpas. Mme. Park Hyun Sook falou dos seus anos de prisão, dos sofrimentos de seu marido, cujas cordas vocais foram cortadas pela polícia japonesa, e que desde então, há dezoito anos, jamais abandonara o leito.

Nas quarenta e oito horas seguintes tiveram lugar longas conversações entre os representantes dos dois países, em que foram abordadas diversas questões em litígio: a famosa declaração do Sr. Kubota, as reivindicações dos japoneses sobre propriedades privadas, um problema agudo sobre zonas de pesca, uma questão territorial, enfim a troca de prisioneiros políticos retidos numa e noutra parte.

Pùbicamente, em Bagulo, o Sr. Hoshijima expressou sua convicção pessoal de que o Japão cederia imediatamente

quanto aos dois primeiros pontos. Os delegados coreanos saudaram êste procedimento como um passo importante para uma melhor compreensão entre os dois povos.

O Sr. Hoshijima comprometeu-se a falar sôbre êste assunto com o Presidente do Conselho japonês tão logo regressasse. Mme. Kato, pertencendo a um partido da oposição ofereceu-se para facilitar a ação do Primeiro Ministro, levantando a questão, ela própria perante a comissão das Relações Exteriores do Senado.

Os coreanos concordaram mesmo em fazer uma visita oficiosa ao Japão, sob a condição de se hospedarem na casa que os japoneses puseram à disposição de Frank Buchman, em Tóquio.

Em 30 de abril de 1957, duas semanas depois da assembléia asiática de Baguio, o Presidente do Conselho japonês virava uma página na história das relações nipo-coreanas. Respondendo perante a comissão das Relações Exteriores do Senado à pergunta feita por Mme. Kato, o Sr. Kishi declarou: "O elemento mais importante de tôdas as nossas negociações não é a justeza de nossas posições em face de tal ou tal lei; importa mais saber se nós nos ocupamos, antes de tudo, em criar um espírito de entendimento entre nossos dois países. Neste caso, cabe a nós, japoneses, tomar a iniciativa." Evocando, em seguida, as duas questões mais espinhosas, o Primeiro Ministro prosseguiu: "Não tenho a menor dúvida em rejeitar a declaração do Sr. Kubota e lamento que ela tenha sido interpretada, do lado coreano, como a expressão de uma atitude altiva." Depois, fazendo alusão às reivindicações concernentes aos bens privados dos japoneses na Coréia acrescentou: "Não tenho a intenção de me firmar numa interpretação estreita do direito, como o fizemos outrora; não nos agarraremos mais ao que afirmamos no passado. Tentaremos resolver os diferentes problemas práticos com a disposição de um coração humilde."

Alguns dias depois destes acontecimentos, o Sr. Niro Hoshijima escrevia num artigo: "Ali vi realizar-se a esperança que Frank Buchman depositou, há longo tempo, em meu país. Dirigido por Deus, o Japão é chamado a ser o farol da Ásia. Face a este apêlo, eu me sinto humilde e sem poder. Mas vi uma luz atingir os outros povos asiáticos quando nós, japoneses, abrimos honestamente nosso coração e assumimos a responsabilidade das feridas e dos ódios do passado."

Um delegado chinês presente à conferência de Baguio — o general Ho Ying-chin, ex-Primeiro Ministro e ex-chefe do Estado Maior da República Chinesa — declarou: "O que não pudemos fazer em dez anos de esforços diplomáticos foi realizado em Baguio."

\*

"Tensão — Aplausos em Canberra — Kishi desculpa-se." Tal é o título que em dezembro de 1957 o *Japan Times* inseria em sua primeira página sobre esta informação da Austrália:

"Por ocasião do acontecimento mais importante de sua visita à Austrália — um banquete dado pelo Primeiro Ministro Robert Menzies no Parlamento — o Presidente do Conselho japonês, Nobosuke Kishi, expressou ao povo australiano o mais profundo pesar do povo japonês pelo que se passou durante a guerra."

Explicando a origem deste passo, havia um fato que a imprensa não noticiou. Fôra em Baguio que a senadora socialista Mme. Kato soubera que o Presidente do Conselho preparava-se para fazer uma viagem oficial a diferentes países, à testa duma delegação comercial. Um pensamento se lhe impusera: "Ir dizer-lhe de não falar sobre comércio, mas apresentar desculpas sinceras por toda a parte onde fôsse."

Em seu regresso ao Japão, ela tentou várias vezes conseguir uma entrevista com o Sr. Kishi, mas sempre sem resul-

tado; paralisada em parte pelo medo de fazer uma tal proposta ao Presidente do Conselho, quase abandonou a idéia. A partida do Sr. Kishi aproximava-se e, presa súbitamente de uma renovada convicção, ela decidiu procurá-lo sem ter a entrevista previamente marcada. Encontrou-o na sala do Conselho de Ministros com cinco outros membros de seu governo e foi diretamente a êle: "Senhor Presidente, disse ela, Deus quer que eu diga isto a respeito de sua viagem..." Quando deixou o Sr. Kishi, Mme. Kato não sabia se suas palavras seriam atendidas.

Alguns dias depois de sua visita à Austrália, o Presidente Kishi encontrava-se em visita oficial às Filipinas. O Presidente Garcia pusera à disposição do Sr. Kishi, durante toda sua visita a Manilha, um de seus colaboradores mais chegados, o Major Ajerico Palaypay. Um dia em que havia uma hora vaga em seu programa, o Major ofereceu-se ao Sr. Kishi para mostrar-lhe certos recantos da cidade; levou-o ao interior do antigo cinturão, no meio de montões de ruínas que ainda restam por todas as partes; mostrou-lhe a catedral de Manilha, cuja reconstrução se empreende. Sendo o seu cicerone constante, fez-lhe parte também de suas experiências de guerra. O major Palaypay salientou-se no *maquis* contra os japoneses, depois distinguiu-se na luta contra os bandos Huks, como ajudante de campo de Magsaysay, quando este fôra Ministro da Defesa. Palaypay tivera também ocasião de conhecer Frank Buchman: êle ali estava quando Magsaysay recebera Buchman em 1956. Mais tarde, depois da morte de Magsaysay, acompanhou o novo Presidente à conferência de Baguio. Mas foi em Mackinac, alguns meses mais tarde, que, pela primeira vez depois da guerra, Palaypay viu-se face a face com os japoneses.

"Esta cicatriz em minha mão, declarou êle antes de deixar Mackinac, ficou sendo, desde a guerra, um símbolo de meu ódio contra os japoneses. Pela razão, eu sabia que era errado odiar,

mas meu coração arrastava-me por outro caminho. Aqui eu fui totalmente libertado de todos estes ressentimentos. Se um ódio tão profundo quanto o meu pôde ser apagado, todos os homens podem transformar-se."

Quando o carro regressava depois do passeio pela cidade, o Presidente do Conselho japonês ficou silencioso. E nessa mesma noite, num jantar oficial no *Manila Hotel*, diante de um público que reunia a elite dos filipinos, o Sr. Kishi desculpou-se uma vez mais em nome de seu país. Havia em suas palavras uma nota de sinceridade que comoveu a todos.

Um jornal alemão, ao descrever a viagem do Sr. Kishi através dos países asiáticos, pôs este título: "Kishi, o quebra-gelo." Destaquemos algumas linhas do editorial aparecido em 18 de dezembro de 1957 no *Evening Star* de Washington:

"O Sr. Kishi acaba de voltar a Tóquio depois de cumprir uma das mais extraordinárias missões para um estadista de sua classe. Em resumo, no curso das três últimas semanas, êle esteve em nove países que o Japão havia ocupado ou ameaçado depois do ataque de Pearl Harbour. Em cada um destes países, entre êles a Nova Zelândia, a Austrália, a Indonésia e as Filipinas, êle se desculpou públicamente pelo modo como o seu país tanto fizera sofrer outras nações durante a guerra.

"O fato é que, desde a derrota e a capitulação de 1945, os japoneses tiveram numerosos gestos testemunhando seu arrependimento. Mas a viagem do Sr. Kishi fêz mais que todos os esforços precedentes para salientar e concretizar o desejo que têm os japoneses de apagar o passado e reconquistar a confiança à sua volta. Se bem que penosas recordações permaneçam ainda na memória das pessoas, existe hoje bem menos amargura e ódio que anteriormente: a visita do Senhor Kishi contribuiu muito para iniciar um restabelecimento de relações cordiais entre os povos."

Em março de 1958, o Presidente do Conselho enviou do Japão uma mensagem aos delegados de diversas nações asiáticas que se encontravam reunidas em uma segunda conferência de Baguio. Nesta mensagem êle dizia notadamente:

“No curso destes últimos doze meses, eu tive o privilégio de visitar um grande número de países que estarão representados em vossa conferência. Fiquei impressionado pela eficácia com que o Rearmamento Moral cria a unidade entre os povos outrora divididos. Eu mesmo fiz a experiência do que podem fazer as desculpas sinceras para curar as mágoas do passado. Nós temos necessidade desta sabedoria política que nasce de um coração humilde, se quizermos restabelecer o equilíbrio e a paz nos negócios dos homens. Se na Ásia conseguirmos construir a unidade, procurando juntos o que fôr justo para todos nós, teremos então uma grande contribuição a oferecer aos governos do mundo inteiro.”

## *O caminho para o amanhã.*

Quando os cem jovens dirigentes da Seinendan se reencontraram no Japão, depois de sua viagem a Mackinac, tinham a consciência de uma imensa tarefa que os aguardava, pois tratava-se de fazer penetrar no conjunto de um país a concepção da qual se haviam impregnado; para fazer algo com eficácia, seria preciso atingir os dirigentes e penetrar as massas. A peça *O Caminho para o Amanhã* apareceu-lhes como uma arma tãda nova forjada à dimensão do combate ao qual queriam se lançar.

Nenhum dêles, entretanto, podia dispor à vontade de seu tempo, sendo cada um chamado ao seu dever profissional abandonado por dois meses. Foi no coração de um certo número dêstes jovens que êste combate pelo Japão deveria ser ganho em primeiro lugar.

A peça de teatro, que o jovem farmacêutico Yamamoto havia escrito, estava dentro da melhor tradição do teatro japonês. Era a história de uma família de lavradores que moravam numa vila atormentada pelas oposições sociais. O filho da família vai a Mackinac, onde é visto algumas semanas mais tarde escrevendo uma carta de desculpas à família enquanto os projetores iluminam alternadamente, num canto da cena, seus irmãos, suas irmãs, seus pais, à medida que êle se dirige a cada um dêles. A peça mostra também esta tomada de consciência do jovem japonês a propósito dos erros de que seu país é culpado perante os filipinos, os coreanos, os chineses e outros

povos. De Mackinac, o jovem filho leva à vila um fermento de unidade.

O papel da mãe de família fôra desempenhado em Mackinac por uma jovem, Tomi Susuki, Presidente da Federação da Seinendan de sua província. Tomi, chegando a Tóquio, medita sôbre seus pais a cujo encontro ela vai.

É filha única. Seus pais, hoje bastante idosos, trabalharam tanto durante tóda vida, curvados sôbre o arrozal, que sua mãe já não pode se locomover sem um carrinho. Que deveria fazer? Teria ela o direito de pedir a seus pais para suportarem sòzinhos o pêso da modesta granja? Partiu para vê-los com o coração em pedaços. Durante três semanas trabalhou dia e noite para adiantar os trabalhos da chácara de modo a poder ficar livre pelo menos durante algum tempo... Seus velhos pais, vendo o ardor de sua convicção, ofereceram-se para retomar o trabalho a fim de que ela pudesse voltar. Os amigos da Seinendan, por seu lado, vieram oferecer sua colaboração e ela pode combinar com êles a continuação da ajuda a seus pais.

Um outro papel foi desempenhado por um jovem camponês. Ele também tem seu velhos pais que dêle necessitam para a colheita. Quando lhes participou suas intenções êstes lhe deram todo o apoio e venderam um pedaço de suas terras a fim de libertá-lo de tóda a obrigação para com êles.

Cada um dêstes jovens da Seinendan, regressando a seu lar, passa por um conflito semelhante. Êste é o filho mais velho da família. No sistema tradicional japonês, o filho mais velho é o que tudo decide depois que o pai se aposenta. Ele não ousa falar neste projeto da peça teatral. Um dia, entretanto, conta a seu pai o que descobriu em Mackinac e como decidiu viver de maneira diferente. Seu pai o escuta, o interroga e finalmente o filho lhe fala do projeto que lhe enche o coração. "Se você pensa que é a coisa mais importante que deve fazer, diz-lhe o pai, vá e faça-a."



Algumas semanas após o regresso da delegação a Tóquio, dezessete jovens japoneses se reuniam, depois de se terem libertado de suas obrigações profissionais e familiares, para juntos atirarem-se à luta pelo seu país. Tinham a convicção comum de que esta peça devia ser de novo montada imediatamente e apresentada na capital antes de exhibir-se em outras cidades. Era preciso primeiro mobilizar os meios técnicos, porque nenhum deles dispunha de quaisquer recursos. Uma sociedade teatral decidiu fazer-lhes os cenários e forneceu-lhes gratuitamente todo o equipamento elétrico. Um dos melhores diretores de cena de Tóquio, Sugawara, ofereceu seus talentos para aperfeiçoar a peça. Quando um dos embaixadores acreditados em Tóquio soube que o elenco não tinha lugar para os ensaios, ofereceu o salão de recepções da embaixada. Seu filho e sua filha ficaram tão entusiasmados pela perspectiva desta turnê e pelo que eles aprenderam destes jovens japoneses que se ofereceram como voluntários para auxiliar nos bastidores.

Foi assim que a convicção e os sacrifícios destes poucos jovens da Seinandan forjaram o instrumento que devia levar a todo o Japão, de cidade em cidade, uma mensagem de renascença nacional.

•

Um dos japonêses que insistiu em juntar-se aos jovens atores da Seinendan passara onze anos nas prisões russas da Sibéria. Feito prisioneiro na Mandchuria no fim da guerra, Tatsuji Seki fôra levado com milhares de seus compatriotas para diferentes campos das regiões mais áridas da Sibéria. Ele e um dos seus camaradas num esforço para fugir ao desespero durante todo o tempo de seu cativeiro, criaram numerosas peças de teatro; êle desempenhara papéis principais e seu amigo fazia as vêzes de diretor. Procuravam assim manter no espírito de seus camaradas o amor pelo país e a esperança de um retôrno à vida normal.

Durante todos êstes anos, Seki teve ocasião de observar os russos. Suportou-lhes a disciplina de ferro, é certo, mas deu-se conta também dos ódios e das invejas, que separavam os guardas.

Uma noite, em 1954, quando estendido no dormitório enfumaçado, êle percorria o magazine russo *Culture*, seu olhar caiu sôbre a fotografia de grandes edificios da Suíça, e no título: "Rearmamento Moral". O artigo era escrito por um repórter russo que havia ido a Caux, naquele ano, com um grupo de jornalistas, durante um intervalo das sessões da conferência dos Quatro Grandes, em Genebra. Era um ataque violento e isto intrigou Seki. "Rearmamento Moral, disse para consigo mesmo, eis aí do que o mundo precisa."

Qual não foi seu espanto, alguns dias após seu regresso do cativo, ao receber uma carta de sua irmã que lhe dizia estar dedicada na luta ao lado de Frank Buchman. Agora Seki declara que não tem mais medo dos comunistas "porque encontrou o meio de transformar o coração dos homens, quer sejam comunistas quer não."

Ao lado de seu antigo camarada de cativo, êle faz agora um dos papéis principais de *O Caminho para o Amanhã*, pois o espírito desta peça representa para êle o único caminho que conduzirá a um futuro melhor.

\*

Depois de uma "première" organizada em Tóquio para os membros da Dieta, *O Caminho para o Amanhã* foi encenado na cidade industrial de Hitachi. Êste foi o primeiro contato com as massas trabalhadoras japonesas. O sucesso foi tal, que de todos os cantos do país os convites começaram a afluir. No curso dos meses seguintes, a peça seria convidada de uma cidade a outra, nas minas de cobre, de carvão, nos estaleiros

navais, nos grandes centros industriais, etc., à medida que progredia no país a onda que eles haviam desencadeado.

Estes moços representaram em teatros modernos com palcos bem equipados, por vezes também em salões simples onde os espectadores sentados sobre tatamis (esteiras de palha) apertavam-se de tal forma uns contra os outros, que entre eles não poderia esgueirar-se uma só pessoa mais. Ao todo deram 76 representações. À saída, os espectadores permaneciam e rodeavam os atores, desejosos de se aprofundar na significação do que haviam visto no palco.

Em Urawa, perto de Tóquio, por uma noite glacial de janeiro, a peça dos jovens da Seinendan reuniu em seu auditório dois homens que não tinham o hábito de se sentarem lado a lado.

Um deles, o Sr. Sogo, um dos mais altos funcionários do Japão, tem, em consequência de seu cargo de Governador Geral das estradas de ferro, 450.000 ferroviários sob suas ordens. No Japão, os ferroviários são conhecidos como os trabalhadores mais combativos e são eles geralmente que conduzem "a ofensiva da primavera" para fazer com que o governo e o sindicato patronal atendam suas reivindicações de salário. A última dessas "ofensivas" dera péssimo resultado. Uma greve fôra iniciada. Ocorrera um grave acidente e o governo havia dispensado os responsáveis sindicais, recusando-se a negociar antes que outras eleições se realizassem. O impasse era total; os sindicatos reelegeram os mesmos homens; o governo recusava-se a negociar com eles.

Sentado na primeira fila do auditório encontrava-se precisamente o Presidente do Sindicato dos Ferroviários, Senhor Koyanagi; ele dizia com ironia: "A tarefa do Governador é de certificar-se que os trens correm. A minha parecia ser de certificar-me que eles não corressem."

Nessa noite, depois da representação, à frente de uma xícara de chá quente, oferecida pelo Prefeito da cidade aos espectadores, o velho Governador Sogo virou-se para o sindicalista: "Eu era como o velho pai ditatorial que acabamos de ver em cena, disse êle. Muitas vêzes eu não fiz o máximo que podia para encontrar uma solução aos numerosos conflitos que nos separavam; peço-lhes perdão."

Nessa noite, os jovens da Seinendan haviam rompido o gêlo entre êstes dois homens e as negociações recomeçaram.

A Federação Nacional dos Ferroviários convidava, algum tempo mais tarde, êstes mesmos jovens a apresentar a peça na sua sede Central de Tóquio. Por esta ocasião, o convidado de honra foi o próprio Governador Sogo.

Em Hiroshima, um novo teatro se ergue a alguns metros sômente do lugar onde caiu a bomba atômica. Foi ali representada *O Caminho para o Amanhã*.

Depois da guerra, o ódio suscitado pelas explosões atômicas de Hiroshima e Nagasaki tem sido uma arma eficaz na mão daqueles que tentam separar o Japão do Ocidente, sobretudo da América. Dia após dia, os jornais japoneses fazem reportagens sôbre homens e mulheres que sofrem ainda os efeitos da bomba. Cada ano, a golpes de demonstrações, de congressos e de resoluções, tenta-se avivar novamente o ódio e aumentar os ressentimentos.

"Eu odiava a América", escrevia uma desta vítimas. "Quantas vêzes desejei, sonhei mesmo, ver os americanos massacrados como nós o fomos em Hiroshima. Violentemente anti-americano, eu não soube compreender que o ódio na minha vida criava o ódio na minha família, meu sindicato, meu país e Ásia, e que êste ódio causava inevitavelmente a divisão."

Deixemos a jovem Ayko Yamada, originária de Hiroshima, contar, ela própria, o que se passou em sua cidade.

"Naquela noite mais de 2.500 pessoas viram *O Caminho para o Amanhã* no grande auditório municipal. Nosso Prefeito apresentou a peça. Meu irmão juntou-se ao elenco em uma representação e seu papel de carteiro da aldeia agradou-lhe enormemente.

"Na manhã da representação, os 60 membros do elenco compareceram ao parque da Paz para depositar uma coroa aos pés do monumento, em semi-círculo, erigido em memória das vítimas da bomba atômica. Encontram-se ali gravadas as célebres palavras: "Dormi em paz, nós jamais cometeremos o mesmo erro." Quando o Prefeito de Hiroshima pusera esta inscrição, havia sido muito criticado; muitos não gostaram da palavra "nós" e queriam vê-la substituída por "êles". Mas nosso Prefeito, que havia perdido vários membros de sua família na catástrofe e cuja esposa sofria ainda os efeitos da bomba, havia feito um estágio em Caux. Não devemos acusar ninguém do que aconteceu, disse êle, devemos juntos tomar a responsabilidade e impedir que se reproduza semelhante coisa.

"Diante dêste monumento aos mortos, prosseguiu a jovem, muitas recordações me vinham ao espírito e eu sentia o coração pesado. Disse a meus amigos: Obrigada por terdes vindo a Hiroshima. Pessoas de numerosos países vêm nos ver, mas ninguém veio com o remédio contra a amargura. Vocês são os primeiros a nô-lo trazer. Estou muito reconhecida de estar aqui hoje para poder transmiti-lo ao mundo."



Osaka estêve a ponto de fechar as portas a *O Caminho para o Amanhã*.

Havia na distribuição da peça um lavrador pobre que ia de noite roubar a água de seu vizinho mais rico. Êste papel era desempenhado por Kichizaemon Sumitomo, chefe da grande

família industrial que empregava antes da guerra mais de meio milhão de operários. Quando em Osaka, onde está a sede de todo o império Sumitomo, um funcionário de categoria de uma das sociedades comunicou aos administradores que em Tóquio êle havia visto Kichizaemon Sumitomo em cena, no papel de um camponês, êstes ficaram horrorizados. Ficou decidido não se consentir que a peça viesse a Osaka.

Dois administradores foram a Tóquio convencer o Sr. Sumitomo a renunciar ao seu papel:

— É um papel demasiado humilde para o senhor, lhe disseram.

— Eu tenho meu papel nesta peça não para mim, mas para o futuro do Japão, de modo que nossos filhos e nossos netos possam, nêle, viver a democracia. Muitos dêstes jovens da Seinendan sacrificaram tudo por esta peça e eu estou convencido que devo permanecer ao seu lado.

— Mas pense no renome da família Sumitomo! Isto seria arruiná-lo!

— Compreendo suas razões, mas é normal que eu também pense no nome de Sumitomo, porque eu nasci na família Sumitomo!

— De acôrdo, disseram os administradores. Fique com seu papel de camponês, mas não o faça em Osaka; seria muito penoso para nós vê-lo assim.

— Se pensassem realmente no futuro de seus filhinhos, então desejariam ver-me nesta peça. Se não compreendem, então nada posso fazer senão rezar para que eu não vá nem para a direita nem para a esquerda, mas para a frente, em linha reta, para que Deus me utilize.

O Sr. Sumitomo manteve-se firme. A peça foi a Osaka e êstes senhores foram vê-la desconfiados.

“Depois da guerra, — declarou o Sr. Sumitomo, avançando no proscênio depois do pano descer pela última vez, — eu perdi

tudo o que constituía a minha segurança e vivi alheio à tóda a responsabilidade concernente ao futuro do país. O Rearmamento Moral fêz-me ver que eu devia mudar o meu modo de viver se queria construir um mundo novo. Esta ideologia era portadora de uma verdadeira perspectiva sôbre o futuro. Eis porque eu aceitei com alegria tomar um papel nesta peça, fôsse embora o mais humilde."

Um dos administradores afirmou: "Eu chorei como uma criança ... Esta peça toca uma fibra que está bem perto do coração." Na representação seguinte, dois dos mais respeitáveis administradores tomaram a palavra para apresentar a peça ao público e desculparam-se perante todos por terem feito tal oposição ao Sr. Sumitomo. No fim da apresentação um homem levantou-se na assistência e tomou a palavra: "O objetivo que o Sr. Sumitomo persegue ao desempenhar êste papel é o de transformar o mundo. Nós só temos que render homenagem ao espírito de que é portador." Era o ex-Presidente do Banco Sumitomo.

Com as portas de Osaka, abriram-se tôdas as portas das indústrias Sumitomo espalhadas pelo Japão.

\*

No seio da Seinendan, 1958 deveria ser o ano em que todos os esforços concentrados dos extremistas seriam coroados pelo sucesso nas eleições e em que êles se atribuiriam todos os cargos executivos, conta a jovem Vice-Presidente Kinu Wakamiya. Preparativos meticulosos foram feitos para assegurar a vitória. Mas aquêles que estavam decididos a que a Seinendan não fôsse utilizada por nenhuma fôrça vinda do exterior conseguira, por pequena diferença é verdade, a vitória nestas eleições.

"Certos homens que se libertaram de sua ambição pessoal, que aprenderam a se confiarem mutuamente sendo honestos uns com os outros e que haviam adquirido uma verdadeira au-

toridade moral, foram os verdadeiros artífices dêste sucesso nas eleições. Eles puseram em cheque a estratégia comunista que consiste em explorar as fraquezas humanas e as ambições.”

Alguns dias antes das eleições, um outro membro do Comitê diretor, que havia igualmente estagiado em Mackinac, dissera: “Antigamente as eleições eram disputadas sempre entre os da direita e os da esquerda. Agora, elas serão disputadas entre os que querem viver o Rearmamento Moral e os que o não querem.”

Foi justamente neste plano que se debateu o problema na assembléia geral da organização. Não houve barganhas nos bastidores, nada de discursos violentos; por tôda a parte viam-se pequenos grupos sentados sôbre tatamis discutindo com paixão: em cada grupo havia um extremista da esquerda portador de ordens precisas, mas havia também um dos homens que fôra a Mackinac.

Pouco depois de anunciado o resultado, o chefe comunista voltou-se para a jovem Vice-Presidente com estas palavras:

— Nós fomos vencidos pelo Rearmamento Moral!

— “Não foi o Rearmamento Moral que os venceu, mas o espírito do que é certo,” respondeu ela com um sorriso.

Esta jovem Vice-Presidente avaliou êste sucesso dêste modo: “Se tivéssemos perdido, teria sido um desastre para o país. Deve-se reconhecer que a orientação tomada pela Sohio (Federação japonesa dos sindicatos) com seus cinco milhões de associados, o Sindicato dos Diretores de Escolas com seus 500 000 membros e a Seinendan com seus 4 300 000 membros, decide praticamente o futuro do país. Agora, duas destas organizações já são pró-comunistas. É por isso que a Seinendan deve prosseguir em sua política de não ir nem para a direita, nem para a esquerda, mas para a frente.”



Na segunda conferência asiática do Rearmamento Moral, em Baguio, em março de 1958, êstes japoneses tiveram a ocasião de transmitir, com uma força una, aos delegados de outros países da Ásia a experiência que acabavam de fazer.

O Presidente do Conselho, Kishi, enviara um representante pessoal, Kunio Morishita, que se achava à testa de tóda uma delegação, compreendendo, entre outros, o elenco de "*O Caminho para o Amanhã*". Esta peça japonêsa, a primeira a ser representada nas Filipinas depois da guerra, comoveu os espectadores como a quando de suas representações na América e no Japão. Mas o importante estava nesta frase da senadora Shidzue Kato: "Esta assembléia está criando um grupo de asiáticos unidos que vão levar a união ao mundo."

Havia, ali, de fato, delegados da Índia, do Vietnam, da Birmânia, de Formosa, do Japão, das Filipinas, da Indonésia. Um dêles era Aryo Pierono, Presidente da Frente da Juventude que agrupa na Indonésia dois milhões de jovens, desde a extrema esquerda até a extrema direita. Êle foi duas vêzes condenado à morte, primeiro pelos comunistas, em seguida pelos holandeses. A um dos delegados presentes, o Senador Dirk de Loor, da Holanda, Aryo Pierono dirigiu-se um dia em público: "Quando aqui cheguei eu não podia falar-lhe pois o senhor pertence ao Parlamento holandês. Mas quando, em seu discurso, reconheceu seus êrros passados, isso ajudou-me a vê-lo, não como um inimigo, mas como um camarada de combate para refazer o mundo." Êstes dois homens apertaram-se as mãos. Êste apêrto de mão, e o discurso do Senador holandês que o tornou possível, desencadearam um furacão sôbre a Holanda inteira, mas no Parlamento e na Imprensa ergueram-se mais homens para apoiar o gesto corajoso do Senador, do que poderiam prever os especialistas da política holandêsa. Em Baguio, o Senador de Loor havia dito aos indonésios: "Há páginas sombrias na história que os Países Baixos escreveram na Ásia. Juntos co-

meçaremos uma página branca. Peço-lhes perdão pelos nossos erros do passado.”

Este dirigente da juventude da Indonésia resumia assim o que significou para êle esta assembléa: “Primeiro eu encontrei o segredo da união da família; depois vi indonésios e holandeses encontrar aqui uma compreensão recíproca; enfim vimos como, com a ajuda de nossos outros amigos asiáticos, particularmente os japoneses, poderemos dar alimento aos estômagos vazios, trabalho às mãos desocupadas, e, aos corações vazios, a ideologia do Rearmamento Moral.”

Um outro delegado, o jovem Rajmohan Gândhi, disse: “Esta conferência viu o nascimento de uma fôrça que unirá a Ásia porque trouxe o remédio ao ódio existente entre as nações asiáticas e ao que estas nações alimentavam contra o Ocidente.”

Assim, o “farol” japonês começava a iluminar a Ásia.

Mas foi na ilha de Mackinac que, durante o verão de 1958, deveria reunir-se êste grupo de asiáticos que se prepara para lançar-se ao assalto de todo seu continente. Aqueles que criaram *O Caminho para o Amanhã*, ao neto de Gândhi, ao jovem indiano R. D. Mathur, ao Sr. Sumitomo, juntaram-se jovens artistas filipinos, jovens do Vietnam e da China, e, por fim, o ídolo japonês da canção, Minoru Obata. Êste último, depois de haver abandonado sua carreira triunfal, acaba de decidir, por honestidade, retomar seu verdadeiro nome, Paul Kang, e, sobretudo, sua verdadeira nacionalidade coreana.

Todos êstes homens juntos acabam de criar uma nova peça, esta musicada, que está fadada a fazer pela Ásia o que *O Caminho para o Amanhã* fêz pelo Japão. Uma das suas primeiras representações teve lugar em novembro de 1958, em Seattle, quando aí se realizava a conferência dos países do Plano de Colombo.

Era o início de uma ofensiva na escala do continente asiático.

## *E agora?*

No decorrer das páginas anteriores, vimos como algumas almas e um povo se deixaram tomar por uma nova concepção de seu próprio destino. A ausência de ideal, ou a existência de ideais falaciosos, foi substituída por uma esperança que reorientou tanto o comportamento individual como o da nação.

Nós já vimos destacar-se o esboço de uma sociedade nova. Está tudo pronto para começar. O importante é que o estaleiro se abra e que se ultrapasse o estágio de projetos no papel. Importa também que o alcance e a eficácia dos princípios de ação se tenham destacado de todos os fatos que narramos.

Nós escolhemos o exemplo do Japão. Poderíamos ter escolhido outro. Esta ação do Rearmamento Moral é mundial. Não podemos rejeitar os fatos aqui relatados sob o pretexto de que seria necessário ter uma mentalidade japonesa ou asiática para explicá-los. O que há de mais profundo no homem é comum a todos os povos.

\*

Fatos semelhantes aconteceram no continente africano. As nações da África trazem ao mundo a demonstração de suas experiências no domínio do Rearmamento Moral.

A mais destacada personalidade política duma região da Nigéria — o professor Eyo Ita, da província de Calabar — dá-se conta, súbitamente, numa assembléia do Rearmamento Moral,

que o conflito que coloca sua região em oposição ao governo central nada mais é, de fato, que uma rivalidade pessoal: examinando sua consciência, êle constata que um antagonismo profundo o separa pessoalmente de seu Primeiro Ministro — Nnamdi Azikiwé — porque foi êste que o despojou de sua posição à testa do governo. Decide ir ver seu antigo adversário, desculpa-se perante êle, oferece-se para acompanhá-lo numa visita à sua província e lança um apêlo à concórdia através do rádio: "Acabou esta espécie de política tribal que dividiu nosso país. Quero empenhar-me no trabalho pela fusão do nosso povo. Com um só coração, com um só espírito, a nação que nós somos vai se levantar inteiramente e trabalhar por sua liberdade sob a direção de Deus." Deste modo um país segue o caminho no qual dezenas de outros homens o fizeram entrar desde o dia em que, em 1949, Nnamdi Azikiwé veio pela primeira vez a Caux.

Um acontecimento similar verificou-se numa nação vizinha — Gâna — no momento em que alcança sua independência. Um dos líderes da oposição — o Tolon Na — por um gesto da mesma natureza, poupa a seu país uma grave crise constitucional.

Num outro dêstes países que margeam o golfo da Guiné, um homem — hoje Ministro das Finanças — porque estirpa de seu coração o ódio que cultivava contra o colonizador, arranca ao mesmo tempo o elemento de discórdia que o separava dos membros de sua família e de seus colegas políticos. Desde então é considerado como pilar sôbre o qual repousa a unidade nacional.

Até os mais arraigados preconceitos cedem ante esta nova concepção de relações entre os homens. Na África do Sul, negros que lutaram na vanguarda pela defesa dos direitos de seus semelhantes — tal como William Nkomo, ex-Presidente da

Liga da Juventude do Congresso Africano — brancos dos mais intransigentes — como Jan Loubser, líder estudantil da universidade afrikander de Stellenbosch — não só acham, no decorrer de encontros, uma total unidade de objetivo, mas ainda trazem ao mundo uma nova concepção de relações entre raças. Estes sul-africanos, viajando juntos pelo sul dos Estados Unidos, chamam a atenção de homens de Estado americanos, preocupados em resolver seus próprios problemas. “Os senhores dizem aquilo que a América precisa ouvir”, declara ao recebê-los na Prefeitura de Washington, o comissário McLaughlin.

Poderíamos multiplicar o número de exemplos. Mas tôdas estas experiências tomam uma projeção mundial porque êstes africanos estão convictos que elas podem ser renovadas em outras partes do mundo. Para isso êles criaram em 1957 um filme intitulado *Liberdade*, cujo enredo nada mais é que o desenvolvimento do que êles tentaram, viveram e verificaram. Um “cameraman” de Walt Disney, Rikard Tegström, cognominado “o Rembrandt da camera”, bem como outros excelentes técnicos da indústria cinematográfica, puseram-se, gratuitamente, à sua disposição e hoje êste filme, traduzido em numerosas línguas, transmite a outros povos a experiência dêstes africanos.

Em Berlim, por exemplo, *Liberdade* é apresentada nas fronteiras da zona soviética, em um cinema cuja bilheteria aceita apenas marcos orientais; homens e mulheres aos milhares vão ali buscar uma esperança. Quer seja na Finlândia, nas universidades brancas e negras da África do Sul, em Little-Rock, na Argentina, diante de parlamentares em dezesseis capitais, êste filme transtorna as concepções: “Assisti ontem à noite à projeção de um filme que pode mudar o curso de minha vida”, escreve um crítico de filmes de Hollywood, depois de uma apresentação de *Liberdade*.

Esta ressonância das experiências de um continente a outro é uma das características do desenvolvimento da ação de Rearmamento Moral. É nisso que está o próprio gênio de Frank Buchman. Um dia, êle reuniu uns trinta africanos de doze países, presentes em Caux, quando cada um dêles se preparava para regressar a seu país, e lhes sugeriu colocar o fruto de suas experiências em *Liberdade*, dizendo-lhes: "A África deve falar ao mundo." De fato, a voz dêsse continente se fez ouvir nos lugares mais longínquos.

Também em Mackinac, durante uma conferência, aconteceu a mesma coisa. Frank Buchman imaginou imediatamente o efeito que provocaria na América a peça *A Etapa Seguinte* escrita por 6 parlamentares de Gâna — de dois partidos adversários — e montada com o auxilio de outros delegados africanos, todos presentes à conferência. O tema era dos mais simples: tratava-se, antes de tudo, de mostrar que um povo, acabando de conquistar a independência, deve encontrar o remédio para suas rivalidades internas se não quizer submeter-se a uma escravidão pior. Todos os atores eram negros; brancos da África do Sul ofereceram-se voluntariamente para fazer o trabalho dos bastidores. Washington acolheu com grande entusiasmo *A Etapa Seguinte*. Cidadãos de Atlanta, a grande capital sulista, que ali viram a peça, convidaram os atores a montarem seus cenários no auditório municipal. Êstes africanos foram de fato os únicos que foram alvo, ali da simpatia de brancos e de negros: ao mesmo tempo pela primeira vez, os regulamentos da segregação foram suspensos no auditório de Atlanta.

Ao contato de Frank Buchman, os africanos tomam consciência do papel que seu continente é chamado a desempenhar na construção do mundo de amanhã. Às nossas nações ocidentais (que, por suas tradições intelectuais, adquiriram o hábito de fazer recair tôdas as suas dificuldades aos problemas

demográficos, econômicos, financeiros ou técnicos — aliás muitas vezes insolúveis) as nações africanas podem ensinar que, atacando-se os motivos dos homens e transformando-os, se pode agir com maior eficácia.

“Nossa época exige uma ideologia suficientemente radical para responder aos problemas que suscitam as paixões humanas do ódio, do medo e da inveja, afirma o Deputado Dowuona Hammond, de Gâna. Ela clama por uma ideologia da liberdade que conduza os homens a transformar suas relações de exploração em dádiva desinteressada. É o único meio de pôr fim à desumanidade do homem para com o homem. Os homens deixarão de se temer reciprocamente, porque seus motivos de viver ter-se-ão transformado”.

Existe ainda intacto nestes africanos um sentimento, hoje bem enfraquecido entre os ocidentais, segundo o qual o lado humano deve dominar em tudo o que determina as relações entre os homens.

No decurso destes últimos dez anos, os homens destas jovens nações africanas vieram, às centenas, a diversas assembleias do Rearmamento Moral em Caux e em Mackinac. Eles foram os primeiros a compreender a ligação que deve existir entre a transformação de seu comportamento pessoal na vida privada e pública por um lado, e o estabelecimento de uma política sã em seus países e seu continente, pelo outro. Ao findar seu estágio em Caux, o ministro dos trabalhos públicos de uma república africana expôs para a imprensa o programa que pretendia seguir ao regressar a seu país. Este programa era constituído por quatro itens: repôr a ordem na sua vida familiar, reconciliar-se com outros políticos de sua região, restabelecer boas relações entre as províncias do sul e as províncias do norte, enfim criar a unidade no seio do governo do qual faz parte. Ele acrescentou: “Estou muito reconhecido a Frank Buchman de ter pensado que a África pode ser o continente

da renovação. Ele foi o único a ter pensado nisso e essa África construir-se-á sôbre as decisões morais que hão de tomar em seu coração nossos chefes e nossos irmãos... Eu quero fazer dos quatro padrões morais do Rearmamento Moral a política de meu ministério e esforçar-me-ei por fazê-los respeitar pelo meu governo em nossa política nacional."

Sorrir diante de uma declaração tão corajosa, não seria condenarmo-nos a nós mesmos e admitir que em nossa própria vida haja compartimentos estanques para os diferentes domínios de nossa atividade?

Estes homens da África são solicitados pelo mundo comunista; o mundo ocidental esforça-se por convencê-los sôbre os bons fundamentos de seus princípios democráticos. Mas eles se voltam com mais esperança para Frank Buchman. Estes homens experimentaram a necessidade de se reencontrarem numa assembléa africana do Rearmamento Moral. "De tais assembléas, escrevia recentemente o chefe de um governo africano, podem nascer novas políticas, nas quais os homens não tentarão mais dominar os outros, nem temerão perder a influência que possam ter aqui ou ali, mas, onde todos aceitarão para si mesmos e para seu país o domínio do Deus Todo-Poderoso e decidirão viver sob sua direção."



A experiência destes homens da Ásia e da África, mais que qualquer outra, faz raciocinar o mundo ocidental e o mundo comunista. Ela repõe em discussão — e ambos o vêm — os princípios sôbre os quais edificaram sua sociedade. Os mais clarividentes, de um lado e outro, começam a dar-se conta que seu próprio futuro pode depender de uma contribuição que a Ásia e a África têm para oferecer ao mundo.

Pensamos aqui no que dizia um dos companheiros do Mahatma Gândhi, o governador Munshi, por ocasião de sua



passagem por Caux: "Vamos aceitar a supremacia duma ordem moral ou a do materialismo? Eis o conflito fundamental em que estamos empenhados. Nesta época, em que a noção de Oriente e Ocidente já está prescrita, nossa geração tentou resolver êste conflito pelo nacionalismo, pelas diferentes formas da democracia, pelo socialismo e outros meios. Mas isso nada adiantou para encontrar uma solução. O mundo moderno está obsecado pela noção do nível econômico de vida; aceitou a idéia que uma transformação de estruturas iria, automaticamente, transformar os homens. Mas na realidade, a elevação do nível de vida não trouxe nem a paz, nem a felicidade. É bem tempo de dar a prioridade aos imperativos morais absolutos do Rearmamento Moral."

A esta citação de uma personalidade indiana, faremos seguir esta de Frank Buchman: "O comunismo e o não-comunismo têm em comum esta fraqueza fundamental: êles não criam, de fato, um novo tipo de homem e, por conseqüência, falta-lhes a ambos a única coisa essencial para construir um mundo novo. Mas existe uma ideologia superior que dá aos homens novos motivos, um caráter novo. É um pensamento novo forjado por uma vida de padrões morais absolutos: honestidade, pureza, altruísmo e amor. Com esta ideologia, as nações começarão a pensar; resolverão todos os seus problemas. A juventude descobrirá um alvo mais dinâmico e mais arrebatador que uma vida de revolta.

"Eis aí a nova sabedoria política, prossegue Frank Buchman: uma dedicação sem recuo, capaz de conduzir o mundo inteiro a pensar, a viver, a ousar diferentemente. Para cada um, em tôda a parte, eis o futuro, eis a vida normal."



O que ontem poderia parecer utópico a homens sem fé hoje já entrou na ordem dos fatos. Uma maré crescente de

homens disponíveis — homens de boa vontade no rico sentido deste termo — avança sobre o mundo, varrendo o materialismo, tanto o materialismo desordenado do mundo ocidental como o materialismo orgânico do mundo comunista. Milhares de homens que se despojaram de suas preocupações mesquinhas para elevarem-se à altura dum pensamento mundial, fazem hoje convergir seus esforços para os pontos onde esta ofensiva é mais necessária.

Pensamos, aqui, nestas equipes de homens treinados que, no curso destes anos, dirigiram-se a uma quinzena de capitais da Ásia para auxiliarem a encher a trincheira cavada por dois séculos de materialismo econômico entre o Oriente e o Ocidente.

Pensamos, aqui, no esforço que se faz no sul dos Estados Unidos. Depois que os africanos iniciaram a ação com a peça de teatro *A Etapa Seguinte*, uma outra peça, *A Experiência Culminante* tomou relêvo. Um advogado negro de Atlanta, o coronel Walden, afirmava: "Um grupo de homens do Rearmamento Moral passou cinco meses em Atlanta e, desde então, nossa cidade não foi mais a mesma." Duas excelentes atrizes americanas desempenharam os papéis principais nesta peça musical: Muriel Smith, a cantora negra, e Ann Buckles, cujo nome se manteve muitas vezes em cartaz na Broadway. A presença de ambas, lado a lado, nos papéis que representam, sem salário, com toda sua convicção pessoal, fala com autoridade a uma América desarvorada. A municipalidade de Washington ofereceu-lhes simbolicamente as chaves da cidade durante as sete semanas em que 83.000 pessoas foram aplaudi-las no Teatro Nacional — um recorde de afluência nos cento e vinte e três anos de história deste teatro.

Pensamos nestas centenas de milhares de pessoas que, no lugar em que estão, no quadro de sua vida profissional, na rotina aparente de sua vida diária, vivem, entretanto, uma vida

onde tudo foi reorientado em função de uma convicção íntima, que engloba o mundo e se enraíza nas fontes mais profundas de sua fé. Pensamos, por exemplo, na batalha resolvida, não só por uma administração sábia como pela união no seio do sindicalismo americano, levada a efeito por esta grande figura, hoje saudosa, John Riffe, Vice-Presidente da C.I.O. Riffe disse a um senador: "Podem dizer à América que ao transformar John Riffer, Frank Buchman fez uma economia de 500 milhões de dólares para a nação."

Pensamos também nestas assembléias que se fazem em Caux, em Mackinac, nos territórios asiáticos e africanos e onde pela troca de suas experiências, homens enriquecem a vida e ensinam uns aos outros aquilo que pode resolver seus problemas mais angustiantes. São escolas de sabedoria política, onde homens de Estado, operários, industriais aprendem a conquistar para uma idéia superior homens animados por uma ideologia materialista.

Em toda esta corrente, a Europa toma seu lugar ao lado de outros continentes. Poderíamos ter multiplicado os exemplos. Teríamos mencionado o papel indiscutível que o Rearmamento Moral representou na edificação da unidade européia. Adenauer e Schuman, — dois nomes que permanecerão ligados à idéia da união da Europa — estão de acôrdo em reconhecer que Irène Laure, cujo depoimento transcrevemos no início destas páginas, fez mais com seu próprio esforço do que qualquer outra pessoa pela reconciliação franco-alemã.

Poderíamos citar as inúmeras ocasiões em que, nos momentos delicados de negociações entre países — quer seja entre a Alemanha e a França, a França e a Tunísia, a Holanda e Alemanha ou a Alemanha e a Dinamarca — o Rearmamento Moral desempenhou um papel decisivo ao reunir homens que não podiam encontrar-se em nenhum outro terreno comum.

Estes fatos entraram para a história, não precisamos mencioná-los.

Poderíamos ter falado dêste *meeting* que o Chanceler Adenauer pediu a Frank Buchman para organizar em 1951, por ocasião de se realizar em Berlim um festival da Juventude comunista e sôbre o qual no dia seguinte lia-se este título num jornal alemão: "Berlim, um fiasco — o Rearmamento Moral, a solução fundamental."

Poderíamos também ter descrito tudo o que foi feito na escala das relações sociais, na indústria textil francesa, nas minas de carvão inglêsas, na indústria química da Itália, etc.. Depoimentos individuais aludiram a êles e outras obras os relataram.

Cabe a cada nação encontrar qual será a sua contribuição para a edificação dêste novo mundo. Suas tradições, seu próprio gênio, impõem à França refletir sôbre esta questão.



Por tempo demasiado, depositamos nossas esperanças em quilmeras: o homem providencial, a organização internacional, o plano engendrado por algum homem brilhante, o sistema econômico ou político... Tôdas as vêzes acreditamos que o objeto de nossas esperanças iria resolver os problemas em nosso lugar.

Nossas ilusões foram varridas com o tempo, deixando-nos céticos e amargos. Mas um mundo novo é possível. Os fatos aí estão, êles falam por si. Todos os que relatamos são simples: são a consequência de gestos simples. Estão ao alcance de todos.

Cada um, onde estiver, pode tomar a decisão de pertencer a esta maré crescente de homens.

Não há nada a assinar, a não ser colocar nosso nome em baixo da página branca de nossa vida e deixar a Vontade que preside os destinos do mundo preenche-la como Ela o quiser.

Não há nenhum movimento ao qual seja preciso aderir. É preciso deixarmo-nos pôr em movimento, rompendo os liames que nos ligam ao materialismo imóvel de nossa vida.

Não há ordens a receber de ninguém, a não ser aquelas que nos são ditadas no fundo de nossa consciência. Como aconteceu a centenas de milhares de homens, o ponto de partida para cada um encontra-se dentro de si mesmo.

A transformação dos homens abre o caminho à uma esperança inteiramente nova.

Existe uma réde mundial de homens que se lançaram à tarefa. Veremos que, muito naturalmente, se aceitarmos que nossa vida seja redirigida, nossos esforços unir-se-ão aos seus. O mundo de amanhã está em nossas mãos.

Que havemos de oferecer a nossos filhos? Um mundo em desvario, no cáos, edificado ao acaso dos egoísmos, dos conflitos, das paixões e dos mêdos?

Ou havemos de empenhar a íntegra de nós mesmos e de nossos países para que nossos filhos vivam de uma grande esperança?

